



**INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS – ILL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM – PPGLin  
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**ANTONIA KARINE OLIVEIRA DE SOUSA**

**ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DO GÊNERO RESENHA ACADÊMICA:  
TRABALHO DIDÁTICO COM RECÉM-INGRESSOS NO CURSO DE LETRAS DA  
UNILAB**

**REDENÇÃO**

**2024**

ANTONIA KARINE OLIVEIRA DE SOUSA

ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DO GÊNERO RESENHA ACADÊMICA:  
TRABALHO DIDÁTICO COM RECÉM-INGRESSOS NO CURSO DE LETRAS  
DA UNILAB

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de pesquisa: Linguagem: práticas textuais-discursivas.

Orientador: Prof. Dr. José Olavo da Silva Garantizado Júnior

REDENÇÃO

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Sousa, Antonia Karine Oliveira de.

S696o

Organização retórica do gênero resenha acadêmica: trabalho didático com recém-ingressos no curso de Letras da Unilab / Antonia Karine Oliveira de Sousa. - Redenção, 2024.  
240f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Prof. Dr. José Olavo da Silva Garantizado Júnior.

1. Gêneros textuais. 2. Resenha acadêmica. 3. Movimentos retóricos. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 407

---

ANTONIA KARINE OLIVEIRA DE SOUSA

ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DO GÊNERO RESENHA ACADÊMICA:  
TRABALHO DIDÁTICO COM RECÉM-INGRESSOS NO CURSO DE LETRAS  
DA UNILAB

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Aprovada em: 26 de novembro de 2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. José Olavo da Silva Garantizado Júnior (Orientador)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudênia de Paula Lemos (Seduc-CE) – Primeira examinadora**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leia Cruz de Menezes Rodrigues (Unilab) – Segunda examinadora**

*À minha irmã, que está ao meu lado desde o ventre materno,  
DEDICO.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar e acima de tudo, a Deus, por guiar meus passos, fazendo que eu chegue ao destino sempre no momento certo.

Aos meus pais, José dos Santos e Francisca Maria, pelo amor incondicional e apoio inabalável. Agradeço por investirem tempo, energia e recursos em meu crescimento e educação.

À minha saudosa avó Mavignier, que, mesmo não estando mais fisicamente presente, sempre foi minha inspiração. Carrego seus sábios conselhos com carinho no coração.

Aos meus irmãos, Karoline e Rafael, pelo companheirismo e incentivo constantes, por compartilharem risadas e experiências que enriqueceram minha vida de maneiras incontáveis.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, por colaborarem para o meu crescimento intelectual. De modo especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Olavo Garantizado, pelo constante apoio e pelos valiosos ensinamentos que recebi neste percurso. Suas orientações foram uma fonte de inspiração e motivação.

Aos colegas do curso, por tornarem a minha jornada acadêmica tão memorável. Os laços de amizade vão muito além das aulas e dos *happy hours*. A amizade e o apoio que compartilhamos fizeram toda a diferença, tornando os desafios do mestrado mais leves e as conquistas mais significativas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa.

A todos, a minha mais sincera gratidão!

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São *frames* para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar.

(Bazerman)

## RESUMO

A presente pesquisa versa sobre a organização retórica de resenhas acadêmicas produzidas por estudantes do primeiro semestre do Curso de Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab – e tem como objetivo principal desenvolver um trabalho didático-metodológico, com base em Swales (1990) e Motta-Roth (1995), para o ensino do gênero. Sob essa perspectiva, realizamos duas oficinas, uma virtual e outra presencial, na supracitada universidade, para que esses estudantes se apropriassem de conceitos, procedimentos e da organização retórica relativos à produção de uma resenha acadêmica que cumpra, com eficácia, os propósitos comunicativos do gênero, em consonância com nossa hipótese básica de que, com a intervenção, com o trabalho direcionado, os alunos passam a dominar ou a ter melhor domínio sobre os movimentos retóricos e, assim, aprimoram a produção do gênero. A fim de verificarmos nossa hipótese, propomo-nos a analisar um *corpus* constituído por 40 resenhas – 20 produzidas antes da intervenção e 20, após – escritas por 20 alunos matriculados no componente curricular Leitura e Produção de Textos I, no ano letivo 2022.2, na referida instituição de ensino. Para embasamento de nosso estudo, tomamos como aporte teórico principal, a fim de discutirmos os conceitos de gênero discursivo e de movimentos retóricos, os trabalhos de Swales (1990, 2004) e de Motta-Roth (1995; 2010). Uma vez que a pesquisa aborda uma prática de retextualização, recorreremos, também, aos estudos de Marcurschi (2010), Dell’Isola (2007) e Matencio (2002). Ademais, a pesquisa possuiu natureza aplicada, com o método de procedimento da pesquisa-ação, e teve uma abordagem mista. Referente aos resultados encontrados, as análises das versões das resenhas produzidas antes das oficinas revelaram que, atinente aos movimentos retóricos, os *moves* de *introduzir* e *sumariar o livro* foram os mais presentes nas produções dos alunos, ambos com uma frequência de 100%. Já os movimentos de *destacar partes do livro* e de *prover uma avaliação final* ocorreram, respectivamente, em 65% e 50% das resenhas. As análises das versões escritas após as oficinas, por sua vez, mostraram que os *moves* 1 e 2 permaneceram como os mais frequentes, ambos sendo desenvolvidos em 100% dos textos. O *move* 3 teve uma frequência de 60%, enquanto o *move* 4, de 80%. Com o comparativo entre as versões, atestamos que um maior número de resenhas apresentou uma organização retórica prototípica, com o desenvolvimento de *moves* tanto descritivos como argumentativos. Além disso, após a intervenção, ocorreu uma considerável redução do número de resenhas que apresentavam *moves* e subfunções desenvolvidos apenas de modo parcial. Dito isso, este trabalho contribui para a Análise de Gêneros e para estudos acerca do letramento acadêmico, ao abordar questões essenciais da escrita acadêmica e ao desenvolver e testar uma metodologia para o ensino de resenhas.

**Palavras-chave:** Gêneros textuais acadêmicos. Resenha acadêmica. Movimentos retóricos. Retextualização.



## RESUMEN

La presente investigación aborda la organización retórica de reseñas académicas producidas por estudiantes del primer semestre del Curso de Letras de la Universidad de la Integración Internacional de la Lusofonia Afrobrasileña – Unilab – y tiene como principal objetivo desarrollar un trabajo didáctico-metodológico, basado en Swales (1990, 2004) y Motta-Roth (1995), por la enseñanza del género. Desde esta perspectiva, realizamos dos talleres, uno virtual y otro presencial, en la mencionada universidad, para que estos estudiantes adquirieran conceptos, procedimientos y organización retórica relacionados con la producción de una reseña académica que cumpla efectivamente con los propósitos comunicativos del género, en línea con nuestra hipótesis básica de que, con la intervención, con un trabajo focalizado, los estudiantes comienzan a dominar o tener un mejor control de los movimientos retóricos y, así, mejorar la producción del género. Para verificar nuestra hipótesis, nos proponemos a analizar un *corpus* compuesto por 40 reseñas – 20 producidas antes de la intervención y 20 después – escritas por 20 estudiantes matriculados en el componente curricular Lectura y Producción de Textos I, en el año académico 2022.2, en dicha institución educativa. Para sustentar nuestro estudio, tomamos como principal aporte teórico, con el fin de discutir los conceptos de género discursivo y movimientos retóricos, los trabajos de Swales (1990) y Motta-Roth (1995; 2010). Dado que la investigación aborda la práctica de la retextualización, también recurrimos a los estudios de Marcurschi (2010), Dell’Isola (2007) y Matencio (2002). Además, la investigación fue de naturaleza aplicada, utilizando el método del procedimiento de investigación acción, y tuvo un enfoque mixto. Respecto a los resultados encontrados, el análisis de las versiones de las reseñas producidas antes de los talleres reveló que, en cuanto a los movimientos retóricos, los movimientos de introducción y resumen del libro fueron los más presentes en las producciones de los estudiantes, ambos con una frecuencia de 100%. Los movimientos de resaltar partes del libro y brindar una evaluación final ocurrieron, respectivamente, en 65% y en 50% de las reseñas. El análisis de las versiones escritas después de los talleres, a su vez, mostró que los movimientos 1 y 2 siguieron siendo los más frecuentes, siendo ambos desarrollados en 100% de los textos. El movimiento 3 tuvo una frecuencia de 60%, mientras que el movimiento 4 tuvo una frecuencia de 80%. Al comparar las versiones, comprobamos que un mayor número de reseñas presentaban una organización retórica prototípica, con desarrollo de movimientos tanto descriptivos como argumentativos. Además, tras la intervención se redujo considerablemente el número de revisiones que presentaban movimientos y subfunciones sólo parcialmente desarrolladas. Dicho esto, este trabajo contribuye a la Análisis de Géneros y a estudios sobre el letramiento académico, al abordar cuestiones esenciales de la escritura académica y al desarrollar y probar una metodología para la enseñanza de reseñas.

**Palabras clave:** Géneros textuales académicos. Reseña académica. Movimientos retóricos. Retextualización.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Primeira versão do modelo de análise retórica elaborado por Swales .....	29
Figura 2 –	Segunda versão do modelo de análise de organização retórica elaborado por Swales – Modelo CARS.....	31
Figura 3 –	Estrutura retórica das resenhas.....	34
Figura 4 –	Organização retórica de resumos de dissertações em linguística.....	36
Figura 5 –	A organização retórica de resenhas de especialistas....	38
Figura 6 –	A organização retórica de resenhas de alunos .....	39
Figura 7 –	Organização retórica do gênero depoimento dos alcoólicos anônimos.....	41
Figura 8 –	A organização retórica de editoriais de jornais.....	42
Figura 9 –	Organização retórica da carta-consulta direta.....	43
Figura 10 –	Organização retórica da carta-consulta indireta.....	44
Figura 11 –	Movimentos e subfunções retóricas em resenhas.....	49
Figura 12 –	Detalhamento do Move 1 e de suas subfunções.....	51
Figura 13 –	Detalhamento do Move 2 e de suas subfunções.....	52
Figura 14 –	Detalhamento do Move 3 e de sua subfunção.....	53
Figura 15 –	Detalhamento do Move 4 e de suas subfunções.....	54
Figura 16 –	Organização geral do gênero resenha .....	55
Figura 17 –	Possibilidades de retextualização a partir de um mesmo tema.....	57
Figura 18 –	Legenda de cores utilizadas para identificação das subfunções retóricas nas resenhas que compõem o <i>corpus</i> .....	68
Figura 19 –	Reconfiguração dos movimentos e subfunções retóricas em resenhas.....	97

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
2	<b>NOÇÃO DE GÊNERO E DE COMUNIDADE DISCURSIVA EM SWALES.....</b>	<b>22</b>
2.1	<b>O Método Cars.....</b>	<b>28</b>
2.2	<b>Influência e aplicações do Método Cars em estudos no Brasil... </b>	<b>32</b>
3	<b>O GÊNERO RESENHA ACADÊMICA .....</b>	<b>45</b>
3.1	<b>Organização retórica do gênero resenha acadêmica.....</b>	<b>47</b>
3.2	<b>De um texto a outro: o processo de retextualização .....</b>	<b>56</b>
4	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>63</b>
4.1	<b>Caracterização da pesquisa.....</b>	<b>63</b>
4.2	<b>Contexto da pesquisa e delimitação do <i>corpus</i>.....</b>	<b>64</b>
4.3	<b>Etapas da pesquisa.....</b>	<b>65</b>
4.4	<b>Procedimentos de análise.....</b>	<b>67</b>
5	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>69</b>
5.1	<b>Descrição das oficinas.....</b>	<b>69</b>
5.1.1	Primeira oficina: momento virtual.....	69
5.1.2	Segunda oficina: momentos presenciais.....	70
5.2	<b>Análise das resenhas produzidas pelos alunos.....</b>	<b>72</b>
5.2.1	Análise da primeira versão das resenhas – produzidas antes das oficinas.....	72
5.2.1.1	<i>Subfunção 1 – Definindo o tópico geral do livro.....</i>	<i>74</i>
5.2.1.2	<i>Subfunção 2 – Informando sobre leitores em potencial.....</i>	<i>76</i>
5.2.1.3	<i>Subfunção 3 – Informando sobre o autor.....</i>	<i>76</i>
5.2.1.4	<i>Subfunção 4 – Fazendo generalizações sobre o tópico.....</i>	<i>79</i>
5.2.1.5	<i>Subfunção 5 – Inserindo o livro na área.....</i>	<i>80</i>
5.2.1.6	<i>Subfunção 6 – Provendo uma visão geral da organização do livro..</i>	<i>81</i>
5.2.1.7	<i>Subfunção 7 – Apresentando o tópico de cada capítulo.....</i>	<i>81</i>
5.2.1.8	<i>Subfunção 8 – Citando material extratextual.....</i>	<i>85</i>
5.2.1.9	<i>Subfunção 9 – Provendo avaliação direcionada.....</i>	<i>85</i>
5.2.1.10	<i>Subfunção 10 A – Recomendando/desqualificando completamente o livro.....</i>	<i>87</i>

5.2.1.11	<i>Subfunção 10 B – Recomendando o livro apesar de indicar limitações.....</i>	88
5.2.1.12	<i>Identificação da resenha mais prototípica e da menos prototípica do corpus, nas produções feitas antes das oficinas.....</i>	90
5.2.2	Análise da segunda versão das resenhas – produzidas após as oficinas.....	98
5.2.2.1	<i>Subfunção 1 – Definindo o tópico geral do livro.....</i>	100
5.2.2.2	<i>Subfunção 2 – Informando sobre leitores em potencial.....</i>	101
5.2.2.3	<i>Subfunção 3 – Informando sobre o autor.....</i>	102
5.2.2.4	<i>Subfunção 4 – Fazendo generalizações sobre o tópico.....</i>	105
5.2.2.5	<i>Subfunção 5 – Inserindo o livro na área.....</i>	105
5.2.2.6	<i>Subfunção 6 – Provendo uma visão geral da organização do livro..</i>	106
5.2.2.7	<i>Subfunção 7 – Apresentando o tópico de cada capítulo.....</i>	107
5.2.2.8	<i>Subfunção 8 – Citando material extratextual.....</i>	112
5.2.2.9	<i>Subfunção 9 – Provendo avaliação direcionada.....</i>	112
5.2.2.10	<i>Subfunção 10 A – Recomendando/desqualificando completamente o livro.....</i>	115
5.2.2.11	<i>Subfunção 10 B – Recomendando o livro apesar de indicar limitações.....</i>	116
5.2.2.12	<i>Identificação da resenha mais prototípica e da menos prototípica do corpus, nas produções feitas após as oficinas.....</i>	118
5.2.3	Comparativo entre as duas versões das resenhas.....	124
5.2.3.1	<i>Move 1 – Introduzir o livro.....</i>	126
5.2.3.2	<i>Move 2 – Sumariar o livro.....</i>	127
5.2.3.3	<i>Move 3 – Destacar partes do livro.....</i>	128
5.2.3.4	<i>Move 4 – Prover uma avaliação final do livro.....</i>	128
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>130</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>133</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>136</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008), salientam que, entre outros objetivos, a disciplina de Língua Portuguesa deve possibilitar aos educandos o desenvolvimento da capacidade de ler e produzir textos, tanto orais como escritos, nas diversas situações de interação social, sabendo adequar-se a cada contexto; como também garantir-lhes o acesso aos bens culturais, habilitando-os progressivamente a participarem do mundo letrado.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017), as aulas de Língua Portuguesa devem dar centralidade ao texto, considerando os gêneros discursivos que circulam em diferentes campos sociais, nas diversas atividades de uso da linguagem. O documento também aponta que os conhecimentos sobre a língua devem ser mobilizados, visando o desenvolvimento das capacidades de leitura e produção textual e “[...] devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas” (Brasil, 2017, p. 67).

No entanto, apesar dos objetivos preconizados nesses documentos que regem a Educação Básica no Brasil, a partir de nossa experiência docente, verificamos que problemas de leitura, compreensão e produção textual persistem nas salas de aula. Os educandos, muitas vezes, encontram uma série de dificuldades com relação a atividades de produção textual, em especial quando se trata da modalidade escrita, dificuldades essas, alicerçadas, geralmente, em problemas de leitura e compreensão.

É válido ressaltar, também, que essa realidade não diz respeito apenas à Educação Básica, pois, ao ingressarem no Ensino Superior, os educandos, muitas vezes, continuam apresentando os mesmos problemas, que não foram sanados na etapa anterior, acarretando dificuldades na sua inserção nas práticas acadêmicas de produção textual. Como bem assinala Bezerra (2001, p. 11), mesmo no universo acadêmico, “os estudantes têm dificuldades em trabalhar com gêneros textuais específicos”.

Isso ressalta a importância de fornecer apoio e orientação adequados aos estudantes para que possam desenvolver suas habilidades de compreensão e produção de textos dentro de contextos acadêmicos. É crucial que os educadores

estejam cientes dessas dificuldades e ofereçam apoio para que os alunos possam superá-las.

É fundamental esclarecer que não estamos naturalizando a chegada de alunos à Universidade com dificuldades de compreensão e produção de texto, nem delegando a esta instituição uma missão que não lhe compete. Reconhecemos que essas dificuldades podem ser reflexo de um sistema educacional que, muitas vezes, falha em preparar adequadamente os estudantes para os desafios do ensino superior. Portanto, ao abordar essas questões, nossa intenção é promover um diálogo construtivo sobre como a Universidade pode atuar de forma colaborativa e responsável, oferecendo suporte e recursos que auxiliem no desenvolvimento das competências necessárias, sem desconsiderar a importância da formação básica recebida ao longo da trajetória escolar dos alunos.

Nesse contexto, faz-se importante uma reflexão sobre como se dá a produção de gêneros acadêmicos por parte de alunos recém-ingressos na universidade. Assim sendo, a presente pesquisa teve por objetivo analisar como estudantes do primeiro semestre do Curso de Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab – produzem resenhas acadêmicas, gênero bastante presente nas práticas discursivas da universidade.

A Unilab, criada em 2010, pela Lei Nº 12.289 de 20 de julho de 2010, tem como lema a cooperação solidária entre os povos, uma vez que busca a integração entre o Brasil e o continente africano, em especial com os países que compõem a CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa –, tais como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Localizada no Maciço de Baturité, Ceará, com sede no município de Redenção, a Universidade realiza essa integração ao receber alunos tanto da região do Maciço, da capital do estado e de outras cidades cearenses, como dos países africanos. Assim, a Unilab tem um corpo discente formado por um público bastante diversificado.

A Unilab se destaca também por uma grade curricular que viabiliza a inserção de novatos na vida acadêmica de maneira mais articulada. No primeiro semestre de seus cursos, a instituição oferta aos alunos ingressantes componentes curriculares que visam: expor as diretrizes gerais da Universidade, seu regramento normativo, bem como o projeto pedagógico de seus cursos, no componente curricular “Inserção à Vida Universitária”; apresentar as especificidades do

conhecimento científico, no componente curricular “Iniciação ao Pensamento Científico”; e promover a leitura e a produção de gêneros que circulam na esfera acadêmica, no componente curricular “Leitura e Produção de Textos I – LPT1”.

Referente ao Curso de Letras, cabe ser dito que esse atrai um público que, em teoria, possui uma aptidão mais desenvolvida para a leitura e a escrita. Isso se deve ao fato de que essa licenciatura foca no estudo aprofundado da língua, além de exigir a transposição didática de saberes teóricos em habilidades práticas que são essenciais para o futuro docente. Portanto, espera-se que os alunos que buscam essa formação tenham não apenas interesse, mas também um certo domínio das competências linguísticas, que são fundamentais para o sucesso na profissão e para o exercício da docência.

A respeito do gênero resenha acadêmica, esse é um gênero bastante produzido na universidade, já que é comum professores pedirem que seus alunos escrevam resenhas, com o propósito de se verificar e avaliar leituras sugeridas e de desenvolver as habilidades de leitura e de produção textual (Bezerra, 2001, p. 10). A resenha é um gênero textual que tem como objetivo principal apresentar e avaliar criticamente uma obra. Assim sendo, possui uma relação estreita com outros gêneros acadêmicos mais amplos, pois é utilizada como uma forma de síntese e análise crítica de obras acadêmicas, como livros, artigos, dissertações e teses, com destaque ao seu aspecto argumentativo, uma vez que, ao analisar e avaliar uma obra, a resenha também exige uma argumentação embasada e fundamentada para sustentar as análises críticas feitas sobre a obra em questão.

Motta-Roth e Hendges (2010) apontam que a produção de resenhas na universidade se apresenta como uma oportunidade para inserir, nas discussões acadêmicas, os estudantes que ainda não possuem experiência na escrita de trabalhos científicos. Através da resenha, o aluno registra suas leituras, demonstra a compreensão de conceitos, aprimora a capacidade de sumarizar e de se posicionar criticamente diante de um texto, bem como se insere no discurso acadêmico, ao retextualizar um gênero para outro.

É válido ressaltar, dessa forma, que a escrita de resenhas acadêmicas se configura também como uma atividade de retextualização, posto que para a elaboração desse gênero há, sempre, a produção de um novo texto a partir de um texto-base (Matencio, 2022, p. 109). Desse modo, em nossa pesquisa, defendemos que a produção de uma resenha é, essencialmente, uma atividade de

retextualização, pois envolve a recriação e a síntese de conteúdos pré-existentes. Ao elaborar uma resenha, o autor não está simplesmente reproduzindo o conteúdo da obra original, mas sim retextualizando as informações e ideias presentes nessa obra.

Marcuschi (2010), em “Da fala para a escrita: atividades de retextualização”, discute o conceito de retextualização, bem como os processos e mecanismos que compreendem a passagem de um texto para outro, de uma modalidade para outra ou dentro da mesma modalidade. O autor define a prática como a transformação de um texto em outro.

Dell’Isola (2007), com a obra “Retextualização de gêneros escritos”, também desenvolve um importante trabalho no que concerne à didatização do conceito, ao trazer a discussão para o âmbito das atividades de sala de aula.

Matencio (2002), com o artigo “Atividade de (Re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo”, fruto de trabalhos desenvolvidos a partir do projeto “Retextualização de textos acadêmicos: leitura, produção de textos e construção de conhecimentos”, coordenado pela própria autora, discorre sobre a inserção do aluno no universo da escrita acadêmica através de atividades de retextualização. Segundo a autora, para alunos ingressantes na universidade, é de fundamental importância que sejam propostas essas atividades, uma vez que promovem “tanto a apropriação de conceitos e procedimentos acadêmico-científicos – um saber fazer, portanto – quanto de modos de referência e de textualização dos saberes – em outras palavras, um saber dizer” (Matencio, 2002, p. 113).

Dessarte, os trabalhos com retextualização proporcionam aos alunos modos de referência e de textualização dos saberes, ou seja, ensinam não apenas como comunicar ideias, mas também como expressar e formalizar o conhecimento adquirido. Dessa forma, essas práticas não apenas auxiliam na compreensão dos conteúdos acadêmicos, mas também na capacidade dos alunos de articular e comunicar esses conteúdos de forma eficaz. Isso ressalta a importância crucial das atividades de retextualização no processo de aprendizagem acadêmica.

Diante do exposto, por reconhecermos a importância do gênero resenha e de atividades de retextualização nas práticas acadêmicas, defendemos a relevância de se investigar a produção desse gênero em um contexto específico, no componente curricular “Leitura e Produção de Textos I”, ofertado pela Unilab aos alunos do primeiro semestre do Curso de Letras. Assim sendo, com base em Swales



(1990, 2004), Motta-Roth (1995) e Motta-Roth e Hendges (2010), analisamos os movimentos retóricos, presentes em resenhas acadêmicas produzidas por esses estudantes.

Os movimentos retóricos dizem respeito à organização retórica dos textos, são unidades estruturais que os compõem e têm funções e objetivos específicos que, quando materializados no texto, garantem o cumprimento do propósito comunicativo de cada gênero discursivo.

No contexto da área da Análise de Gêneros, John Swales (1990) desenvolveu o modelo CARS (creat a research space) a fim de analisar a organização retórica de introduções de artigos de pesquisa, a partir de estudos sobre a produção de gêneros textuais acadêmicos específicos. Esse modelo proposto por Swales (1990) tem sido aplicado e adaptado por diversos pesquisadores. Como afirma Bezerra (2001, p. 14), o método CARS é uma abordagem “[...] que aponta para perspectivas bastante promissoras no tratamento de gêneros específicos, situados e produzidos em contextos sócio-comunicativos particulares”.

No Brasil, podemos apontar importantes pesquisas que adaptam o método, como os trabalhos de Motta-Roth (1995) e Araújo (1996), em resenhas de língua inglesa; Biasi-Rodrigues (1998), em resumos de dissertações de mestrado; e Bezerra (2001), em resenhas acadêmicas da área de teologia.

De acordo com o objeto de nossa pesquisa, destacamos, em especial, o estudo de Motta-Roth (1995), que, em sua tese de doutorado em linguística, ao analisar resenhas acadêmicas em língua inglesa, nas áreas de linguística, química e economia, adapta o modelo CARS e nos apresenta um padrão da organização retórica de resenhas acadêmicas.

Concernente a investigações sobre a produção escrita de alunos universitários, citamos a pesquisa de doutorado de Borba (2004). O estudo da pesquisadora foi motivado pela preocupação de professores universitários com a baixa qualidade dos textos escritos por seus alunos, especialmente por aqueles recém-ingressos na universidade, e toma como foco de investigação o gênero resumo. A pesquisa analisou 45 resumos de alunos de cursos de graduação em Letras, Administração, História e Sociologia, da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal Rural de Pernambuco. As análises revelaram que os textos não atendiam às expectativas da comunidade acadêmica, muitas vezes, devido à falta de conhecimento relativo aos gêneros acadêmicos por

parte dos estudantes. Diante disso, a autora propõe, como possível caminho para solucionar essa problemática, o investimento no ensino de gêneros textuais acadêmicos, para melhorar a produção escrita dos alunos e para que estes sejam efetivamente introduzidos na comunidade discursiva acadêmica.

No contexto de pesquisas que abordam o ensino do gênero resenha, destacamos a tese de doutoramento de Rodrigues (2010), um estudo etnográfico que busca entender como a apropriação do gênero pode ser útil para alunos do Ensino Médio, propondo uma intervenção em sala de aula que conecte teoria e prática, a partir de uma Sequência Didática. A resenha é vista, no estudo, como um gênero formal que pode ajudar os alunos a desenvolverem habilidades de leitura, escrita e de análise crítica. Ademais, a pesquisa preenche uma lacuna no que diz respeito ao ensino de gêneros discursivos para esse público específico.

No escopo dos estudos acerca do letramento acadêmico e do gênero resenha, citamos, também, a dissertação de Oliveira (2011), uma pesquisa de cunho etnográfico que analisa os conflitos que surgem quando alunos calouros precisam escrever resenhas críticas com base em diferentes concepções de letramento. O estudo foi realizado em uma universidade particular no município de São Paulo, com foco nas experiências de três alunas recém-ingressas no Curso de Letras e de dois professores que ministravam aulas no referido curso. Por meio da análise de textos escritos pelas estudantes, de entrevistas e da gravação de aulas, a pesquisa de Oliveira (2011) revelou que, naquele contexto, os conflitos identificados estavam relacionados às diferentes práticas de letramento dos alunos, aos discursos por eles trazidos para a universidade e às práticas acadêmicas.

Cervera e Buzzo (2011), por sua vez, apresentam-nos um estudo sobre a produção do gênero resenha crítica na universidade, realizado com base no modelo teórico-metodológico de Dolz e Schneuwly (1998) sobre Sequências Didáticas. A pesquisa apontou que trabalhar a escrita de resenhas acadêmicas por meio de um conjunto organizado de atividades pode ser uma maneira de os alunos refletirem e se apropriarem desse gênero textual.

Referente à produção de resenhas acadêmicas, concordamos com Rodrigues (2010, p. 13), ao dizer que “há a necessidade de se debruçar didaticamente sobre estes gêneros acadêmicos, a fim de propor caminhos a nossos estudantes. Não se aprende a trabalhar com eles simplesmente porque se está na academia”. Isso posto, temos a concepção de que, por ainda não experienciarem as

práticas discursivas<sup>1</sup> e a caracterização formal e funcional de gêneros acadêmicos específicos, os estudantes do primeiro semestre do Curso de Letras da Unilab encontram dificuldades para a produção de resenhas que alcancem, com êxito, os propósitos comunicativos desse gênero.

Nessa perspectiva, o método CARS é uma excelente ferramenta para o ensino de gênero, pois sua aplicação possibilita que os alunos reconheçam os gêneros textuais, por meio da identificação de sua organização retórica, bem como que “[...] desenvolvam a capacidade de produzir textos que realizem com eficácia seus propósitos comunicativos, de acordo com o gênero a que pertencem” (Biasi-Rodrigues; Hemais; Araújo, 2009, p. 17).

Assim sendo, por compreendermos a importância de conhecimentos relativos à organização retórica para uma resenha bem produzida, em nossa pesquisa, além de analisarmos os movimentos retóricos presentes em resenhas escritas por estudantes recém-ingressos no Curso de Letras da Unilab, realizamos duas oficinas, para que esses se apropriassem de conceitos, procedimentos e das características formais e funcionais relativos à produção desse gênero.

Para tanto, durante o cumprimento dos créditos da disciplina de Estágio em Regência, a pesquisadora estabeleceu contato com uma turma de alunos do primeiro semestre, no componente de Leitura e Produção de Textos, e paralelamente às atividades do estágio, conduziu as oficinas sobre a organização retórica do gênero resenha. Além disso, as resenhas produzidas pelos alunos foram disponibilizadas pelo professor regente da disciplina para compor o *corpus* desta pesquisa, composto por 40 resenhas – 20 produzidas antes da intervenção e 20, após – escritas por 20 alunos matriculados no referido componente curricular.

As oficinas configuraram-se como uma intervenção pedagógica de nosso estudo e desempenharam um papel fundamental na geração de dados, pois forneceram aos alunos ferramentas necessárias para a revisão da primeira versão de suas resenhas e para a escrita da segunda versão.

As oficinas se configuraram como uma intervenção pedagógica essencial em nosso estudo, funcionando não apenas como um espaço de aprendizado, mas também como uma estratégia metodológica eficaz para a geração de dados. Durante

---

<sup>1</sup> Michel Foucault (2012) define práticas discursivas como os sistemas de regras que determinam o que pode ser dito e como é dito em determinados contextos. É o conjunto de que permitem a produção e reprodução de enunciados.

essas oficinas, os alunos tiveram a oportunidade de adquirir ferramentas práticas que foram fundamentais para a revisão da primeira versão de suas resenhas, bem como para a elaboração da segunda versão.

Desse modo, nossa pesquisa teve como principal objetivo desenvolver um trabalho didático-metodológico, com base em Swales (1990) e Motta-Roth (1995), para o ensino do gênero resenha acadêmica, de modo a habilitar os recém-ingressos a produzirem tal gênero, bem como os seguintes objetivos específicos:

- a) analisar os movimentos retóricos presentes em resenhas acadêmicas produzidas por estudantes do primeiro semestre do Curso de Letras da Unilab, antes e após as oficinas.
- b) Investigar, em cada movimento retórico, quais subfunções (Motta-Roth, 1995) são mais recorrentes nas resenhas acadêmicas produzidas por esses estudantes.

Ademais, a pesquisa partiu da seguinte questão central: em que medida um trabalho didático-metodológico, com aporte teórico específico, direcionado para o domínio dos movimentos retóricos, pode instrumentalizar para que os alunos aprimorem a produção do gênero resenha acadêmica?

Diante de tal indagação surgiram os seguintes desdobramentos:

- a) De que modo estudantes do primeiro semestre do curso de Letras da Unilab apresentam os movimentos retóricos em suas resenhas acadêmicas, antes e após a intervenção?
- b) Em cada movimento retórico, quais subfunções (Motta-Roth, 1995) são mais recorrentes nas resenhas acadêmicas produzidas por esses estudantes?

Partimos, ainda, da hipótese básica de que, com a intervenção, com o trabalho direcionado, os alunos passam a compreender melhor os movimentos retóricos e, assim, aprimoram a produção do gênero resenha acadêmica, uma vez que as oficinas, com as atividades de retextualização, possibilitam a apropriação de conceitos e procedimentos relativos à produção de uma resenha acadêmica, ao promoverem o trabalho com estratégias linguísticas, textuais e discursivas para a construção do gênero. Tivemos também as seguintes hipóteses secundárias:

- a) Por ainda desconhecerem a organização retórica de gêneros acadêmicos específicos, os estudantes do primeiro semestre do curso de

Letras da Unilab apresentam, em suas resenhas acadêmicas, antes das oficinas, apenas um domínio parcial dos movimentos retóricos propostos por Motta-Roth (1995). Esse desconhecimento está relacionado, muitas vezes, a uma formação leitora deficiente por parte dos ingressantes e essa não-familiaridade tem reflexo direto na ineficiência de escrita de gêneros acadêmicos. Desse modo:

– As primeiras resenhas por eles produzidas trazem, em maior número, apenas, os movimentos retóricos de introduzir o livro (*move 1*) e resumizá-lo (*move 2*), sem apresentarem, contudo, todas as subfunções de cada movimento;

– A maioria das produções feitas após as oficinas passa a apresentar os movimentos de cunho avaliativo.

b) Antes da intervenção, no *move 1*, as resenhas acadêmicas produzidas por estudantes do primeiro semestre do curso de Letras da Unilab apresentam, apenas, as subfunções 1 (definir o tópico geral do livro) e 3 (informar sobre o autor); no *move 2*, apresentam a subfunção 7 (expor o tópico de cada capítulo do livro resenhado).

Diante do exposto, nossa pesquisa se propôs a testar uma metodologia e mostrou-se relevante e necessária, por apresentar um estudo teórico sobre o tema, aliado a uma aplicação prática, que visam refletir sobre o processo de produção de um gênero acadêmico específico, como também contribuir para que os estudantes aprimorem as habilidades de leitura e escrita de textos científicos. Assim sendo, configura-se como uma contribuição teórica e prática para o amplo campo de estudos sobre práticas de escrita acadêmica.

Referente à organização retórica desta dissertação, esta encontra-se dividida em 5 capítulos, a contar por esta introdução, além das considerações finais da pesquisa. No segundo capítulo, discutimos os conceitos de comunidade discursiva e de gênero discursivo, com base nos trabalhos de Swales (1990), bem como apresentamos o método para análise de gêneros proposto pelo autor – método CARS. No capítulo seguinte, apoiados nos estudos de Motta-Roth (1995; 2010), abordamos o gênero resenha acadêmica e sua organização retórica. Uma vez que a pesquisa abordou a prática de retextualização de um gênero a outro, fez-se necessário, também, um breve apanhado sobre o conceito de retextualização. Assim, no terceiro capítulo, discutimos, ainda, sobre o processo de retextualização,

tendo como aporte teórico os escritos de Marcurschi (2010), Dell'Isola (2007) e Matencio (2002). O quarto capítulo apresenta os aspectos metodológicos da pesquisa. Já o quinto foi dedicado à descrição e à análise dos resultados.

## 2 NOÇÃO DE GÊNERO E DE COMUNIDADE DISCURSIVA EM SWALES

Na tradição literária sobre Análise de Gênero, destacam-se os estudos de John Swales, uma vez que “os seus trabalhos de pesquisa tratam de conceitos chave na análise de gêneros textuais, delineiam a própria área da pesquisa e utilizam a análise textual para iluminar os gêneros e as práticas que subjazem ao gênero” (Hemais; Biase-Rodrigues, 2005, p. 108).

Swales é reconhecido por sua influência significativa no desenvolvimento de estudos sobre gênero. Seu trabalho fornece *insights* valiosos sobre a natureza e a função dos gêneros textuais em contextos acadêmicos e profissionais. Nesse sentido, os estudos do pesquisador têm sido fundamentais para a compreensão dos padrões comunicativos e discursivos que caracterizam diferentes tipos de textos. Para sua concepção de gênero, o estudioso inspirou-se em perspectivas teóricas distintas, como folclore, literatura, retórica e linguística.

Bernardino (2000, p. 10-13), para compreender melhor o processo relacionado ao conceito de gênero em Swales, volta às diferentes tradições teóricas que influenciaram as conceituações do termo. De acordo com a pesquisadora, nos estudos folclóricos, os gêneros eram vistos como categorias que agrupavam os textos em classes, o que permitia extrair, a partir de uma coleção de exemplares, um modelo textual, bem como listar e armazenar exemplos com base no modelo.

Na literatura, os gêneros eram vistos como formas regulares de textos em termos de forma e conteúdo, o que leva à classificação dos gêneros em categorias e subcategorias, chegando às definições tradicionais de gênero lírico, dramático e épico.

Nos estudos da retórica tradicional, a definição de gênero diz respeito à “caracterização da organização e do desenvolvimento das ideias nos textos, o que implica referir-se a textos narrativos, descritivos, argumentativos” (Bernardino, 2000, p. 11).

No que diz respeito às abordagens linguísticas, o estudo dos gêneros ocupou, por um certo tempo, um lugar secundário. Conforme Swales (1990), o termo gênero era encontrado com mais frequência apenas entre linguistas sistêmicos e etnógrafos. Os linguistas sistêmicos compreendiam os gêneros como sistemas que visavam a realização de propósitos sociais por meio de linguagem. Os etnógrafos, por sua vez, comparavam os gêneros a eventos comunicativos específicos de uma

determinada comunidade e entendiam que as unidades utilizadas para compartimentar, classificar e descrever os gêneros deveriam pertencer a um grupo social. Esta é uma visão compartilhada por Swales (1990) para sua concepção de gênero.

É, pois, com base nessas perspectivas que Swales (1990) formaliza uma caracterização típica dos gêneros, a partir das seguintes particularidades, que resumizamos aqui com base em Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009, p. 21-22):

a) O gênero é uma *classe de eventos comunicativos*, que consistem na própria realização verbal dos textos, seja oral ou escrita, envolvendo participantes, funções discursivas e ambientes de produção e de recepção do discurso;

b) Esses eventos compartilham um *propósito comunicativo*, entendido por Swales (1990, p. 10) como a força que motiva e dirige as atividades de linguagem da comunidade discursiva. Assim dizendo, os gêneros seriam a realização dos objetivos do evento comunicativo;

c) Os gêneros possuem traços especificados em sua definição, ou seja, possuem *prototipicidade*;

d) Os gêneros apresentam uma *razão subjacente*, isto é, uma lógica que está subjacente à produção do gênero, fundamentos e convenções que determinam restrições de conteúdo, estrutura e forma dos gêneros;

e) Os gêneros possuem uma *terminologia elaborada* pela comunidade discursiva.

Essas considerações balizam a definição de gênero proposta por Swales (1990). Para o autor,

um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva original e, portanto, constituem a razão subjacente do gênero. Essa razão molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe a escolha de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é um critério privilegiado e que opera para manter o escopo de um gênero aqui concebido estreitamente focado em ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, exemplares de um gênero exibem vários padrões de semelhança em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se todas as expectativas de alta probabilidade forem realizadas, o exemplar será visto como prototípico pela comunidade discursiva original. Os nomes de gênero herdados e produzidos por comunidades discursivas e importados por outros constituem uma comunicação etnográfica valiosa,



mas geralmente precisam de validação adicional (Swales, 1990, p. 58, tradução livre<sup>2</sup>).

Nessa perspectiva, o propósito comunicativo do gênero se realiza por meio de unidades retóricas – *moves* – que garantem ao gênero uma estrutura típica, que, por sua vez, é reconhecida, devido a essa prototipicidade, entre os membros de uma comunidade discursiva.

Swales (2004) entende *moves* como

uma unidade discursiva ou retórica que executa uma função comunicativa coerente em um discurso escrito ou falado. Embora às vezes seja alinhado com uma unidade gramatical, como uma frase, enunciado ou parágrafo [...], é melhor visto como flexível em termos de sua realização linguística. Em um extremo, pode ser realizado por uma cláusula; no outro por várias frases (Swales, 2004, p. 228-229, tradução livre<sup>3</sup>).

Para traduzir o que Swales (1990) chama de *move*, Biasi-Rodrigues (1998) utiliza o termo unidade retórica. A autora traz a seguinte definição: “uma unidade retórica é conhecida como uma unidade de conteúdo informacional dentro de uma estrutura hierárquica de distribuição das informações na arquitetura física do texto” (Biasi-Rodrigues, 1998, p. 124).

Assim sendo, concordamos com os autores, uma vez que compreendemos as unidades retóricas ou *moves* como unidades de informação recorrentes que compõem a estrutura retórica de um gênero discursivo. É válido ressaltar que, em nossas análises, utilizaremos o termo *move*, uma vez que nossa pesquisa toma como base o modelo de Motta-Roth (1995; 2010), que mantém a nomenclatura de Swales.

---

<sup>2</sup> No original: “A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community. The genre names inherited and produced by discourse communities and imported by others constitute valuable ethnographic communication, but typically need further validation”.

<sup>3</sup> No original: “A “move” in genre analysis is a discursal or rhetorical unit that performs a coherent communicative function in a written or spoken discourse. Although it has sometimes been aligned with a grammatical unit such as a sentence, utterance, or paragraph (e.g., Crookes, 1986), it is better seen as flexible in terms of its linguistic realization. At one extreme, it can be realized by a clause; at the other by several sentences”.

Ainda sobre o conceito de gênero elaborado por Swales (1990), é importante entender que esse está inteiramente ligado à noção de comunidades discursivas, que são definidas pelo autor como:

[...] redes sociorretóricas que se formam para trabalhar em direção a conjuntos de objetivos comuns. Uma das características que os membros estabelecidos dessas comunidades discursivas possuem é a familiaridade com os gêneros particulares que são usados na promoção comunicativa desses conjuntos de objetivos. Em consequência, os gêneros são propriedades de comunidades discursivas; isto é, os gêneros pertencem a comunidades de discurso, não a indivíduos, a outros tipos de agrupamento ou a comunidades de fala mais amplas (Swales, 1990, p. 9, tradução livre<sup>4</sup>).

Partindo dessa ótica, então, os gêneros discursivos, com suas formas prototípicas reconhecíveis, estão no interior das comunidades e são, de acordo com os propósitos comunicativos, definidos e manipulados nessas redes sociorretóricas.

Para mais, Swales (1990) elenca seis critérios para a identificação de uma comunidade discursiva, quais sejam:

a) Objetivos em comum acordados pelos membros da comunidade. Swales (1990) ressalta que esses objetivos devem ser públicos e escritos formalmente em documentos ou expressamente acordados e associados a um discurso específico.

b) Comunicação entre seus membros e mecanismos próprios para efetivar essa intercomunicação. Esse segundo critério evidencia que toda comunidade discursiva necessita que haja interação entre seus participantes e de mecanismos de comunicação próprios, que podem variar de uma comunidade para outra, de acordo com suas especificidades e necessidades comunicativas, mas que são indispensáveis.

c) Mecanismos para viabilizar a troca de informações e *feedback* entre os membros da comunidade. Assim sendo, os participantes de uma comunidade devem compartilhar informações entre si.

d) Capacidade de desenvolver gêneros específicos, com todas as suas particularidades, como seleção de tópicos e de elementos formais, para a realização de determinadas funções sociorretóricas. De acordo com Bernardino (2000),

---

<sup>4</sup> No original: “[...] *sociorhetorical networks that form in order to work towards sets of common goals. One of the characteristics that established members of these discourse communities possess is familiarity with the particular genres that are used in the communicative furtherance of those sets of goals. In consequence, genres are the properties of discourse communities; that is to say, genres belong to discourse communities, not to individuals, other kinds of grouping or to wider speech communities*”.

O quarto critério é fundamental para a proposta de Swales (1990), posto que os conceitos de gênero e comunidade discursiva encontram-se indissociavelmente ligados em sua teoria. Os gêneros funcionam como espaço verbal da interação das comunidades discursivas e revelam os propósitos comunicativos dessas comunidades, assim como as estratégias de organização retórica que realizam estes propósitos (Bernardino, 2000, p. 26).

e) Terminologia especializada, vocabulário específico que possibilite a comunicação eficiente entre os membros da comunidade. Assim dizendo, uma comunidade discursiva adquire um léxico específico, compartilhado pelos especialistas, como o desenvolvimento de abreviações e de termos técnicos, que, via de regra, são itens lexicais intrigantes para os indivíduos alheios à comunidade (Swales, 1990, p. 26).

f) Membros experientes, que detêm grande conhecimento sobre as convenções discursivas da comunidade, e a admissão de membros novatos, que buscam construir conhecimento sobre as práticas discursivas da rede sociorretórica. Essa possibilidade de ingresso de novos participantes é importante para a manutenção de uma comunidade, embora deva existir um equilíbrio entre esses, que ainda vão adquirir expertise discursiva, e os membros experientes, que já a detêm.

Em outras palavras, Swales (1990) compreendia que as comunidades discursivas possuem mecanismos de comunicação e de participação próprios, com o uso de um vocabulário especializado, troca de informações, desenvolvimento de gêneros textuais específicos, que são aceitos e compartilhados por seus membros, e equilíbrio entre membros mais e menos experientes.

Para Swales (1990), uma comunidade discursiva somente pode ser assim reconhecida se responder a um conjunto articulado de critérios, posto que a existência de um critério isoladamente não é suficiente para caracterizar uma comunidade, mas a ausência de algum dos critérios pode ser suficiente para descaracterizá-la (Bernardino, 2000, p. 25).

Cabe destacar, ainda, que Swales, em 1992, revisita o conceito de comunidade discursiva. Sobre sua caracterização, o pesquisador revê os limites da definição e a reformula. Dentre as principais reformulações estão (Biasi-Rodrigues; Hemais; Araújo, 2009, p. 25-26):

a) A possibilidade de inserção do novo na comunidade, pois, de acordo com a inovação das práticas sociais, novos gêneros textuais afloram para dar conta dos usos, sem, no entanto, descaracterizar a comunidade;

b) A dissolução da ideia de comunidade discursiva como grupo estável, uma vez que a comunidade busca novidade em tópicos, questões e produtos;

c) A inclusão da noção de avanço ou evolução da comunidade discursiva, já que o grupo pode criar novos espaços de pesquisa.

Assim, a noção de comunidade discursiva evoluiu para

a caracterização de um grupo de pessoas que trabalham no mesmo lugar e mantêm um repertório de gêneros, que possuem traços retóricos claros e validam as atividades da comunidade. A novidade e a evolução passaram a fazer parte da concepção de comunidade discursiva, consideradas na medida em que os seus membros podem desenvolver novos gêneros (Biasi-Rodrigues; Hemais; Araújo, 2009, p. 32).

Desse modo, de acordo com a necessidade de cada comunidade e de seus membros, os gêneros podem evoluir e, ainda, outros podem surgir, para suprir carências da comunidade discursiva.

Em síntese, a partir desses critérios e da indissociável relação entre as noções de comunidade discursiva e de gênero, compreendemos esse último como formas relativamente padronizadas, com estrutura organizacional de informações prototípica, que atendem a propósitos sociorretóricos e a demandas e especificidades comunicativas das comunidades discursivas às quais pertencem.

Além de rever o conceito de comunidade discursiva, Swales (2004) revisita também a noção de gênero e apresenta novas colocações a esse respeito. Nesse sentido, o autor revê o papel do propósito comunicativo, antes tido como critério privilegiado para a definição de gênero defendida pelo estudioso em 1990 e que, agora, passa a ser considerado não mais um elemento central para o reconhecimento imediato do gênero, mas sim como um critério a ser também considerado, como “[...] um valioso desdobramento de análise a longo prazo” (Swales, 2004, p.72, tradução livre<sup>5</sup>).

Tal redefinição é fundamentada em estudos com cartas de recomendação, a partir dos quais Swales (2004) constata a dificuldade de se identificar, de imediato, o propósito do gênero, uma vez que esse pode não ser claro em um primeiro momento. Assim, o autor percebe que essa identificação é uma tarefa complexa e “afirma que pode haver múltiplos propósitos comunicativos” (Biasi-Rodrigues; Hemais; Araújo, 2009, p.26).

Essa multiplicidade de propósitos comunicativos pode surgir da natureza multifuncional e adaptativa da linguagem, que permite que um mesmo texto ou gênero seja utilizado para diferentes fins, dependendo do contexto e das

---

<sup>5</sup> No original: “[...] a valuable long-term outcome of analysis”.

necessidades comunicativas dos participantes envolvidos. Além disso, a própria evolução dos gêneros textuais ao longo do tempo e em diferentes comunidades discursivas pode contribuir para a emergência de múltiplos propósitos comunicativos associados a um mesmo gênero.

Portanto, a existência dos múltiplos propósitos comunicativos em um gênero textual evidencia a complexidade e a maleabilidade da linguagem e das práticas discursivas, revelando que os textos podem ser interpretados e utilizados de maneiras diversas, de acordo com as necessidades e objetivos dos participantes envolvidos.

Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009, p. 31-32) destacam três contribuições importantes da teoria de Swales para a análise de gênero: (i) a centralidade dada ao texto, com uma abordagem mais ampla, “que privilegia um conjunto de textos representativos de cada gênero e o seu contexto de uso”; (ii) “a abrangência da aplicabilidade da teoria”, que pode ser aplicada tanto a ambientes profissionais e acadêmicos como a gêneros produzidos fora desses ambientes; e, considerada a maior contribuição, (iii) “a criação do modelo CARS”.

Isso posto, concordamos com as conclusões às quais os autores chegaram, tendo em vista que a teoria de Swales nos proporcionou um profícuo aparato metodológico – com importantes implicações pedagógicas, para a análise e o ensino de gênero – que tem contemplado a análise de gêneros variados.

Feitas essas considerações a respeito das noções de gênero e de comunidade discursiva em Swales, cabe, agora, apresentarmos o método de análise de gêneros textuais em contextos acadêmicos e profissionais por ele proposto, uma vez que, nesta pesquisa, fazemos uso de uma adaptação do método de Swales, proposta por Motta-Roth (1995), para a análise dos movimentos retóricos em resenhas acadêmicas.

## **2.1 O Método Cars**

A fim de analisar a organização retórica de introduções de artigos acadêmicos, John Swales (1984; 1990) desenvolveu uma proposta metodológica para a análise de gêneros, denominada de *Creat A Research Space* – o modelo CARS.

A expressão organização retórica é aqui entendida como a estrutura organizacional de informações presentes nos gêneros do discurso. O modelo proposto por Swales (1984; 1990) tinha como objetivo

reconhecer a organização retórica do gênero a partir da distribuição das informações recorrentes. A tarefa do analista é, pois, reconhecer, a partir da análise de uma amostra significativa de exemplares, que informações (unidades temáticas) são recorrentes e como estão distribuídas, possibilitando, assim, a apreensão de uma organização retórica do gênero relativamente convencional e o reconhecimento de um comportamento retórico estabilizado por uma comunidade discursiva (Bernardino, 2000, p. 31).

Para estabelecer tal método, Swales (1984) analisou um *corpus* composto por 48 introduções de artigos de pesquisas, escritos por pesquisadores das áreas das ciências sociais, das ciências exatas, de biologia e medicina, com o intuito de investigar se havia regularidades de escrita que pudessem caracterizar o gênero em questão. Com essa análise, o estudioso constatou a existência de padrões na organização estrutural e retórica do gênero.

A partir disso, Swales apresenta, em 1984, um modelo composto por *moves* (unidades maiores) e *steps* (subunidades de *moves*), que seria uma primeira versão do método CARS. A figura abaixo ilustra a estrutura dessa versão preliminar.

**Figura 1 – Primeira versão do modelo de análise retórica elaborado por Swales**

<p><b>Move 1 – Estabelecendo o campo de pesquisa</b></p> <p>a) Afirmando centralidade</p> <p>ou</p> <p>b) Apresentando conhecimento corrente</p> <p><b>Move 2 – Sumariando pesquisas prévias</b></p> <p><b>Move 3 – Preparando a presente pesquisa</b></p> <p>a) Indicando uma lacuna nas pesquisas prévias</p> <p>ou</p> <p>b) Levantando questões sobre as pesquisas prévias</p> <p><b>Move 4 – Introduzindo a presente pesquisa</b></p> <p>a) Apresentando o objetivo</p> <p>ou</p> <p>b) Esboçando a presente pesquisa</p>
--

Fonte: Swales (1984, p.80).

Os *moves* referem-se às unidades maiores de um texto acadêmico, ou seja, às seções ou partes principais que compõem a estrutura global do gênero. Cada *move* corresponde a uma função comunicativa específica dentro do texto. Por exemplo, de acordo com o esquema acima, os *moves* são: *estabelecendo o campo de pesquisa*, *sumariando pesquisas prévias*, *preparando a presente pesquisa* e *introduzindo a presente pesquisa*. Por sua vez, os *steps* são as subunidades que compõem cada *move*, representando os passos ou etapas que o autor segue para cumprir a função comunicativa daquela seção. Por exemplo, dentro do *move estabelecendo o campo de pesquisa*, os *steps* podem incluir a *afirmação da centralidade* e/ou a *apresentação do conhecimento corrente*.

Nesse primeiro modelo, no *move* 1, o produtor do texto estabelece o campo de pesquisa, apresentando a área em que essa se insere. No *move* 2, são sumarizadas pesquisas anteriores. No *move* 3, é realizada a descrição da pesquisa atual, indicando lacunas em pesquisas prévias, bem como delineando questões e hipóteses. Por fim, no *move* 4, é destacada a relevância da pesquisa para a área.

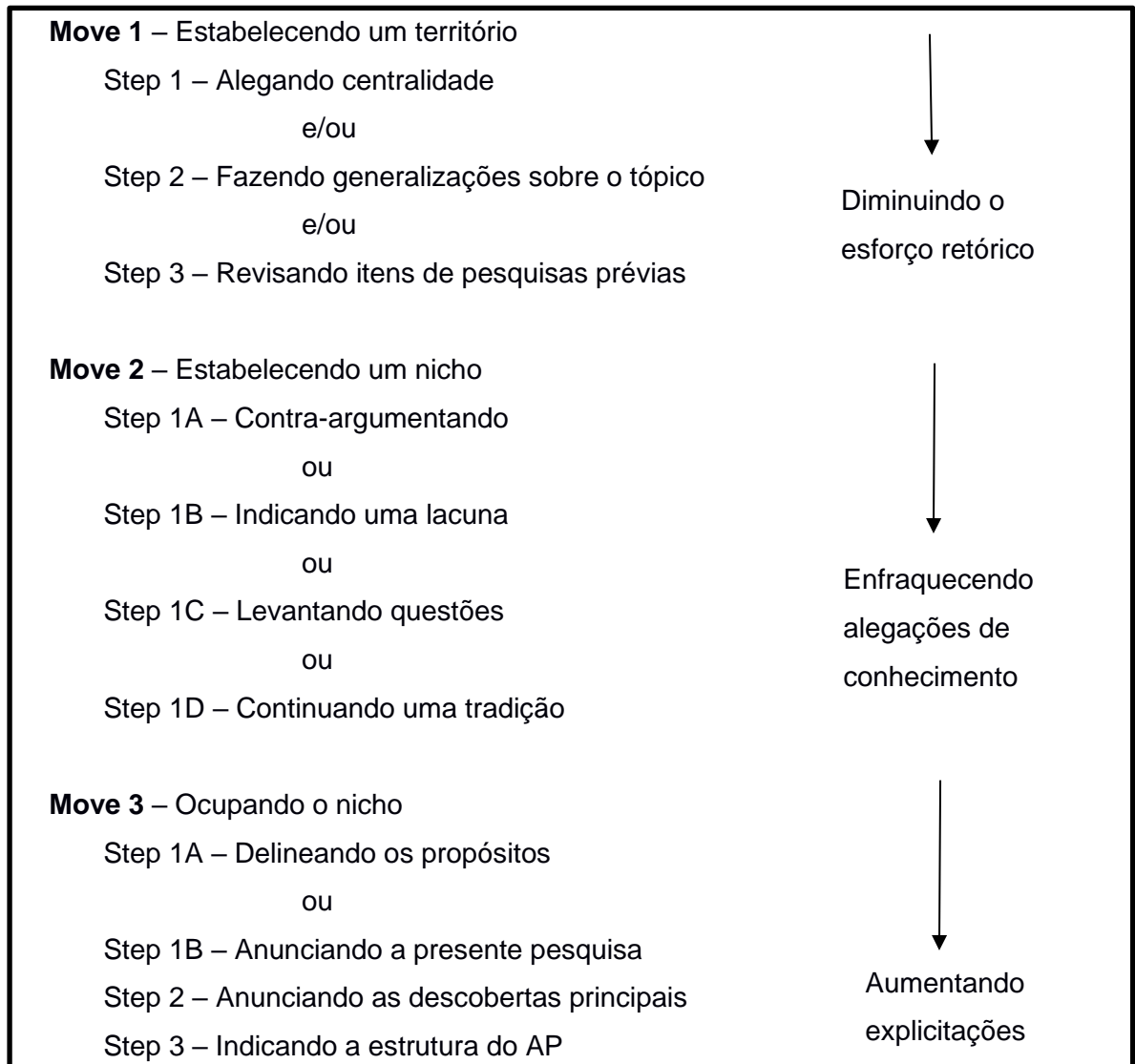
Posteriormente, Swales (1990) constatou, contudo, que outros pesquisadores encontraram algumas dificuldades na aplicação do modelo à análise de outros gêneros, em especial, com relação à separação entre os *moves* 1 e 2. Assim, o estudioso reelaborou o método e, em 1990, estabeleceu o novo modelo CARS para a análise da organização retórica da introdução de artigos de pesquisa.

No novo modelo, Swales (1990) fundiu os *moves* 1 e 2, como também acrescentou e modificou algumas *steps*. Assim, a segunda versão apresenta apenas três *moves* e um maior número de subunidades, com 11 *steps*.

Outra alteração significativa é a terminologia que designa cada *move*, uma vez que a nova nomenclatura se dá a partir de uma analogia ecológica. Ademais, há, também, uma modificação no que se refere às *steps*. Agora, há uma diferenciação entre subunidades opcionais e obrigatórias, marcadas através da presença do “e/ou” e do “ou”. Swales (1990) acrescenta, ainda, nessa nova versão, setas, em sentido decrescente, que indicam o esforço retórico de cada *move*.

A figura a seguir representa essas alterações:

**Figura 2 – Segunda versão do modelo de análise de organização retórica elaborado por Swales – Modelo CARS**



Fonte: Swales (1990, p. 141)

Nesse novo modelo CARS, o *move 1*, *estabelecendo o território*, apresenta três possibilidades: estabelecer a relevância da pesquisa, fazer generalizações acerca do tópico ou revisar a literatura.

O *move 2*, *estabelecendo um nicho*, é composto por quatro *steps*, dentre as quais o autor do texto pode optar entre contra-argumentar sobre pesquisas anteriores, indicar lacunas no campo de pesquisa, provocar questionamentos ou continuar uma tradição. De acordo com o estudo de Swales (1990), indicar uma lacuna, *step 1B*, é a subunidade de organização retórica mais prototípica desse *move*.



No último *move, ocupando o nicho*, as três subunidades são consideradas obrigatórias. Na *step 1*, no entanto, o produtor do texto pode optar por delinear os objetivos de sua pesquisa ou por descrever as principais características dessa. Nas duas etapas seguintes, o autor deve apresentar os principais resultados de sua pesquisa e indicar a estrutura do artigo, respectivamente.

É importante destacar que o modelo de Swales, além de possibilitar a descrição da organização das unidades retóricas de artigos de pesquisa, forneceu, também, um aparato analítico, metodológico e pedagógico para o estudo/ensino de outros gêneros discursivos. “Os seus princípios teóricos delinham uma área de pesquisa – a Análise de Gêneros – e oferecem conceitos-chave para o reconhecimento dos gêneros textuais e das práticas sociais que os envolvem” (Biasi-Rodrigues; Hemais; Araújo, 2009, p.17).

Dito isso, apresentamos, na seção a seguir, estudos realizados no Brasil que tomam como base o método de Swales para o estudo de gêneros discursivos.

## **2.2 Influência e aplicações do Método Cars em estudos no Brasil**

Como supracitado, a teoria de Swales tem sido profusamente aplicada e adaptada em estudos e pesquisas tanto sobre gêneros acadêmicos como sobre gêneros da esfera não acadêmica. No Brasil, por exemplo, não são raros artigos, dissertações e teses, na área do estudo de gêneros, que tomam o autor como referência.

Nesse escopo, podemos citar, na seara da análise de gêneros acadêmicos, os estudos de: Motta-Roth (1995) e Araújo (1996), que adaptam o modelo de Swales para a análise dos movimentos retóricos em resenhas de língua inglesa; Biasi-Rodrigues (1998), com o estudo da organização retórica de resumos de dissertações de mestrado; e Bezerra (2001), que coteja os modelos propostos por Motta-Roth (1995) e Araújo (1996), a fim de analisar resenhas acadêmicas escritas em língua portuguesa.

Motta-Roth (1995), em sua tese de doutorado, a partir de um amoldamento do método CARS, analisa resenhas de livros das áreas de química, economia e linguística, escritas em língua inglesa, e aponta uma estrutura retórica para resenhas acadêmicas. De acordo com sua pesquisa, as resenhas apresentam, via de regra, quatro movimentos retóricos: (i) *introduzir o livro*, que corresponde à

apresentação da obra resenhada; (ii) *sumarizar o livro*, que se refere a descrição da obra; (iii) *destacar partes do livro*, que corresponde a uma avaliação da obra, com os comentários – positivos ou negativos – do resenhista; e, por fim, (iv) *promover uma avaliação final do livro*, que diz respeito a recomendar ou não a obra resenhada. No próximo capítulo, explanaremos essa organização retórica proposta por Motta-Roth.

Araújo (1996), em sua tese de doutorado, também se fundamenta na teoria de Swales, para analisar a estrutura retórica de resenhas críticas acadêmicas. A pesquisa possuía, no entanto, um objetivo duplo, além de descrever a estrutura retórica, objetivava examinar, com base na teoria da sinalização lexical (Winter, 1982, 1992)<sup>6</sup>, o uso de substantivos não específicos, empregados como elementos coesivos, na organização das resenhas.

Para tanto, o estudo foi feito a partir de um *corpus* composto por 80 resenhas escritas por especialistas nativos de língua inglesa, selecionadas em periódicos internacionais da área de Linguística Aplicada.

Com a análise do *corpus*, Araújo (1996), ao observar os traços de regularidade dos blocos de informação, apontou a seguinte organização retórica nas resenhas:

---

<sup>6</sup>WINTER, E. O. The notion of unspecific versus specific as one way of analysing the information of a fund raising letter. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. (Eds). **Discourse descriptions: diverse analyses of a fund-raising text**. Amsterdam: John Ben-jamins, 1992.

**Figura 3 – Estrutura retórica das resenhas**

<b>Movimento 1</b>	<b>Apresentando o livro</b>
Estratégia 1	Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou
Estratégia 2	Enfatizando centralidade e/ou
Estratégia 3	Indicando a audiência-alvo e/ou
Estratégia 4	Informando ao leitor a origem do livro e/ou
Estratégia 5	Apresentando o objetivo do livro e/ou
Estratégia 6	Fazendo referência a estudos prévios
<b>Movimento 2</b>	<b>Sumarizando o conteúdo</b>
Estratégia 7	Descrevendo a organização do livro e/ou
Estratégia 8	Relatando/discutindo o conteúdo do livro e/ou
Estratégia 9	Avaliando partes do livro e/ou
Estratégia 10	Apresentando sugestões para aperfeiçoamento
<b>Movimento 3</b>	<b>Avaliando o livro como um todo</b>
Estratégia 11	Avaliando o livro globalmente e/ou
Estratégia 12	Recomendando/desqualificando o livro e/ou
Estratégia 13	Apresentando sugestões para aperfeiçoamento

Fonte: Araújo (1996, p. 61).

Podemos observar que o quadro com a estrutura retórica das resenhas proposto por Araújo (1996) contém apenas três movimentos retóricos – Introdução, Descrição e Recomendação –, diferindo-se, portanto, do apresentado por Motta-Roth (1995). Em seu modelo, Motta-Roth (1995) separa em movimentos distintos as funções descritiva e avaliativa da resenha, sendo o movimento 2 especificamente descritivo e o 3, avaliativo. Já na organização retórica apontada por Araújo (1996), há em um mesmo movimento, movimento 2, além da *descrição* da organização e resumo do livro resenhado, uma *avaliação* de partes da obra e/ou sugestões de aperfeiçoamentos.

A respeito do emprego de substantivos não específicos, Araújo (1996) verificou que esses, de fato, funcionam como elementos coesivos – conectando orações, sentenças ou parágrafos – e metadiscursivos importantes para a organização retórica das resenhas.

Cabe agora salientarmos que, por mais que reconheçamos a importância do trabalho de Araújo (1996), optamos, em nosso estudo, pelo modelo proposto por Motta-Roth. Essa escolha se deu por dois motivos em especial: (i) por, nesse modelo, haver uma divisão mais clara das funções e dos blocos informativos de cada movimento que compõe a organização retórica do gênero; (ii) como também em virtude de, em trabalho posterior, na obra *Produção textual na universidade*, publicada em parceria com Graciela Rabuske Hendges, Motta-Roth (2010) didatizar sua proposta, tornando seu modelo acessível a alunos recém-ingressos na universidade, o que se adequa perfeitamente ao nosso objetivo, uma vez que visamos não apenas a análise, mas também o ensino do gênero.

Ainda no contexto de pesquisas que buscam enriquecer os estudos de gêneros acadêmicos, destaca-se a tese de doutorado de Biasi-Rodrigues (1998). Em seu trabalho, a partir da aplicação do método CARS, a pesquisadora descreve a organização retórica de resumos de dissertações de mestrado, escritas em língua portuguesa.

Com base em um *corpus* constituído por 134 resumos de dissertação de mestrado da área de Linguística, Biasi-Rodrigues (1998) investigou as estratégias de condução de informação nos textos, a fim de obter um padrão de organização do conteúdo informacional e, assim, construir um modelo prototípico da estrutura retórica do gênero. A figura a seguir traz o modelo proposto pela autora:

**Figura 4 – Organização retórica de resumos de dissertações em linguística**

<b>Unidade retórica 1</b>	<b>Apresentação da pesquisa</b>
Subunidade 1 <sup>a</sup>	Expondo o tópico principal e/ou
Subunidade 1B	Apresentando o(s) objetivo(s) e/ou
Subunidade 2	Apresentando a(s) hipótese(s)
<b>Unidade retórica 2</b>	<b>Contextualização da pesquisa</b>
Subunidade 1	Indicando área(s) de conhecimento e/ou
Subunidade 2	Citando pesquisas/teorias/modelos anteriores e/ou
Subunidade 3	Apresentando um problema
<b>Unidade retórica 3</b>	<b>Apresentação da metodologia</b>
Subunidade 1A	Descrevendo procedimentos gerais e/ou
Subunidade 1B	Relacionando variáveis/fatores de controle e/ou
Subunidade 2	Citando/descrevendo o(s) método(s)
<b>Unidade retórica 4</b>	<b>Sumarização dos resultados</b>
Subunidade 1 <sup>a</sup>	Apresentando fato(s)/achado(s) e/ou
Subunidade 1B	Comentando evidência(s)
<b>Unidade retórica 5</b>	<b>Conclusão(ões) da pesquisa</b>
Subunidade 1A	Apresentando conclusão(ões) e/ou
Subunidade 1B	Relacionando hipótese(s) a resultado(s) e/ou
Subunidade 2	Oferecendo/apontando contribuição(ões) e/ou
Subunidade 3	Fazendo recomendação(ões)/sugestão(ões)

Fonte: Biasi-Rodrigues (1998, p. 113).

Assim, de acordo com a descrição apresentada por Biasi-Rodrigues (1998), o gênero resumo de dissertação organiza-se em torno de cinco unidades retóricas: apresentar a pesquisa, contextualizá-la, apresentar a metodologia, sumarizar os resultados e apresentar as conclusões da pesquisa. É importante

ressaltar que esse estudo, além de formalizar a composição textual do gênero em questão, contribuiu para a constituição de um quadro de análise de gêneros escritos em língua portuguesa.

Outro trabalho que aplica uma adaptação da teoria de Swales para o estudo de um gênero acadêmico produzido em língua portuguesa é a dissertação de mestrado de Bezerra (2001), que versou sobre resenhas acadêmicas escritas por autores proficientes e iniciantes.

Com o objetivo de verificar a estruturação de resenhas produzidas em língua portuguesa, Bezerra (2001) analisou um *corpus* formado por 60 resenhas acadêmicas, das quais 30 foram escritas por especialistas, selecionadas de periódicos da área da Teologia, e a outra metade redigida por alunos de um seminário teológico.

Para proceder com sua investigação, Bezerra (2001) tomou como base os trabalhos de Motta-Roth (1995) e Araújo (1996) a respeito do gênero, confrontando os modelos propostos pelas autoras, ao analisar seu *corpus* simultaneamente a partir dos dois modelos.

A partir da realidade flagrada pelo *corpus*, o pesquisador delineia dois novos quadros de organização retórica de resenhas acadêmicas de língua portuguesa, um para resenhas escritas por autores proficientes e outro para as escritas por iniciantes, conforme imagens a seguir:

**Figura 5 – A organização retórica de resenhas de especialistas**

<b>Unidade retórica 1</b>	<b>INTRODUZIR A OBRA</b>
Subunidade 1	Definindo o tópico geral e/ou
Subunidade 2	Argumentando sobre a relevância da obra e/ou
Subunidade 3	Informando sobre o autor e/ou
Subunidade 4	Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou
Subunidade 5	Informando sobre a origem da obra e/ou
Subunidade 6	Referindo-se a publicações anteriores
<b>Unidade retórica 2</b>	<b>SUMARIAR A OBRA</b>
Subunidade 7	Descrevendo a organização da obra e/ou
Subunidade 8	Apresentando/discutindo o conteúdo e/ou
Subunidade 9	Citando material extratextual
<b>Unidade retórica 3</b>	<b>CRITICAR A OBRA</b>
Subunidade 10	Avaliando positiva/negativamente e/ou
Subunidade 11	Apontando questões editoriais
<b>Unidade retórica 4</b>	<b>CONCLUIR A ANÁLISE DA OBRA</b>
Subunidade 12 <sup>a</sup>	Recomendando a obra completamente e/ou
Subunidade 12B	Recomendando a obra apesar de indicar limitações e/ou
Subunidade 13	Indicando leitores em potencial

Fonte: Bezerra (2001, p. 84).

**Figura 6 – A organização retórica de resenhas de alunos**

<b>Unidade retórica 1</b>	<b>INTRODUZIR A OBRA</b>
Subunidade 1	Definindo o tópico geral e/ou
Subunidade 2	Argumentando sobre a relevância da obra e/ou
Subunidade 3	Informando sobre o autor e/ou
Subunidade 4	Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou
Subunidade 5	Referindo-se sobre publicações anteriores
<b>Unidade retórica 2</b>	<b>SUMARIAR A OBRA</b>
Subunidade 6	Descrevendo a organização da obra e/ou
Subunidade 7	Apresentando/discutindo o conteúdo
<b>Unidade retórica 3</b>	<b>CRITICAR A OBRA</b>
Subunidade 9	Avaliando positiva/negativamente
<b>Unidade retórica 4</b>	<b>CONCLUIR A ANÁLISE DA OBRA</b>
Subunidade 9	Recomendando leitura e/ou
Subunidade 10	Indicando leitores em potencial

Fonte: Bezerra (2001, p. 86).

Bezerra (2001), ao observar e comparar a distribuição de informações nas duas categorias de resenhas, constatou que a estrutura retórica dessas difere um pouco, pois apresentam as mesmas unidades retóricas – introduzir, sumarizar, criticar e concluir a análise da obra –, porém essas são compostas por um número diferente de subunidades. Nas resenhas produzidas por especialistas, há, em todas as unidades, uma subunidade a mais que nas produzidas por escritores iniciantes.

Com sua pesquisa, Bezerra (2001) ressalta que

o modelo CARS (Swales, 1990) ficou solidamente estabelecido na academia, sendo objeto de constantes reformulações e adaptações para a análise de diferentes gêneros acadêmicos ou profissionais. As possibilidades de adaptação do modelo têm evidenciado seu potencial como um instrumento significativo para a investigação e mapeamento dos gêneros (Bezerra, 2001, p. 36-37).



Dentro desse contexto de pesquisas que visam aprimorar a compreensão dos gêneros acadêmicos, incluímos a presente dissertação, que visa enriquecer os estudos nessa área e preencher a lacuna referente a estudos, em língua portuguesa, sobre o gênero resenha acadêmica escrita por alunos recém-ingressos na universidade, situada em uma prática social específica, no Curso de Letras da Unilab.

No tocante aos estudos de gêneros não acadêmicos, podemos citar os trabalhos de: Bernardino (2000), cuja dissertação de mestrado versou sobre o gênero depoimento, na comunidade discursiva virtual de alcoólicos anônimos; Sousa (2004), que explorou a argumentação no gênero editorial de jornais; e Simoni e Bonini (2009), os quais investigaram a organização retórica do gênero carta consulta.

Bernardino (2000), apoiada nos pressupostos teóricos de Swales (1990; 1992) para Análise de Gêneros, analisou 60 depoimentos de membros de um grupo *online* de alcoólicos anônimos, a fim de comprovar que esse grupo constitui uma comunidade discursiva e de descrever as características retóricas do gênero depoimento.

Como resultado de sua pesquisa, Bernardino (2000) constata que, de fato, a irmandade dos alcoólicos anônimos se caracteriza como uma comunidade discursiva, ao verificar que essa cumpre os critérios de identificação propostos por de Swales (1990; 1992), uma vez que apresenta: objetivos públicos em comum, mecanismos de intercomunicação, participação e *feedback*; mecanismos básicos de interação – salas de bate papo e lista de discussão –, utilização de gêneros específicos para a interação, vocabulário próprio compartilhado e presença de membros iniciantes e experientes.

Ademais, Bernardino (2000), com a análise do *corpus* de sua pesquisa, chega à caracterização do padrão de organização retórica do gênero depoimento, conforme descrito abaixo:

**Figura 7 – Organização retórica do gênero depoimento dos alcoólicos anônimos**

**Unidade retórica de informação 1- Apresentação da pesquisa**

Subunidade 1.1 - Estabelecendo contato e identificação [SUB1.1]

Subunidade 1.2 - Apresentando o depoente [SUB1.2]

Subunidade 1.3 - Agradecendo pelo controle sobre a bebida [SUB1.3]

**Unidade retórica de informação 2 - Comparando experiências vividas antes e depois do ingresso na irmandade dos alcoólicos anônimos**  
**Subunidade**

Subunidade 2.1 - Fazendo referência a outra mensagem do grupo que tenha provocado a construção do depoimento em questão [SUB 2.1]

Subunidade 2.2 - Relatando experiências com o alcoolismo [SUB 2.2]

Subunidade 2.3 - Comentando sobre a recuperação após o ingresso nos alcoólicos anônimos [SUB 2.3]

**Unidade retórica de informação 3 - Fechando o depoimento**

Subunidade 3.1 - Despedindo-se [SUB 3.1]

Subunidade 3.2 - Desejando 24 horas de sobriedade [SUB 3.2]

Subunidade 3.3 - Agradecendo a atenção concedida pelos membros do grupo [SUB 3.3]

Subunidade 3.4 - Subscrevendo-se [SUB 3.4]

Fonte: Bernardino (2000, p. 50-51.).

Como pode ser observado, o gênero possui três unidades retóricas básicas: estabelecer contato e identificação, comparar experiências vividas antes e depois do ingresso na irmandade e fechar o depoimento.

Sousa (2004), por sua vez, buscando ampliar as adaptações do modelo CARS para gêneros não acadêmicos, investiga, em sua dissertação de mestrado, a organização textual argumentativa em editoriais de jornal. O *corpus* utilizado pela pesquisadora foi constituído por 60 editoriais produzidos na imprensa brasileira, em versão *online*, de cinco jornais distintos, um de cada região do Brasil.

A análise da distribuição de informações dos editoriais revelou uma regularidade na organização retórica do gênero, que apresenta três unidades retóricas básicas – contextualizar o tema do editorial, argumentar sobre a tese defendida e indicar a posição do jornal a respeito do tema –, como pode ser visto na figura abaixo:

**Figura 8 – A organização retórica de editoriais de jornais**

<p><b>Unidade retórica 1 - Contextualização do tema</b></p> <p>Subunidade 1.1 - Apresentando uma informação introdutória e/ou</p> <p>Subunidade 1.2 - Esclarecendo uma informação(e)</p> <p><b>Unidade retórica 2 - Argumentar sobre a tese</b></p> <p>Subunidade 2.1 - Argumentando convergentemente e/ou</p> <p>Subunidade 2.2-Argumentando divergentemente</p> <p><b>Unidade retórica 3 - Indicação da posição do jornal</b></p>
---

Fonte: Sousa (2004, p.68).

Simoni e Bonini (2009) também realizam pesquisas acerca de gêneros da esfera jornalística, com o objetivo de mapear e descrever gêneros do jornal. Um dos gêneros investigados pelos estudiosos é a carta consulta. De acordo com os autores, tal gênero apresenta dois padrões de ocorrência, um para carta consulta direta – conjunto de perguntas e respostas, no qual as respostas são dadas diretamente por uma autoridade no tema tratado –, outro para carta consulta indireta – conjunto de perguntas e respostas, no qual as respostas são dadas por pessoas envolvidas em um fato, tendo o jornalista como mediador. Essa constatação foi feita a partir da análise de um *corpus* composto por 68 exemplares, publicados de forma impressa nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo.

As figuras a seguir apresentam a organização retórica dos dois tipos de carta consulta.

**Figura 9 – Organização retórica da carta-consulta direta**

**Movimento 1- Identificar o texto (Produzido por enunciador jornalista)**

Passo 1 - Citar tópico do texto e/ou  
 Passo 2 - Citar sub-tópico do texto

**Movimento 2 - Formular uma questão (Produzido por enunciador leitor)**

Passo 1 - Delinear o cenário e/ou  
 Passo 2 - Apresentar o problema  
 Passo 3a - Solicitar informação ou  
 Passo 3b-Solicitar posicionamento ou  
 Passo 3c - Solicitar uma solução  
 Passo 4 - Fornecer dados de identificação

**Movimento 3 - Fornecer uma resposta (Produzido por um enunciador jornalista e um enunciador autoridade na área do assunto tratado)**

Passo 1 - Descrever o objeto abordado pelo leitor e/ou  
 Passo 2 - Posicionar-se e/ou  
 Passo 3 - Indicar um procedimento e/ou  
 Passo 4 - Fornecer avaliação geral do problema e/ou  
 Passo 5 - Fornecer credenciais e/ou  
 Passo 6 - Fornecer dados de identificação

Fonte: Simoni e Bonini (2009, p. 128).

**Figura 10 – Organização retórica da carta-consulta indireta**

<b>Movimento - Identificar o texto (Produzido por enunciador jornalista)</b>	
Passo 1 - Citar tópico do texto	
<b>Movimento 2 - Formular uma questão (Produzido por enunciador leitor)</b>	
Passo 1 - Delinear o cenário	e/ou
Passo 2 - Apresentar o problema	e/ou
Passo 3a - Solicitar informação	ou
Passo 3b- Solicitar posicionamento	
Passo 4 - Fornecer avaliação provocadora	e/ou
Passo 5 - Fornecer dados de identificação	
<b>Movimento 3 - Fornecer uma resposta (Produzido por um enunciador jornalista e um enunciador autoridade na área do assunto tratado)</b>	
Passo 1 - Relatar posicionamento do responsável	e/ou
Passo 2 - Relatar o procedimento indicado pelo responsável	e/ou
Passo 3 - Relatar descrição/dados fornecidos pelo responsável	e/ou
Passo 4 - Relatar avaliação geral do problema feita pelo responsável	e/ou
Passo 5 - Relatar procedimento adotado pelo responsável	

Fonte: Simoni e Bonini (2009, p. 134).

Nos dois casos, o gênero se organiza em função de três movimentos retóricos: identificar o texto, formular uma questão e fornecer uma resposta.

Realizada essa breve catalogação sobre estudos realizados à luz da teoria de Swales (1990; 1992), que denotam a influência do autor em pesquisas no Brasil, abordaremos, no próximo capítulo, as especificidades do gênero resenha e de sua organização retórica, de acordo com nosso objeto de pesquisa.

### 3 O GÊNERO RESENHA ACADÊMICA

No contexto acadêmico, a resenha é um gênero discursivo utilizado “para avaliar – elogiar ou criticar – o resultado da produção intelectual em uma área do conhecimento” (Motta-Roth; Hendges, 2010, p. 27). Geralmente escrita por pesquisadores, estudantes universitários ou especialistas em determinada área do conhecimento, a resenha acadêmica busca fornecer uma síntese das principais ideias e argumentos presentes na obra resenhada, ao mesmo tempo em que oferece uma análise crítica fundamentada.

Sob essa perspectiva, a leitura e a produção de resenhas desempenham um papel fundamental no ambiente acadêmico. Para se manter atualizado em sua área de pesquisa, o estudante ou pesquisador precisa realizar inúmeras leituras. No entanto, diante da grande quantidade de tarefas diárias, a escolha de textos e obras relevantes pode se tornar um desafio. Nesse contexto, a leitura de resenhas surge como uma ferramenta valiosa, permitindo ao pesquisador avaliar criticamente uma publicação, identificar os principais conteúdos abordados e, com isso, selecionar com maior precisão quais textos merecem ser lidos na íntegra para atingir os resultados almejados.

Por sua vez, a escrita de resenhas permite que o estudante sintetize conteúdos e leituras, como também assuma uma postura crítica, ao avaliar o texto resenhado. Ademais, “ao produzir uma resenha, o escritor, aluno ou especialista, é convidado a entrar em um diálogo com o autor da obra e no debate acadêmico de modo geral” (Bezerra, 2001, p. 15).

Bezerra (2001), ao discorrer sobre a importância da produção de resenhas acadêmicas, ressalta características desse gênero, que ele considera paradoxal. O autor explica:

Por um lado, o gênero pode ser considerado academicamente “inexpressivo”, pois raramente é citado como referência em livros e artigos. Por outro lado, exatamente por esse caráter “inexpressivo”, resenhas podem ser escritas por um grande número de pesquisadores que não têm espaço para publicação de textos de “status superior”. Desta forma, a produção de resenhas representa uma possibilidade de ingresso no debate acadêmico para escritores que de outra forma não poderiam participar dele. Os alunos, ao produzirem resenhas, também se caracterizam como sujeitos cujas vozes tentam se fazer ouvir na academia, ainda que movidos por propósitos diferentes daqueles que motivam os escritores proficientes (Bezerra, 2001, p. 14-15).

Motta-Roth e Hendges (2010) também inserem a resenha no universo da redação acadêmica e defendem que

por meio da avaliação de novas publicações, o conhecimento na disciplina (as teorias e os autores em voga, o saber partilhado entre os pares, as abordagens adotadas, os valores consagrados) se reorganiza e as relações de poder, de *status* acadêmico se reacomodam. A resenha é um gênero discursivo em que a pessoa que lê e aquela que escreve têm objetivos convergentes: uma busca e a outra fornece uma opinião crítica sobre determinado livro” (Motta-Roth; Hendges, 2010, p. 27-28).

Ao discutir a estrutura retórica básica de uma resenha acadêmica, Motta-Roth e Hendges (2010, p. 28-29) nos apresentam um esquema composto por quatro etapas que compreendem as ações que realizamos ao resenharmos um livro:

Apresentar > Descrever > Avaliar > (Não) Recomendar o livro

De fato, ao produzirmos uma resenha, buscamos efetuar todos esses estágios. Via de regra, ao resenharmos um livro, iniciamos apresentando seu título e seu autor, algumas vezes, com um breve currículo deste. Feito isso, vem a descrição das partes e/ou capítulos da obra, na qual é realizada, também, uma sumarização daquilo que compreendemos como os pontos mais importantes de serem ressaltados, o que abre espaço para a avaliação. Na ação de avaliar, o resenhista vai emitir sua opinião sobre o livro resenhado, para poder, ao final, recomendá-lo ou não. Assim, a resenha possui funções informativa e avaliativa.

Os autores nos advertem, contudo, de que essa ordem de ações não é fixa e que podem variar em *extensão* e *frequência*. Em *extensão*, pois, a depender do propósito de seu texto, ou do espaço de publicação, por exemplo, o resenhista pode se estender mais ou menos em cada ação. Referente à *frequência*, essa pode variar porque as características da obra resenhada e o estilo do resenhista também vão determinar se o texto terá um viés mais descritivo ou avaliativo (Motta-Roth; Hendges, 2010, p. 29).

Outrossim, Motta-Roth (2010, p. 29) também ressalta que esse esquema de estágios textuais da resenha é uma constatação feita a partir de estudos por ela realizados – em uma pesquisa com um *corpus* composto por 180 resenhas, escritas em língua inglesa e publicadas em periódicos acadêmicos mais citados das áreas de linguística, química e economia, entre os anos de 1993 e 1994 –, mas que, não obstante, não é uma norma a ser rigidamente seguida.

Referente ao vocabulário utilizado em resenhas acadêmicas, encontramos, usualmente, “palavras que refletem a avaliação (mais ou menos) positiva ou negativa do livro, explicitando a visão particular do resenhador sobre o livro” (Motta-Roth; Hendges, 2010, p. 24), bem como verbos do presente do indicativo, a fim de apontar a atualidade e a relevância da temática abordada. Para mais, é comum, também, a utilização de trechos da obra resenhada, usados como ilustração para apoiar críticas ou elogios.

Bezerra (2001) sintetiza a definição do gênero resenha nas seguintes palavras:

Diferencia-se do resumo por ser necessariamente crítica e avaliativa em relação ao texto original. [...] A forma admite certa maleabilidade, podendo ser mais crítica ou mais comentada, de acordo com a exigência do professor. Além disso, não é obrigatório separar a parte informativa da parte crítica. Esta pode ser apresentada ao longo da exposição ou ao final do trabalho, à guisa de conclusão. As informações contidas em uma resenha em geral ultrapassam os limites do texto em si, incluindo dados sobre o autor, como sua área de atuação, outras obras publicadas e sua contribuição na área em que atua, entre outros. A linguagem, como em qualquer texto científico, deve ser clara, precisa e correta (Bezerra, 2001, p. 134).

A respeito dos movimentos retóricos desse gênero, Motta-Roth (1995), a partir de pesquisas e da observação de características discursivas e de organização retórica, propõe uma adaptação do modelo de movimentos retóricos proposto por Swales (1990), em que esquematiza as estratégias utilizadas em resenhas acadêmicas, as quais abordaremos a seguir.

### **3.1 Organização retórica do gênero resenha acadêmica**

Como já citado, em sua tese de doutorado, Motta-Roth (1995), fazendo uso do Modelo CARS (Swales, 1990), apresenta uma descrição esquemática das subfunções retóricas em resenhas de livro, a partir da análise de um *corpus* composto por 60 resenhas escritas em língua inglesa, das áreas de química, economia e linguística.

De acordo com o esquema proposto pela autora, as resenhas acadêmicas apresentam uma estrutura retórica básica composta por unidades maiores, denominadas *moves*, seguindo a nomenclatura dada por Swales (1990), e unidades menores, nomeadas de *subfunções*, que corresponderiam, de certo modo, aos *steps* empregados por Swales (1990).



Motta-Roth (1995) define *move* do seguinte modo:

um bloco de texto, um trecho de discurso que pode estender-se por uma ou mais sentenças, que realiza uma função comunicativa específica e que, em conjunto com outros moves, constitui toda a estrutura de informação que deve estar presente em um texto para que esse possa ser reconhecido como um exemplar de um determinado gênero. Cada move representa um estágio no desenvolvimento da estrutura geral de informação comumente associada ao gênero como um padrão discursivo (Motta-Roth, 1995, p. 60, tradução livre<sup>7</sup>).

Já as *subfunções* são partes menores de movimentos, que, sozinhas ou em conjunto com outras, fazem com que o texto progrida na direção estabelecida por cada movimento. Ou seja, as *subfunções* fazem parte e ajudam na realização de cada *move* (Motta-Roth, 1995, p. 60-61).

É importante ressaltar, também que, conforme constatou Motta-Roth (1995) em sua pesquisa, as *subfunções* podem apresentar uma ordenação variável, a depender de estratégias de ênfase utilizadas pelo resenhista. Assim, as *subfunções* se diferenciam dos *Steps* de Swales (1990), uma vez que, distintas destes, não seguem uma sequência ou ordem pré-determinada, mas, em vez disso, combinam-se para a realização dos *moves* de um modo mais flexível. No entanto, a autora destaca que há um padrão que predomina na organização retórica das resenhas.

Dito isso, trazemos, a seguir, na figura 3, o modelo do padrão retórico em resenhas de livros, proposto por Motta-Roth (1995).

---

<sup>7</sup> No original: “*move is defined here as a text block, a stretch of discourse that can extend for one or more sentences, that realizes a specific communicative function, and that together with other moves constitute the whole information structure that must be present in the text to allow it to be recognized as an exemplar of a given genre. Each move represents a stage in the development of an overall structure of information that is commonly associated with the genre as a pattern of discourse*”.

**Figura 11 – Movimentos e subfunções retóricas em resenhas**

<b>Move 1</b>	<b>INTRODUZIR O LIVRO</b>
Subfunção 1	Definindo o tópico geral do livro e/ou
Subfunção 2	Informando sobre leitores em potencial e/ou
Subfunção 3	Informando sobre o autor e/ou
Subfunção 4	Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou
Subfunção 5	Inserindo o livro na área
<b>Move 2</b>	<b>SUMARIAR O LIVRO</b>
Subfunção 6	Provendo uma visão geral da organização do livro e/ou
Subfunção 7	Apresentando o tópico de cada capítulo e/ou
Subfunção 8	Citando material extratextual
<b>Move 3</b>	<b>DESTACAR PARTES DO LIVRO</b>
Subfunção 9	Provendo avaliação direcionada
<b>Move 4</b>	<b>PROVER UMA AVALIAÇÃO FINAL DO LIVRO</b>
Subfunção 10 A	Recomendando/desqualificando completamente o livro Ou
Subfunção 10 B	Recomendando o livro apesar de indicar limitações

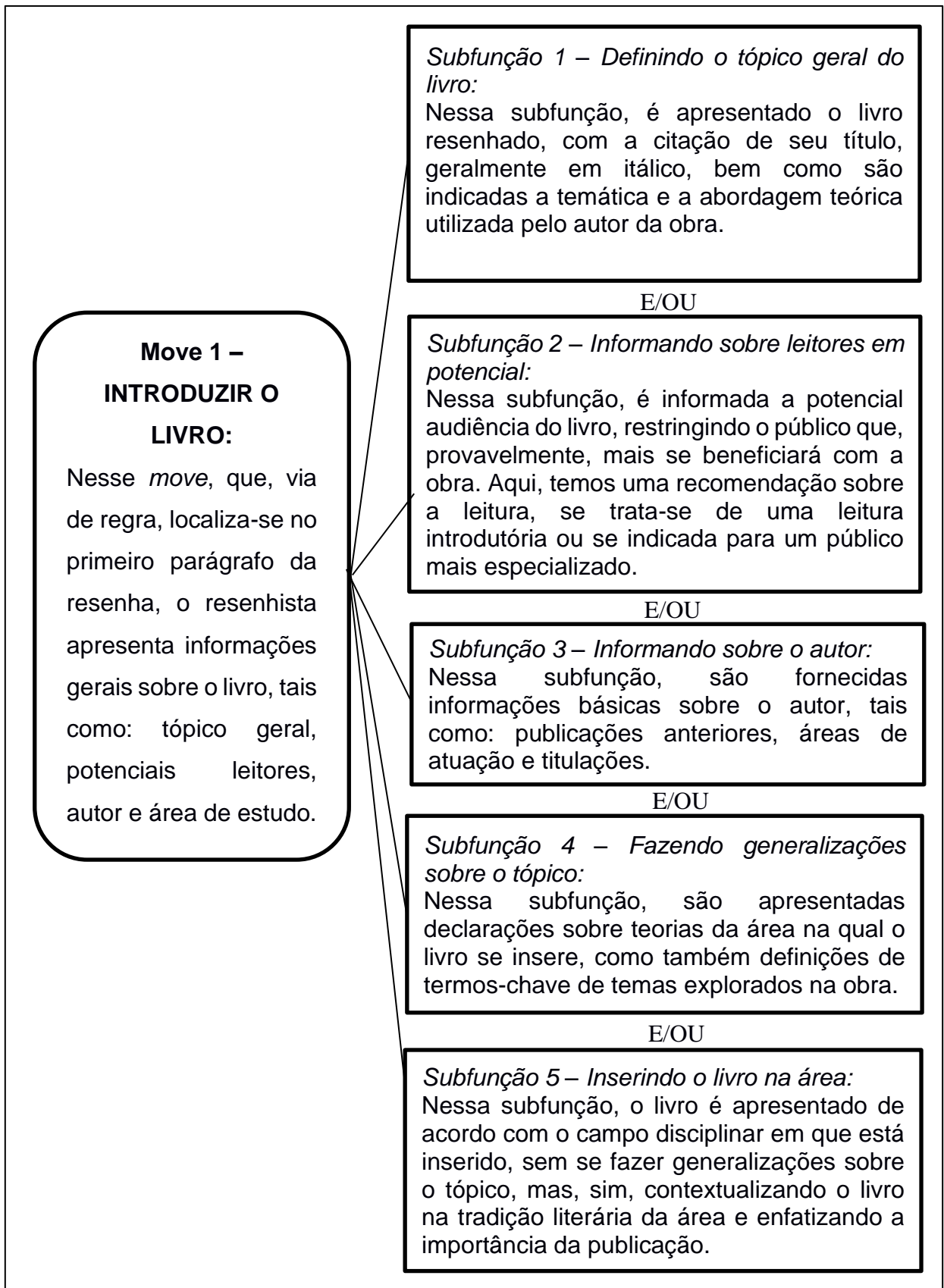
Fonte: Motta-Roth (1995, p. 141).

O esquema de organização retórica apresentado acima é composto por 4 *moves* e 10 *subfunções*. Essas últimas podem ser obrigatórias ou opcionais, dentro de cada *move*, como pode ser observado pela presença do “e/ou”. Nos *moves* 1 e 2, há um maior número de opções de subfunções. Assim, o resenhista pode escolher,

a depender de seu propósito e da ênfase que deseja dar em seu texto, quais das 8 subfunções irá materializar em sua produção. Já no *move* 3, temos apenas uma *subfunção*, ou seja, não há alternativas. No *move* 4, por sua vez, temos uma *subfunção* que é subdividida em A e B. Nessa subdivisão, o resenhista opta por recomendar/desqualificar completamente o livro ou por recomendar o livro, apesar de indicar limitações.

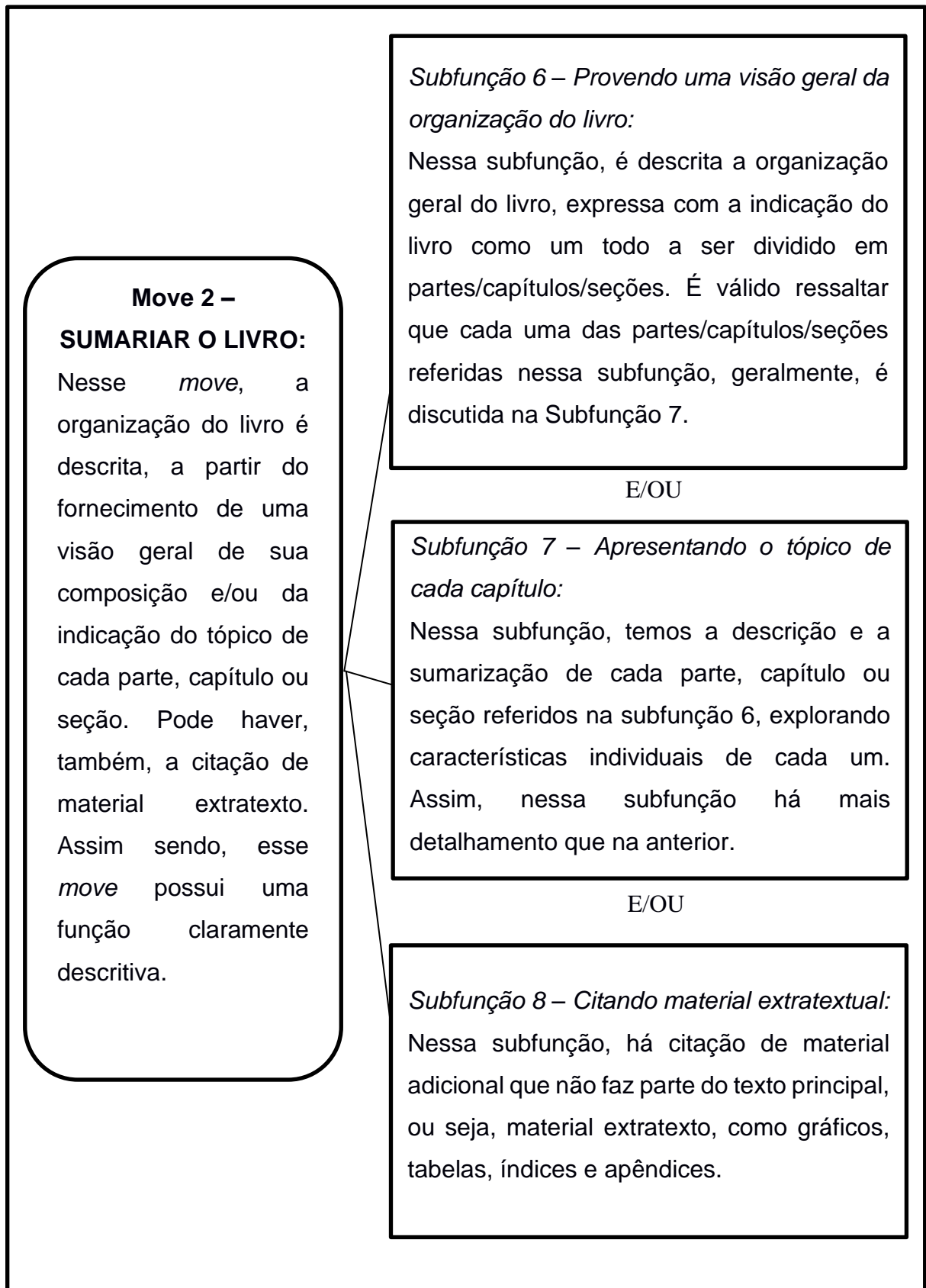
Apresentamos, a seguir, por meio de figuras, um detalhamento de cada movimento retórico, com suas respectivas subfunções, conforme proposto por Motta-Roth (1995).

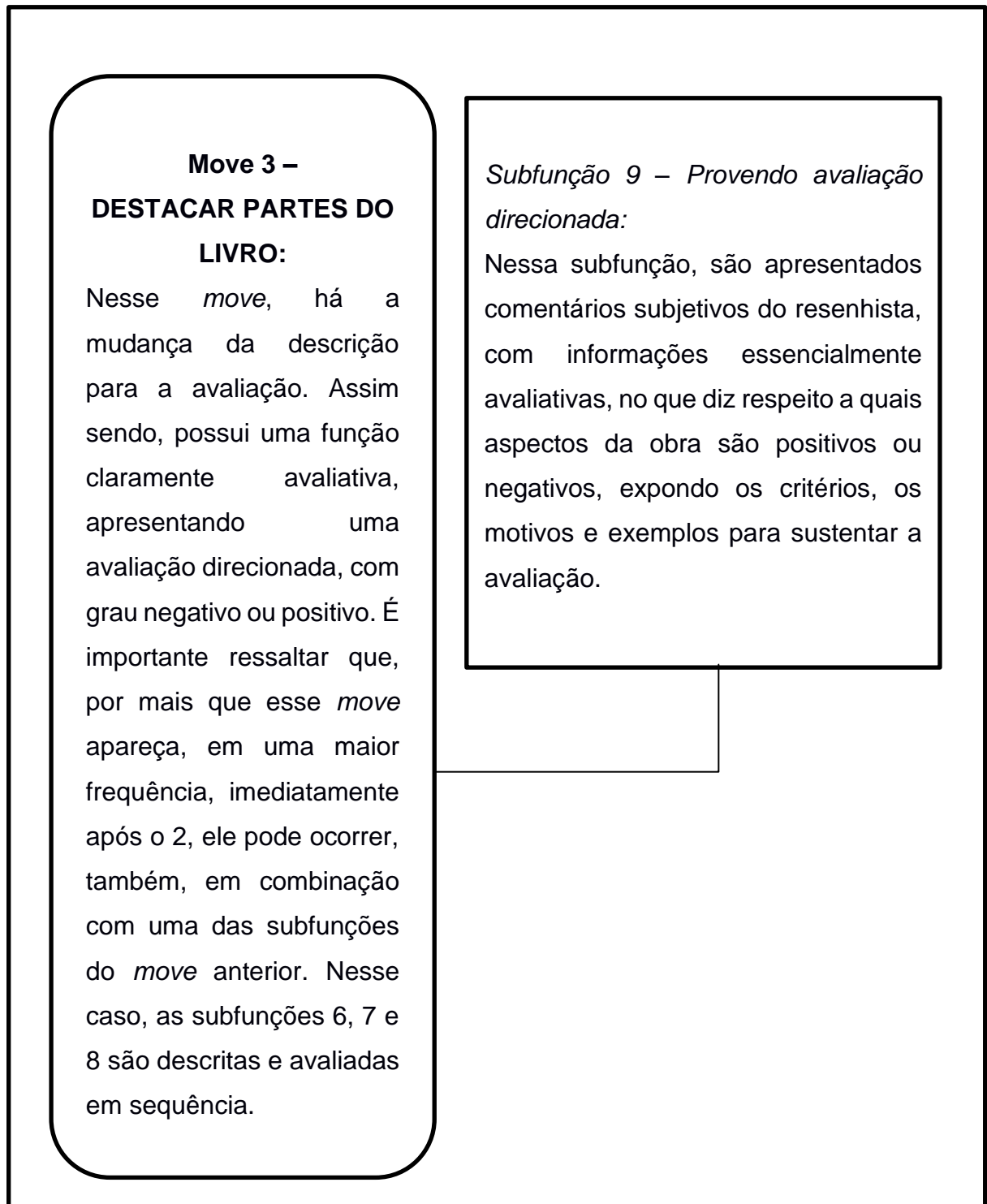
**Figura 12 – Detalhamento do Move 1 e de suas subfunções**



Fonte: Autoria nossa (2023).

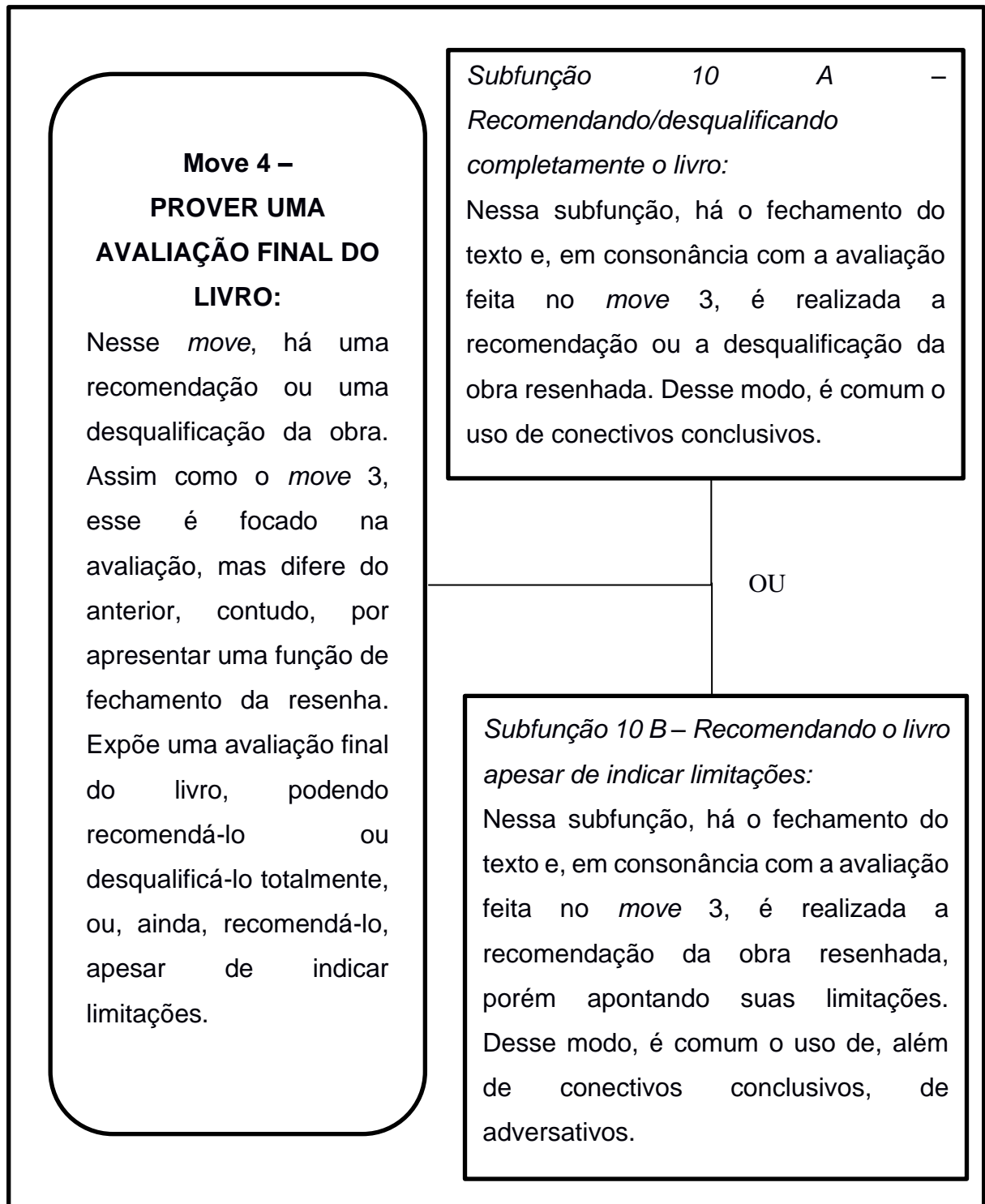
**Figura 13 – Detalhamento do Move 2 e de suas subfunções**



**Figura 14 – Detalhamento do Move 3 e de sua subfunção**

Fonte: Autoria nossa (2023).

**Figura 15 – Detalhamento do Move 4 e de suas subfunções**

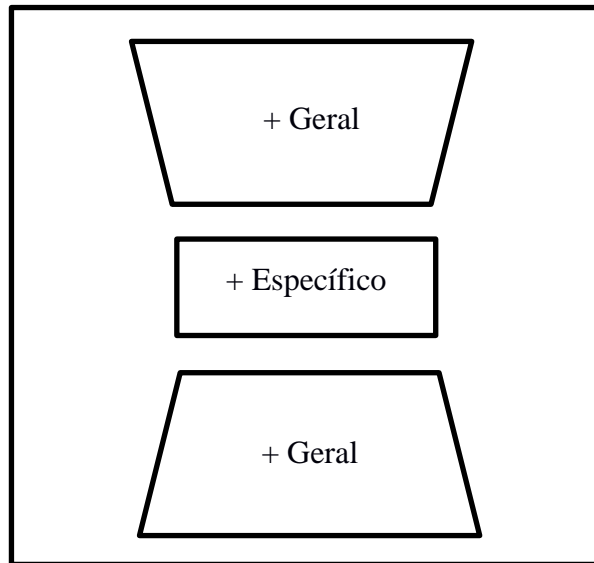


Fonte: Autoria nossa (2023).

Motta-Roth (1995), além de delinear essa organização retórica de resenhas de livros, também observou, em sua pesquisa, que a distribuição informacional do gênero se apresenta em um movimento que se desloca de um foco

global para um local e, depois, retorna para o global novamente. Assim, como destaca a autora, temos, em uma analogia visual, já adotada por Swales, em 1990, para o gênero artigo, uma configuração em forma de trapézio. A figura a seguir ilustra essa estrutura retórica.

**Figura 16 – Organização geral do gênero resenha**



Fonte: Motta-Roth (1995, p. 194).

Diante dessa analogia, compreendemos que a parte de abertura de uma resenha, composta, geralmente, pelo *move* 1 e suas subfunções, corresponde a um movimento com viés mais geral, enquanto o desenvolvimento, *moves* 2 e 3, está mais preocupado com detalhes presentes na obra resenhada e, portanto, tem um foco mais específico. O fechamento do texto, *move* 4, por sua vez, volta a ter um caráter mais geral, já que torna a abordar a obra como um todo, a fim de recomendá-la ou desqualificá-la para os leitores (Motta-Roth, 1995, p. 194-195).

Feito esse detalhamento dos movimentos retóricos concernentes a uma resenha, passaremos agora à discussão do conceito de retextualização, posto que, nesta dissertação, defendemos que a produção de uma resenha é, em sua essência, um processo de retextualização, já que implica na construção de um novo texto a partir de um texto-base. Ao redigir uma resenha, o resenhista não está meramente reproduzindo o conteúdo da obra original, mas sim reinterpretando e condensando as informações e ideias presentes nessa obra. Nesse processo, o autor da resenha interpreta, analisa e reconstrói as principais contribuições e características do texto



fonte, apresentando-as de forma concisa e crítica. A habilidade de retextualização é fundamental nesse contexto, pois exige do autor a capacidade de resumir e reorganizar as informações, mantendo a fidelidade ao conteúdo original ao mesmo tempo em que oferece uma perspectiva crítica sobre ele.

### 3.2 De um texto a outro: o processo de retextualização

Inicialmente, a expressão *retextualização* foi utilizada por Travaglia em 1993, em sua tese de doutorado, empregada, no entanto, para referir-se ao processo de tradução. Posteriormente, Marcuschi (2010) também faz uso do termo, em sua obra *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, entretanto, como o próprio pesquisador afirma, “se recobre apenas parcialmente com aquele feito por Travaglia, na medida em que aqui também se trata de uma ‘tradução’, mas de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua.” (Marcuschi, 2010, p. 46). Marcuschi é, então, responsável por introduzir o conceito de retextualização adotado nos estudos linguísticos atualmente: a passagem de um texto para outro, dentro de uma mesma língua.

Amparada pelo trabalho de Marcuschi, Dell’Isola (2007), ao tratar das operações que envolvem a passagem de um texto escrito para outro texto escrito, de um gênero a outro, concebe a retextualização como “a refacção ou a reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem” (Dell’Isola, 2007 p. 36).

Por sua vez, Matencio (2002, p. 110), também apoiada nas definições de Marcuschi, conceitua retextualização como a escrita de um novo texto a partir de um ou mais textos-base.

As atividades de retextualização envolvem processos cotidianos e naturais, que fazem parte de situações de interação social da vida de todo falante. O ato de retextualizar é, por vezes, tão corriqueiro que os usuários da língua nem mesmo se apercebem que o realizam, pois, como afirma Marcuschi (2010):

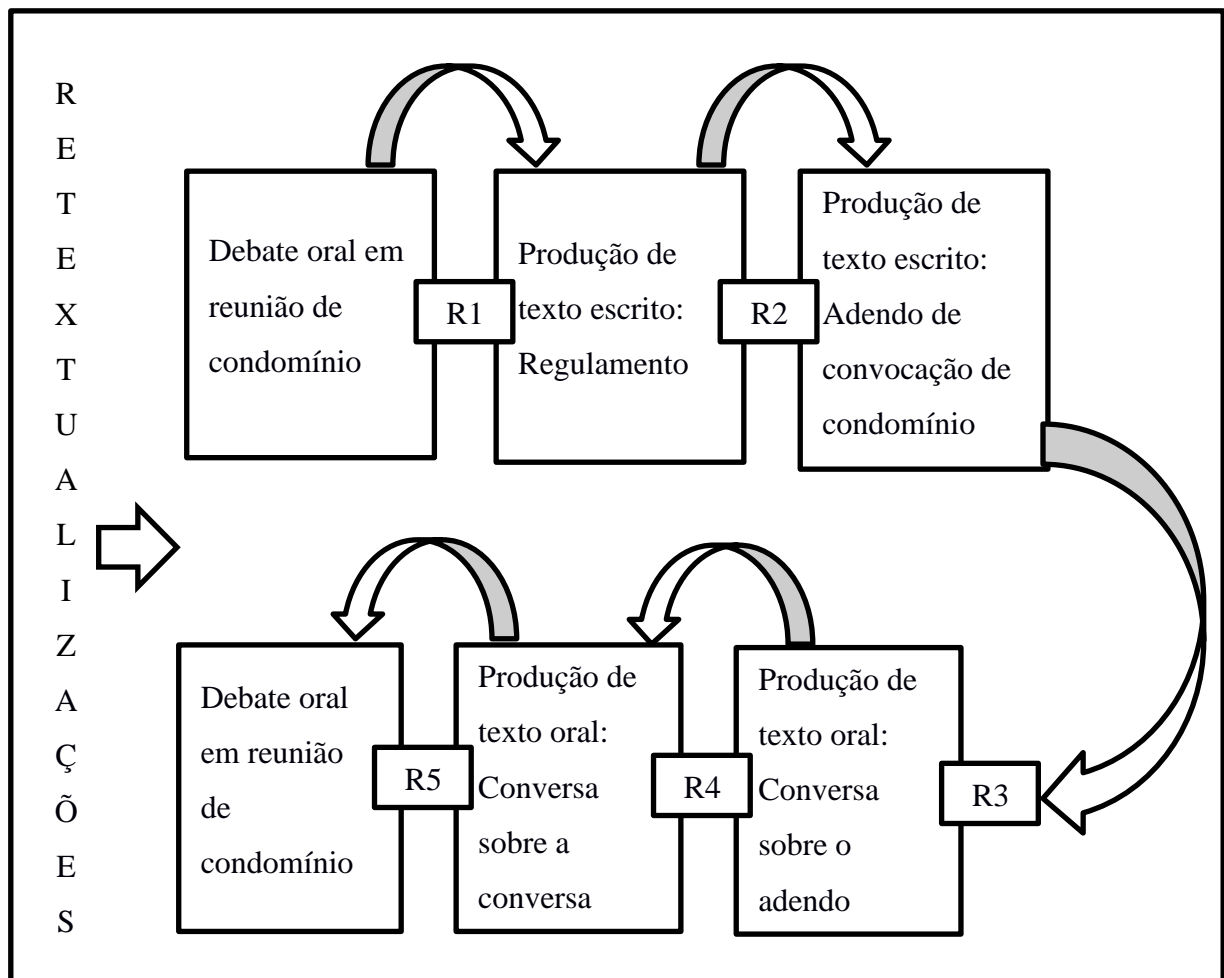
atividades de retextualização são rotinas usuais altamente automatizadas, mas não mecânicas, que se apresentam como ações aparentemente não problemáticas, já que lidamos com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos numa intrincada variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos. Toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas

citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra (Marcuschi, 2010, p. 48).

Dell'Isola (2007, p. 37) nos traz um ótimo exemplo de uma atividade cotidiana de retextualização. Como detalhado pela autora, uma simples reunião de condomínio pode ser material para uma série de retextualizações e, conseqüentemente, para a produção de novos textos de diferentes gêneros: de um debate oral, feito nessa reunião, poderia surgir um regulamento escrito, que, por sua vez, poderia ser tema de conversa entre condôminos e assim por diante...

A figura abaixo ilustra essas várias possibilidades de retextualização de um mesmo conteúdo, para gêneros diversos, em distintas modalidades, na qual “R1 é o processo da fala para a escrita; R2, da escrita para a escrita; R3, da escrita para a fala; R4 e R5, da fala para a fala” (Dell'Isola, 2007, p. 37).

**Figura 17 – Possibilidades de retextualização a partir de um mesmo tema**



Fonte: Dell'Isola (2007, p. 37).

Vale ressaltar, porém, que retextualizar, apesar de ser um procedimento que faz parte da rotina da interação humana, não é um processo mecânico, já que essa atividade pode se dar de maneira bastante diversificada. Como definiu Marcuschi (2010, p. 46), retextualizar “trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos”. Assim sendo, para a realização de toda atividade de retextualização, faz-se necessária a ativação de uma série de processos cognitivos, linguísticos, textuais e discursivos, que compreendem a passagem de um texto para outro.

Matencio (2002, p. 110) também chama atenção para a manifestação de operações linguísticas, textuais e discursivas identificadas no processo de produção desse novo texto, quais sejam:

- (i) propriamente lingüísticas (sic), ou seja, de organização da informação – de construção dos tópicos, de equilíbrio entre informações dadas/novas –, de formulação do texto – de modos de dizer – e de progressão referencial – de retomada de referentes e de remissão a referentes, explícitos ou não;
- (ii) textuais, já que se referem aos tipos textuais através dos quais as seqüências lingüísticas (sic) dos textos ganham vida – tipo narrativo, dissertativo, argumentativo, injuntivo ou dialogal – e à superestrutura do gênero textual – seu esquema global; e (iii) discursivas, uma vez que remetem ao evento de interação do qual o texto emerge – tanto à construção do quadro interlocutivo, isto é, à assunção, pelos sujeitos, de lugares e papéis sociais, à delimitação de propósitos comunicativos e do espaço e tempo da interação, quanto aos mecanismos enunciativos, portanto à diafonia, à polifonia e à modalização (Matencio, 2002, p. 110-111).

A respeito das operações cognitivas, a atividade de compreensão do texto de partida se constitui um fator básico e primordial para qualquer atividade de retextualização, conforme explica Marcuschi (2010):

Pois para dizer de outro modo, em outra modalidade ou em outro gênero o que foi dito ou escrito por alguém, devo inevitavelmente *compreender* o que foi que esse alguém disse ou quis dizer. Portanto, antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada *compreensão* (Marcuschi, 2010, p. 47).

Compartilhando do pensamento de Marcurschi, Dell’Isola (2007) reitera:

As atividades de retextualização englobam várias operações que favorecem o trabalho com a produção de texto. Dentre elas, ressalta-se um aspecto de imensa importância que é a compreensão do que foi dito ou escrito para que se produza outro texto. Para retextualizar, ou seja, para transpor de uma modalidade para outra ou de um gênero para outro, é preciso, inevitavelmente, que seja entendido o que se disse ou se quis dizer, o que se escreveu e os efeitos de sentido gerados pelo texto escrito. Antes de qualquer atividade de retextualização, portanto ocorre a compreensão (Dell’isola, 2007, p.14).

Portanto, entende-se a retextualização como essa série de processos e operações que ocorrem na passagem de um texto a outro, que abrangem todas as transformações as quais um texto sofrerá para se adequar a uma nova situação de interação e ao novo propósito comunicativo do novo texto. Assim sendo, as atividades de retextualização são diversas e envolvem procedimentos que, embora estejam presentes em nosso cotidiano, possuem um certo grau de complexidade, pois estão relacionadas a fatores que são fundamentais para que um texto base se transforme em um novo texto.

Concernente a isso, Marcuschi (2010, p. 54) elenca, ainda, quatro variáveis relevantes à atividade de retextualização. A saber:

- a) O propósito ou objetivo da retextualização – a finalidade do novo texto será determinante para a escolha do nível de linguagem a ser empregado, bem como para as estruturas e o conteúdo que deverão ser mantidos;
- b) A relação entre o texto original e o transformador – diz respeito ao nível de conhecimento e/ou proximidade que o transformador possui em relação ao autor e ao assunto do texto-base;
- c) A relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização – refere-se a alterações linguísticas (lexical, textual, sintático-estrutural etc.) decorrentes da mudança de gênero ou sequência textual;
- d) Os processos de formulação típicos de cada modalidade – adequação do texto à modalidade (oral ou escrita).

Atinente às possibilidades de retextualização, Marcuschi (2010, p. 48), levando em consideração as retextualizações, envolvendo as modalidades oral e escrita, reconhece quatro possibilidades:

- a) Da escrita para a escrita
- b) Da escrita para a fala
- c) Da fala para a escrita
- d) Da fala para a fala

Visto que a retextualização é um processo de transformação de um texto em outro, é válido pensar também acerca do que se mantém no novo texto e nas relações entre o texto base e o retextualizado.

É indiscutível que um texto retextualizado possui uma inequívoca relação com o texto que o originou, pois, como ressaltado anteriormente, ele só pode ser

resultado da leitura e da compreensão do texto base. É a partir disso que serão dados os primeiros passos para a retextualização propriamente dita, já que é a atividade cognitiva da compreensão que possibilita o reconhecimento da temática, do gênero e das características de textualização do texto de partida. É munido desse conhecimento que o autor transformador vai verificar que elementos devem ser mantidos e que decisões tomar para atender ao propósito comunicativo do novo texto.

É importante salientar que, por mais que haja alterações nesse processo de passagem de um texto para outro, o conteúdo temático é um elemento a ser mantido e que, tendo em vista uma nova situação comunicativa, haverá a manifestação de operações e mecanismos que propiciarão a produção de um novo texto, como nos dizeres de Dell'Isola (2007):

É natural que nessa passagem de um texto para outro haja interferências mais ou menos acentuadas, dependendo da organização que se dá a cada gênero. Quanto a esse aspecto, vale salientar que haverá uma série de operações e decisões a serem tomadas na condução do processamento da escrita que variam de acordo com intenções, propósitos comunicativos, interlocutores, dentre outros fatores. Essas decisões conduzirão a mudanças relevantes a serem consideradas na passagem de um gênero para outro, sem que haja interferência no conteúdo temático do texto de partida (2007, p. 43).

Assim sendo, nesse processo, há um trabalho de identificação dos elementos linguísticos, textuais e discursivos do texto de origem, para que haja uma projeção dessas estratégias no novo texto, de acordo com a nova situação de interação, gerando um novo quadro de referências, sem fugir, no entanto, à temática do texto-base (Matencio, 2002).

Dell'Isola (2007, p. 41-42), ao trabalhar com a retextualização de gêneros textuais na modalidade escrita, aponta sete tarefas a serem seguidas para um bom trabalho de retextualização, nas quais fica clara essa relação entre texto base e novo texto, quais sejam:

- i) Leitura do texto-base;
- ii) Compreensão textual e observação das características de textualidade do texto-base;
- iii) Identificação do gênero do texto de partida, com base na compreensão;
- iv) Retextualização, ou seja, escrita de um novo texto com base no texto de partida;

v) Conferência da manutenção do conteúdo temático, pois o novo texto deve manter, mesmo que em parte, o conteúdo do texto-base.

vi) Identificação das características do gênero-produto da retextualização;

vii) Reescrita para ajustes necessários.

Sobre o sétimo item, é válido ressaltar que, nas retextualizações da modalidade escrita, do texto escrito para o texto escrito, o processo de retextualização não corresponde à reescrita. A reescrita não envolve todas as variáveis relevantes à atividade de retextualização, uma vez que, normalmente, ao se reescrever um texto, a finalidade é melhorá-lo e adequá-lo a determinadas normas, como a correção gramatical e adequação ao gênero textual pretendido. Não há, portanto, uma mudança no propósito do novo texto, pois esse se mantém, o que se busca é uma melhor regularização linguística e textual. E mais: ao contrário da retextualização, o gênero não se altera.

Embora ambos os processos, tanto o de reescrita como de o retextualização, possam empregar procedimentos semelhantes – como eliminação, substituição ou acréscimo lexical, adequação sintática e semântica, reordenação de tópicos, entre outros –, falta ao primeiro uma mudança de propósito, em virtude de não haver uma nova situação comunicativa. É exatamente essa variável, então, que será importante para a diferenciação entre reescrever e retextualizar. Nos dizeres de Matencio (2002, p.112):

Ora, se retextualizar é produzir um novo texto, então se pode dizer que toda e qualquer atividade propriamente de retextualização irá implicar, necessariamente, mudança de propósito, porque não se trata mais de operar sobre o mesmo texto, para transformá-lo – o que seria o caso na reescrita –, mas de produzir novo texto.

E ainda:

a reescrita é atividade na qual, através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos que norteiam a produção original, materializa-se uma nova versão do texto. Já na retextualização, tal como entendida aqui, opera-se, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação da linguagem, porque se produz novo texto: trata-se, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, assim como de motivações e intenções, de espaço e tempo de produção/recepção, de atribuir novo propósito à produção linguageira (Matencio, 2002, p. 113).

Em resumo, a mudança do propósito comunicativo é fator essencial para a definição e para a realização do processo de retextualização, uma vez que é essa mudança que propiciará o surgimento de um novo texto e, geralmente, a mudança para outro gênero textual.

Para mais, realizadas essas reflexões de cunho teórico, apresentamos, no próximo capítulo, a metodologia da presente pesquisa, com o detalhamento de abordagens e procedimentos realizados neste estudo.

## 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Apresentamos, a seguir, os aspectos metodológicos da pesquisa, a saber: caracterização, contexto e delimitação do *corpus*, etapas para a sua realização e procedimentos de análise.

### 4.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se por uma abordagem mista, ou seja, une as abordagens quantitativa e qualitativa, uma vez que se propõe a quantificar, comparar, analisar e discutir os dados obtidos. De acordo com Dalfono, Lana & Silveira (2008, p.9),

A pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise.

Referente aos procedimentos quantitativos, em nossas análises, utilizamos esse tipo de abordagem para tabular os dados e verificar o percentual de ocorrência dos *moves* e das subfunções retóricas presentes nas resenhas que compõem o *corpus*.

Ressaltamos que os dados quantitativos são importantes para a pesquisa, pois fornecem informações numéricas e mensuráveis que podem ser analisadas. Esses dados nos ajudarão a identificar padrões e a validar hipóteses. Além disso, os dados quantitativos permitem uma análise objetiva e a comparação de resultados de maneira mais precisa.

Com respeito ao método utilizado, aplicamos o método hipotético-dedutivo, dado que este “se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese” (Marconi; Lakatos, 2003, p.106).

Ademais, a pesquisa teve uma natureza aplicada, com o método de procedimento da pesquisa-ação,

que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação



propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas (Severino, 2007, p. 121).

A pesquisa-ação é uma abordagem metodológica que combina a pesquisa acadêmica com uma prática interventiva. Ela envolve a colaboração entre pesquisadores e participantes para identificar problemas, desenvolver soluções e implementar mudanças. Os participantes são ativos no processo de pesquisa, contribuindo com suas experiências, conhecimentos e perspectivas.

Essa abordagem geralmente segue um ciclo de planejamento, ação, observação e reflexão. Os resultados da pesquisa são usados para orientar a implementação de mudanças práticas. Assim sendo, seu objetivo principal é promover a melhoria das condições sociais, educacionais ou organizacionais por meio da pesquisa e da ação. Desse modo, a pesquisa-ação busca não só entender as causas de um problema, mas também gerar conhecimentos que possibilitem melhorias ou soluções para os problemas diagnosticados.

Diante disso, nossa pesquisa faz uso desse método de procedimento na medida em que parte da identificação de um problema relativo ao letramento acadêmico e objetiva contribuir para minimizá-lo, por meio de uma intervenção prática. O estudo foi aplicado a um contexto específico, os dados sendo gerados por meio da contribuição ativa dos participantes. Assim, seguindo um dos princípios fundamentais da pesquisa-ação, que é a reflexão crítica sobre a prática, os alunos participantes da pesquisa foram encorajados a analisarem e refletirem sobre suas próprias ações – a escrita de resenhas acadêmicas – e a buscarem melhorias.

#### **4.2 Contexto da pesquisa e delimitação do *corpus***

Referente ao contexto, como já mencionado, a pesquisa foi realizada no Curso de Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab – e, para a coleta de dados, tivemos como universo resenhas acadêmicas produzidas por estudantes do primeiro semestre, do ano letivo 2022.2, do referido curso, matriculados no componente curricular “Leitura e Produção de Textos I”.

O contato da pesquisadora com a turma se deu em ocasião do cumprimento dos créditos da disciplina de Estágio em Regência. Concomitante às atividades do estágio, a pesquisadora realizou duas oficinas, uma virtual e outra

presencial, sobre a organização retórica do gênero resenha, as quais serão detalhadas no quinto capítulo desta dissertação.

Ademais, as resenhas produzidas pelos alunos se configuraram como avaliação do componente curricular no qual eles estavam matriculados e, com ciência dos participantes, foram disponibilizadas pelo professor regente da disciplina, a fim de comporem o *corpus* da presente pesquisa.

É importante ressaltar, também, que, para a constituição do *corpus*, elencamos e seguimos os seguintes critérios de inclusão:

- a) Só fariam parte do *corpus* as resenhas de alunos que participaram das duas oficinas, tanto o momento virtual como o presencial;
- b) Só fariam parte do *corpus* as resenhas de alunos que entregaram as duas versões, tanto a produzida antes das oficinas, como a após as oficinas.

Assim sendo, foram excluídas as produções cujos estudantes resenhistas faltaram alguma oficina e/ou não entregaram as duas versões da resenha.

A turma na qual aplicamos esta pesquisa contava com um número de 42 alunos matriculados, porém 6 não entregaram a versão da resenha que deveria ser produzida antes das oficinas. Dos 36 que entregaram a primeira versão, 13 não participaram da primeira oficina (virtual), o que nos deixou com um total de 23 alunos. No entanto, desses 23, três não compareceram à segunda oficina, encontro presencial. Assim, chegamos ao número de 20 participantes, os quais entregaram também a versão escrita após as oficinas.

Desse modo, nosso *corpus* foi constituído por 40 resenhas, escritas por 20 alunos que realizaram o percurso completo, uma vez que cada um escreveu dois textos.

#### **4.3 Etapas da pesquisa**

A fim de atendermos aos objetivos traçados neste trabalho e para procedermos com a coleta de dados, a pesquisa foi planejada e executada a partir das etapas descritas a seguir:

1<sup>a</sup> – Duas aulas sobre o gênero resenha. Essas aulas foram ministradas no componente curricular “Leitura e Produção de Textos I”, pelo professor regente

da turma, para que não houvesse interferência da pesquisadora na primeira produção dos educandos.

2ª – Apresentação e proposta de leitura do texto-fonte: o primeiro capítulo do livro *Preconceito linguístico*, de Marcos Bagno, também feita pelo professor regente da turma.

3ª – Produção das primeiras resenhas pelos alunos.

4ª – Leitura e análise das resenhas produzidas pelos estudantes, com base em Swales (1990) e Motta-Roth (1995; 2010), para identificação dos movimentos retóricos e das subfunções mais recorrentes, bem como das principais dificuldades encontradas.

5ª – Após análise dos textos produzidos, realização de duas oficinas, ministradas pela pesquisadora, para que os estudantes se apropriassem, através da prática, de conceitos, procedimentos e organização retórica relativos à produção de uma resenha acadêmica. Na primeira, foram detalhados, com base em Motta-Roth (1995; 2010), os movimentos retóricos, com suas respectivas subfunções, para que os alunos os identificassem em resenha escrita por um especialista. Na segunda, por sua vez, os alunos foram convidados a revisar os próprios textos, verificando quais movimentos e subfunções estavam presentes e quais se ausentaram, para que, assim, reescrevessem suas resenhas, levando em consideração características formais e funcionais necessárias para que o gênero cumpra, com eficácia, seu propósito comunicativo. O roteiro das oficinas encontra-se em apêndices.

6ª – Reescrita das resenhas acadêmicas pelos alunos.

É importante ressaltar que essa intervenção se baseou nas sete tarefas apontadas por Dell'Isola (2007), para as retextualizações do escrito para o escrito:

- (i) leitura de textos selecionados;
- (ii) compreensão;
- (iii) identificação do gênero do texto de partida;
- (iv) transformação de um gênero textual em outro;
- (v) conferência da manutenção do conteúdo temático;
- (vi) identificação das características do gênero-alvo e
- (vii) reescrita.

7ª – Após a intervenção, leitura das novas versões das resenhas produzidas pelos estudantes, para identificação dos movimentos retóricos e das subfunções mais recorrentes nos novos textos.

8ª – Por fim, análise e discussão dos resultados, com base em Swales (1990) e Motta-Roth (1995; 2010). Nessa etapa, houve a comparação entre as versões das resenhas produzidas pelos alunos, a fim de verificarmos se, a partir da intervenção, os participantes da pesquisa desenvolveram melhor os movimentos retóricos na escrita desse gênero acadêmico.

#### 4.4 Procedimentos de análise

Com o propósito de analisarmos os movimentos retóricos presentes nas resenhas acadêmicas produzidas por estudantes do primeiro semestre do Curso de Letras da Unilab, os textos que compõem o *corpus* foram submetidos a um tratamento de identificação de *moves* e de subfunções, com base no modelo de organização retórica de resenhas proposto por Motta-Roth (1995).

A análise compreendeu três etapas: (i) análise dos textos produzidos antes das oficinas, (ii) análise dos textos produzidos após as oficinas e (iii) comparação entre as duas versões.

Os dados foram tabulados para facilitar a leitura e a discussão dos resultados. Assim sendo, trazemos, no capítulo de análise, tabelas com as frequências dos movimentos e das subfunções retóricas presentes nas primeiras e segundas versões das resenhas, bem como uma tabela que compara os dados das duas anteriores.

Com relação à codificação dos dados, por questões de ética e para mantermos o anonimato dos alunos participantes, utilizamos o código *AXRX*, no qual *A* se refere a Aluno; o primeiro *X* representa o número dos alunos, em uma sequência; *R* simboliza Resenha; e o segundo *X* sinaliza o número da resenha, uma vez que um mesmo aluno produziu mais de uma. Assim, quando, na análise dos dados, encontrarmos, por exemplo, os códigos *A1R1* e *A1R2*, saberemos que se referem a resenhas distintas escritas por um mesmo aluno participante. Ou, ainda, quando tivermos os códigos *A1R1* e *A2R1*, por exemplo, saberemos que se tratam das primeiras produções, escritas por alunos distintos.

Para apresentarmos a análise realizada, selecionamos uma amostra do *corpus* composta de quatro exemplos que são representativos do todo analisado. Na primeira parte – análise das versões produzidas antes das oficinas –, exploramos um exemplo que se mostrou mais prototípico em relação ao modelo proposto por

Motta-Roth (1995) e um menos prototípico. Na segunda parte – análise das versões produzidas após as oficinas –, trazemos a reescrita dos exemplos anteriores, a fim de compararmos as duas versões e analisarmos as alterações realizadas. A referida amostra será exposta da seguinte forma: cada resenha será segmentada com escala de cores, para identificação dos *moves* e das subfunções retóricas, de acordo com a seguinte legenda:

**Figura 18 – Legenda de cores utilizadas para identificação das subfunções retóricas nas resenhas que compõem o *corpus*<sup>8</sup>**

<b>Move 1</b>	<b>INTRODUZIR O LIVRO</b>
<b>Subfunção 1</b>	<b>Definindo o tópico geral do livro</b>
<b>Subfunção 2</b>	<b>Informando sobre leitores em potencial</b>
<b>Subfunção 3</b>	<b>Informando sobre o autor</b>
<b>Subfunção 4</b>	<b>Fazendo generalizações sobre o tópico</b>
<b>Subfunção 5</b>	<b>Inserindo o livro na área</b>
<b>Move 2</b>	<b>SUMARIAR O LIVRO</b>
<b>Subfunção 6</b>	<b>Provendo uma visão geral da organização do livro</b>
<b>Subfunção 7</b>	<b>Apresentando o tópico de cada capítulo</b>
<b>Subfunção 8</b>	<b>Citando material extratextual</b>
<b>Move 3</b>	<b>DESTACAR PARTES DO LIVRO</b>
<b>Subfunção 9</b>	<b>Provendo avaliação direcionada</b>
<b>Move 4</b>	<b>PROVER UMA AVALIAÇÃO FINAL DO LIVRO</b>
<b>Subfunção 10 A</b>	<b>Recomendando/desqualificando completamente o livro</b>
<b>Subfunção 10 B</b>	<b>Recomendando o livro apesar de indicar limitações</b>

Fonte: Elaboração nossa (2023).

É válido ressaltar que o *corpus* integral da pesquisa foi tratado por meio desse código de cores, como pode ser observado nos apêndices desta dissertação.

Para mais, no capítulo a seguir, apresentamos a descrição e a análise dos resultados da pesquisa.

<sup>8</sup> Apesar de as resenhas que compõem nosso corpus serem de capítulo de livro e não de um livro completo, mantivemos a nomenclatura de Motta-Roth (1995). Assim sendo, quando tivermos, por exemplo, o *move* de *sumariar o livro* e suas respectivas subfunções esses dirão respeito, na verdade, ao capítulo resenhado.

## 5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, trazemos a descrição das oficinas realizadas, assim como analisamos as resenhas produzidas pelos alunos participantes da pesquisa e discutimos os resultados da intervenção.

### 5.1 Descrição das oficinas

Como dito, a intervenção ocorreu durante o período em que a pesquisadora estagiava como regente na turma na qual a pesquisa foi aplicada. As oficinas foram realizadas nos dias 18, 23 e 30 de maio de 2023, a primeira em modo virtual e a segunda, em virtude de a turma ser bastante numerosa, 42 alunos matriculados, subdividida em dois momentos presenciais.

#### 5.1.1 Primeira oficina: momento virtual

O encontro virtual se deu através do *Google Meet*, plataforma de reuniões *online* com a qual os estudantes já tinham familiaridade, teve a duração de duas horas e 30 minutos e contou com a presença de 27 discentes. Nesse primeiro momento, o objetivo principal foi apresentar para os alunos a organização retórica do gênero resenha acadêmica proposta por Motta-Roth (1995).

É importante salientar que o professor regente da turma, na disciplina de Leitura e Produção de Textos I, já havia ministrado duas aulas sobre o gênero. Assim, os alunos já possuíam conhecimento sobre a estrutura retórica básica de uma resenha acadêmica, uma vez que o professor, durante as aulas, trabalhou o esquema proposto por Motta-Roth e Hendges (2010), apresentando e discutindo as quatro etapas que devem ser realizadas ao se resenhar um livro, quais sejam: Apresentar > Descrever > Avaliar > (Não) Recomendar o livro.

Como mencionado, a proposta para a produção das resenhas e a apresentação do texto a ser resenhado – o primeiro capítulo do livro *Preconceito linguístico*, de Marcos Bagno – também foram realizadas pelo professor da turma. Ademais, as produções das duas versões da resenha, produzidas antes e após as oficinas, constituíram-se como avaliações da disciplina, porém a pesquisadora não interferiu na atribuição de notas.

Posto isso, coube-nos, então, realizar, nessa oficina, um detalhamento do modelo de organização retórica do gênero, conforme proposto por Motta-Roth (1995), explanando cada movimento retórico, com suas respectivas subfunções.

Além disso, para uma melhor compreensão acerca da estrutura retórica de uma resenha, os alunos tiveram como atividade, durante a oficina, a leitura de uma resenha acadêmica escrita por um especialista, a fim de que identificassem cada movimento retórico, bem como subfunções, que a compõem. A resenha em questão era também de uma obra de Marcos Bagno, *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*, para permanecer na mesma seara da resenha que os discentes já haviam produzido e deviam reescrever.

Por fim, aos alunos foi sugerido que, em um momento posterior, identificassem em suas próprias resenhas quais movimentos e subfunções estavam presentes, para que discutíssemos no encontro presencial.

#### 5.1.2 Segunda oficina: momentos presenciais

Para a segunda oficina, a fim de que a intervenção consistisse em orientações mais direcionadas aos problemas encontrados nas resenhas de cada aluno, a turma foi dividida em dois grupos, para encontros presenciais em dias distintos.

Esses momentos contaram com a presença de 35 alunos, 18 no momento reservado para o primeiro grupo e 17, no segundo. Vale ressaltar que, como a atividade de reescrita era, também, uma atividade avaliativa da disciplina, os alunos, mesmo que tivessem se ausentado do momento virtual, poderiam participar do momento presencial. Os encontros presenciais tiveram em média a duração de uma hora e trinta minutos.

Para esses momentos, foram realizadas a leitura e uma análise preliminar das primeiras versões das resenhas, com base em Swales (1990) e Motta-Roth (1995; 2010), a fim de identificarmos os movimentos retóricos e as subfunções mais recorrentes, bem como as principais dificuldades encontradas pelos discentes na produção do gênero.

O objetivo principal dessa segunda oficina foi que os discentes voltassem às resenhas por eles produzidas, agora como revisores de seus próprios textos.

Para tanto, iniciamos com uma discussão acerca da organização retórica que eles identificaram em suas resenhas, após a atividade sugerida no momento virtual.

Feito isso, projetamos, com o auxílio de equipamento de mídia, trechos das resenhas produzidas por alunos de cada grupo, com a prévia autorização destes, para analisarmos, em conjunto com a turma, a construção dos textos, em termos de estrutura e conteúdo. Foram destacados, em especial, excertos que traziam problemas quanto aos movimentos retóricos do gênero, como a ausência de determinados movimentos e subfunções e movimentos construídos apenas de forma parcial.

Para finalizar, refletimos, com os discentes, sobre a importância da leitura e da compreensão do texto a ser resenhado, pois a produção de uma resenha, assim como toda atividade de retextualização, deve alicerçar-se na compreensão do texto de partida.

É oportuno destacar, ainda, que toda a intervenção se fundamentou nas atividades elencadas por Dell'Isola (2007), para as atividades de retextualizações do texto escrito para o texto escrito, como já citado no capítulo anterior. Embora não tenhamos obedecido a mesma ordem estabelecida pela autora, os sete passos foram vivenciados: (i) apresentação do texto selecionado, com a identificação do gênero do texto de partida, realizadas durante as aulas ministradas pelo professor da disciplina de Leitura e Produção de textos I; (ii) leitura do texto selecionado e (iii) compreensão, efetivadas pelos alunos; (iv) transformação de um gênero textual em outro, com a produção da primeira versão das resenhas; (v) identificação das características do gênero-alvo e (vi) conferência da manutenção do conteúdo temático, ações realizadas durante as oficinas; e, por fim, (vii) atividade de reescrita.

Desse modo, as oficinas ofereceram subsídios para a geração de dados, uma vez que instrumentalizaram os educandos para a revisão da primeira versão de suas resenhas e para a escrita da segunda versão. Contudo, as resenhas analisadas foram produzidas pelos alunos em momentos extraclasse e não durante as oficinas.

Com essa experiência reforçamos que a atividade de retextualização auxilia no desenvolvimento das habilidades de escrita e compreensão de textos, como também promove a inserção do aluno no universo da escrita acadêmica. Outrossim, enfatizamos a utilidade do modelo proposto Swales (1990), assim como de suas adaptações, para o ensino de leitura e produção de gêneros acadêmicos, pois, como bem ressaltam Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009, p.17),



A aplicação da sua teoria ao ensino tem objetivado oferecer subsídios para que os estudantes exercitem o reconhecimento dos gêneros textuais, identificando as suas características formais e funcionais, e para que desenvolvam a capacidade de produzir textos que realizem com eficácia seus propósitos comunicativos.

Isso posto, na seção a seguir, analisaremos as resenhas produzidas pelos alunos.

## 5.2 Análise das resenhas produzidas pelos alunos

Como supracitado, nesta seção, apresentamos a análise das versões das resenhas, bem como o comparativo entre elas.

### 5.2.1 Análise da primeira versão das resenhas – produzidas antes das oficinas

Na tabela abaixo, estão registrados os *moves* e as subfunções retóricas mais frequentes nas versões das resenhas escritas pelos alunos antes das oficinas, com suas respectivas ocorrências e frequências percentuais. Além disso, na sequência, descrevemos cada subunidade e trazemos excertos para comentá-las.

**Tabela 1 – Frequência dos movimentos e das subfunções retóricas presentes nas primeiras versões das resenhas<sup>9</sup>**

<i>Moves e subfunções</i>	Quantidade	%
<b>Move 1 - Introduzir o livro</b>	<b>20*</b>	<b>100%*</b>
<i>Sub1 - Definindo o tópico geral do livro</i>	13*	65%*
<i>Sub2 - Informando sobre leitores em potencial</i>	09	45%
<i>Sub3 - Informando sobre o autor</i>	19	95%
<i>Sub4 - Fazendo generalizações sobre o tópico</i>	06	30%
<i>Sub5 - Inserindo o livro na área</i>	02	10%

<sup>9</sup> Os asteriscos (\*) presentes na tabela representam que contabilizamos, também, as ocorrências em que os *moves* ou as subfunções foram desenvolvidas apenas parcialmente, como poderá ser visto nas análises.

<b>Move 2 - Sumariar o livro</b>	<b>20*</b>	<b>100%*</b>
<i>Sub6 - Provendo uma visão geral da organização do livro</i>	09	45%
<i>Sub7 - Apresentando o tópico de cada capítulo</i>	20*	100%*
<i>Sub8 - Citando material extratextual</i>	00	0%
<b>Move 3 - Destacar partes do livro</b>	<b>13</b>	<b>65%</b>
<i>Sub9 - Provendo avaliação direcionada</i>	13	65%
<b>Move 4 - Prover uma avaliação final do livro</b>	<b>10</b>	<b>50%</b>
<i>Sub10 A - Recomendando/desqualificando completamente o livro</i>	09	45%
<i>Sub10 B - Recomendando o livro apesar de indicar limitações</i>	01	5%

Fonte: Autoria nossa (2023).

Com relação aos quatro movimentos retóricos previstos no modelo proposto por Motta-Roth (1995) para o gênero resenha acadêmica, como pode ser observado, os movimentos de introduzir e resumir o livro foram os mais presentes nas produções dos alunos, ambos com 100% de frequência. Já os *moves* de destacar partes do livro e de prover uma avaliação final tiveram, respectivamente, a ocorrência em 65% e 50% das resenhas.

A estrutura retórica básica de uma resenha acadêmica prevê ações com vieses descritivos e avaliativos. De fato, os dois primeiros movimentos estabelecidos no modelo de Motta-Roth (1995) têm função claramente descritiva, ao passo que os dois últimos possuem função avaliativa. No *move* 1, o resenhista apresenta informações introdutórias sobre a obra resenhada e seu autor. No *move* 2, são descritas a organização e o conteúdo da obra. No *move* 3, são operadas avaliações subjetivas, em termos de elogio e crítica, com destaque de pontos positivos e negativos do texto resenhado. No *move* 4, por sua vez, é realizada a recomendação ou não de leitura da obra.

Isso posto, percebemos que, nas resenhas analisadas, a descrição apresentou-se como traço mais característico, o que corrobora, parcialmente, nossa hipótese inicial de que as resenhas acadêmicas produzidas por estudantes do primeiro semestre do curso de Letras da Unilab apresentam, em maior número, apenas, os movimentos retóricos de introduzir o livro (*move* 1) e resumirá-lo (*move*

2), pois, apesar de as ações descritivas prevalecerem, somente quatro resenhas não apresentaram nenhum movimento de cunho avaliativo. Assim sendo, na maioria das resenhas, os resenhistas manifestaram alguma avaliação – mesmo que superficial –, em algumas com os movimentos 3 e 4 (cinco resenhas), outras com apenas o movimento 3 (seis resenhas), ou com apenas o movimento 4 (cinco resenhas).

Embora nossa hipótese inicial não tenha previsto um número significativo de movimentos avaliativos, destacamos a importância de os resenhistas já os terem incluído nessa primeira versão das resenhas, posto que a avaliação é o traço característico que define a identidade das resenhas como um gênero acadêmico específico, mais do que a descrição. Um texto que se limita a descrever foge ao aspecto prototípico de uma resenha.

Podemos justificar esse resultado devido à condução que o professor regente da turma deu ao ministrar as aulas sobre o gênero resenha – já trabalhando com as estratégias retóricas básicas esquematizadas por Motta-Roth e Hendges (2010) – e ao propor a atividade de retextualização.

Referente às subfunções, detalhamos, a seguir, a ocorrência e a frequência de cada uma nas resenhas analisadas.

#### *5.2.1.1 Subfunção 1 – Definindo o tópico geral do livro*

Nessa subfunção, o livro, capítulo ou artigo resenhado é apresentado ao leitor, com a citação de seu título em destaque. Além disso, a temática e a abordagem teórica da obra são indicadas, como podemos ver no trecho a seguir.

##### CÓD. A15R1

O livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, de Marcos Bagno, publicado pela Edições Loyola, tem como objetivo apresentar falas do cotidiano que são na verdade base de preconceito linguístico.

No excerto, o resenhista apresenta o título do livro, embora sem destaque tipográfico, seu autor, a editora e o objetivo da obra. No entanto, não é esclarecido para o leitor que a resenha trata apenas do primeiro capítulo do livro de Bagno. Em apenas cinco resenhas essa informação foi dada.

Ademais, é importante ressaltar que em três resenhas o título da obra não foi informado, como é o caso do trecho a seguir.

CÓD. A11R1

Marcos Araújo Bagno, nasceu em 21 de agosto de 1961 em Cataguases (MG), mas viveu em diversos Estados ao longo da vida. Depois de ter morado em Salvador, em Brasília, no Rio de Janeiro, e no Recife, transferiu-se para São Paulo em 1994. É professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, doutor em filologia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo, tradutor, escritor com diversos prêmios e mais de 30 títulos publicados entre literatura e obras técnico-didáticas.

Neste capítulo, o autor relata de oito mitos de preconceito linguístico, no qual ele evidenciou que a língua não é uma coisa estética, hoje visto que ele muda de acordo com evolução da sociedade, ou seja, ele varia de acordo com região geográfica ou estadual. Ainda o autor traz o argumento que desconstrui que os brasileiros falam todos errados.

Na resenha cujo trecho destacamos, consideramos que a *subfunção 1* não se realizou completamente, visto que seu autor, possivelmente por considerar que já era informação conhecida pelo professor que avaliaria seu texto, não apresenta o título da obra. Após trazer dados sobre Marcos Bagno – *subfunção 3* –, o resenhista inicia o parágrafo seguinte com a expressão “Neste capítulo”, sem ter, no entanto, explicitado, em seu texto, de qual livro e qual capítulo era o texto-base da resenha. Não consideramos, contudo, que essa *subfunção* esteja ausente, pois a temática do capítulo resenhado – “oito mitos de preconceito linguístico” – é apontada.

A respeito do percentual de ocorrência, essa *subfunção* teve uma frequência de 65%, ou seja, esteve presente em treze resenhas. Na tabela 1, fazemos a ressalva, por meio de um asterisco (\*), de que, dentre as ocorrências contabilizadas, existem aquelas que não realizaram a estratégia retórica de modo completo. No caso da *subfunção 1*, três resenhas, como dito.

Diante disso, ressaltamos que sete resenhistas não apresentaram de forma alguma o texto-base que seria resenhado, o que consideramos bastante problemático, uma vez que essa primeira *subfunção* é fundamental para que os leitores tomem ciência de qual obra está sendo resenhada e para que, assim, o gênero cumpra com eficiência seu propósito.

### 5.2.1.2 Subfunção 2 – Informando sobre leitores em potencial

Nessa subfunção, há a informação sobre os potenciais leitores do texto resenhado, com a indicação daqueles que mais poderão se beneficiar com a leitura da obra, como exemplifica o excerto:

CÓD. A3R1

Preconceito Linguístico é recomendado aos pesquisadores na área de linguagens e para professores e estudantes do curso de Letras e da pedagogia.

Uma resenha, em especial, chamou-nos atenção por apresentar um convite para a compra do livro de Marcos Bagno como recomendação do público-alvo, conforme pode ser observado no trecho abaixo.

CÓD. A14R1

Convido, professores, estudantes, comunidade brasileira e países da CPLP, nomeadamente: Angola, Timor Leste, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Moçambique, a comprarem este material didático. Contudo, será benéfico para esses Países.

Com relação à posição em que a *subfunção 2* apareceu nas resenhas analisadas, é importante notabilizar que, em todas as produções em que essa estratégia retórica foi utilizada, a indicação de leitores em potencial foi encontrada nos últimos parágrafos dos textos, fazendo parte de seu fechamento. Em apenas uma resenha – CÓD. A16R1 – essa subfunção aparece no início do texto, como é previsto no *move 1*. Contudo, o resenhista reitera a informação sobre potenciais leitores no último parágrafo de seu texto.

Sobre a frequência, nove resenhas apresentaram essa subunidade, perfazendo um total de 45% de ocorrências.

### 5.2.1.3 Subfunção 3 – Informando sobre o autor

Nessa subfunção, o autor da obra resenhada é apresentado, são fornecidas informações básicas, como publicações anteriores, áreas de atuação e

titulações. Trazemos, a seguir, alguns exemplos de como os resenhistas utilizaram essa estratégia retórica em seus textos.

CÓD. A11R1

Marcos Araújo Bagno, nasceu em 21 de agosto de 1961 em Cataguases (MG), mas viveu em diversos Estados ao longo da vida. Depois de ter morado em Salvador, em Brasília, no Rio de Janeiro, e no Recife, transferiu-se para São Paulo em 1994. É professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, doutor em filologia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo, tradutor, escritor com diversos prêmios e mais de 30 títulos publicados entre literatura e obras técnico-didáticas.

No trecho destacado, o resenhista apresenta dados que considerou relevantes sobre o autor da obra resenhada, tais como data e local de nascimento, cidades onde residiu, titulação e área de atuação profissional.

Em sete resenhas a *subfunção 3* apareceu intercalada com a *subfunção 1*, como observamos no seguinte exemplo, no qual o resenhista traz, em conjunto, as informações acerca da obra e de seu autor:

CÓD. A13R1

Preconceito linguístico, é um dos livros mais conhecido do tradutor, escritor e linguista Marcos Bagno. O autor vem se dedicando à investigação das implicações socioculturais do conceito de norma, sobretudo no que diz respeito ao ensino de português nas escolas brasileiras.

Nesta presente obra, o escritor relata assuntos extremamente relevantes à sociedade linguística, a relação da língua com a sociedade em todas as esferas, e especificamente como a língua reflete questões sociais em algumas regiões, comunidades, países e outros elementos que formam um núcleo social.

Na análise dessa subfunção, evidenciamos, ainda, duas ocorrências que merecem ser comentadas. A primeira trata-se de uma cópia do *site Wikipedia*, na qual o resenhista traz uma reprodução *ipsis verbis* do texto disponível no *site* e, ao final do parágrafo, indica a fonte de onde retirou o texto copiado, como vemos a seguir:

CÓD. A8R1


Marcos Bagno (Cataguases, 21 de Agosto de 1961) é um professor, doutor em filologia, linguista e escritor brasileiro. Importante intelectual e professor da Universidade de Brasília (UnB) com inúmeras publicações sobre a língua falada no país. O professor é conhecido por defender a revisão da norma-padrão do português, pela inclusão de variações linguísticas e formas orais como expressão genuína e correta do português brasileiro. Ele escreveu as seguintes obras: A invenção das horas (contos) (1988); O papel roxo da maçã (infantil) (1989); Preconceito linguístico: o que é, como se faz (1999); Norma linguística (org.) (2001); Vaganau (poesia) (2010); Sete erros aos quatro ventos: a variação no ensino de português (2013); Festa no meu jardim (infantil) (2011); O tempo escapou do relógio (infantil) (2011); As memórias de Eugênia (romance) (2011); Gramática de bolso do português brasileiro (2013); Gramática pedagógica do português brasileiro (2012); Marcéu (infantil) (2013); Gramática brasileira para hablantes de español (com Orlene L. S. Carvalho) (2015); Dicionário crítico de sociolinguística Objeto língua (2019);

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcos\\_Bagno](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcos_Bagno)

A segunda ocorrência que destacamos diz respeito a um equívoco cometido pelo resenhista. Provavelmente, o aluno entendeu que na apresentação do autor deveriam constar informações tanto do autor da obra resenhada como do resenhista. Desse modo, após apresentar dados sobre Bagno, o estudante se apresenta, informando seu nome – o qual, por questões de ética, ocultamos com uma tarja preta –, seu curso e a universidade onde estuda. Vejamos:

CÓD. A14R1

Marcos Bagno é tradutor, escritor e linguista, é Doutor em Filologia e língua Portuguesa pela universidade de São Paulo (USP). Ele é professor de Linguística do instituto de letras da Universidade de Brasília, publicou A língua Eulália: novela sociolinguística (Ed. Loyola, 2ª ed. 2000); Língua materna: letramento, variação e ensino (Parábola, ed. 2002). Além desses títulos, é autor de duas dezenas de obras literárias.

  
Estudante do curso de letras língua inglesa, na **Universidade Da Integração Internacional Afro – Brasileira (Unilab)**.

A *subfunção 3* foi a segunda mais frequente, figurando em dezenove resenhas (95%). Salientamos que três resenhas apresentaram apenas essa subunidade no *move 1*, como exemplificamos abaixo.

CÓD. A10R1

Marcos Araújo Bagno, nasceu em 21 de agosto de 1961 em Cataguases (MG), mas viveu em diversos Estados ao longo da vida. Depois de ter morado em Salvador, em Brasília, no Rio de Janeiro, e no Recife, transferiu-se para São Paulo em 1994, quando se tornou professor do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB), permaneceu na capital até o ano de 2002, ano em que voltou para Brasília, com o intuito de ser professor do Departamento Linguística da Universidade de Brasília. Atuou no Departamento Linguística, Português e Línguas Clássicas até 2009 e transferiu-se para O Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução.

Iniciou sua carreira de escritor ao receber o IV Prêmio Bienal Nestlé de Literatura pelo livro de contos *A Invenção das Horas*, em 1988. A partir desse marco vieram outras trinta obras literárias até o momento e inúmeros prêmios, incluindo "João de Barro"(literatura infantil, 1988) e "Carlos Drummond de Andrade"(poesia, 1989).

No que concerne ao primeiro tópico que trata do mito número um da língua português falada no brasil que apresenta uma unidade surpreendente, autor aborda a questão da diversidade linguística que se encontra nas escolas como também na sociedade brasileira em si. Mostra como o país é extenso, a probabilidade de variedade linguística é muito grande.

Nesse excerto, o resenhista abre o texto apresentando dados sobre o autor e, logo na sequência, inicia a sumarização do capítulo resenhado. Não há, então, nenhuma outra subfunção para a composição do *move 1* nessa resenha.

Nos casos em que constatamos esse tipo de construção, consideramos que o movimento de introduzir o livro foi apenas parcialmente desenvolvido, uma vez que informações essenciais sobre a obra resenhada, como o título, foram omitidas.

#### 5.2.1.4 Subfunção 4 – Fazendo generalizações sobre o tópico

Nessa subfunção, o resenhista apresenta informações sobre as teorias da área em que a obra resenhada se insere, bem como definições de termos-chave dos temas explorados na obra. Vejamos um exemplo:

CÓD. A16R1

A linguística é o estudo científico da linguagem humana. Ela investiga como as línguas são estruturadas, como elas são adquiridas e usadas, e como elas mudam ao longo do tempo. A linguística também explora como a linguagem é processada pelo cérebro e como ela é usada na comunicação entre as pessoas. Existem várias subáreas dentro da linguística, incluindo fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Cada uma dessas áreas aborda



diferentes aspectos da linguagem e contribui para nosso entendimento sobre como a linguagem funciona.

Nesse excerto, o resenhista considerou importante trazer aos seus leitores uma definição de Linguística, apontando o objeto de investigação dessa e algumas de suas subáreas.

Essa subfunção teve uma frequência de 30%, isto é, apareceu em seis das resenhas analisadas.

#### 5.2.1.5 Subfunção 5 – Inserindo o livro na área

Nessa subfunção, o campo disciplinar em que a obra resenhada está inserida é apontado, porém, distinto da subfunção anterior, não há generalizações sobre teorias ou temas abordados na obra, conforme apresentado no trecho abaixo.

CÓD. A3R1

A temática abordada no livro faz parte do campo da sociolinguística é o preconceito voltado aos usuários de variedades não-padrão.

Diferente do exemplo anterior, neste, o resenhista apenas apresenta a área na qual a obra se inscreve, sem, contudo, trazer definições.

Essa subfunção teve uma frequência bastante baixa. Apenas duas resenhas apresentaram essa estratégia retórica, representando 10% do total.

Feita a análise das subfunções que constituem o *move* 1, constatamos que nossa hipótese inicial de que as resenhas acadêmicas produzidas por estudantes do primeiro semestre do curso de Letras da Unilab apresentariam apenas as subfunções de definir o tópico geral do livro e de informar sobre o autor não se comprovou, pois, embora as *subfunções* 1 e 3 tenham sido, de fato, as mais frequentes e que as demais tenham apresentado uma frequência baixa, todas foram encontradas no *corpus* analisado.

### 5.2.1.6 Subfunção 6 – *Provendo uma visão geral da organização do livro*

Nessa subfunção, a organização geral da obra é descrita, com a indicação do número de partes, capítulos ou seções em que o texto resenhado se divide, como pode ser observado no excerto a seguir.

CÓD. A13R1

O livro encontra-se dividido por 4 capítulos, o capítulo 1 deste livro engloba 8 títulos que abordam detalhadamente os mitos da língua portuguesa no Brasil, que se reflete também em outros países.

Ressaltamos que apenas três resenhistas apresentaram, como no exemplo acima, a divisão tanto do livro como do capítulo resenhado. A maioria apresentou apenas a divisão do capítulo (quatro resenhas) e, em duas resenhas, encontramos unicamente a visão geral da organização do livro.

Destacamos, ainda, a seguir, uma resenha em que o resenhista apresenta a divisão do capítulo – “Dividido em oito mitos” – como se estivesse referindo-se, no entanto, ao livro como um todo.

CÓD. A9R1

Em seu livro, Bagno não impõe considerações necessárias sobre esse mau chamado preconceito. Mau esse tão permitido e propagado, por ser considerado “nada demais”, ou apenas “um toque inocente”. Dividido em oito mitos, o autor nos faz, refletir profundamente sobre o que é considerado certo ou errado na nossa língua.

Essa subfunção foi encontrada em nove resenhas, ou seja, apresentou uma frequência de 45%.

### 5.2.1.7 Subfunção 7 – *Apresentando o tópico de cada capítulo*

Nessa subfunção, cada parte, capítulo ou seção da obra resenhada é descrito e sumarizado, explorando suas características individuais com detalhamento. Vejamos o exemplo a seguir.

CÓD. A19R1

O autor, neste primeiro capítulo, introduz seu tema sintetizando mitos sobre a língua portuguesa, que por sua vez dão voz ao preconceito linguístico. Além disso, afirma que o Brasil passa por um momento de forte combate aos preconceitos, porém, em relação à língua, ainda existem graves formas de preconceitos que são veiculados pela mídia (televisão, rádio, jornais e livros didáticos, por exemplo).

O primeiro mito abordado pelo autor é “A língua portuguesa falada no Brasil” apresenta uma unidade surpreendente”. Nessa seção ele desmistifica essa ideia totalmente desconjuntada em relação à nossa língua. Afirma a não existência de uma unidade linguística no país, o que existe é uma nação que fala o mesmo idioma, mas nunca da mesma maneira. Cada lugar do país têm um jeito característico de falar o português, constatando que não devemos confundir o monolinguismo – falar apenas uma língua – com homogeneidade linguística – que seria toda a nação falar da mesma forma, com os mesmas repetições, entonações, léxicos e etc...

“Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português” é o segundo mito tratado por Bagno. O autor aborda uma questão muito compartilhada no Brasil que apenas lá em Portugal o português é bem falado/bonito; afirma que isso tem muita relação com o complexo de inferioridade dos brasileiros, essa noção de que o exemplo a ser seguido é o do continente europeu, em geral. Ademais, fala também que não existe quem fale de maneira mais bonita ou mais feia, mas que existem diferenças e diferente não é sinônimo de deficiente ou inferior.

“Português é muito difícil” é mais um mito trazido na obra que explica a inexistência de um idioma difícil, afirmando que, se isso existisse, ninguémalaria húngaro ou chinês, por exemplo. A língua materna nunca será difícil para um nativo dela, aponta o autor. A adversidade atual existente na língua é a quantidade de regras impostas pela gramática tradicional que desconsidera o uso real e vívido da língua.

O quarto mito abordado é nomeado “As pessoas sem instrução falam tudo errado”. O autor deixa bem claro que esse mito muito tem a ver com o primeiro que fala da “unidade linguística brasileira”. Ao acreditar que existe uma só maneira de falar o português, obviamente, tudo que desviar dessa norma é tido como incerto. Combinando isso com o preconceito social, resulta um grande preconceito em relação ao modo como classes sociais mais baixas ou de determinadas regiões falam, como sofre a região Nordeste, por exemplo.

“O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão” é o quinto mito desse capítulo. Nessa parte é abordada a relação desse mito com a subordinação dos brasileiros diante de Portugal. Esse mito só existe porque, no Maranhão, o pronome tu e a sua conjugação são usados corretamente: tu vais, tu queres, tu dizes, tu comias e etc. Além disso, afirma que esse mito só é difundido porque se aproxima da conjugação do português de Portugal. Entretanto, acabam por se esquecer que os maranhenses também falam frases como: esse é um livro bom para ti ler, no lugar de para tu leres, por exemplo. Comenta também sobre a insuficiência da fala de Pasquale quando aborda o português paulistano como “esquisito”.

O sexto mito da obra intitulado “O certo é falar assim porque se escreve assim” traz ideias sobre a notória diferença existente entre língua falada e língua

escrita. O autor constata que a escrita é uma tentativa de representar a fala, no entanto essa representação deixa de lado toda e qualquer variação linguística presente na fala, ou seja, a língua escrita não compõe com fidelidade a fala de todos os brasileiros. Propõe que o mais adequado no ensino da língua é ensinar aos alunos que não existe apenas uma maneira de dizer alguma palavra, exemplificando isso usa a palavra bonito, que pode ser dita como se escreve – bonito – ou “bunito”. Entretanto, na língua escrita, é necessário ter uma uniformidade e por isso se deve escrever “bonito”.

Depois, temos o mito “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” sendo sétimo desse livro. Nessa parte é abordada a subordinação da língua à gramática, o autor afirma que a realidade histórica se opôs completamente: a língua deu origem à gramática, contudo, atualmente há uma florescente tentativa de fazer com que a língua siga a gramática. Bagno também traz exemplos comprovando que a ideia que nomeia essa seção não é verdadeira explicando que escritores renomados, como Drummond, admitiram não terem boas relações com a gramática.

O oitavo e último mito desse capítulo é “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”. O autor afirma com certeza que isso é um tremendo disparate. A ascensão é uma questão que envolve diversos problemas sociais, não abrange apenas a questão da língua. Até porque de nada adianta uma pessoa dominar a norma culta e viver na extrema pobreza; aprender essa modalidade da língua não a fará “subir na vida” magicamente. E finaliza o capítulo dizendo que falar de língua é falar de política.

Na resenha em questão, há a descrição e a sumarização de cada tópico do capítulo resenhado. Os oito mitos discutidos por Bagno são explorados individualmente pelo resenhista.

Em algumas produções, porém, diferente do que temos no exemplo anterior, essa subfunção foi desenvolvida de modo parcial. Ao todo, em nove resenhas, a subfunção não se realizou completamente. O excerto abaixo é um exemplo:

#### CÓD. A14R1

De fato , a situação socioeconômica , o grau de escolarização e a origem geográfica , impossibilitam ter uma unidade surpreendente na Língua Portuguesa existente no Brasil. A variação Linguística que existe no Brasil, assim como em outros países da CPLP , é muito ampla. No entanto, “ o brasileiro sabe português , sim. O que acontece é que o nosso português é diferente do Português falado em Portugal.”[Bagno Marcos,pg. 23]

É importante também dizer, que a língua humana apresenta manifestações concretas dos sistemas de comunicação humano, desenvolvidos socialmente por comunidades linguísticas. Portanto , “ A variação é constitutiva das línguas humanas , ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existira , independentemente de qualquer ação normativa . Assim , quando se fala

em “ Língua Portuguesa ” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades.”[Bagnó Marcos ,pg.19]

Atualmente , já existe no Brasil uma gramática que contem as suas regras, como foi enfatizado pelo autor do livro:

“ Do ponto de vista linguístico , porém a língua falada no Brasil já tem uma gramática , isto é , tem regras de funcionamento \_ que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas ( os Cientistas da linguagem ) preferem usar o termo português brasileiro , por ser mais claro e marcar bem essa diferença.”[Bagnó Marcos]

Na linguística vamos encontrar alguns movimentos , tais como > o historicismo , o funcionalismo, o estruturalismo, e o gerativismo. Cada um deles com um papel muito importante para o entendimento da língua e a desconstrução da “ Mitologia do preconceito linguístico.”

É necessário que os falantes da língua portuguesa percebam que , independentemente do nível acadêmico , ou instrução que cada um recebe no seu meio social, deve respeitar o nível de língua que cada um carrega. Entretanto , concordando com as palavras do autor “todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua , no sentido do verbo saber, significa conhecer intuitivamente empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela.”[Bagnó Marcos ,pg.33]

“Está provado e comprovado que uma criança entre os 3 e 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de uma língua ! O que ela não conhece são sutilezas , sofisticções e irregularidades no uso dessas regras , coisas que só a leitura e o estudo podem lhe dar.”[Bagnó Marcos,pg.34]

“o preconceito linguístico se baséa na crença de que só existe, como vimos no Mito n\_1. Uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola – gramática – dicionário é considerada, sobe a ótica do preconceito linguístico , “errada, feia , estropiada, rudimentar , deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português .”[Bagnó Marcos, pg.38]

O autor trás um exemplo na visão preconceituosa dos fenômenos da língua , a transformação de L e R nos encontros consonantais como em: Cráudia , chicrete, praca, broco e pranta. E , segundo ele,“ é tremendamente estigmatizada e ás vezes é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim. Ora , estudando cientificamente a questão , é fácil descobrir que não estamos diante de um traço de “atraso mental” mas simplesmente, de um fenômeno fonética que contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão;

Basta olharmos para o seguinte quadro :

<b>Português Padrão</b>	<b>Etimologia</b>	<b>Origem</b>
Branco	Blank	Germanico
Escravo	Sclavu	Latim
Fraco	Flaccu	Latim
Obrigar	Obrigare	Latim

Como é fácil notar , todas as palavras do português padrão listadas acima tinham , na sua origem um L bem nítido que se transformou em R.”[ Bagnó Marcos, pg,38,39]

No trecho em destaque, percebemos que o resenhista não explora características individuais dos tópicos do capítulo. Os mitos que estão sendo abordados não são nomeados, como também não temos o detalhamento de todos. O resenhista faz declarações sobre o tema discutido, com algumas citações de Bagno, mas não traz, de fato, uma sumarização do capítulo.

Feita essa observação sobre tais construções, salientamos que essa foi a subfunção de maior frequência (100%), pois todos os estudantes pelo menos tentaram realizar a sumarização do capítulo resenhado, o que corrobora nossa hipótese inicial de que as resenhas acadêmicas produzidas por estudantes do primeiro semestre do curso de Letras da Unilab, no *move* 2, apresentariam a *subfunção* 7.

#### 5.2.1.8 Subfunção 8 – Citando material extratextual

Nessa subfunção, há menção de material adicional que não faz parte do texto principal, como gráficos, tabelas, índices e apêndices. Em virtude de o texto resenhado não apresentar tais materiais extratextuais, não houve ocorrência dessa subfunção nas resenhas aqui analisadas.

#### 5.2.1.9 Subfunção 9 – Provendo avaliação direcionada

Nessa subfunção, o resenhista apresenta comentários subjetivos sobre quais aspectos da obra são positivos ou negativos, expondo os critérios e os motivos para sustentar a avaliação, conforme vemos no exemplo abaixo.

##### CÓD. A17R1

Em síntese, “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz” é um livro importante, rico em informações, tornando-se exemplar para todos o campo da sociolinguística, apesar da sua leitura fácil e descomplicada onde leigos em linguística tem acesso e a possibilidade de compreender o objetivo da obra, o autor trata o assunto com objetividade e traz fortes reflexões, criticando explicitamente o sistema no qual é desvalorizado as inúmeras variações da linguagem brasileira, utilizando dados para induzir aos leitores a refletir sobre a situação discriminatória diante a exclusão social na qual vivemos e atribuindo a noção de que a variação não torna nenhuma região ou indivíduo inferior ou superior a outros, o livro é um excelente produto de conhecimento em tempos modernos onde por desinformação

e ignorância o preconceito linguístico passa despercebido ou é ignorado, alcançando o objetivo de estimular a luta por uma educação linguística voltada a inclusão social e a valorização da cultura linguística brasileira.

No excerto, o resenhista apresenta uma avaliação da obra, ressaltando os pontos que considerou positivos, como a riqueza de informações, a “leitura fácil e descomplicada”, o tratamento objetivo que Bagno dá ao tema, bem como as “fortes reflexões” que a leitura do livro acarreta.

Como já apontado, essa subfunção pode ocorrer em conjunto com alguma subfunção do *move* anterior. Assim sendo, o resenhista pode, por exemplo, ao sumarizar a obra, ir tecendo avaliações pontuais sobre os tópicos descritos, como feito na resenha A2R1, da qual destacamos o trecho a seguir.

CÓD. A2R1

O primeiro ponto **“A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”** debate, a forma como esse mito fixou na cultura brasileira e que até os intelectuais se enganam. E o nível da escolaridade de muitos, que é baixo, dificulta na compreensão dos anúncios, e nem todos têm o privilégio de ter acesso a Gramática. Mostra que esse mito deve ser tratado nos diferentes campos, para que as pessoas possam compreender que há diversidade linguística no Brasil.

Depois dessa discussão, nesse ponto **“Brazileiro não sabe português/ só o em Portugal se fala bem português”** é mostrada que a língua e a gramática não são a mesma coisa. É tão relevante como o autor explica a diferença entre o português de Portugal e o português do Brasil, mas principalmente por dar muitos exemplos práticos e ele ainda cita outros escritores para melhor explicar. O terceiro ponto **“O Português é muito difícil”** espelha a diferença de teoria e prática, sendo que o que se aprende nas escolas e o que é ensinado na escola, não são o que as pessoas falam na prática, esse ponto não é tão longe o primeiro ponto. Gostei e concordo com o autor quando fala que qualquer língua é fácil, por uma pessoa que nasceu e creceu onde se fala essa língua.

O ponto que fala sobre mito **“As pessoas sem instrução falam tudo errado”**, pode-se ver que o preconceito linguístico é consequência de um preconceito social, quando fala da questão da fonética.

Quinto mito **“O lugar onde se fala melhor o português no Brasil é o Maranhão”** esse é ponto mais discutido, aqui é explicado porque se fala esse mito e é apontado os erros da fala do mesmo lugar, apresenta como em outros pontos que não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor” “mais pura” “mais bonita” “mais cirreta” que outra. Tudo isso mostra que tudo não passa de um mito.

O mito **“O certo é falar assim porque se espreve assim”**, discute que em todas as línguas existe o que se chama variação, quer dizer a mesma língua pode ser falada de maneira diferente em lugares diferentes. É inteligente o jeito

que o autor aborda esse assunto mortrando como devia ser ensinada a língua nas escolas e para ele seria o justo a fazer. Gosto mais como ele trás analogias para dizer que esse pensamento é na verdade um mito.

O mito número sete “**É preciso saber a gramática para falar e escrever bem**” nesse ponto verifica-se como nos utros que a língua e a gramática são duas coisas diferentes o Bagno escreve: “não é gramática normativa que vai garantir a existencia de um padrão linguístico uniforme”.

No Ultimo ponto desse capítulo “**O domínio da norma culta é um instrumento da ascensão social**” debate a questão das pessoas que têm domínio da norma, mas que não ascedem na sociedade, também repisa na questão da desigualdade social, porque saber bem a norma, não resolve questões sociais, como violnência que aumenta no país, e questões como essa que deve ser prioridade.

É notavel que o autor pensa na língua como uma coisa que facilita a compreensão das pessoas num certo meio, i isso não tem nada a ver com vida que as pessoas levam por conta da injustiça social, ou seja, em vez de preocupar como as pessoas falam a língua o melhor é preocupar como eles vivem.

No exemplo dado, o resenhista optou por, após a descrição dos mitos, promover uma avaliação direcionada dos tópicos, apresentando um julgamento subjetivo ao longo da sumarização.

Encontramos, também, em duas resenhas, a avaliação feita de modo bastante superficial, com apenas a atribuição de adjetivos ou de locuções adjetivas para qualificar a obra, como vemos no excerto a seguir.

CÓD. A18R1

Preconceito Linguistico é um livro interessante, de grande proveito.

Referente à frequência total de ocorrências dessa subfunção, em 13 resenhas essa estratégia retórica foi utilizada pelos resenhistas, ou seja, em 65% dos textos analisados.

#### *5.2.1.10 Subfunção 10 A – Recomendando/desqualificando completamente o livro*

Nessa subfunção, há o fechamento da resenha, é o momento em que é realizada a recomendação ou a desqualificação da obra como um todo. Vejamos o exemplo:



CÓD. A7R1

Em suma, recomendo a leitura da obra de Marcos Bagno (1999) justamente por ser um material rico que propõe uma reflexão profunda sobre a nossa realidade linguística e que contribui de modo significativo na luta contra o preconceito e discriminação social.

No excerto, o resenhista conclui seu texto recomendando a leitura da obra, bem como justificando tal recomendação.

É importante ressaltar que, na maioria das resenhas analisadas (oito textos), a *subfunção 10a* apareceu interligada à subfunção de informar leitores em potencial (*sub 2*), como observamos no trecho a seguir.

CÓD. A10R1

A recomendação: É que recomendo estes livros principalmente para os docentes que estão a atuar no âmbito escolar, como os discentes de curso de letras como de pedagogia e de outras pessoas que estão atuar em diferentes areas. Tanto nas instituições ou serviço público e privados, para levarem em consideração a questão da diversidade na variedade ou diversidade linguística que podem se deparar nestes espaços para evitar ou diminuir a preconceito linguístico na sociedade.

No excerto, o resenhista recomenda a leitura da obra (*sub 10a*), ao indicar sua relevância para docentes e discentes dos cursos de Letras e Pedagogia, bem como a profissionais que atuam em diversas áreas, tanto no setor público quanto privado (*sub 2*).

Apenas em duas resenhas as recomendações da obra foram construídas em períodos distintos da informação sobre leitores em potencial, e ambas não apresentaram a *subfunção 2*.

Para mais, essa subunidade apareceu em dez das resenhas analisadas, um total de 50%.

#### 5.2.1.11 *Subfunção 10 B – Recomendando o livro apesar de indicar limitações*

Nessa subfunção, de modo similar à anterior, há o encerramento da resenha, com a recomendação da obra resenhada, porém destacando suas

deficiências. Em nossa análise, apenas uma resenha (5%) apresentou ressalvas ao recomendar a leitura da obra, como pode ser visto no trecho a seguir.

CÓD. A9R1

Preconceito linguístico é uma leitura fácil de se compreender, no entanto, o autor poderia resumir todos os mitos em apenas uma página e ainda assim, ser totalmente compreendido.

O que vi nas páginas lidas, foi repetições de um mesmo ponto de vista, escrito de formas diferentes.

Contudo, não posso menosprezar o trabalho do autor. O livro deveria sim ser recomendado e por que não dizer, que deveria ser uma leitura obrigatória em todas as áreas.

É um tapa na cara das pessoas que se auto intitulam cultos por saberem diferenciar o, “mas” e o “mais”, por exemplo.

A leitura é importante para quebrar preconceitos e nos fazer entender, que o mais importante que a gramática, é o poder de se fazer compreender.

No exemplo, o resenhista, embora avalie o texto de Bagno como “uma leitura obrigatória”, aponta o que considera ser uma falha: “repetições de um mesmo ponto de vista”.

Para mais, ao analisarmos as resenhas e seccionarmos de acordo com os *moves* e subfunções retóricas propostos por Motta-Roth (1995), observamos que três textos apresentam construções que não se encaixam em nenhum movimento prototípico. Destacamos, a seguir, um excerto que traz essa construção não prototípica, de acordo com a organização retórica do gênero.

CÓD. A4R1

Para relacionar esse capítulo com a realidade do meu país Guiné-Bissau, falamos duas línguas Crioulo e Português português por ser também uma colônia portuguesa nessa perspectiva todo mundo fala crioulo o português só se aprende na escola e a maioria não tem acesso a escola e tem grande quantidade de evasão escolar por parte das pessoas mais carenciados sem oportunidades e as vezes o português ensinado na escola não é suficiente por causa da má formação dos professores.

Esse fragmento da resenha A4R1 se trata do último parágrafo do texto e, como podemos observar, não há, no fechamento da resenha, o movimento prototípico de recomendar ou desqualificar a obra. Em substituição a esse

movimento, o resenhista estabelece uma relação entre a temática abordada na obra resenhada e a realidade de seu país.

Nos outros dois casos em que identificamos trechos que não correspondem a nenhuma estratégia retórica prototípica, as construções são similares à destacada acima, os resenhistas tecem correlações entre o tema discutido por Bagno e o contexto no qual estão inseridos.

É válido destacar, ainda, casos que evidenciam problemas de compreensão do texto-base. Vejamos o trecho a seguir.

CÓD. A9R1

O mito cinco é bastante interessante, o autor nos revela que no Maranhão se fala melhor o português que no restante do Brasil.

Nesse excerto, embora o resenhista tenha utilizado marcas próprias de um discurso reportado, o conteúdo que seria, supostamente, a fala do autor citado não condiz com o que este enuncia em seu livro. De fato, Marcos Bagno afirma exatamente o oposto do que é trazido pelo resenhista, uma vez que Bagno, na realidade, busca discutir o preconceito linguístico e rebater alguns mitos sobre a língua portuguesa, dentre os quais o de que no Maranhão se fala melhor o português, ou seja, o aluno cometeu um equívoco.

Diante disso, reforçamos a noção de que, para retextualizar, é necessário compreender o texto fonte. Entretanto, como as atividades de retextualização aconteceram em um ambiente de aprendizagem, em uma turma de alunos iniciantes, é natural que haja problemas dessa natureza nos textos.

#### *5.2.1.12 Identificação da resenha mais prototípica e da menos prototípica do corpus, nas produções feitas antes das oficinas*

Feito o detalhamento dos *moves* e das subfunções presentes nas resenhas acadêmicas, transcrevemos, a seguir, a título de ilustração, duas resenhas, a que consideramos a menos prototípica e a mais prototípica, respectivamente. Cada resenha foi segmentada em escala de cores, para identificação dos *moves* e das subfunções retóricas, de acordo com legenda.






CÓD. A20R1

A presente resenha pretende analisar primeiro descritivamente e depois criticamente, o artigo científico escrito por Marcos Bongo que possui doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, publicou A língua de Eulalia: novela sociolinguística (Ed. Contexto, 1997; em 13ª ed.); Preconceito linguístico: o que é, como se faz (Ed. Loyola, 1999; em 15ª ed.); dramática da língua portuguesa (Ed. Loyola, 2000; em 2ª ed.); português ou brasileiro? Um convite a pesquisa (Parábola Ed., 2001; em 2ª ed.); Língua materna: letramento, variação e ensino (Parábola Ed., 2002). Além desses títulos, é autor de duas dezenas de obras literárias. Recebeu em 1988 o Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira e, em 1989, o Prêmio Carlos Drummond de Andrade de Poesia, entre outros. Selecionou e traduziu os artigos reunidos em Norma linguística (Ed. Loyola, 2001). Traduziu História concisa da linguística, de Barbara Weedwood (Parábola Ed., 2002), além de dezenas de obras científicas, filosóficas e literárias de autores como Balzac, Voltaire, H. G. Wells, Sartre, Oscar Wilde, etc. Vem se dedicando à investigação das implicações socioculturais do conceito de norma, sobretudo no que diz respeito ao ensino de português nas escolas brasileiras.

O artigo em análise está dividido em oito seções. A primeira seção é destinada a introdução sobre o conceito da língua portuguesa falada no Brasil. A segunda seção apresenta o conceito de que Brasileiro não sabe português / "Só em Portugal se fala bem Português. A terceira traz a seguinte ideia de que "Português é muito difícil". A quarta seção aborda o conceito de que as pessoas sem instrução falam tudo errado. A quinta refere-se ao conceito de o lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão. A sexta seção apresenta a ideia de o certo é falar assim porque se escreve assim. A sétima seção traz a ideia de que É preciso saber gramática para falar e escrever bem. E por último autor traz a conclusão sobre o conceito de preconceito linguístico abordando ideia de que o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social. O objetivo da pesquisa é de compartilhar e discutir os conceitos da Linguística para torná-los acessíveis a um público mais amplo.

Para justificar a pesquisa o autor destaca a carência de estudo sobre a discriminação e exclusão, o autor decidiu homenagear os seus sogros que são, como costume dizer, um "prato cheio" para alguns dos preconceitos mais vigorosos da nossa sociedade negra, nordestinos, pobres, analfabetos. lutar contra as mais variadas formas de preconceito, mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica.

**LEGENDA****Move 1**

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



**Move 2**

Sub6	
Sub7	
Sub8	

**Move 3**

Sub9	
------	---

**Move 4**

Sub10 A	
Sub10 B	

No conceito teórico sobre A mitologia do preconceito linguístico o autor traz a seguinte definição de que O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem negativa que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afasta da realidade.

No primeiro subtítulo sobre o preconceito da língua portuguesa falada no Brasil livro destaca como sendo um dos principais dos mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Ele está tão arraigado em nossa cultura que até mesmo intelectuais de renome, pessoas de visão crítica e geralmente boas observadoras dos fenômenos sociais brasileiros, se deixam enganar por ele. Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização.

Continua ainda dizendo no seu segundo capítulo sobre mito Brasileiro não sabe português só em Portugal se fala bem português dizendo que essas duas opiniões tão habituais, corriqueiras, comuns e que na realidade são duas faces de uma mesma moeda enferrujada, refletem o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais civilizado.

E essa história de dizer que “brasileiro não sabe português” e que “só em Portugal se fala bem português”? Trata-se de uma grande bobagem, infelizmente transmitida de geração a geração pelo ensino tradicional da gramática na escola.












No último parágrafo da mitologia no subtítulo dois o autor faz menção sobre língua falada, as diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil são tão grandes que muitas vezes surgem dificuldades de compreensão: no vocabulário, nas construções sintáticas, no uso de certas expressões, sem mencionar, é claro, as tremendas diferenças de pronúncia no português de Portugal existem vogais e consoantes que nossos ouvidos brasileiros costumam a reconhecer, porque não fazem parte de nosso sistema fonético. E muitos estudos têm mostrado que os sistemas pronominais do português europeu e do português brasileiro são totalmente diferentes.

Dentre as resenhas produzidas antes das oficinas, a resenha A20R1 corresponde à menos prototípica, em virtude de apresentar apenas dois dos quatro movimentos retóricos prototípicos (somente os *moves 1* e *2*) e por esses serem construídos apenas de modo parcial, além de trazer declarações equivocadas sobre o conteúdo da obra de Bagno.

No movimento 1, o resenhista expõe informações sobre o autor (*sub3*), e afirma que o objeto de sua resenha é um artigo científico escrito por Marcos Bagno. Percebemos, então, que há um equívoco no reconhecimento do gênero do texto fonte da retextualização. Ademais, não há outras subfunções para a composição do primeiro movimento nessa resenha, informações essenciais sobre a obra resenhada, como o título, não foram dadas.

Em seguida, no movimento 2, o aluno tenta promover uma visão geral da organização da obra resenhada (*sub6*), no entanto, além de a divisão pretendida não corresponder às partes do capítulo, há uma série de confusões a respeito das ideias defendidas por Bagno. Ainda no *move 2*, há a tentativa de sumarização do capítulo (*sub7*). Para mais, nessa resenha não há estratégias retóricas de cunho avaliativo, ou seja, o texto se limita à descrição, em alguns pontos equivocada, da obra resenhada, o que compromete a composição do gênero em questão.

Em contrapartida, vejamos, a seguir, a resenha que julgamos ser a mais prototípica dentre as analisadas.

<p><u>CÓD. A19R1</u></p> <p>Marcos Bagno é professor na USP (Universidade de São Paulo), doutor em filologia, linguista e escritor brasileiro, que atua na área da sociolinguística e literatura infanto-juvenil, voltando-se para o ensino do português. Além disso, ele é autor de obras como “As memórias de Eugênia”, “Marcéu” e do livro em questão “Preconceito linguístico”.</p> <p>O autor, neste primeiro capítulo, introduz seu tema sintetizando mitos sobre a língua portuguesa, que por sua vez dão voz ao preconceito linguístico. Além disso, afirma que o Brasil passa por um momento de forte combate aos preconceitos, porém, em relação à língua, ainda existem graves formas de preconceitos que são veiculados pela mídia (televisão, rádio, jornais e livros didáticos, por exemplo).</p> <p>O primeiro mito abordado pelo autor é “A língua portuguesa falada no Brasil” apresenta uma unidade surpreendente”. Nessa seção ele desmistifica essa ideia totalmente desconjuntada em relação à nossa língua. Afirma a não existência de uma unidade linguística no país, o que existe é uma nação que fala o mesmo idioma, mas nunca da mesma maneira. Cada lugar do país têm um jeito característico de falar o português, constatando que não devemos confundir o monolinguismo – falar apenas uma língua – com homogeneidade linguística – que seria toda a nação falar da mesma forma, com os mesmas repetições, entonações, léxicos e etc...</p>	<p><b>LEGENDA</b></p> <p><b>Move 1</b></p> <p>Sub1 </p> <p>Sub2 </p> <p>Sub3 </p> <p>Sub4 </p> <p>Sub5 </p> <p><b>Move 2</b></p> <p>Sub6 </p> <p>Sub7 </p> <p>Sub8 </p> <p><b>Move 3</b></p> <p>Sub9 </p> <p><b>Move 4</b></p> <p>Sub10 A </p> <p>Sub10 B </p>
--	---

“Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português” é o segundo mito tratado por Bagno. O autor aborda uma questão muito compartilhada no Brasil que apenas lá em Portugal o português é bem falado/bonito; afirma que isso tem muita relação com o complexo de inferioridade dos brasileiros, essa noção de que o exemplo a ser seguido é o do continente europeu, em geral. Ademais, fala também que não existe quem fale de maneira mais bonita ou mais feia, mas que existem diferenças e diferente não é sinônimo de deficiente ou inferior.

“Português é muito difícil” é mais um mito trazido na obra que explica a inexistência de um idioma difícil, afirmando que, se isso existisse, ninguém falaria húngaro ou chinês, por exemplo. A língua materna nunca será difícil para um nativo dela, aponta o autor. A adversidade atual existente na língua é a quantidade de regras impostas pela gramática tradicional que desconsidera o uso real e vívido da língua.

O quarto mito abordado é nomeado “As pessoas sem instrução falam tudo errado”. O autor deixa bem claro que esse mito muito tem a ver com o primeiro que fala da “unidade linguística brasileira”. Ao acreditar que existe uma só maneira de falar o português, obviamente, tudo que desviar dessa norma é tido como incerto. Combinando isso com o preconceito social, resulta um grande preconceito em relação ao modo como classes sociais mais baixas ou de determinadas regiões falam, como sofre a região Nordeste, por exemplo.

“O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão” é o quinto mito desse capítulo. Nessa parte é abordada a relação desse mito com a subordinação dos brasileiros diante de Portugal. Esse mito só existe porque, no Maranhão, o pronome tu e a sua conjugação são usados corretamente: tu vais, tu queres, tu dizes, tu comias e etc. Além disso, afirma que esse mito só é difundido porque se aproxima da conjugação do português de Portugal. Entretanto, acabam por se esquecer que os maranhenses também falam frases como: esse é um livro bom para ti ler, no lugar de para tu leres, por exemplo. Comenta também sobre a insuficiência da fala de Pasquale quando aborda o português paulistano como “esquisito”.

O sexto mito da obra intitulado “O certo é falar assim porque se escreve assim” traz ideias sobre a notória diferença existente entre língua falada e língua escrita. O autor constata que a escrita é uma tentativa de representar a fala, no entanto essa representação deixa de lado toda e qualquer variação linguística presente na fala, ou seja, a língua escrita não compõe com fidelidade a fala de todos os brasileiros. Propõe que o mais adequado no ensino da língua é ensinar aos alunos que não existe apenas uma maneira de dizer alguma palavra, exemplificando isso usa a palavra bonito, que pode ser dita como se escreve – bonito – ou “bunito”. Entretanto, na língua escrita, é necessário ter uma uniformidade e por isso se deve escrever “bonito”.

Depois, temos o mito “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” sendo sétimo desse livro. Nessa parte é abordada a subordinação da língua à gramática, o autor afirma que a realidade histórica se opõe completamente: a língua deu origem à gramática, contudo, atualmente há uma florescente tentativa de fazer com que a língua siga a gramática. Bagno também traz exemplos comprovando que a ideia que nomeia essa seção não é verdadeira explicando que escritores renomados, como Drummond, admitiram não terem boas relações com a gramática.

O oitavo e último mito desse capítulo é “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”. O autor afirma com certeza que isso é um tremendo disparate. A ascensão é uma questão que envolve diversos problemas sociais, não abrange apenas a questão da língua. Até porque de nada adianta uma pessoa dominar a norma culta e viver na extrema pobreza; aprender essa modalidade da língua não a fará “subir na vida” magicamente. E finaliza o capítulo dizendo que falar de língua é falar de política.

Uma das contribuições do livro está em quando Bagno alerta, mediante uma riqueza de explicações, para este tipo de preconceito. Em geral, o preconceito linguístico é um fenômeno que não é visto, em virtude do não reconhecimento de diversas características da língua, as quais não podem ser classificadas como melhor ou pior, existentes dentro de um mesmo idioma. Um segundo ponto positivo está no fato do livro abranger uma linguagem acessível aos leitores, tornando possível a popularização do estudo aos mais diversos nativos da língua. A importância do livro se sustenta, ainda, na lacuna que havia na literatura a respeito desse tema e pela inexistência, até então, de uma abordagem acadêmica do preconceito linguístico. Uma terceira contribuição está na evidência da divisão que há entre os estudiosos de português, isto é, a existência de conflitos entre os que prestigiam o normativismo e aqueles que, afirmam que a língua é algo mais amplo do que apenas a norma culta.

Bagno defende as vítimas do preconceito linguístico, através de argumentos contra toda forma de isolamento social através da linguagem, evidenciando a necessidade da valorização de todos os diversos modos de falar. Dada a contemporaneidade e a pressa da discussão a respeito desse tema, compreendendo as discussões e as propostas da linguística e da educação, *Preconceito Linguístico* é recomendado especialmente aos pesquisadores na área de Linguagens e para professores e estudantes do curso de Letras e de Pedagogia. Considerando sua linguagem simples, fluida e a sua abordagem didática, a recomendação se expande, a todos os donos da língua que desejam uma educação linguística que se contraponha às visões tradicionalistas e preconceituosas suportadas por alguns gramáticos e por uma parte da sociedade.



Consideramos a resenha A19R1 a mais prototípica, uma vez que apresenta bem os quatro *moves* previstos no modelo de organização retórica de uma resenha acadêmica proposto por Motta-Roth (1995). No *move 1*, o resenhista apresenta informações sobre o autor e o título da obra resenhada, porém não especifica que a resenha diz respeito apenas ao capítulo um do livro; no *move 2*, sumariza o capítulo, apresentando os oito mitos discutidos por Bagno; no *move 3*, promove uma avaliação direcionada do capítulo resenhado, apontando os pontos que considerou positivos, bem como as contribuições da obra; no *move 4*, por fim, recomenda a obra e intercala uma subfunção do *move 1*, ao recomendar a leitura a um público em especial.

Com a análise, observamos que os limites das sentenças e dos parágrafos nem sempre coincidem com as fronteiras dos movimentos retóricos, assim, há construções mais complexas, nas quais uma subfunção retórica se apresenta intercalada com outra, com as informações sobrepostas, dificultando, às vezes, sua delimitação no texto.

Ademais, a ordem sequencial dos *moves* e das subfunções, como já apontado por Motta-Roth (1995), não é fixa. Notabilizamos, ainda, que os dados encontrados no *corpus* analisado na presente pesquisa sugerem uma reconfiguração no que diz respeito à subfunção de informar sobre leitores em potencial. Percebemos que, na verdade, essa estratégia retórica poderia ser deslocada para o *move 4*, visto que, em todas as ocorrências, ela apareceu em conjunto com as subfunções desse movimento. Assim sendo, com base no que já fez Bezerra (2001), propomos, por ora, a seguinte reconfiguração do padrão de organização retórica de resenhas acadêmicas:

**Figura 19 – Reconfiguração dos movimentos e subfunções retóricas em resenhas acadêmicas**

<b>Move 1</b>	<b>INTRODUZIR O LIVRO</b>
Subfunção 1	Definindo o tópico geral do livro e/ou
Subfunção 2	Informando sobre o autor e/ou
Subfunção 3	Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou
Subfunção 4	Inserindo o livro na área
<b>Move 2</b>	<b>SUMARIAR O LIVRO</b>
Subfunção 5	Provendo uma visão geral da organização do livro e/ou
Subfunção 6	Apresentando o tópico de cada capítulo e/ou
Subfunção 7	Citando material extratextual
<b>Move 3</b>	<b>DESTACAR PARTES DO LIVRO</b>
Subfunção 8	Provendo avaliação direcionada
<b>Move 4</b>	<b>PROVER UMA AVALIAÇÃO FINAL DO LIVRO</b>
Subfunção 9 A	Recomendando/desqualificando completamente o livro Ou
Subfunção 9 B	Recomendando o livro apesar de indicar limitações e/ou
Subfunção 10	Informando sobre leitores em potencial

Fonte: Adaptado de Motta-Roth (1995, p. 141) e Bezerra (2001, p. 86).

Feitas essas colocações acerca das primeiras versões das resenhas, escritas antes das oficinas, passaremos, na próxima seção, à análise das resenhas produzidas após a intervenção, a fim de verificarmos quais alterações foram operadas na atividade de reescrita.

### 5.2.2 Análise da segunda versão das resenhas – produzidas após as oficinas

A tabela a seguir apresenta os movimentos e as subfunções retóricas mais encontrados nas versões das resenhas produzidas pelos alunos após as oficinas, com suas respectivas ocorrências e frequências percentuais.

**Tabela 2 – Frequência dos movimentos e das subunidades retóricas presentes nas segundas versões das resenhas<sup>10</sup>**

<b>Moves e subfunções</b>	<b>Quantidade</b>	<b>%</b>
<b>Move 1 - Introduzir o livro</b>	<b>20*</b>	<b>100%*</b>
<i>Sub1 - Definindo o tópico geral do livro</i>	17*	85%*
<i>Sub2 - Informando sobre leitores em potencial</i>	15	75%
<i>Sub3 - Informando sobre o autor</i>	20	100%
<i>Sub4 - Fazendo generalizações sobre o tópico</i>	6	30%
<i>Sub5 - Inserindo o livro na área</i>	3	15%
<b>Move 2 - Sumariar o livro</b>	<b>20*</b>	<b>100%*</b>
<i>Sub6 - Provendo uma visão geral da organização do livro</i>	11	55%
<i>Sub7 - Apresentando o tópico de cada capítulo</i>	20*	100%*
<i>Sub8 - Citando material extratextual</i>	0	0%
<b>Move 3 - Destacar partes do livro</b>	<b>12</b>	<b>60%</b>
<i>Sub9 - Provendo avaliação direcionada</i>	12	60%
<b>Move 4 - Prover uma avaliação final do livro</b>	<b>16</b>	<b>80%</b>
<i>Sub10 A - Recomendando/desqualificando completamente o livro</i>	14	70%
<i>Sub10 B - Recomendando o livro apesar de indicar limitações</i>	2	10%

Fonte: Autoria nossa (2024).

<sup>10</sup> Os asteriscos (\*) presentes na tabela representam que contabilizamos, também, as ocorrências em que os *moves* ou as subfunções foram desenvolvidas apenas parcialmente, como poderá ser visto nas análises.

Como já mencionado, a estrutura retórica de uma resenha acadêmica bem desenvolvida deve conter movimentos retóricos tanto descritivos como avaliativos. Conforme a organização proposta por Motta-Roth (1995), os dois movimentos iniciais possuem um cunho descritivo, enquanto os dois últimos têm uma função avaliativa. Com base nos quatro movimentos retóricos estabelecidos nesse modelo, nota-se que os movimentos de *introduzir* e *resumir o livro* foram os mais predominantes nas segundas versões das produções dos alunos, ambos com uma frequência de 100%. Os movimentos de *destacar partes do livro* e *fornecer uma avaliação final* foram identificados em 60% e 80% das resenhas, respectivamente.

Assim sendo, na reescrita das resenhas, a descrição permaneceu destacando-se como o traço mais proeminente. No entanto, apenas uma resenha não apresentou nenhum movimento de cunho avaliativo (CÓD. A13R2). Na maioria das resenhas – 95% –, os resenhistas expressaram alguma forma de avaliação: nove resenhas apresentaram os *moves* 3 e 4, três apenas o *move* 3 e sete somente o *move* 4.

Ressaltamos que os *moves* descritivos exigem menos esforço cognitivo por parte do resenhista do que os de cunho avaliativo. A vista disso, percebemos que a subfunção de *recomendar (ou não) o livro*, por exemplo, mostrou-se menos frequente do que a de *informar sobre o autor*. Isso ocorre, provavelmente, porque a informação sobre o autor pode ser facilmente obtida em fontes como a *Wikipédia*, enquanto recomendar um livro exige uma análise crítica e uma opinião pessoal sobre a obra. Essa diferença pode evidenciar a falta de prática leitora entre os alunos que atualmente ingressam em licenciaturas no Ensino Superior, sugerindo que muitos deles ainda não desenvolveram as habilidades necessárias para uma reflexão mais profunda sobre os textos que estudam.

A seguir, fornecemos uma descrição detalhada das subunidades que compõem cada *move*, acompanhada de excertos para ilustrar e comentar cada uma delas. É válido ressaltar que esses excertos correspondem aos trechos que foram destacados na análise das resenhas produzidas antes das oficinas, agora em suas versões reescritas, após as oficinas.

### 5.2.2.1 Subfunção 1 – Definindo o tópico geral do livro

Nas versões escritas após as oficinas, a subfunção de apresentar ao leitor o livro, capítulo ou artigo resenhado esteve presente em dezessete resenhas, ou seja, apresentou uma frequência percentual de 85%. No entanto, em apenas oito foi esclarecido para o leitor que a resenha se tratava apenas do primeiro capítulo do livro de Bagno.

Trazemos, a seguir, a título de exemplo, um trecho da versão rescrita da resenha A15R1.

#### CÓD. A15R2

O livro *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*, publicado pela Edições Loyola, tem como objetivo apresentar falas do cotidiano que são na verdade base de preconceito linguístico. Marcos Bagno, professor, escritor, linguista e doutor em filosofia formado pela Universidade de São Paulo (USP), tem como tema recorrente o ensino de português no Brasil, como em seu livro *Gramática de bolso do português brasileiro de 2013* e *Gramática pedagógica do português brasileiro de 2012*.

Do mesmo modo que em sua versão anterior, a resenha A15R2 apresenta, em seu primeiro parágrafo, a obra resenhada: o título do livro – agora com destaque tipográfico –, a editora e o objetivo da obra. Contudo, permaneceu omitida a informação de que a resenha aborda exclusivamente o primeiro capítulo do livro de Bagno. Ademais, nesse parágrafo inicial, foi acrescentada a *subfunção 3*, com informações sobre o autor do texto resenhado. Na versão anterior, o nome do autor era apenas citado, sem mais detalhes.

A respeito das resenhas nas quais, por não informarem o título da obra resenhada, consideramos que a *subfunção 1* não se realizou completamente, em duas resenhas não foi explicitado de qual livro e qual capítulo era o texto-base da resenha. Portanto, essa informação foi acrescentada na reescrita de algumas resenhas, como é o caso da segunda versão da resenha A11R1, na qual o resenhista adicionou o título do capítulo resenhado:

CÓD. A11R2

Marcos Araújo Bagno nasceu em 21 de agosto de 1961 em Cataguases, é professor do departamento de línguas estrangeiras e tradução da Universidade de Brasília, doutor em filosofia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo, tradutor, escritor com diversos prêmios e vários títulos publicados entre literatura e obras técnico-didáticos. Deu grandes contribuições no ensino brasileiro.

Neste capítulo, "**mitologia do preconceito linguístico**" o autor relata sobre oito mitos, no qual falou que a língua não é uma coisa estático, ela muda de acordo com a evolução da sociedade, ou seja, ele varia de acordo com região geográfica ou estadual. Ainda o autor traz os argumentos que mostra que os brasileiros não falam todos errados.

Para mais, houve redução também no número de resenhas que não apresentaram a subfunção de definir o tópico geral do livro, apenas três resenhistas não informaram de forma alguma o texto-base que seria resenhado.

#### 5.2.2.2 Subfunção 2 – Informando sobre leitores em potencial

A subfunção de informar sobre os potenciais leitores do texto resenhado esteve presente em 15 resenhas reescritas, perfazendo um total de 75% de ocorrências.

A seguir, apresentamos, como exemplo, um trecho da segunda versão da resenha A3R1.

CÓD. A3R2

Em geral, o livro de Marcos Bagno Preconceito Linguístico, é uma leitura essencial para quem busca entender preconceito linguístico e as suas implicações na sociedade Brasileira, pós ela traz uma mensagem importante sobre a necessidade de respeitar e valorizar todas as formas de expressão linguística. Um ponto positivo está no fato de o livro apresentar uma linguagem acessível a qualquer leitor, tornando possível a popularização do estudo aos mais diversos falantes da língua. Portanto, Preconceito Linguístico é uma obra recomendável para pesquisadores da área de letras, literatura e para professores bem como estudantes desta área do conhecimento e da pedagogia.

É válido destacar que, nessa versão reescrita, além de indicar aqueles que mais poderão se beneficiar com a leitura da obra, o resenhista acrescentou justificativa para essa indicação de leitores em potencial.

Acerca da resenha A14R1, que apresentou, na versão escrita antes das oficinas, um convite para a compra do livro de Marcos Bagno como recomendação do público-alvo, notabilizamos importantes alterações na reescrita:

CÓD. A14R2

Convido professores , estudantes , comunidade brasileira e países da CPLP, nomeadamente: Angola, Timor Leste , São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Moçambique, a lerem este material didático.

Na segunda versão da resenha, houve a substituição do verbo *comprar* pelo verbo *ler*, realizando-se, agora, um convite para a leitura da obra e não mais para a compra. Além disso, foi retirado o último período do parágrafo, que, devido a uma conjunção empregada de modo equivocado, continha uma contradição.

Quanto à posição da *subfunção 2* nas resenhas analisadas, é relevante destacar que, na reescrita, em todos os textos em que essa estratégia retórica foi empregada, a indicação de potenciais leitores permaneceu nos parágrafos finais, como parte do encerramento da resenha.

*5.2.2.3 Subfunção 3 – Informando sobre o autor*

A subfunção de informar sobre o autor da obra resenhada esteve presente em todas as versões reescritas (20 resenhas), totalizando 100% de ocorrências. Exemplificamos com um trecho da segunda versão da resenha A11R1:

CÓD. A11R2

Marcos Araújo Bagno nasceu em 21 de agosto de 1961 em Cataguases, é professor do departamento de línguas estrangeiras e tradução da Universidade de Brasília, doutor em filosofia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo, tradutor, escritor com diversos prêmios e vários títulos publicados entre literatura e obras técnico-didáticos. Deu grandes contribuições no ensino brasileiro.

Evidenciamos que, na reescrita, o resenhista suprimiu informações mais irrelevantes – como as cidades onde Bagno residiu –, bem como acrescentou que o autor da obra resenhada “deu grandes contribuições para o ensino brasileiro”.

Em sete resenhas, a *subfunção 3* permaneceu intercalada com a *subfunção 1*, como demonstrado no seguinte exemplo, no qual o resenhista apresenta, simultaneamente, as informações sobre a obra e seu autor.

CÓD. A13R2

Preconceito linguístico, é um dos livros mais conhecido de Marcos Bagno, doutor em filosofia, linguista e escritor brasileiro. É professor na universidade de Brasília (UNB), tem inúmeras publicações sobre a língua falada no país, e é muito conhecido por defender a revisão da norma padrão do português. O autor vem se dedicando à investigação das implicações socioculturais do conceito de norma, sobretudo no que diz respeito ao ensino de português nas escolas brasileiras.

Nesta presente obra, o escritor relata assuntos extremamente relevantes à sociedade linguística, a relação da língua com a sociedade em todas as esferas, e especificamente como a língua reflete questões sociais

Na segunda versão, o resenhista acrescentou informações pertinentes sobre Marcos Bagno – áreas de atuação e titulações –, dando mais profundidade à estratégia retórica de informar sobre o autor.

Referente às duas ocorrências destacadas na análise desta subfunção antes da realização das oficinas (A8R1 e A14R1), identificamos significativas alterações nas versões reescritas. Vejamos a primeira:

CÓD. A8R2

O autor desta obra, ou seja, Marcos Bagno é um professor, doutor em filosofia, linguista e escritor brasileiro. Ele é conhecido por defender a revisão da norma-padrão do português. O mesmo escreveu várias obras, entre elas: Preconceito linguístico: o que é, como se faz (1999); Norma linguística (org.) (2001); Vaganau (poesia) (2010); Sete erros aos quatro ventos: a variação no ensino de português (2013); Gramática de bolso do português brasileiro (2013); Gramática pedagógica do português brasileiro (2012); Dicionário crítico de sociolinguística (2017); Objeto língua (2019).

Na primeira versão da resenha, o resenhista havia feito uma reprodução integral do texto disponível no *site Wikipedia* e, ao final do parágrafo, indicado a fonte da qual retirou o texto copiado. Na reescrita, o texto presente na primeira versão foi sintetizado e a fonte do site de pesquisas foi retirada.

A segunda ocorrência referia-se a um equívoco cometido pelo resenhista A14, que aparentemente interpretou que, na *subfunção 3*, deveria incluir informações



tanto sobre o autor da obra resenhada quanto sobre o próprio resenhista. Na segunda versão da resenha, porém, as informações sobre o resenhista – nome, curso e a universidade onde estuda – foram removidas, conforme excerto a seguir:

CÓD. A14R2

Marcos Bagno é tradutor , escritor e linguista , é Doutor em Filologia e língua Portuguesa pela universidade de São Paulo (USP). Ele é professor de Linguística do instituto de letras da Universidade de Brasília, publicou A língua Eulália: novela sociolinguística ( Ed. Loyola ,2ª ed. 2000); Língua materna : letramento, variação e ensino ( Parábola ,ed. 2002). Além desses títulos , é autor de duas dezenas de obras literárias.

O livro apresenta uma crítica ao preconceito linguístico , representada pela mitologia do português.

Salientamos, ainda, que das três resenhas que apresentaram, em suas primeiras versões, apenas a *subunidade 3 no move 1*, apenas uma – A12R2 – permaneceu apresentando, na versão reescrita, somente informações sobre o autor do texto no movimento de introduzir o livro. Assim sendo, as demais acrescentaram alguma estratégia retórica para compor o movimento inicial da resenha, como exemplificamos abaixo:

CÓD. A10R2

Marcos Araújo Bagno, nasceu em 21 de agosto de 1961 em Cataguases (MG), mas viveu em diversos Estados ao longo da vida. Depois de ter morado em Salvador, em Brasília, no Rio de Janeiro, e no Recife, transferiu-se para São Paulo em 1994, quando se tornou professor do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB), permaneceu na capital até o ano de 2002, ano em que voltou para Brasília, com o intuito de ser professor do Departamento Linguística da Universidade de Brasília. Atuou no Departamento Linguística, Português e Línguas Clássicas até 2009 e transferiu-se para o Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução.

Iniciou sua carreira de escritor ao receber o IV Prêmio Bienal Nestlé de Literatura pelo livro de contos A Invenção das Horas, em 1988. A partir desse marco vieram outras trinta obras literárias até o momento e inúmeros prêmios, incluindo "João de Barro"(literatura infantil, 1988) e "Carlos Drummond de Andrade"(poesia, 1989).

No primeiro capítulo de de Marcos Bagno introduz oito mitos envolvendo língua que fortalece o preconceito linguísticos, falado no brasil que apresenta uma unidade surpreendente, autor aborda a questão da diversidade linguística que se encontra nas escolas como também na sociedade brasileira em si. Mostra como o país é extenso a probabilidade de variedade linguística é muito grande.

Na segunda versão, além das informações sobre o autor Marcos Bagno, há uma apresentação parcial da obra resenhada, *subfunção 1*. O resenhista acrescentou a temática abordada no texto e o capítulo a ser resenhado, sem, contudo, nomear o texto-base da resenha.

No caso em que o resenhista inicia o texto fornecendo informações sobre o autor e, em seguida, sumariza o capítulo resenhado (*move 2*), sem nenhuma outra subfunção para a composição do *move 1*, consideramos que o movimento de introduzir o livro foi apenas parcialmente desenvolvido, pois informações essenciais sobre a obra resenhada foram omitidas.

#### 5.2.2.4 Subfunção 4 – Fazendo generalizações sobre o tópico

A subfunção de fornecer detalhes sobre as teorias e definições dos termos-chave explorados na obra ocorreu em 30% das resenhas, ou seja, foi encontrada em seis resenhas reescritas. Para ilustrar, trazemos, abaixo, o trecho da segunda versão da resenha A16R1.

##### CÓD. A16R2

A linguística é o estudo científico da linguagem humana. Ela investiga como as línguas são estruturadas, como elas são adquiridas e usadas, e como elas mudam ao longo do tempo. A linguística também explica como a linguagem é processada pelo cérebro e como ela é usada na comunicação entre as pessoas. Existem várias subáreas dentro da linguística, incluindo fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Cada uma dessas áreas aborda diferentes aspectos da linguagem e contribui para nosso entendimento sobre como a linguagem funciona.

Na versão reescrita, salvo a troca do verbo *explorar* por *explicar*, no terceiro período do parágrafo em destaque, o texto permaneceu praticamente inalterado.

#### 5.2.2.5 Subfunção 5 – Inserindo o livro na área

Nas versões reescritas, a subfunção de indicar o campo disciplinar em que a obra resenhada está inserida esteve presente em três resenhas, o que equivale a 15% do total.

A seguir, apresentamos, como exemplo, um excerto da segunda versão da resenha A3R1.

CÓD. A3R2

A temática abordada no livro faz parte do campo da sociolinguística que é o preconceito voltado aos usuários de variedades linguísticas não padrão.

A versão reescrita, afora a adição de uma palavra que estava faltando no texto anterior (o pronome relativo *que*), não mostrou grandes alterações.

*5.2.2.6 Subfunção 6 – Provendo uma visão geral da organização do livro*

A subfunção de descrever a organização geral da obra resenhada foi identificada em onze resenhas reescritas, o que representa uma frequência de 55%. A seguir, apresentamos um trecho da versão reescrita da resenha A13R1, a título de exemplo.

CÓD. A13R2

O livro encontra-se dividido em 4 capítulos. O capítulo 1 deste livro engloba 8 títulos que abordam detalhadamente os mitos da língua portuguesa no Brasil.

A alteração realizada na versão reescrita foi apenas a divisão do parágrafo em dois períodos. No excerto, o resenhista apresenta, agora em períodos distintos, a divisão tanto do livro quanto do capítulo resenhado.

Dentre as segundas versões das resenhas, quatro resenhistas, assim como no exemplo anterior, incluíram a divisão tanto do livro quanto do capítulo resenhado, sete apresentaram apenas a divisão do capítulo e nenhuma resenha apresentou unicamente a organização do livro.

Com relação à resenha que apresentou, em sua primeira versão, a divisão do capítulo como se estivesse referindo-se ao livro como um todo (CÓD. A9R1), a versão reescrita permaneceu com a mesma divisão equivocada, conforme excerto abaixo:

CÓD. A9R2

Em seu livro, Bagno nos impõe considerações necessárias sobre esse mau chamado preconceito. Mau esse tão permitido e propagado, por ser considerado “nada demais”, ou apenas “um toque inocente”. Dividido em oito mitos, o autor nos faz, refletir profundamente sobre o que é considerado certo ou errado na nossa língua.

Na segunda versão, do mesmo modo que na versão anterior, o resenhista menciona a divisão do capítulo – “Dividido em oito mitos” – como se tratasse, no entanto, do livro de forma abrangente.

*5.2.2.7 Subfunção 7 – Apresentando o tópico de cada capítulo*

A subfunção de descrever e sumarizar cada parte, capítulo ou seção da obra resenhada atingiu 100% de frequência, uma vez que todos os estudantes buscaram realizar a sumarização do capítulo resenhado.

A seguir, apresentamos um trecho da versão reescrita da resenha A19R1, a título de exemplo:

CÓD. A19R2

O autor, neste primeiro capítulo, introduz seu tema sintetizando mitos sobre a língua portuguesa, que por sua vez dão voz ao preconceito linguístico. Além disso, afirma que o Brasil passa por um momento de forte combate aos preconceitos, porém, em relação à língua, ainda existem graves formas de preconceitos que são veiculados pela mídia (televisão, rádio, jornais e livros didáticos, por exemplo).

O primeiro mito abordado pelo autor é “A língua portuguesa falada no Brasil” apresenta uma unidade surpreendente”. Nessa seção ele desmistifica essa ideia totalmente desconjuntada em relação à nossa língua. Afirma a não existência de uma unidade linguística no país, o que existe é uma nação que fala o mesmo idioma, mas nunca da mesma maneira. Cada lugar do país têm um jeito característico de falar o português, constatando que não devemos confundir o monolinguismo – falar apenas uma língua – com homogeneidade linguística – que seria toda a nação falar da mesma forma, com os mesmas repetições, entonações, léxicos e etc...

“Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português” é o segundo mito tratado por Bagno. O autor aborda uma questão muito difundida no Brasil que apenas lá em Portugal o português é bem falado/bonito; afirma que isso tem muita relação com o complexo de inferioridade dos brasileiros, essa noção de que o exemplo a ser seguido é o do continente europeu, em geral. Ademais, fala também que não existe quem fale de maneira mais bonita ou mais feia, mas

que existem diferenças e diferente não é sinônimo de deficiente ou inferior.

“Português é muito difícil” é o terceiro mito trazido na obra que explica a inexistência de um idioma difícil, afirmando que, se isso existisse, ninguémalaria húngaro ou chinês, por exemplo. A língua materna nunca será difícil para um nativo dela, aponta o autor. A adversidade atual existente na língua é a quantidade de regras impostas pela gramática tradicional que desconsidera o uso real e vivo da língua. BAGNO (2007, p.33) “Por isso achamos que ‘português é uma língua difícil’: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós.

O quarto mito abordado é nomeado “As pessoas sem instrução falam tudo errado”. O autor deixa bem claro que esse mito muito tem a ver com o primeiro que fala da “unidade linguística brasileira”. Ao acreditar que existe uma só maneira de falar o português, obviamente, tudo que desviar dessa norma é tido como incerto. Combinando isso com o preconceito social, resulta um grande preconceito em relação ao modo como classes sociais mais baixas ou de determinadas regiões falam, como sofre a região Nordeste, por exemplo.

“O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão” é o quinto mito desse capítulo. Nessa parte é abordada a relação desse mito com a subordinação dos brasileiros diante de Portugal. Esse mito só existe porque, no Maranhão, o pronome tu e a sua conjugação são usados corretamente: tu vais, tu queres, tu dizes, tu comias e etc. Além disso, afirma que esse mito só é difundido porque se aproxima da conjugação do português de Portugal. Entretanto, acabam por se esquecer que os maranhenses também falam frases como: esse é um livro bom para ti ler, no lugar de para tu leres, por exemplo. Comenta também sobre a insuficiência da fala de Pasquale quando aborda o português paulistano como “esquisito”.

O sexto mito da obra intitulado “O certo é falar assim porque se escreve assim” traz ideias sobre a notória diferença existente entre língua falada e língua escrita. O autor constata que a escrita é uma tentativa de representar a fala, no entanto essa representação deixa de lado toda e qualquer variação linguística presente na fala, ou seja, a língua escrita não compõe com fidelidade a fala de todos os brasileiros. Propõe que o mais adequado no ensino da língua é ensinar aos alunos que não existe apenas uma maneira de dizer alguma palavra, exemplificando isso usa a palavra bonito, que pode ser dita como se escreve – bonito – ou “bunito”. Entretanto, na língua escrita, é necessário ter uma uniformidade e por isso se deve escrever “bonito”.

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das [pg. 52] forças internas que governam o idioma. (BAGNO, 2007, p.48)

Depois, temos o mito “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” sendo sétimo desse livro. Nessa parte é abordada a subordinação da língua à gramática, o autor afirma que a realidade histórica se opôs completamente: a língua deu origem à gramática, contudo, atualmente há uma florescente tentativa de fazer com que a língua siga a gramática. Bagno também traz exemplos comprovando que a ideia que nomeia essa seção não é verdadeira explicando que escritores renomados, como Drummond, admitiram não terem boas relações com a gramática.

O oitavo e último mito desse capítulo é “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”. O autor afirma com certeza que isso é um

tremendo disparate. A ascensão é uma questão que envolve diversos problemas sociais, não abrange apenas a questão da língua. Até porque de nada adianta uma pessoa dominar a norma culta e viver na extrema pobreza; aprender essa modalidade da língua não a fará “subir na vida” magicamente. E finaliza o capítulo dizendo que falar de língua é falar de política.

[...] em nenhum momento esta reflexão política pode estar ausente de nossas posturas teóricas e de nossas atitudes práticas de cidadão, de professor e de cientista. Do contrário, estaremos apenas contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito lingüístico e do irmão gêmeo dele, o círculo vicioso da injustiça social (BAGNO, 2007, p.66-67)

Notabilizamos que, para aprimorar a descrição do capítulo resenhado, que, em sua primeira versão, já detalhava individualmente cada mito apontado por Bagno, o resenhista adicionou, na versão reescrita, citações diretas do texto-base da resenha.

No tocante às resenhas em que esta subfunção foi desenvolvida de modo parcial, contabilizamos, nas versões reescritas, três produções nas quais a subunidade não se realizou completamente. Assim sendo, após a realização das oficinas, houve uma diminuição no número de resenhas que não detalhavam o capítulo do livro de modo completo.

Vejamos, a seguir, a versão reescrita da resenha A14R1, que, em sua primeira versão, apresentava desenvolvimento parcial da *subfunção 7*.

#### CÓD. A14R2

A língua Portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente.

Segundo o autor, esse mito é muito prejudicial a educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, o grau de escolarização, etc. (1999,p.15)

De fato, a situação socioeconômica, o grau de escolarização e a origem geográfica, impossibilitam ter uma unidade surpreendente na Língua Portuguesa existente no Brasil, devido a variação Linguística.

O brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português.

É importante dizer que o brasileiro sabe falar português, “O que acontece é que o nosso português é diferente do Português falado em Portugal.” Bagno (1999,p. 23)

A língua humana apresenta manifestações concretas dos sistemas de comunicação humano, desenvolvidos socialmente por comunidades linguísticas. E de acordo com o autor “A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá,

independentemente de qualquer ação normativa . Assim , quando se fala em “ Língua Portuguesa ” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades.”(1999,p.19 )

Português é muito difícil.

Esta mitologia é muito notável no nosso dia a dia e atualmente muita gente ainda pensa assim. “Ora, não é a “língua” que tem armadilhas, mas sim a gramática normativa tradicional, que as inventa precisamente para justificar sua existência, e para nos convencer de que ela é indispensável .”Bagnó (1999,p.37)

E por outra, “ Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua , no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de um funcionamento dela.”Bagnó (1999,p.33)

É necessário que os falantes da língua portuguesa percebam que , independentemente do nível acadêmico , ou instrução que cada um recebe no seu meio social, devem respeitar o nível de língua de cada um.

“Está provado e comprovado que uma criança entre os 3 e 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de uma língua ! O que ela não conhece são sutilezas , sofisticções e irregularidades no uso dessas regras , coisas que só a leitura e o estudo podem lhe dar.”Bagnó (1999,p.33)

As pessoas sem instrução falam tudo errado.

Este preconceito linguístico “ [...] se baseia na crença de que só existe, [...], Uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola – gramática – dicionário é considerada, sobe a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia , estropiada, rudimentar , deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português .”Bagnó ( 1999, p.38)

O autor trás um exemplo na visão preconceituosa dos fenômenos da língua , a transformação de L e R nos encontros consonantais como em: Cráudia , chicrete, praca, broco e pranta. “Ora , estudando cientificamente a questão , é fácil descobrir que não estamos diante de um traço de “atraso mental” mas simplesmente, de um fenômeno fonético que contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão :

<b>Português Padrão</b>	<b>Etimologia</b>	<b>Origem</b>
Branco	Blank	Germanico
Escravo	Sclavu	Latim
Fraco	Flaccu	Latim
Obrigiar	Obrigare	Latim

Como é fácil notar , todas as palavras do português padrão listadas acima tinham , na sua origem um L bem nítido que se transformou em R.”Bagnó (1999,p.38,39)

O lugar onde melhor se fala o português no Brasil é o Maranhão.

Neste mito “ Acontece, porém , que os defensores desse mito não se dão conta de que , ao utilizarem o critério prescritivista de correção para sustenta – lo, se esquecem de que os mesmos maranhenses que dizem tu és,tu vais,tu foste, tu quiseste, também dizem : Esse é um bom livro para ti ler, em vez da

forma “correta”, Esse é um bom livro para tu leres.” Bagno (1999,p.44)

O certo é falar assim porque se escreve assim.

Estando “Diante de uma tabuleta escrita COLÉGIO é provável que um pernambucano, lendo-a em voz alta, da Colégio, que um carioca diga Culégio, que um paulistano diga Côleio. E agora ? Quem esta certo? Ora, todos estão igualmente certos. O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é , nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico.” Bagno (1999,p.48)

Então, “Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que pode dizer Bunito ou Bonito, mais que só pode escrever Bonito, porque é necessário uma ortografia única para toda língua.” Bagno (1999,p.49)

É preciso saber gramática para falar e escrever bem.

De acordo com o autor “ Esse mito está ligado à milenar confusão que se faz entre língua e gramática normativa.” (1999,p.61)

“Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande força de água parada, [...]. E enquanto a água do rio / língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renova quando vier a próxima cheia.” Bagno (1999,p.61)

O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.

Este mito vem fechar o circuito mitológico e “ É muito comum encontrar pessoas muito bem intencionadas que dizem que a norma padrão conservadora, tradicional, literária, clássica é que tem de ser mesmo ensinada nas escolas porque ela é um “instrumento de ascensão social.” Bagno(1999,p.64)

De acordo com o autor o domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha todos os dentes , que não tenha casa decente para morar, água encanada, luz elétrica e rede de esgoto.

Portanto, “O domínio da norma culta de nada vai servir a uma pessoa que não tenha acesso às tecnologias modernas, aos avanços da medicina, aos empregos bem remunerados , à participação ativa e consciente nas decisões políticas que afetam sua vida e de seus conterrâneos.” Bagno( 1999,p.65)

Na segunda versão, o resenhista passou a explorar as características individuais dos tópicos do capítulo, apresentando, agora, uma sumarização da obra resenhada. Embora o texto ainda apresente alguns equívocos sobre a fala de Bagno, os oito mitos discutidos no capítulo resenhado foram nomeados e abordados individualmente, a grande maioria através de citações do texto fonte.

Desse modo, o resenhista, que, na primeira versão da resenha, desenvolveu apenas parcialmente a *subfunção 7*, apresentou, na reescrita, um maior domínio dessa subunidade descritiva.



#### 5.2.2.8 Subfunção 8 – Citando material extratextual

Nessa subfunção, é feita referência a materiais adicionais que não estão incluídos no texto principal, como gráficos, tabelas, índices e apêndices. Como o texto-base da resenha não inclui esses materiais extratextuais, não foi identificada a presença dessa subfunção nas resenhas analisadas.

#### 5.2.2.9 Subfunção 9 – Provendo avaliação direcionada

A subfunção de emitir comentários avaliativos sobre os aspectos positivos ou negativos da obra foi utilizada em 12 versões reescritas das resenhas, ou seja, em 60% dos textos analisados. Segue um exceto da segunda versão da resenha A17R1, como exemplo:

##### CÓD. A17R2

Em síntese, “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz” traz um capítulo importante, rico em informações, tornando-se exemplar para todos o campo da sociolinguística, apesar da sua leitura fácil e descomplicada, onde leigos em linguística tem acesso e a possibilidade de compreender o objetivo da obra. O autor trata o assunto com objetividade e traz fortes reflexões, criticando explicitamente o sistema no qual é desvalorizado as inúmeras variações da linguagem brasileira, utilizando dados para induzir aos leitores a refletir sobre a situação discriminatória diante a exclusão social na qual vivemos e atribuindo a noção de que a variação não torna nenhuma região ou indivíduo inferior ou superior a outros. A obra é um excelente produto de conhecimento em tempos modernos, onde por desinformação e ignorância o preconceito linguístico passa despercebido ou é ignorado, alcançando o objetivo de estimular a luta por uma educação linguística voltada a inclusão social e a valorização da cultura linguística brasileira.

Na versão reescrita, houve a substituição da palavra *livro* por *capítulo*, indicando, assim, que a avaliação é direcionada ao capítulo resenhado e não ao livro como um todo.

Como já mencionado, essa subunidade pode se realizar em conjunto com alguma subfunção do *move* 2. Portanto, o resenhista tem a possibilidade de, ao resumir a obra, fazer avaliações específicas sobre os tópicos descritos, tal como foi realizado na resenha A2R1, a qual não apresentou alterações na reescrita, conforme trecho em destaque:

## CÓD. A2R2

O primeiro capítulo denominado “Mitologia do preconceito linguístico”, fala sobre preconceitos que pessoas usam para com a língua portuguesa, entre o seu ensino e sua prática no cotidiano, que são duas coisas diferentes, pode ver muitos exemplos sobre essa diferença nesse capítulo. O capítulo apresenta críticas aos autores da gramática e não só, ao estado, no que tem haver a ensino da língua, que é uma injustiça, pois, isso não vai mudar a desigualdade social no Brasil. Esse capítulo, divide-se em oito pontos, ou seja, em oito (8) mitos.

O primeiro ponto “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” debate, a forma como esse mito fixou na cultura brasileira e que até os intelectuais se enganam. E o nível da escolaridade de muitos, que é baixo, dificulta na compreensão dos anúncios, e nem todos têm o privilégio de ter acesso a Gramática. Mostra que esse mito deve ser tratado nos diferentes campos, para que as pessoas possam compreender que há diversidade linguística no Brasil.

Depois dessa discussão, nesse ponto “Brazileiro não sabe português/ só o em Portugal se fala bem português” é mostrada que a língua e a gramática não é a mesma coisa. É tão relevante como o autor explica a diferença entre o português de Portugal e o português do Brasil, mas principalmente por dar muitos exemplos práticos e ele ainda cita outros escritores para melhor explicar.

O terceiro ponto “O Português é muito difícil” espelha a diferença de teoria e prática, sendo que o que se aprende nas escolas e o que é ensinado na escola, não são o que as pessoas falam na prática, esse ponto não é tão longe o primeiro ponto. Gostei e concordo com o autor quando fala que qualquer língua é fácil, por uma pessoa que nasceu e creceu onde se fala essa língua.

No ponto que fala sobre mito “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, pode-se ver que o preconceito linguístico é consequência de um preconceito social, quando fala da questão da fonética:

Se dizer Cráudia, praca, pranta é considerado “errado”, e, por outro lado, dizer frouxo, escravo, branco, praga é considerado “certo”, isso se deve simplesmente a uma questão que não é lingüística, mas social e política — as pessoas que dizem Cráudia, praca, pranta pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola. (Bago, 2007. p.42).

Quinto mito “O lugar onde se fala melhor o português no Brasil é o Maranhão” esse é ponto mais discutido, aqui é explicado porque se fala esse mito e é apontado os erros da fala do mesmo lugar, apresenta como em outros pontos que não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor” “mais pura” “mais bonita” “mais cirreta” que outra. Tudo isso mostra que tudo não passa de um mito.

No mito “O certo é falar assim porque se escreve assim”, discute que em todas as línguas existe o que se chama variação, quer dizer a mesma língua pode ser falada de maneira diferente em lugares diferentes. É inteligente o jeito que o autor aborda esse assunto mostrando como devia ser ensinada a língua nas

escolas e para ele seria o justo a fazer. Gosto mais como ele trás analogias para dizer que esse pensamento é na verdade um mito.

O mito número sete “É preciso saber a gramática para falar e escrever bem” nesse ponto verifica-se como nos outros que a língua e a gramática são duas coisas diferentes o Bagno escreve: “não é gramática normativa que vai garantir a existência de um padrão linguístico uniforme”.

No último ponto desse capítulo “O domínio da norma culta é um instrumento da ascensão social” debate a questão das pessoas que têm domínio da norma, mas que não ascendem na sociedade, também repisa na questão da desigualdade social, porque saber bem a norma, não resolve questões sociais, como violência que aumenta no país, e questões como essa que deve ser prioridade.

É notável que o autor pensa na língua como uma coisa que facilita a compreensão das pessoas num certo meio, e isso não tem nada a ver com vida que as pessoas levam por conta da injustiça social, ou seja, em vez de preocupar como as pessoas falam a língua o melhor é preocupar como eles vivem.

Nas segundas versões das resenhas, ainda, identificamos casos nos quais os resenhistas limitaram-se a atribuir adjetivos ou locuções adjetivas para qualificar a obra, como exemplificado na resenha A18R1, a qual também não apresentou modificações na versão rescrita. Vejamos o excerto a seguir:

CÓD. A18R2

Preconceito Linguístico é um livro interessante, de grande proveito.

Para mais, evidenciamos que esta estratégia retórica foi a única que apresentou uma redução de frequência nas versões reescritas das resenhas. Atribuimos essa redução à substituição dessa subunidade pela *subfunção 10*, uma vez que alguns resenhistas desenvolveram a avaliação do capítulo resenhado com o fito de recomendar a obra, como podemos verificar nos excertos, a seguir, da resenha A13:

CÓD. A13R1

Esta presente obra apresenta uma narrativa muito actual, o autor trata de assuntos do passado mas que ainda se refletem no presente de maneira muito explícita e impactante, o autor nos dá exemplos brasileiro de mitos linguísticos, e relata os fatos com embasamentos muito sólidos. É uma obra que espelha claramente uma necessidade de independência linguística na sua plenitude. Mas por um momento ficou claro que o autor em algumas vezes faz abordagens negativas baseando-se no fator colonização para mostrar seu descontentamento.

CÓD. A13R2

Em linhas gerais, a presente obra é muito interessante, porque aborda assuntos muito atuais, que devem ser motivo de debates e estudo no Brasil e nos demais países de língua oficial portuguesa, mas em determinados momentos o autor se deixou influenciar pelo fator colonização, fazendo abordagens anti-coloniais e distorcendo um pouco o tema do segundo mito. Fora isso, vimos uma obra cheia de argumentos com comparações dentro do contexto, e muita coerência na sua exposição. É recomendável esta obra à comunidade em geral, principalmente ao núcleo acadêmico.

Na segunda versão, o parágrafo também é focado na avaliação, mas difere da anterior, pois apresenta uma função de fechamento da resenha e expõe uma avaliação final do livro, recomendando a obra.

*5.2.2.10 Subfunção 10 A – Recomendando/desqualificando completamente o livro*

A subfunção de recomendar ou desqualificar a obra resenhada foi identificada em 14 das resenhas reescritas, o que corresponde a 70% do total.

A seguir, apresentamos, a título de exemplo, um trecho da versão reescrita da resenha A7R1, na qual o resenhista, do mesmo modo que na versão anterior, recomenda a leitura da obra de Bagno.

CÓD. A7R2

A leitura desta obra proporciona uma abertura de horizontes quando se trata de aspectos linguísticos. Compreendemos a necessidade de pensarmos no ensino de português de uma forma diferente daquela considerada pela tradição para que o preconceito em torno dos indivíduos seja suprimido. Portanto, recomendamos a leitura desse grande material.

É relevante destacar que, na maioria das resenhas analisadas (em 12 textos), a subfunção 10a permaneceu associada à subfunção de informar leitores em potencial (sub2), conforme evidenciado no trecho, a seguir, da segunda versão da resenha A10R1, a qual não apresentou alterações na reescrita.

CÓD. A10R2

A recomendação: É que recomendo estes livros principalmente para os docentes que estão a atuar no âmbito escolar, como os discentes de curso de letras como de pedagogia e de outras pessoas que estão atuar em diferentes areas. Tanto nas instituições ou serviço público e privados, para levarem em consideração a questão da diversidade na variedade ou diversidade linguística que podem se deparar nestes espaços para evitar ou diminuir a preconceito linguístico na sociedade.

Apenas duas resenhas não apresentaram esse tipo de construção, com a subfunção 10a interligada à subfunção 2, e, em ambas, a estratégia retórica de informar sobre leitores em potencial não foi evidenciada.

#### 5.2.2.11 Subfunção 10 B – Recomendando o livro apesar de indicar limitações

A subfunção de expressar ressalvas ao recomendar a leitura da obra esteve presente em duas versões reescritas das resenhas, 10% do total. Apresentamos, a seguir, um excerto da versão reescrita da resenha A9R1, na qual o texto permaneceu inalterado na segunda versão.

CÓD. A9R2

Preconceito linguístico é uma leitura fácil de se compreender, no entanto, o autor poderia resumir todos os mitos em apenas uma página e ainda assim, ser totalmente compreendido.

O que vi nas páginas lidas, foram repetições de um mesmo ponto de vista, escrito de formas diferentes.

Contudo, não posso menosprezar o trabalho do autor. O livro deveria sim ser recomendado e por que não dizer, que deveria ser uma leitura obrigatória em todas as áreas.

É um tapa na cara das pessoas que se auto intitulam cultos por saberem diferenciar o, “mas” e o “mais”, por exemplo.

A leitura é importante para quebrar preconceitos e nos fazer entender, que o mais importante que a gramática, é o poder de se fazer compreender.

Para mais, referente às resenhas que apresentaram, de acordo com a organização retórica do gênero, construções que não se encaixam em nenhum movimento prototípico, duas permaneceram, nas versões reescritas, contendo essas construções. Na A4R1, no entanto, identificamos significativas alterações na versão reescrita. Vejamos:

CÓD. A4R2

A recomendação: recomendo esse livro principalmente para os docentes que estão a atuar no âmbito escolar, como discentes de cursos de letras como pedagogia e outras pessoas que estão a atuar em diferentes áreas. Tanto nas instituições ou serviços públicos e privados para levarem em consideração a questão da diversidade e variedade linguística com que podem se deparar nesses espaços para evitar e acabar com o preconceito linguístico na sociedade brasileira porque seu modo de falar não pode anunciar seu destino.

Na segunda versão, o trecho não prototípico – no qual o resenhista estabelecia uma relação entre a temática abordada na obra de Bagno e a realidade de seu país – foi retirado, substituído pelo movimento de recomendar a obra resenhada, movimento avaliativo que estava ausente na primeira versão. Nessa nova versão, porém, o encerramento da resenha apresenta uma grande similitude com o da resenha A10R1.

Acerca das ocorrências que evidenciaram problemas de compreensão do texto-base, observemos as mudanças operadas na versão reescrita da resenha A9R1, destacada, anteriormente, por conter equívocos:

CÓD. A9R2

O mito N° 05: “*O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão*” é bastante interessante, o autor refuta que no Maranhão se fala melhor o português que no restante do Brasil.












Na segunda versão, além do mito abordado ser nomeado, o verbo *revelar* foi substituído por *refutar*, eliminando, assim, a construção problemática da primeira versão.

É válido destacar, no entanto, que algumas produções ainda possuem trechos que denotam dificuldades com relação à compreensão do texto-base. Percebemos, desse modo, que, apesar da realização de duas oficinas de leitura e escrita, deficiências na compreensão de textos ainda persistem. Nesses casos, é fundamental reconhecer a necessidade de um trabalho mais sistemático e prolongado para aprimorar essa habilidade essencial.

Analisados detalhadamente os movimentos e as subfunções presentes nas segundas versões das resenhas acadêmicas, apresentamos, a seguir, a reescrita na íntegra de duas resenhas: a que consideramos menos prototípica e a que se destacou como mais prototípica nas versões produzidas antes da realização das oficinas.

*5.2.2.12 Identificação da resenha mais prototípica e da menos prototípica do corpus, nas produções feitas após as oficinas*

Para efeito de análise dos *moves* e das subfunções retóricas, cada resenha foi segmentada em escala de cores, de acordo com legenda. Abaixo, temos a versão reescrita da resenha A20R1, que julgamos ser a mais prototípica.

<p><u>CÓD. A19R2</u></p> <p>Marcos Bagno é professor na USP (Universidade de São Paulo), doutor em filologia, linguista e escritor brasileiro, que atua na área da sociolinguística e literatura infanto-juvenil, voltando-se para o ensino do português. Além disso, ele é autor de obras como “As memórias de Eugênia”, “Marcéu” e do livro em questão “<i>Preconceito linguístico: o que é, como se faz.</i>”</p> <p>O autor, neste primeiro capítulo, introduz seu tema sintetizando mitos sobre a língua portuguesa, que por sua vez dão voz ao preconceito linguístico. Além disso, afirma que o Brasil passa por um momento de forte combate aos preconceitos, porém, em relação à língua, ainda existem graves formas de preconceitos que são veiculados pela mídia (televisão, rádio, jornais e livros didáticos, por exemplo).</p> <p>O primeiro mito abordado pelo autor é “A língua portuguesa falada no Brasil” apresenta uma unidade surpreendente”. Nessa seção ele desmistifica essa ideia totalmente desconjuntada em relação à nossa língua. Afirma a não existência de uma unidade linguística no país, o que existe é uma nação que fala o mesmo idioma, mas nunca da mesma maneira. Cada lugar do país têm um jeito característico de falar o português, constatando que não devemos confundir o monolinguismo – falar apenas uma língua – com homogeneidade linguística – que seria toda a nação falar da mesma forma, com os mesmas repetições, entonações, léxicos e etc...</p> <p>“Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português” é o segundo mito tratado por Bagno. O autor aborda uma questão muito difundida no Brasil que apenas lá em Portugal o português é bem falado/bonito; afirma que isso tem muita relação com o complexo de inferioridade dos brasileiros, essa noção de que o</p>	<p><b>LEGENDA</b></p> <p><b>Move 1</b></p> <p>Sub1 </p> <p>Sub2 </p> <p>Sub3 </p> <p>Sub4 </p> <p>Sub5 </p> <p><b>Move 2</b></p> <p>Sub6 </p> <p>Sub7 </p> <p>Sub8 </p> <p><b>Move 3</b></p> <p>Sub9 </p> <p><b>Move 4</b></p> <p>Sub10 A </p> <p>Sub10 B </p>
--	---

exemplo a ser seguido é o do continente europeu, em geral. Ademais, fala também que não existe quem fale de maneira mais bonita ou mais feia, mas que existem diferenças e diferente não é sinônimo de deficiente ou inferior.

“Português é muito difícil” é o terceiro mito trazido na obra que explica a inexistência de um idioma difícil, afirmando que, se isso existisse, ninguém falaria húngaro ou chinês, por exemplo. A língua materna nunca será difícil para um nativo dela, aponta o autor. A adversidade atual existente na língua é a quantidade de regras impostas pela gramática tradicional que desconsidera o uso real e vivo da língua. BAGNO (2007, p.33) “Por isso achamos que ‘português é uma língua difícil’: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós.”

O quarto mito abordado é nomeado “As pessoas sem instrução falam tudo errado”. O autor deixa bem claro que esse mito muito tem a ver com o primeiro que fala da “unidade linguística brasileira”. Ao acreditar que existe uma só maneira de falar o português, obviamente, tudo que desviar dessa norma é tido como incerto. Combinando isso com o preconceito social, resulta um grande preconceito em relação ao modo como classes sociais mais baixas ou de determinadas regiões falam, como sofre a região Nordeste, por exemplo.

“O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão” é o quinto mito desse capítulo. Nessa parte é abordada a relação desse mito com a subordinação dos brasileiros diante de Portugal. Esse mito só existe porque, no Maranhão, o pronome tu e a sua conjugação são usados corretamente: tu vais, tu queres, tu dizes, tu comias e etc. Além disso, afirma que esse mito só é difundido porque se aproxima da conjugação do português de Portugal. Entretanto, acabam por se esquecer que os maranhenses também falam frases como: esse é um livro bom para ti ler, no lugar de para tu leres, por exemplo. Comenta também sobre a insuficiência da fala de Pasquale quando aborda o português paulistano como “esquisito”.

O sexto mito da obra intitulado “O certo é falar assim porque se escreve assim” traz ideias sobre a notória diferença existente entre língua falada e língua escrita. O autor constata que a escrita é uma tentativa de representar a fala, no entanto essa representação deixa de lado toda e qualquer variação linguística presente na fala, ou seja, a língua escrita não compõe com fidelidade a fala de todos os brasileiros. Propõe que o mais adequado no ensino da língua é ensinar aos alunos que não existe apenas uma maneira de dizer alguma palavra, exemplificando isso usa a palavra bonito, que pode ser dita como se escreve – bonito – ou “bunito”. Entretanto, na língua escrita, é necessário ter uma uniformidade e por isso se deve escrever “bonito”.

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das [pg. 52] forças internas que governam o idioma. (BAGNO, 2007, p.48)



Depois, temos o mito “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” sendo sétimo desse livro. Nessa parte é abordada a subordinação da língua à gramática, o autor afirma que a realidade histórica se opõe completamente: a língua deu origem à gramática, contudo, atualmente há uma florescente tentativa de fazer com que a língua siga a gramática. Bagno também traz exemplos comprovando que a ideia que nomeia essa seção não é verdadeira explicando que escritores renomados, como Drummond, admitiram não terem boas relações com a gramática.

O oitavo e último mito desse capítulo é “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”. O autor afirma com certeza que isso é um tremendo disparate. A ascensão é uma questão que envolve diversos problemas sociais, não abrange apenas a questão da língua. Até porque de nada adianta uma pessoa dominar a norma culta e viver na extrema pobreza; aprender essa modalidade da língua não a fará “subir na vida” magicamente. E finaliza o capítulo dizendo que falar de língua é falar de política.

[...] em nenhum momento esta reflexão política pode estar ausente de nossas posturas teóricas e de nossas atitudes práticas de cidadão, de professor e de cientista. Do contrário, estaremos apenas contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito linguístico e do irmão gêmeo dele, o círculo vicioso da injustiça social (BAGNO, 2007, p.66-67)

Uma das contribuições do livro está em quando Bagno alerta, mediante uma riqueza de explicações, para este tipo de preconceito. Em geral, o preconceito linguístico é um fenômeno que não é visto, em virtude do não reconhecimento de diversas características da língua, as quais não podem ser classificadas como melhor ou pior, existentes dentro de um mesmo idioma.

Um segundo ponto positivo está no fato do livro abranger uma linguagem acessível aos leitores, tornando possível a popularização do estudo aos mais diversos nativos da língua. A importância do livro se sustenta, ainda, na lacuna que havia na literatura a respeito desse tema e pela inexistência, até então, de uma abordagem acadêmica do preconceito linguístico.

Uma terceira contribuição está na evidência da divisão que há entre os estudiosos de português, isto é, a existência de conflitos entre os que prestigiam o normativismo e aqueles que, afirmam que a língua é algo mais amplo do que apenas a norma culta.

Bagno defende as vítimas do preconceito linguístico, através de argumentos contra toda forma de isolamento social através da linguagem, evidenciando a necessidade da valorização de todos os diversos modos de falar. Dada a contemporaneidade e a pressa da discussão a respeito desse tema, compreendendo as discussões e as propostas da linguística e da educação, *Preconceito Linguístico é recomendado* especialmente aos pesquisadores na área de Linguagens e para professores e estudantes do curso de Letras e de Pedagogia. Considerando sua linguagem simples, fluida e a sua

abordagem didática, a recomendação se expande, a todos os donos da língua que desejam uma educação linguística que se contraponha às visões tradicionalistas e preconceituosas suportadas por alguns gramáticos e por uma parte da sociedade.

Na segunda versão, o resenhista realizou melhorias no texto: houve, na apresentação dos tópicos do capítulo (*subfunção 7*), o acréscimo de citações do texto fonte e a avaliação direcionada da obra resenhada (*subfunção 9*) foi dividida em parágrafos distintos, para ressaltar os pontos positivos da obra de Bagno.

Vejam, agora, a rescrita da resenha A20R1, considerada, em sua primeira versão, a menos prototípica do *corpus*.

#### CÓD. A20R2

A presente resenha pretende analisar primeiro descritivamente e depois criticamente, o capítulo literário escrito por Marcos Bagno que possui doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, publicou *A língua de Eulalia: novela sociolinguística* (Ed. Contexto, 1997; em 13ª ed.); *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (Ed. Loyola, 1999; em 15ª ed.); *dramática da língua portuguesa* (Ed. Loyola, 2000; em 2ª ed.); *português ou brasileiro? Um convite a pesquisa* (Parábola Ed., 2001; em 2ª ed.); *Língua materna: letramento, variação e ensino* (Parábola Ed., 2002). Além desses títulos, é autor de duas dezenas de obras literárias. Recebeu em 1988 o Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira e, em 1989, o Prêmio Carlos Drummond de Andrade de Poesia, entre outros. Selecionou e traduziu os artigos reunidos em *Norma linguística* (Ed. Loyola, 2001). Traduziu *História concisa da linguística*, de Barbara Weedwood (Parábola Ed., 2002), além de dezenas de obras científicas, filosóficas e literárias de autores como Balzac, Voltaire, H. G. Wells, Sartre, Oscar Wilde, etc. Vem se dedicando à investigação das implicações socioculturais do conceito de norma, sobretudo no que diz respeito ao ensino de português nas escolas brasileiras.

O capítulo em análise está dividido em oito seções. A primeira seção é destinada a introdução sobre o conceito da língua portuguesa falada no Brasil, onde o autor destaca conceitos relacionados com o Parecer haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, amostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Dando continuidade na sua abordagem no mito um onde o autor apresenta

#### LEGENDA

##### Move 1

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



##### Move 2

Sub6	
Sub7	
Sub8	

##### Move 3

Sub9	
------	---

##### Move 4

Sub10 A	
Sub10 B	

a introdução sobre o conceito da língua portuguesa falada no Brasil, como sendo o maior e o mais sério dos mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Ele está tão arraigado em nossa cultura que até mesmo intelectuais de renome, pessoas de visão crítica e geralmente boas observadoras dos fenômenos sociais brasileiros, se deixam enganar por ele.

A segunda seção apresenta o conceito de que Brasileiro não sabe português. Só em Portugal se fala bem Português, onde começa destacando essa concepção expressa no livro *Língua viva*, de Sérgio Nogueira Duarte, que é uma coletânea de suas colunas sobre língua portuguesa publicadas no *Jornal do Brasil*. Ali a gente lê, na página 65, onde o autor mostra também que essa mesma concepção torpe segundo a qual o Brasil é um país subdesenvolvido porque sua população não é uma raça “pura”, mas sim o resultado de uma mistura — negativa — de raças, sendo que duas delas, a negra e a indígena, são “inferiores” à do branco europeu, por isso nosso “povinho” só pode ser o que é. Ora, há muito tempo a ciência destruiu o mito da raça pura, que é um conceito absurdo, sem nenhuma possibilidade de verificação na realidade de nenhum povo, por mais isolado que seja. Assim, uma raça que não é “pura” não poderia falar uma língua “pura”.

O terceiro mito traz a seguinte ideia de que “Português é muito difícil” partindo de pressuposto de que Essa afirmação preconceituosa é prima-irmã da ideia que acabamos de derrubar, a de que “brasileiro não sabe português”. Como o nosso ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que “português é uma língua difícil”, porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós.

A quarta seção aborda o conceito de que as pessoas sem instrução falam tudo errado, por causa desse preconceito é que somos obrigados a ensinar e aprender que o “certo” é dizer e escrever *Dê-me um beijo* e não *Me dá um beijo*, e que é “errado” dizer e escrever *Assistir filme* e *Aluga-se casas*, porque lá em Portugal não é assim que se faz. O mito de que “brasileiro não sabe português” também afeta o ensino de línguas estrangeiras, o autor destaca que Como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões.

O quinto mito refere-se ao preconceito de o lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão onde o autor mostra-se indignando com a ideia de que quem foi a primeira pessoa que proferiu essa grande bobagem, mas a realidade é que até hoje ela continua sendo repetida por muita gente por aí, inclusive gente culta, que não sabe que isso é apenas um mito sem nenhuma fundamentação científica.

De onde será que veio essa ideia? Esse mito nasceu, mais uma vez, da velha posição de subserviência em relação ao português

de Portugal. É sabido que no Maranhão ainda se usa com grande regularidade o pronome tu, seguido das formas verbais clássicas, com a terminação em -s característica da segunda pessoa.

A sexta seção a apresenta a ideia de que o certo é falar assim porque se escreve assim, onde o autor rebate as seguintes questões diante de uma tabuleta escrita colégio é provável que um pernambucano, lendo-a em voz alta, diga CÔlegio, que um carioca diga CUlegio, que um paulistano diga CÔlegio. E agora? Quem está certo? Ora, todos estão igualmente certos. O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português.

A sétima seção traz a ideia de que É preciso saber gramática para falar e escrever bem, concordando com a ideia de que é difícil encontrar alguém que não concorde com a declaração acima. Ela vive na ponta da língua da grande maioria dos professores de português e está formulada em muitos compêndios gramaticais, como a já citada Gramática de Cipro e Infante, cujas primeiríssimas palavras são: “A Gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua.

E por último na seção oito autor traz a conclusão sobre o conceito de preconceito linguístico abordando ideia de que o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social. O objetivo da pesquisa é de compartilhar e discutir os preconceitos da Linguística para torná-los acessíveis a um público mais amplo.

Para justificar a pesquisa o autor destaca a carência de estudo sobre a discriminação e exclusão, o autor decidiu homenagear os seus sogros que são, como costume dizer, um “prato cheio” para alguns dos preconceitos mais vigorosos da nossa sociedade negra, nordestinos, pobres, analfabetos. lutar contra as mais variadas formas de preconceito, amostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica.

No conceito teórico sobre A mitologia do preconceito linguístico o autor traz a seguinte definição de que O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem negativa que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afasta da realidade.

No primeiro subtítulo sobre o preconceito da língua portuguesa falada no Brasil destaca como sendo um dos principais dos mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a

verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os

160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização.

Assim sendo; os conceitos discutidos pelo Bongo nos mitos um até o seu mito oito é de grande importância na sociedade falantes da língua portuguesa, tendo como um dos principais objetivo e descolonização de preconceito linguístico da língua portuguesa.

**Recomenda-se** a todos os falantes da língua portuguesa interessados na diversificação de conhecimento linguístico, a fazerem um bom uso dos mitos discutidos pelo Bongo.

Na versão reescrita, o resenhista operou significativas alterações no texto: a resenha passou a apresentar os quatro movimentos retóricos prototípicos, com a adição de movimentos de cunho avaliativo (*moves 3 e 4*), fundamentais para a composição de uma resenha acadêmica.

Além disso, ocorreu a substituição do termo “artigo científico” por “capítulo literário”, bem como os oito mitos pertinentes ao capítulo foram abordados. Cabe ressaltar que a descrição detalhada de cada tópico é essencial para que a sumarização da obra resenhada (*subfunção 7*) deixe de apresentar um desenvolvimento parcial.

Para mais, na próxima seção, realizaremos uma análise comparativa entre as versões das resenhas produzidas antes e depois da realização das oficinas.

### 5.2.3 Comparativo entre as duas versões das resenhas

A tabela a seguir apresenta os dados comparativos entre a frequência dos movimentos e das subunidades retóricas presentes nas primeiras e nas segundas versões das resenhas, ou seja, produzidas antes e após a intervenção. Essa comparação visa destacar as mudanças e evoluções no uso desses elementos retóricos pelos alunos e refletir sobre o impacto das oficinas na qualidade e estrutura das resenhas produzidas. Os números refletem as ocorrências e frequências percentuais de cada movimento e subunidade retórica, permitindo uma análise detalhada das transformações ocorridas.

**Tabela 3 – Comparativo entre a frequência dos movimentos e das subunidades retóricas presentes na primeira e na segunda versão das resenhas<sup>11</sup>**

Primeira versão das resenhas	Quant.	%	Segunda versão das resenhas	Quant.	%
<b>Move 1 - Introduzir o livro</b>	<b>20*</b>	<b>100%*</b>	<b>Move 1 - Introduzir o livro</b>	<b>20*</b>	<b>100%*</b>
<i>Sub1 - Definindo o tópico geral do livro</i>	13*	65%*	<i>Sub1 - Definindo o tópico geral do livro</i>	17*	85%*
<i>Sub2 - Informando sobre leitores em potencial</i>	09	45%	<i>Sub2 - Informando sobre leitores em potencial</i>	15	75%
<i>Sub3 - Informando sobre o autor</i>	19	95%	<i>Sub3 - Informando sobre o autor</i>	20	100%
<i>Sub4 - Fazendo generalizações sobre o tópico</i>	06	30%	<i>Sub4 - Fazendo generalizações sobre o tópico</i>	6	30%
<i>Sub5 - Inserindo o livro na área</i>	02	10%	<i>Sub5 - Inserindo o livro na área</i>	3	15%
<b>Move 2 - Sumariar o livro</b>	<b>20*</b>	<b>100%*</b>	<b>Move 2 - Sumariar o livro</b>	<b>20*</b>	<b>100%*</b>
<i>Sub6 - Provendo uma visão geral da organização do livro</i>	09	45%	<i>Sub6 - Provendo uma visão geral da organização do livro</i>	11	55%
<i>Sub7 - Apresentando o tópico de cada capítulo</i>	20*	100%*	<i>Sub7 - Apresentando o tópico de cada capítulo</i>	20*	100%*
<i>Sub8 - Citando material extratextual</i>	0	0%	<i>Sub8 - Citando material extratextual</i>	0	0%
<b>Move 3 - Destacar partes do livro</b>	<b>13</b>	<b>65%</b>	<b>Move 3 - Destacar partes do livro</b>	<b>12</b>	<b>60%</b>
<i>Sub9 - Provendo avaliação direcionada</i>	13	65%	<i>Sub9 - Provendo avaliação direcionada</i>	12	60%
<b>Move 4 - Prover uma avaliação final do livro</b>	<b>10</b>	<b>50%</b>	<b>Move 4 - Prover uma avaliação final do livro</b>	<b>16</b>	<b>80%</b>
<i>Sub10 A - Recomendando/desqualificando completamente o livro</i>	09	45%	<i>Sub10 A - Recomendando/desqualificando completamente o livro</i>	14	70%
<i>Sub10 B - Recomendando o livro apesar de indicar limitações</i>	01	5%	<i>Sub10 B - Recomendando o livro apesar de indicar limitações</i>	02	10%

Fonte: Autoria nossa (2024).

<sup>11</sup> Os asteriscos (\*) presentes na tabela representam que contabilizamos, também, as ocorrências em que os *moves* ou as subfunções foram desenvolvidas apenas parcialmente, como poderá ser visto nas análises.

A seguir, trazemos a análise dos dados da tabela, com o comparativo referente a cada movimento retórico antes e após a intervenção.

#### 5.2.3.1 Move 1 – Introduzir o livro

O primeiro movimento retórico possui um caráter descritivo e é composto por cinco subfunções: definindo o tópico geral do livro, informando sobre leitores em potencial, informando sobre o autor, fazendo generalizações sobre o tópico e inserindo o livro na área

Antes das oficinas, a *Subfunção 1*, que envolve a definição do tópico geral do livro, estava presente em 13 das resenhas analisadas (65%), com sete resenhas não apresentando a subunidade e três a desenvolvendo parcialmente. Após as oficinas, essa subfunção apresentou um aumento, ocorrendo em 17 resenhas (85%), com apenas três resenhas não a apresentando e duas a desenvolvendo parcialmente.

Assim sendo, houve, com a intervenção, uma redução no número de resenhas nas quais a *subfunção 1* não se realizou completamente – casos em que o resenhista apresentou o texto-base da resenha sem, no entanto, explicitar o nome da obra resenhada no texto –, como também no número de produções que apresentavam um desenvolvimento parcial do movimento de introduzir o livro – ocorrências nas quais o resenhista não apresentou de forma alguma o texto-base que seria resenhado. Ressaltamos que apresentar a obra resenhada é fundamental para situar a análise crítica dentro de um contexto específico e para fornecer aos leitores informações necessárias para uma compreensão completa do material em questão.

Já a *Subfunção 2*, relacionada à informação sobre leitores em potencial, foi encontrada em nove resenhas (45%) antes das oficinas, sendo que, em todas as produções em que foi utilizada, essa informação era colocada nos últimos parágrafos do texto, em conjunto com as subfunções 10a e 10b. Após as oficinas, esse número subiu para 15 resenhas (75%), mantendo a característica de ser inserida no fechamento dos textos. Diante disso, sugerimos uma reconfiguração na posição da subfunção de informar sobre os potenciais leitores do texto resenhado, ou seja, que essa estratégia retórica seja deslocada para o *movimento 4*, conforme observado em todas as ocorrências de nosso *corpus* (ver figura 19).

A *Subfunção 3*, que trata de informar sobre o autor do livro, estava presente em 19 resenhas (95%) produzidas antes das oficinas. Após, essa subfunção atingiu 100% de presença.

A *Subfunção 4*, que faz generalizações sobre o tópico do livro, esteve presente em seis (30%) das resenhas analisadas, tanto antes quanto depois das oficinas.

Por fim, a *Subfunção 5*, que insere o livro na área de estudo correspondente, teve sua frequência aumentada de duas ocorrências (10%), antes da intervenção, para três (15%), após as oficinas.

#### 5.2.3.2 Move 2 – Sumariar o livro

O segundo movimento retórico, também de cunho descritivo, é composto por três subfunções: provendo uma visão geral da organização do livro, apresentando o tópico de cada capítulo e citando material extratextual.

A *subfunção 6*, provendo uma visão geral da organização do livro, estava presente em nove (45%) resenhas antes das oficinas e subiu para 11 (55%) após a intervenção.

A *Subfunção 7*, que apresenta o tópico de cada capítulo do livro, manteve-se presente em todas as resenhas, tanto antes quanto depois das oficinas. O diferencial foi a redução no número de resenhas que desenvolveram parcialmente essa estratégia retórica. Antes da intervenção, em nove resenhas essa subunidade não foi bem desenvolvida e após, apenas em três.

É válido ressaltar que a sumarização da obra é de suma importância para que o gênero cumpra seu propósito, pois oferece aos leitores uma visão geral do conteúdo e das principais características da obra resenhada. Dessa forma, essa subfunção desempenha um papel crucial ao fornecer um panorama para contextualizar a análise crítica e proporcionar ao leitor as informações necessárias para uma compreensão abrangente do material em questão.

A *subfunção 8*, que cita material extratextual, não apareceu em nenhuma das versões das resenhas, uma vez que o texto resenhado não apresentava material extratexto.



### 5.2.3.3 Move 3 – Destacar partes do livro

O terceiro movimento retórico apresenta um caráter avaliativo e é composto por apenas uma subfunção: provendo avaliação direcionada.

A *Subfunção 9*, que apresenta comentários sobre aspectos positivos ou negativos da obra resenhada, teve sua presença reduzida de 13 resenhas (65%) para 12 (60%), após as oficinas. Como já mencionado, atribuímos essa redução à substituição dessa subunidade pela subfunção 10.

### 5.2.3.4 Move 4 – Prover uma avaliação final do livro

O quarto movimento retórico, também de cunho avaliativo, é composto por uma subfunção subdividida em A e B: recomendando/desqualificando completamente o livro ou recomendando o livro apesar de indicar limitações.

A *subfunção 10a*, em que é realizada a recomendação ou a desqualificação completa da obra resenhada, aumentou de nove resenhas (45%) para 14 (70%), após a intervenção. A *Subfunção 10b*, na qual há a recomendação da obra resenhada, porém destacando suas deficiências, também apresentou um pequeno aumento após as oficinas, de uma ocorrência (5%) para duas (10%).

Ressaltamos a importância da inclusão dessas estratégias retóricas avaliativas, uma vez que o gênero resenha consiste em movimentos descritivos e avaliativos, nos quais o resenhista apresenta uma visão geral do conteúdo da obra, destacando suas principais características, temas e abordagens (movimentos descritivos), ao mesmo tempo em que oferece uma análise crítica embasada sobre a qualidade, as contribuições e os pontos fortes e fracos da obra (movimentos avaliativos). Essa combinação de elementos descritivos e avaliativos é essencial para o gênero, pois a ausência de um deles compromete a capacidade da resenha de cumprir seus propósitos de informar e avaliar.

Para mais, o *corpus* analisado revelou importantes aspectos relacionados ao processo de escrita dos estudantes recém ingressos na universidade e ofereceu informações significativas sobre o contexto da pesquisa. Em particular, a análise destaca a relevância do domínio da escrita acadêmica, evidenciando deficiências no domínio do gênero acadêmico específico, a resenha, por parte dos alunos. As análises apontaram para dificuldades na estruturação e na aplicação de elementos

retóricos essenciais. No entanto, os resultados também indicam que esses problemas foram atenuados após a realização das oficinas, demonstrando a eficácia de um trabalho sistemático e direcionado para aprimorar as habilidades de escrita dos alunos. Isso ressalta a importância de intervenções pedagógicas específicas para o desenvolvimento da competência de escrita, especialmente no contexto acadêmico, no qual a capacidade de produzir textos coesos e coerentes é fundamental para o sucesso educacional e profissional.

Sublinhamos, ainda, que a aplicação da teoria de Swales no ensino pode fornecer suporte para que os estudantes pratiquem a identificação dos gêneros textuais, reconhecendo suas características formais e funcionais, e para que desenvolvam a habilidade de produzir textos que alcancem efetivamente seus propósitos comunicativos, em conformidade com o gênero ao qual pertencem.

Realizadas essas análises, apresentamos, a seguir, nossas considerações finais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abordou a organização retórica de resenhas acadêmicas, com o objetivo principal de desenvolver um trabalho didático-metodológico, com base em Swales (1990) e Motta-Roth (1995), para o ensino do gênero resenha acadêmica, de modo a habilitar recém-ingressos no Curso de Letras da Unilab a produzirem tal gênero.

Sob essa perspectiva, a pesquisa orientou-se a partir dos seguintes objetivos específicos: (i) analisar e comparar os movimentos retóricos presentes em resenhas acadêmicas produzidas por estudantes do primeiro semestre do Curso de Letras da Unilab, antes e após as oficinas e (ii) investigar, em cada movimento retórico, quais subfunções (Motta-Roth, 1995) são mais recorrentes nas resenhas acadêmicas produzidas por esses estudantes.

Para tanto, propomo-nos a analisar, com base em Motta-Roth (1995), um *corpus* constituído por 40 resenhas, escritas por 20 alunos matriculados no componente curricular Leitura e Produção de Textos I, no ano letivo 2022.2.

As análises das versões das resenhas produzidas antes das oficinas revelaram que, atinente aos movimentos retóricos previstos no modelo proposto por Motta-Roth (1995) para o gênero, os movimentos de *introduzir* e *sumariar o livro* foram os mais presentes nas produções dos alunos, ambos com uma frequência de 100%. Os movimentos de *destacar partes do livro* e de *prover uma avaliação final*, por seus turnos, ocorreram, respectivamente, em 65% e 50% das resenhas.

Percebeu-se que, nas resenhas analisadas, a descrição foi o aspecto mais proeminente, o que confirma parcialmente a nossa hipótese inicial de que as resenhas acadêmicas produzidas por estudantes do primeiro semestre do Curso de Letras da Unilab, antes da intervenção, apresentariam, em sua maioria, apenas os movimentos retóricos de introduzir o livro e sumará-lo, pois, embora as ações descritivas sejam predominantes, apenas quatro resenhas não apresentaram nenhum movimento de cunho avaliativo.

No que tange às subfunções, referente ao *move 1*, a subfunção de *informar sobre o autor* foi a mais frequente, com ocorrência em 95% das resenhas; no *move 2*, a subfunção de *apresentar o tópico de cada capítulo* apareceu em 100% das produções, mesmo que desenvolvida de modo parcial em algumas; com relação ao *move 3*, que é constituído apenas pela subfunção de *promover avaliação*

*direcionada*, essa estratégia retórica teve uma frequência de 65% nas resenhas analisadas; no *move 4*, por fim, a subfunção que mais se evidenciou foi a de *recomendar/desqualificar completamente o livro*, com 45% de incidência.

Com a análise das subfunções, constatamos que, no *move 1*, as subunidades 1 e 3 foram as mais frequentes e que as demais apresentaram uma frequência baixa. Assim sendo, nossa hipótese inicial de que as resenhas acadêmicas produzidas por estudantes do primeiro semestre do Curso de Letras da Unilab, antes da intervenção, apresentariam, nesse movimento, apenas as subfunções de *definir o tópico geral do livro* e de *informar sobre o autor* não se comprovou, pois as demais subfunções que compõem esse *move* também foram encontradas no *corpus* analisado.

A respeito do *move 2*, todos os estudantes procuraram realizar a sumarização do capítulo resenhado. Isso confirma nossa hipótese inicial de que as resenhas acadêmicas produzidas por tais estudantes apresentariam a subfunção 7.

Ademais, com as análises, notamos que nem sempre as fronteiras dos movimentos retóricos coincidem com os limites das sentenças e dos parágrafos, o que pode tornar difícil delimitar as subfunções retóricas em construções mais complexas, nas quais as informações se sobrepõem umas às outras.

Concernente à ordem dos movimentos e das subfunções, verificamos que a sequência não é fixa, como já destacado por Motta-Roth (1995). Além disso, os dados encontrados no *corpus* desta pesquisa sugerem uma reconfiguração em relação à subfunção de *informar sobre leitores em potencial*. Foi percebido que essa estratégia retórica poderia ser deslocada para o *move 4*, já que, em todas as ocorrências analisadas, ela apareceu em conjunto com as subfunções desse movimento

As análises das versões das resenhas produzidas após as oficinas, por sua vez, revelaram que os *moves 1 e 2 – introduzir e resumir o livro –* permaneceram como os mais produtivos nas produções dos alunos, com frequência de 100% em ambos. O *move 3 – destacar partes do livro –* apresentou frequência de 60% e o *move 4 – prover uma avaliação final –*, 80%.

Assim sendo, confirmamos a hipótese inicial de que, nas segundas versões, a maioria das produções passariam a apresentar os movimentos de cunho avaliativo, uma vez que o *move 4* apresentou um aumento de 30% na frequência e que houve diminuição da quantidade de resenhas que não apresentaram nenhum

movimento retórico avaliativo – apenas uma resenha apresentou apenas *moves* descritivos. Além disso, após a intervenção, ocorreu uma considerável redução do número de resenhas que apresentavam *moves* e subfunções desenvolvidos apenas de modo parcial.

Isso posto, corroboramos nossa hipótese principal de que, com a intervenção, com o trabalho direcionado, os alunos passam a dominar ou a ter melhor domínio sobre os movimentos retóricos e, assim, aprimoram a produção do gênero resenha acadêmica. E mais: a realização de oficinas para a aprendizagem da escrita de textos acadêmicos mostrou-se uma estratégia eficaz, pois oferece um ambiente prático e colaborativo para desenvolver habilidades de leitura e escrita. Durante essas oficinas, os participantes têm a oportunidade de receber *feedback* em tempo real, aprender técnicas de organização e estruturação de textos acadêmicos, além de aprimorar a clareza na comunicação escrita. A interação com colegas e professores também contribui para a troca de experiências e para o desenvolvimento de habilidades sociais.

Para mais, apesar de a presente pesquisa não ter uma abordagem sociolinguística, a coleta de informações sobre a realidade sociocultural dos participantes poderia ter enriquecido o estudo. Além disso, não fosse o tempo que o cruzamento de todos esses dados demanda, poderíamos ter delineado o perfil dos participantes e comparado a escrita de alunos internacionais e brasileiros, a fim de identificar se os problemas encontrados são os mesmos ou se diferem de algum modo. Essas questões, contudo, podem ser exploradas em pesquisas futuras.

Além disso, o estudo desenvolveu e testou uma metodologia específica para a produção de resenhas, que pode ser aplicada no componente de Leitura e Produção de Textos. Porém, será que essa metodologia também pode ser adaptada para o ensino de outros gêneros acadêmicos? Essa questão abre uma lacuna importante para futuros trabalhos.

Por fim, este trabalho representa uma contribuição tanto para a área de Análise de Gêneros, como para os estudos sobre letramento acadêmico. Ao investigar a produção escrita de estudantes recém-ingressos no Curso de Letras da Unilab, este estudo destacou questões relevantes no âmbito das práticas de escrita acadêmica, oferecendo reflexões sobre o processo de aprendizagem e sobre as complexidades inerentes à produção de textos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. D. **Lexical signalling**: a study of unspecific-nouns in book reviews. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 284. 1996. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76483>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- BERNARDINO, C. G. **Depoimento dos alcoólicos anônimos**: um estudo do gênero textual Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 163. 2000. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3605>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- BEZERRA, B. G. **A distribuição das informações em resenhas acadêmicas**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 141. 2001. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3585>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- BIASI-RODRIGUES, B. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 307, 1998. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19111>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- BIASI-RODRIGUES, B.; HEMAIS, B.; ARAÚJO, J. C. Análise de gêneros na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos. *In*: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. T. **Gêneros textuais e comunidades discursivas**: um diálogo com John Swales. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- BORBA, V. M. R. **Gêneros textuais e produção universitária**: o resumo acadêmico. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 219, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7767>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. V. 2. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Linguagens códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC / SEB, 2008.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 16 set. de 2022.
- CERVERA, M. C. da S. F.; BUZZO, M. O ensino-aprendizagem do gênero resenha crítica na universidade. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 23, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/687>. Acesso em: 8 abr. 2024.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008. Disponível em:<https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rca/article/view/1759>. Acesso em: 16 set. de 2022.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 108-129.

HENDGES, G. R. **Novos contextos, novos gêneros: a revisão de literatura em artigos acadêmicos eletrônicos**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 138. 2001. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/desireemroth/images/admin/dissertacoes/dissertacao\\_graciela.pdf](http://w3.ufsm.br/desireemroth/images/admin/dissertacoes/dissertacao_graciela.pdf). Acesso em: 28 jun. 2023.

MACEDO, T. S. C. L. **A citação como recurso de afiliação acadêmica**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 213. 2006. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6W2R5R/1/tatiana\\_macedo\\_tese.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6W2R5R/1/tatiana_macedo_tese.pdf). Acesso em: 28 jun. 2023.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

MATENCIO, M. de L. M. Atividade de (Re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, out. 2002, p. 109-122. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12453>. Acesso em: 23 ago. 2022.

MOTTA-ROTH, D. **Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 356. 1995. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/157910>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G.H. **Produção textual na Universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

OLIVEIRA, E. F. **Letramento acadêmico**: concepções divergentes sobre o gênero resenha crítica. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 259, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1614348>. Acesso em: 8 abr. 2024.

RODRIGUES, F. L. F. **O gênero discursivo resenha**: Uma proposta de intervenção em sala de aula. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, p. 215. 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000159189>. Acesso em: 11 mar. 2024.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, L. F. da. **Análise de gênero**: uma investigação da seção de Resultados e Discussão em artigos científicos em química. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 111. 1999. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/desireemroth/images/admin/dissertacoes/dissertacao\\_lisane.pdf](http://w3.ufsm.br/desireemroth/images/admin/dissertacoes/dissertacao_lisane.pdf). Acesso em: 28 jun. 2023.

SIMONI, R. M. S.; BONINI, A. A organização retórica do gênero carta-consulta. *In*: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. T. **Gêneros textuais e comunidades discursivas**: um diálogo com John Swales. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUSA, S. C. T. **Estudo da organização textual argumentativa em editoriais de jornais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SWALES, J. M. Research into structure of introductions to journal articles and its application to the teaching of academic writing. *In*: **Common ground**: shared interests in ESP and communication studies. USA: Pergamon Press, 1984.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**: English in Academic and Research settings. Cambridge: CUP, 1990.

SWALES, J. M. **Research genres**: exploration and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.



## APÊNDICES

**APÊNDICE A**  
**ROTEIROS OFICINAS**  
**OFICINA 1 – VIRTUAL**

1. Revisão do conceito do gênero resenha acadêmica: discussão sobre o que é uma resenha acadêmica, seu propósito e importância na produção científica.
2. Revisão sobre a estrutura de uma resenha acadêmica: explanação sobre as quatro etapas que devem ser realizadas ao se resenhar um livro, quais sejam: Apresentar > Descrever > Avaliar > (Não) Recomendar o livro.
3. Apresentação dos movimentos retóricos do gênero resenha acadêmica: detalhamento do modelo de organização retórica do gênero, conforme proposto por Motta-Roth (1995), com explanação acerca de cada movimento retórico, de suas respectivas subfunções e de sua importância na construção de uma resenha acadêmica que cumpra bem seu propósito comunicativo.
4. Análise de exemplos: leitura de uma resenha acadêmica escrita por um especialista, a fim de se identificar cada movimento retórico, bem como as subfunções que a compõem, destacando a função de cada uma na construção do texto.
5. Proposta de atividade: revisão, feita pelos próprios educandos, da primeira versão de suas resenhas.

**OFICINA 2 – PRESENCIAL**

1. Revisão dos movimentos retóricos do gênero resenha acadêmica: síntese do que foi discutido no encontro virtual.
2. Discussão em grupo: discussão sobre a organização retórica que os educandos identificaram nas resenhas por eles produzidas (versão feita antes da oficina virtual).
3. *Feedback* e revisão: projeção (com o auxílio de equipamento de mídia) e análise de trechos das resenhas produzidas pelos educandos, quando possível, oferecendo *feedback* individualizado sobre a aplicação dos movimentos retóricos nas resenhas, incentivando a revisão para aprimoramento.
4. Discussão em grupo: discussão sobre a importância da articulação dos movimentos retóricos para a coesão e a coerência das resenhas.
5. Discussão em grupo: discussão sobre a importância da leitura e da compreensão do texto a ser resenhado, uma vez que a produção de uma resenha, assim como toda atividade de retextualização, deve alicerçar-se na compreensão do texto base.
6. Proposta de atividade: reescrita das resenhas (versão feita pós oficinas).

**APÊNDICE B**  
**PRIMEIRAS VERSÕES DAS RESENHAS SEGMENTADAS COM ESCALA DE**  
**CORES PARA IDENTIFICAÇÃO DE MOVES E SUBFUNÇÕES**

**CÓD. A1R1**

A obra denominada " Preconceito Linguístico: o que é, como se faz" escrita pelo autor MARCOS BAGNO, nascido em 21 de Agosto de 1961, detém os títulos de professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, doutor em filologia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), tradutor, escritor com diversos prêmios e mais de 30 artigos publicados, entre literatura e obras técnico-didáticas. Atua mais especificamente na área de sociolinguística e literatura infanto-juvenil, bem como questões pedagógicas sobre o ensino de português no Brasil. Em 2012 sua obra "As memórias de Eugênia" recebeu o Prêmio Jabuti.









Na presente obra, o autor traz-nos uma visão daquilo que são os preconceitos préconcebidos em relação a forma como se fala o português. Das várias questões abordadas nesta obra, que pode sem sobra de dúvida ser considerada indispensável para o estudo do tema em questão, irá aqui se abordar apenas o primeiro capítulo referente aos oito mitos que segundo o autor, precisam ser desconstruídos para assim termos uma sociedade linguisticamente mais justa e menos preconceituosa.

Mas antes de abordar a questão dos mitos, o conceito de preconceito linguístico foi apresentado de modo a balizar o caro leitor. Segundo o autor, é um erro estudar a gramática como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que a falam (BAGNO, 2007). O autor acrescenta que, o que fez e faz prevalecer o preconceito linguístico até os dias de hoje é a confusão que há entre a língua e a gramática normativa. Com isso, a grande preocupação desta obra é desfazer essa confusão.

No que se refere aos oito mitos apresentados pelo autor, o mesmo traz átona uma problemática conhecida como mitologia do preconceito linguístico. Por não condizer com a realidade e ameaçar a estabilidade social linguisticamente falando, surge a necessidade de se abordar a respeito para assim se evitar a exclusão e o conflito perante aqueles que não falam o português gramaticalmente correto.

Para o autor, o primeiro mito, a língua portuguesa falada no Brasil, apresenta uma unidade surpreende, sendo o mais sério, por ser um mito capaz de driblar até personalidades

**LEGENDA**

<b>Move 1</b>	
Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	
<b>Move 2</b>	
Sub6	
Sub7	
Sub8	
<b>Move 3</b>	
Sub9	
<b>Move 4</b>	
Sub10 A	
Sub10 B	

intelectuais que analisam ou estudam questões sociais brasileiras. O autor considera este mito prejudicial para a educação, porque deixa de fora aspectos que influenciam diretamente a língua como a idade, origem geográfica, situação socioeconômica e grau de escolarização.

No segundo mito, brasileiro não sabe português/só em Portugal se fala bem português, a grande preocupação do autor foca-se no fato de que este mito alimenta o complexo de inferioridade e coloca o Brasil numa posição de dependência linguística. A língua falada em Portugal e no Brasil apresentam grandes diferenças quer seja no vocabulário, nas construções sintáticas no uso de certas expressões sem mencionar nas tremendas diferenças na pronúncias (BAGNO, 2007). Então, não condiz com a realidade avaliar ambas as línguas como se fossem a mesma, há que levar em consideração muitos outros fatores.

No terceiro mito, português é muito difícil, a preocupação do autor é de tentar desconstruir esse pensamento que há no meio da sociedade quanto à forma que se fala o português. Pois a sociedade tem em mente que os manuais didáticos entre outros que servem de meio de ensino da língua portuguesa, são pouco eficientes para processo de comunicação, assim, defendendo que é mais fácil a utilização de uma linguagem não normativa. Este mito, é resultado do choque existente entre o português que se aprende na escola e o português que se aprende desde a infância.

O quinto mito, o lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão, é resultado da ideia que foi construída na sociedade brasileira pelo facto de ainda existir com grande frequência a utilização de alguns elementos da norma padrão da língua portuguesa de Portugal.

O mito número seis, certo é falar assim porque se escreve assim, realça a supervalorização da língua escrita colocando de parte a importância da língua falada. Para Marcos Bagno, se a questão for supervalorizar uma das línguas (A língua falada e a escrita), leva vantagem a língua falada pois a língua escrita não é natural. A mera forma escrita não é capaz de traduzir as inflexões e intenções pretendidas pelo falante (BAGNO, 2007), reforçando assim a ideia de que a afirmação referente ao mito seis não condiz com a verdade.

Já no sétimo mito, é preciso saber gramática para falar e escrever bem, Marcos Bagno traz à tona o título de obras que foram lançadas antes mesmo da gramática começar a ser ensinada como uma área de conhecimento independente. Obras como os fascinantes diálogos de Platão (sec. V e IV a.C) são exemplos que o autor apresenta para refutar este mito.

No oitavo e último dos mitos, O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social, é possível perceber pelas palavras do autor que não se deve associar a forma de falar à

evolução ou ascensão social, porque se assim o fizermos, a língua seria o elemento determinante para a posição dos melhores cargos e posições sociais.

Dotada de uma linguagem simples, clara e objetiva, esta obra traz-nos assuntos de extrema importância, assuntos pelos quais todo mundo devia refletir. A língua também pode ser um propulsor para uma separação social e Marcos Bagno fez transparecer esta situação de modo a desmistificarmos os mitos supracitados, pois estes podem corriqueiramente afetar a forma com que avaliamos os fenômenos linguísticos. Para quem quer contribuir para a erradicação dos preconceitos existentes no mundo, é recomendável fazer uma leitura desta obra, pois fazendo isso, estaria dando um avanço considerável na luta contra um dos preconceitos existentes na nossa sociedade, que é o preconceito linguístico

### CÓD. A2R1

O preconceito linguístico é um livro escrito por **Marcos Bagno**, linguista, doutor em filosofia e autor de muitos livros. Este livro é da editora Loyola, publicada em Junho de 2007. O primeiro capítulo do livro fala sobre preconceitos que pessoas usam para com a língua portuguesa, entre o seu ensino e sua prática no cotidiano, que são duas coisas diferentes, pode ver muitos exemplo sobre essa diferença nesse capítulo.

Esse capítulo apresenta críticas aos autores da gramática e não só, ao estado, no que tem haver a ensino da língua, que é uma injustiça, pois, isso não vai mudar a desigualdade social no Brasil.





Esse capítulo denominada “**Mitologia do preconceito linguístico**”, divide-se em 8 pontos, ou seja em 8 mitos.

O primeiro ponto “**A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente**” debate, a forma como esse mito fixou na cultura brasileira e que até os intelectuais se enganam. E o nível da escolaridade de muitos, que é baixo, dificulta na compreensão dos anúncios, e nem todos têm o privilégio de ter acesso a Gramática. Mostra que esse mito deve ser tratado nos diferentes campos, para que as pessoas possam compreender que há diversidade linguística no Brasil.




Depois dessa discussão, nesse ponto “**Brazileiro não sabe português/ só o em Portugal se fala bem português**” é mostrada que a língua e a gramática não são a mesma coisa. É tão relevante como o autor explica a diferença entre o português de Portugal e o português do Brasil, mas principalmente por dar muitos exemplos práticos e ele ainda cita outros escritores para melhor explicar. O terceiro ponto “**O Português é muito difícil**” espelha a diferença de teoria e prática, sendo que o que se aprende nas escolas e o que é ensinado na escola, não são o que as pessoas falam na prática, esse ponto não é tão longe o

### LEGENDA


#### Move 1

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



#### Move 2

Sub6	
Sub7	
Sub8	

#### Move 3

Sub9	
------	---

#### Move 4

Sub10 A	
Sub10 B	

primeiro ponto. Gostei e concordo com o autor quando fala que qualquer língua é fácil, por uma pessoa que nasceu e creceu onde se fala essa língua.

O ponto que fala sobre mito **“As pessoas sem instrução falam tudo errado”**, pode-se ver que o preconceito linguístico é consequência de um preconceito social, quando fala da questão da fonética.

Quinto mito **“O lugar onde se fala melhor o português no Brasil é o Maranhão”** esse é ponto mais discutido, aqui é explicado porque que se fala esse mito e é apontado os erros da fala do mesmo lugar, apresenta como em outros pontos que não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor” “mais pura” “mais bonita” “mais cirreta” que outra. Tudo isso mostra que tudo não passa de um mito.

O mito **“O certo é falar assim porque se espreve assim”**, discute que em todas as línguas existe o que se chama variação, quer dizer a mesma língua pode ser falada de maneira diferente em lugares diferentes. É inteligente o jeito que o autor aborda esse assunto mostrando como devia ser ensinada a língua nas escolas e para ele seria o justo a fazer. Gosto mais como ele trás analogias para dizer que esse pensamento é na verdade um mito.

O mito número sete **“É preciso saber a gramática para falar e escrever bem”** nesse ponto verifica-se como nos outros que a língua e a gramática são duas coisas diferentes o Bagno escreve: “não é gramática normativa que vai garantir a existência de um padrão linguístico uniforme”.

No último ponto desse capítulo **“O domínio da norma culta é um instrumento da ascensão social”** debate a questão das pessoas que têm domínio da norma, mas que não ascendem na sociedade, também repisa na questão da desigualdade social, porque saber bem a norma, não resolve questões sociais, como violência que aumenta no país, e questões como essa que deve ser prioridade.

É notável que o autor pensa na língua como uma coisa que facilita a compreensão das pessoas num certo meio, isso não tem nada a ver com vida que as pessoas levam por conta da injustiça social, ou seja, em vez de preocupar como as pessoas falam a língua o melhor é preocupar como eles vivem. Este capítulo é muito bom para os estudantes, para os políticos, professores, particularmente os da língua portuguesa, enfim para toda sociedade, porque além de nos ensinar sobre a variedade linguística, nos ensina aquilo que é mais importante, de não sermos preconceituosos e injustos para com os outros só porque fala diferente. Daí que recomendo a leitura deste capítulo.

**CÓD. A3R1**

Marcos Bagno, é professor na universidade de São Paulo(USP), Doutor em filologia e Linguística do instituto de Letras da universidade de Brasília , tradutor, escritor brasileiro, que atua na área da sociolinguística e Literatura, voltando-se para o ensino do Português. Além disso ele é autor de obras como “As memórias de Eugênia”, “preconceito Linguístico”, publicou a língua de Eulália em 1997.

A temática abordada no livro faz parte do campo da sociolinguística é o preconceito voltado aos usuários de variedades não -padrão.

No livro “ preconceito Linguístico “ o autor Marcos Bagno, defende com vigor a língua verdadeiramente falada no Brasil, o autor vai analisar criticamente algumas “afirmações falaciosas” acerca do ensinar o “certo” e do “errado”, tentando combater o que ele define como a mitologia do preconceito Linguístico.

Bagno , diz que , na Linguística existe regra, “só existe língua se houver seres humanos que a falem” Aristóteles nos ensina que o ser humano “é um animal político” usando essas duas afirmações , são como o termos de um silogismo. Tratar da língua, é tratar de um tema político, e também de seres humanos.

Na primeira parte do livro a mitologia do preconceito Linguístico, o autor o apresenta a primeira parte do subtítulo: o que é, para isso, decorrem as causas e os argumentos da existência do preconceito , centrado em oito mitos, que são, muitas vezes fundamentados em senso comum.

Para Bagno (2007) a nação tradicionalista e erro , a nível a ignorância, intolerância, manipulação ideológica,

São aceitáveis para taxa-las como algo “errado” por não se enquadrarem na gramática normativa.


O preconceito Linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada . Outras afirmações são até bem intencionadas mas mesmo assim compõe uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afasta da realidade (Bagno, ,2007, p.13).

O 1 mito: “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, aborda a questão q os brasileiros falam a mesma língua, sem dialetos, o autor vai contornar essa afirmação, dizendo q embora a língua da população brasileira seja o português, essa língua apresenta uma variedade Linguística muito extensa.

Bagno, reforça que isso não é uma questão Linguística, mas sim social , e política. Neste caso, o preconceito Linguístico é decorrência de um preconceito social.

O 2 mito: “Brasileiro não sabe português” “só em Portugal se fala bem português” : consiste na ideia de que só se fala bem

**LEGENDA**

<b>Move 1</b>	
Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	
<b>Move 2</b>	
Sub6	
Sub7	
Sub8	
<b>Move 3</b>	
Sub9	
<b>Move 4</b>	
Sub10 A	
Sub10 B	

o português em Portugal que segundo o autor, é reflexo do sentimento de inferioridade dos brasileiros fruto do período colonial.

Bagno acrescenta que a língua portuguesa se mantém viva e só mudanças, sendo uma língua diferente da língua de Portugal que é gramática própria (pág.23).

O 3 mito: "português é muito difícil": Como o ensino nas escolas acontece em acordo com a norma de Portugal existe uma grande diferença entre o que é realmente falado e o que é aprendido as instituições de ensino. Por isso há dificuldade.

O 4 mito: "As pessoas sem instrução falam tudo errado" As pessoas sem instruções não sabem falar português, o autor mostra as razões q levam às variações na língua exaltando a lógica, e q o preconceito social se torna Linguístico.

O 5 mito: "O lugar onde melhor se falar português no Brasil é Maranhão" Marcos Bagno diz que é mito, explicando que as mudanças na língua aconteceram por necessidades dos falantes é não torna o português falado no Estado "melhor" ou "pior" pois como. Qualquer outra variedade tem o seu valor.

O 6 mito: "O certo é falar assim porque se escrever Assim" Bagno diz que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. Portanto a escrita é uma tentativa de representar a fala em sua Evolução.

O 7 mito: "É preciso saber gramática para falar e escrever bem": A gramática é um instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua. "É preciso saber gramática para falar escrever bem" Marcos Bagno, diz se isso fosse verdade todos os gramáticos seriam grandes escritores, e os bons escritores seriam especialistas em gramática. O autor cita, comprar a inconsistência da declaração de plantão, que escreveu obras importantes sem consultar uma gramática.

O 8 mito: "o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social" Que ascensão social é social é possível pelo domínio da norma culta, o autor diz que se ele fosse verdade, os professores estariam no topo da pirâmide social. Bagno, mostra que não existe homogeneidade na língua e todas as variações dela devem ser respeitadas.

Preconceito Linguístico é um livro muito polêmico, faz uma Análise das relações da língua com a sociedade, e as implicações que ambas têm, como a língua reflete dentro de uma sociedade. Em geral o preconceito Linguístico é um fenômeno que é ignorado, em virtude de não o reconhecimento de diferenças Linguística, um ponto positivo está no fato do livro apresentar uma linguagem acessível a qualquer leitor, tornando possível a popularização do estudo aos mais diversos falantes a língua.

Preconceito Linguístico é recomendado aos



pesquisadores na área de linguagens e para professores e estudantes do curso de Letras e da pedagogia.

## CÓD. A4R1

### **DADOS E OBRAS DO AUTOR**

MARCOS BAGNO, tradutor escritor e linguista, e Doutor em filosofia nasceu no dia 21 de agosto de 1961 em Minas-GERAIS professor de linguística no instituto de letras da universidade de Brasília. Além desses títulos é autor de duas dezenas de obras premio literárias, recebeu em 1988 recebeu o premio Nestlé da literatura Brasileira e, em 1989 o premio Carlos Drummond de Andrade de Poesia entre outros.

O autor publicou várias obras tais como:

A invenção das horas (canto), Ed. Scipione, 1988 IV Premio Bienal Nestlé da Literatura brasileira; A vingança da cobra juvenil, Ed. Ática, 1995; O processo independência do Brasil, Ed. Ática, 2000; Preconceito linguístico - o que é, com se faz, Ed. Loyola, 1996; A barra Zoe (infantil), Ed. Formato, 1995; Miguel, o cravo e a rosa (infantil), Ed. E o autor tem muitas outras obras.




### **PRINCIPAIS ARGUMENTOS DO TEXTO**

O objeto dessa obra é entender o preconceito linguístico no Brasil que são apenas resultado da ignorância e da intolerância e da manipulação ideológica. Colonizadas pelo Portugal anos atrás, muitos ainda acreditam no mito que diz que o português correto é o do Portugal. Infelizmente essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na nossa sociedade brasileira, vimos essa tendência aumentarem nos meios de comunicação em colunas de jornais e revistas e manuais que pretendem ensinar o que é certo e o que é errado sem falar claro nos instrumentos tradicionais de ensino da língua portuguesa: a gramática normativa os brasileiros não sabem português o preconceito linguístico fica muito claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem negativa que os brasileiros tem de se mesmo.




O autor apontou a obra de DARCY RIBEIRO que no seu ultimo estudo sobre povo brasileiro escreveu: apesar dos efeitos pela fusão de matrizes tao diferenciadas os brasileiros são hoje um dos povos mas homogêneos linguista e culturalmente e também um dos enterrados socialmente na Terra falam uma mesma língua sem dialetos [epigrafe meu folha de SÃO PAULO, 52/95] existem também uma longa tradição de estudos filosóficos e gramaticais que se baseou durante um tempo nesse preconceito da unidade linguista do Brasil. "Esse é mito de que os brasileiros não sabem falar português é muito prejudicial a educação porque não reconhece a verdadeira diversidade do

### **LEGENDA**


#### **Move 1**

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



#### **Move 2**

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

#### **Move 3**

- Sub9 


#### **Move 4**

- Sub10 A 
- Sub10 B 

Desenvolvimento parcial

português falado no Brasil a escola tenta impor sua norma linguística com se ela fosse de fato comum a todos os 166 milhões de brasileiros” (p.15) tem muitas pessoas no Brasil sem escola falam uma variedade de português não- padrão com sua gramática particular que, no entanto, não é reconhecida como válida, que é desprestigiada e ridicularizada. O Brasil é um país subdesenvolvido porque a sua população não é uma raça pura, mas sim resultado de uma mistura negativa de raças sendo duas delas é negro e indígenas não inferiores ao branco assim uma raça que não é pura não pode falar a língua que não é pura esses sotaques são dos indígenas o brasileiro sabe português sim o que é diferente de português dito no Portugal. Os brasileiros usam esse termo que falam português no Brasil por uma razão histórica de ser colônia portuguesa mais o Brasil tem a sua própria gramática, isto é, regras e funcionamentos diferente da língua portuguesa falado no Portugal as diferenças são tao grandes muitas vezes surgem dificuldades de compreensão de vocabulário. Como o nosso ensino da língua sempre baseou na norma gramatical do Portugal as regras que compreendemos na escola em boa parte não correspondem a língua que falamos e escrevemos no Brasil por isso achamos que português é difícil. “Muitos acreditam que o português falado no Maranhão é mais certo mas não passa de um mito sem fundamentação científica, no Maranhão se usa ainda com grande regularidade o pronome tu segundo das formas verbais clássicas mais devido a reorganização do sistema pronominal o tu foi substituído por você isso nos leva necessariamente a concordar que é preciso conhecer gramática para falar e escrever bem o português pois é considerada como mito com diz o autor Mário Perimem sofrendo a gramática” (p.50) não existe um grão de evidencia contra isto evidencia disponível é em contrario . “Afinal se fosse assim todos os gramáticos seriam grandes escritores e os bons escritores seriam especialistas em gramática” (p.62).

Para relacionar esse capítulo com a realidade do meu país Guiné-Bissau, falamos duas línguas Crioulo e Português português por ser também uma colônia portuguesa nessa perspectiva todo mundo fala crioulo o português só se aprende na escola e a maioria não tem acesso a escola e tem grande quantidade de evasão escolar por parte das pessoas mais carenciados sem oportunidades e as vezes o português ensinado na escola não é suficiente por causa da má formação dos professores.



Não representa nenhum movimento prototípico

**CÓD. A5R1**

MARCOS BAGNO, é tradutor, escritor e lingüista, é Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Lingüística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, é um Autor com tantas obras publicas onde destaco as mais recentes:

Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa, Parábola Editorial, 2001 Norma lingüística, Ed. Loyola, 2001

Língua materna: letramento, variação e ensino, Parábola Editorial, 2002

O espelho dos nomes (juvenil) Ática, 2002

Recebeu prêmios com seguintes obras: A invenção das horas (contos), Ed. Scipione, 1988 (IV Prêmio Bial Nestlé de Literatura Brasileira)

O papel roxo da maçã (infantil), Ed. Lê, 1989 (Prêmio "João de Barro" de Literatura Infantil).

Enquanto humanos, vivemos centrando as nossas ações em dois juízos, "o de fazer o bem e o mal" que por sua vez são traduzidos no certo e errado, em "saber e não saber", motivos que tem suscitado muitos equívocos como o de: "brasileiro não sabe Português" e que "Português é muito difícil". Será que é falta de saber que faz o homem falar mal ou será que é o saber que leva homem falar bem? o quê é saber falar bem uma língua? essa comichão de querer dar uma resposta certa nessas questões levou professor Marcos Magnos escrever o livro: "Preconceito Linguístico - o que é e como se faz". **um livro rico com 189 páginas, organizadas em cinco capítulos e subtemas bastante interessantes** que mostram os preconceitos linguísticos que o autor denomina de mitos que enfermem as sociedades brasileiras, o nosso foco nesta resenha será apenas o primeiro capítulo, "I - a mitologia do preconceito. [pg. 13]" esse capítulo vem tirar a máscara posta pelos peritos da gramática tradicional, que só fala bem o português o alfabetizado, o urbanizado e não o camponês e analfabeto, autor traz a razão da essência da linguística aos conservadores da gramática tradicional e mostra-os que "a língua" não é estática, Dr. Marcos Magnos, defende que a língua portuguesa falada no Brasil varia de região em região, isto significa que não firma na norma plasmada na gramática tradicional, esse desvio da norma leva muitos acadêmicos considerar os que usam tais desvios como pessoas "sem língua" o que o autor denomina de preconceito linguístico banhado na "ignorância, intolerância ou manipulação ideológica" [pág. 20], a base fundamental do uso de uma língua é a "comunicação" portanto, é absurdo considerar alguém que comunica-se usando uma língua de alguém sem língua por não usar a norma ou o nível que os acadêmicos aprovam.

O uso de uma determinada língua nunca foi imitação, e nunca será cópia, não podemos ser arrastados pensar que a língua é uma imitação, ou uma cópia onde todos seus falantes são

**LEGENDA****Move 1**

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



**Move 2**

Sub6	
Sub7	
Sub8	

**Move 3**

Sub9	
------	---

**Move 4**

Sub10 A	
Sub10 B	

Desenvolvimento parcial

obrigados a imitar o padrão, como afirmam a baixo o Duarte Nogueira Sérgio, num dos seus livros "Sempre me perguntam onde se fala o melhor português. Só pode ser em Portugal! Já viajei muito pelo Brasil e já estive em todas as regiões. Sinceramente, não sei onde se fala melhor. Cada região tem suas qualidades e seus vícios de linguagem." A variação linguística não erro e a língua não é estática, é dinâmica, e nesse seu dinamismo é onde está submetida a variação linguística de localidade em localidade, pois o "poder da fala é inteiramente individual, depende da vontade e da inteligência do indivíduo, como afirma o pai da linguística Ferdinand Sussurre" . Já mais uma língua será a mesma depois de emigrar de um país para outro, se num próprio país a língua varia imagina noutra território. Compara os falantes de português na cidade Lisboa e os madeirense, só ainda dentro de Portugal...

Nenhuma língua se mantém imutável, quando conhece novo território, nova cultura, novas tradições e novas pessoas, o meu ambiente também é uma fonte de mudanças de uma língua. Esses mudanças não fazem duma língua melhor que a outra.

Assim como não existe uma cultura superior que a outra, essa lógica nos entender que também não existem uma língua superior que a outra, como foi defendido por alguns autores mencionados por Magnos e tem sido defendido por muitos professores de português, nenhum dos português é melhor ou superior que o outro, tanto quanto de Portugal, como do Brasil, assim "sendo, nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas diferentes um do outro e atendem às necessidades linguísticas das comunidades que os usam, necessidades que também são... diferentes"! Magnos Marcos[pág. 30]

Os falantes de ambas línguas tem a autonomia de falar como bem desejam como afirma Monteiro Lobato no seu livro Emília no País da Gramática(pg100,101) "ambas tem o direito de falar como quiserem, e portanto ambas estão certas. O que sucede é que uma língua, sempre que muda de terra, começa a variar muito mais depressa do que se não tivesse mudado. Os costumes são outros, a natureza é outra as necessidades de expressão tornam-se outras. Tudo junto força a língua que emigra a adaptar se à sua nova pátria".

Mito 3 Toda língua torna difícil quando quebra a transmissão das mensagens, ou seja quando o receptor não consegue decodificar as mensagens do emissor, digo aqui com muita tranquilidade que neste contexto não existe a presença de uma língua, mas sim produção de som ex: um mundo gritando par si. Podes não acreditar, mas a língua em si é uma juíza, em muitas situações não precisa se de A ou de C para vir mostrar a coerência, ou a coesão da mesma porque a mesma língua capacita o intelecto na organização dos pensamentos antes de produzirem as ideias que culminaram em palavras, e por sua vez acções, por isso que as crianças sem escolaridade falam bem uma determinada língua

e os adultos em muitas das vezes tiram os substantivos o/a dizem assisti o filme ao invés de assisti ao filme. (não digo que as palavras tem forças, mas sim a fala tem força).

A escola existe para dar conceito em determinados conhecimentos existentes, a gramática vem para regulamentar os conhecimentos, e o dicionário encarrega-se em agrupar os, desmistifica-los, aqui vimos que o conhecimento vem existir primeiro que a ciência, o que o homem faz é estudar o que existe, baseando-se a prática natural que lhe proporcionado, portanto é errado admitir que só fala bem o português aquele que foi instruído, porque vimos no terceiro capítulo que a pessoa pode sim falar bem o português sem instrução, como caso das crianças.

Os usuários da norma culta estariam mais preocupados em ensinar a coerência e coesão nos casos seguintes “os menino tudo” ou “houveram fatos” Bagno Marcos [pág. 50], do que perder tempo nas classificações das comunidades porque “toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam”. Não existe falantes “melhor” ou o “pior” de português devemos “respeitar todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação

E de relação entre as pessoas que as falam. Se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte do preconceito. Temos de levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, a culta inclusive. Bagno Marcos [pg. 51]

“Muitas gramáticas e livros Didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a “corrigir” Quem fala muleque, bêjo, minino, bisôro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas”. Pode ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma Língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Bagno Marcos [pg. 52], “Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer BUnito ou Bonito, mas que só pode escrever BONITO, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito, mas é preciso lembrar que ela funciona como a partitura de uma música: cada instrumentista vai interpretá-la de um modo todo seu, particular! A Escrita não é a fala mais sim uma tentativa de representação da língua falada, Bagno Marcos [pg. 53]” na língua falada é onde ocorre as mudanças e variações que vão transformando a língua do ponto de vista de cada indivíduo o aprendizado da língua sempre precede o aprendizado da língua escrita quando ela acontece.


Esse mito número 6 como é denominado por autor, leva-me perceber que há uma luta entre a língua falada e a escrita, a escrita

vem com intuição de superar a fala, mas a fala diz: hei calma aí muleque esperto, antiguidade é um posto, não se legitima “obrigando as pessoas falarem do mesmo modo” Bagno Marcos [pg. 56], pois eu estou aqui bem presente para trazer as mudanças e Liberdade na fala.

O mito número 7. Levou-me pensar naquele discussão mitológico de galinha e o ovo de quem veio existir primeiro, na verdade esse mito foi tirado com bases bíblicas que mostram quando Deus quando criou o mundo e suas espécies, criou homem e mulher, nos animais, aves e os insetos criou macho e fêmea, (Gêneses1:27), Deus não criou ovos, portanto, trazendo esse argumento no contexto linguístico digo que Deus deu primeiro a fala que é a língua ao homem e depois é que deu o conhecimento ao homem de formar regras de usar a sua fala, portanto é mesmo mito afirmar que “para fala bem o português precisa saber dominar a g mito número 7, Magno Marcos [pág.62].

Vamos reforçar essa ideia com os argumentos do próprio autor baseadas “em termos científicos, Luiz Carlos Cagliari em Alfabetização & lingüística7: A gramática normativa foi num primeiro momento uma gramática descritiva de um dialeto de uma língua. Depois a sociedade fez dela um corpo de leis para reger o uso da linguagem. Por sua própria natureza, uma gramática normativa está condenada ao fracasso, já que a linguagem é um fenômeno dinâmico e as línguas mudam com o tempo; e, para continuar sendo a expressão do poder social demonstrado por um dialeto, a gramática normativa deveria mudar. [pg. 67]

Por último, digamos que o saber falar não faz de alguém ser de classe social mais nobre ou seja, rico, ou pobre, mas sim um suplemento interessante na sociedade, portanto este mostra a todas sociedade que estiver subjugo colonial que eles tem uma independência linguística e deve ser respeitada como é, porque a língua não serve somente para comunicação mais sim como conservadora de identidade e expressão cultural de uma nação. Não vejo fronteiras neste livro, as suas abordagens abrangem círculo social e acadêmico em geral, pois traz contributos significativos para um novo olhar linguístico social, digamos Preceito Linguístico é um tema bastante transversal nos países PALOPS, pois todos países colonizados pelos português vivem os mesmos problemas que foram mencionados aqui, até algumas comunidades chegam a vivenciar discriminações linguísticas que provocam conflitos sociais mais graves entre os cidadãos do mesmo país, trago aqui episódios que acontecem em Angola por exemplo, uma boa parte da sociedade angolana no norte é de etnia kikongo, e tem com língua materna também kikongo, ao falar o português são muito fáceis de ser identificados como bankongos através da força do sotaque da língua materna, são discriminados em na capital do país, são atribuídos nomes como "Langas" só para zombar a sua forma de expressar o português, e esse acto traz danos imagináveis aos que sofre essa discriminação, muitos



Não representa nenhum movimento prototípico

deles acabaram deixar de se identificar com da etnia kikongo através serem sempre julgados, e no sul do país a identidade das línguas maternas está se perdendo, uma boa parte dos "sulanos" vejam que o português é a língua mãe, a superior de todas nossas línguas enquanto.

### CÓD. A6R1

No capítulo 1 do livro "Preconceito Linguístico: o que é, como se faz" o linguista e escritor brasileiro, Marcos Bagno discute o surgimento da metodologia na base na norma culta. o autor nos convida para um pensamento com ele acerca mitologia do preconceito linguístico dentro da língua portuguesa. O primeiro capítulo está dividida diferentes tipos de mitos que são usados na sociedade.

No mito nº1, intitulado "A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente" ele traz-nos uma visão sobre a comparação do português falada no Brasil assim como a falada em Portugal. Esse tipo de comparação prejudica a educação dos alunos tendo em conta a diversidade existente no Brasil além disso o país conta com um grande número da população que não tem acesso a educação e domínio de uma norma culta

Essa discriminação já vem desde a constituição da república. De acordo com essas variedades de línguas é necessário deixar dessas críticas de que o português falado nos diferentes países um é mais melhor que o outro e que fique só claro que os portugueses falados são diferentes é preciso que a ministério de educação elabore políticas que levem em conta diversidade e variações linguística dentro de um país




No mito 2 "Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português" ele discute a consiste ideia de que o bom português é só falado em Portugal, elevado o português do Portugal como superior de todos. Esse mito foi transmitido de geração em geração e ensinado erradamente na escola, ele acrescenta que a língua portuguesa se mantém viva e em constante mudança; a do que aquele falado em Portugal.

Essa diferença entre os dois países é muito grande tanto na " no vocabulário, nas construções sintáticas, no uso de certas expressões, que muitas de vezes casuais dificuldade na compreensão.




No mito nº 3 "Português é muito difícil" o Bagno aborda a ideia de dificuldade de aprender a língua portuguesa conforme a norma culta de Portugal. Ele salienta que todo nativo incluindo o brasileiro sabe falar o português, sim, e a questão está na variedade do que ensinado e falado em instituições de dois países. A continuidade de cobrança de seguir ensino tradicional, leva muitos estudantes a concluir o ensino médio com competência em exprimir se na escrita e na fala em qualquer que seja. É

### LEGENDA


#### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



#### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

#### Move 3

- Sub9 

#### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

sempre uma grande dificuldade para um estrangeiro no aprendizado de qualquer que seja a língua.

No mito nº4 o autor traz a ideia de que "As pessoas sem instrução falam tudo errado", ele aborda a razão por trás da variação linguística, e salienta também que o preconceito linguístico existe tanto na classe sociais e assim também na fala de certas regiões.

No mito nº 5 "O lugar onde melhor se fala português no Brasil e o Maranhão" pois, o português colonial é preservado, o autor alerta de que esse é um mito sem fundamento, porque nenhuma variedade seja nacional e regional não é 'intrinsecamente "melhor", "mais pura", "mais bonita", "mais correta".

No mito nº 6 "O certo é falar assim porque se escreve assim, o Bagno argumenta que em todas as línguas que compõem o mundo existe uma coisa chamada variação linguística, com isso não existe a forma certa ou errada de falar ou de escrever desde que os que estão falando se compreendem e porque estão certos. Então, não existe nenhuma língua falada do mesmo jeito em todos os lugares.

Mito nº7 "É preciso saber gramática para falar e escrever bem" desde que o autor discute que não existe o português bem ou mal falado, o Bagno diz que mesmo não conhecendo bem a gramática pode sim falar bem o português e assim acontece com as crianças elas falam bem o português por que nasceram ao crescer aprendeu bem o português sem mesmo ir a escola. Porém se fosse para levar o conhecimento da gramática em conta, todos os que escreveram gramática seriam escritores e os bons escritores seriam especialistas em gramática.

Ele nos lembra que até os escritores são os primeiros a declarar que a gramática não é com eles.

No ponto de vista do autor, essa ideia de que é preciso conhecer a gramática para expressar e escrever bem, foi inversão da realidade, onde as gramáticas foram escritas como um instrumento de controle e poder dentro da sociedade.

No mito nº 8 "O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social" que fechou o circuito mitológico, tem muito a ver com o primeiro, uma vez que os dois mitos tocam as questões que acontecem na sociedade. Nesse último mito o autor diz que não se deve se preocupar apenas em ensinar as pessoas sobre a norma culta, mas também em preçar levar em conta a variação linguística existente num determinado país.

Recomendo esse texto sim, pois é um texto muito importante para os acadêmicos, enfim para qualquer um que quiser aprofundar seu conhecimento a respeito da língua. O texto nos esclarece muito bem essa diversidade linguística, para os que tinham uma visão diferente como agora entendi que existe uma língua melhor que a outra, mas sim só diferente da outra e a escrita diferente que a outra. Além do mais, entre essa diversidade linguística devemos respeitar a forma de cada povo.



desde já que se entendam uns aos outros.

### CÓD. A7R1

Marcos Bagno é um intelectual brasileiro que nasceu aos 21 de Agosto de 1961, no Estado de Minas Gerais. Ele é formado em Filologia e Língua Portuguesa por uma das universidades mais reconhecidas no Brasil, a Universidade de São Paulo (USP). O professor acumula obras importantes na área de Linguística, entre as quais o livro que problematiza a questão da norma-padrão do português, a saber: *“Preconceito linguístico: o que é, como se faz”*.

Sabendo que a língua portuguesa é tradicionalmente orientada por um conjunto de normas que determinam a forma “correta” de expressar os pensamentos por meio de palavras e escrita, sem levar em consideração outros aspectos externos, Marcos Bagno (1999), através da sua obra acima mencionada, propõe a inclusão das variações linguísticas que se observam no território brasileiro com a finalidade de comprovar a inexistência de uma língua relativamente superior em relação à outra. Acreditamos que a ideia principal do autor não seja menosprezar a norma-padrão da língua portuguesa, mas sim, apontar o reconhecimento pela multiplicidade que caracteriza o povo brasileiro.

Segundo o autor, o preconceito linguístico é uma forma de exercer juízo de valor negativo sobre a expressão oral dos indivíduos sem ter uma noção mínima dos fatores que justificam a maneira como se expressam e se dá por conta da confusão – se assim podemos dizer, ocasionada entre a língua e a própria Gramática. Ora, tal como uma receita de bolo não é um bolo, a gramática não é uma língua, por isso a sociedade deveria se desfazer dessa confusão.

Com respeito à mitologia do preconceito linguístico, temos que concordar com autor ao afirmar que essa prática tem sido alimentada em programas de televisão, rádios, colunas de jornal, revistas e em manuais que pretendem ensinar o que é certo e o que é errado, pois em função da ideia de superioridade da língua portuguesa sobre outras línguas no Brasil e nos países africanos de expressão portuguesa, pregada há anos, vemos atualmente algumas pessoas a apropriarem-se dos aspectos gramaticais ao ponto de menosprezar as línguas de características culturais, que influenciam no modo como seus usuários empregam o português.

De acordo com o linguista, a mitologia do preconceito está composta por oito (8) mitos. O primeiro está relacionado com a noção de unidade linguística no Brasil. Bagno (1999) assevera que a diversidade de línguas contraria completamente a visão de que existe uma homogeneidade em relação ao português falado no território brasileiro, porque além da extensão territorial, a nação apresenta inúmeras assimetrias que espelham o ambiente

### LEGENDA

#### Move 1

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



#### Move 2

Sub6	
Sub7	
Sub8	

#### Move 3

Sub9	
------	---

#### Move 4

Sub10 A	
Sub10 B	

ao qual pertencem os indivíduos. Em outras palavras, conseguimos identificar e/ou reconhecer uma determinada comunidade linguística (carioca, cearense, catarinense, por exemplo) a partir das particularidades que os indivíduos demonstram. Dito isso, podemos dizer que o português falado nas regiões que compõem este imenso país chamado Brasil passa por algumas modificações mediante às circunstâncias sociais, culturais e históricas.

O segundo mito diz respeito ao saber falar corretamente o português. O professor tece duras críticas aos brasileiros que sustentam a ideia de que os portugueses, por seguirem rigorosamente os padrões estabelecidos pela gramática normativa, falam de modo inteligente a língua portuguesa. Ele garante que:

O brasileiro sabe o seu português, o português do Brasil, que é a língua materna de todos os que nascem e vivem aqui, enquanto os portugueses sabem o português deles. Nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas diferentes um do outro e atendem às necessidades lingüísticas das comunidades que os usam, necessidades que também são... diferentes!  
(Bagnó, 1999, p. 31)

A declaração do autor confirma o que dissemos anteriormente: não há uma língua superior do que as outras. O que acontece é que o português de Portugal apresenta uma variedade totalmente diferente do que se verifica no contexto brasileiro, como bem salienta o professor. Nesse sentido, os falantes do português brasileiro devem se orgulhar da identidade linguística que carregam e não tentar enquadrar esforçadamente os termos nos moldes da gramática normativa para se sentirem membros da sociedade “cultura” e “civilizada”.

Um detalhe interessante que desperta a nossa atenção é a ênfase que o autor confere à palavra “diferentes”. Ela é um ponto chave para entendermos, de uma vez por todas, que a arte do bem falar ultrapassa os limites das raças, estando à disposição do brasileiro (negro e indígena) e do branco europeu.

Quanto ao terceiro mito, o autor diz que o ensino da língua no Brasil sempre se baseou nas normas da gramática tradicional cujas regras acompanham de longe a verdadeira realidade linguística do Brasil e, por isso, tem desencadeado o preconceito. De fato, a gramática, desde os tempos passados, tem sido inflexível com as variedades que fogem à sua consideração, ditando expressões que acabam por dificultar grande parte das pessoas que entram nas instituições de ensino com uma maneira particular de falar. Como consequência, tais falantes desistem da escola por alimentar a afirmação de que “o português é muito difícil”. Se, ao menos, os professores tradicionais chegassem ao conhecimento das percepções sustentadas pelo professor Marcos Bagno, os alunos

encontrariam justificativas e prazer em aprender a língua portuguesa.

Facilmente nos deparamos com pessoas que falam mais de uma língua, então não é difícil, muito menos impossível, falar um idioma como o português.

Com respeito ao quarto mito, o professor defende que o uso de palavras que ocorrem em situações reais de comunicação, por parte dos indivíduos que constituem o grupo social marginalizado, causa aversão aos que se sentem mestres da retórica muito por conta das questões políticas e sociais. Sem dúvida alguma, o aspecto político teve um papel importante na disseminação dos mitos revelados por Bagno, pois os estudos mostram as iniciativas que foram tomadas ao longo da história para a afirmação da variedade culta do português tanto no Brasil quanto nos países africanos de língua portuguesa.

No que concerne ao quinto mito, o linguista critica a posição dos que defendem uma suposta supremacia do português falado no Maranhão em detrimento de outras regiões do país.

Ele reforça a necessidade de

“abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o ‘melhor’ ou o ‘pior’ e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam” (Bagno, 1999, p. 51).

Se as variedades da língua recebessem o devido respeito, nada do que tem sido abordado pelo autor sobre os mitos, se tornaria base de estudos desenvolvidos por outros pesquisadores que olham para a questão sob uma perspectiva diferente da visão tradicional. É preciso entender que a identidade, a história e a cultura de um povo reside na língua, portanto, a maneira como a língua portuguesa se adapta às necessidades comunicativas do brasileiro (negro e indígena) deveria ser considerada um “tesouro precioso” e não uma pedra de tropeço para gramática.

Ora, será que o cearense precisa abdicar-se da sua particularidade para falar como um maranhense? Com certeza que não. Ambos precisam apenas desenvolver a consciência de que as características, ainda que sejam diferentes, merecem ser respeitadas, destruindo assim qualquer resquício de preconceito.

Sobre o sexto mito, o autor alega que “em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo indêntico”(Bagno, 1999, p. 52). Existem, sim, palavras que

apresentam diferenças quando pronunciadas por falantes da mesma língua; por exemplo, a gramática da língua portuguesa em Angola é baseada nos padrões linguísticos de Portugal, que emprega a palavra “acção”. Entretanto, os angolanos seguem na prática um caminho contrário da escrita literária; ao invés de “acção”, a grande maioria da população fala “ação”, inclusive os eruditos.

No tocante ao sétimo mito, Marcos Bagno (1999) contraria a afirmação de que “é preciso saber gramática para falar e escrever bem”. Ora, a posição do autor em relação ao assunto é altamente positiva, porque a língua vem antes da gramática. Em outros termos, o homem jamais dependeu da gramática para falar e escrever bem, no entanto a gramática dependeu inteiramente das suas capacidades para ser construída.

Com relação ao oitavo mito, o domínio da norma culta de modo algum constitui um instrumento de ascensão social. Isso porque a sociedade está cheia de pessoas que conhecem as regras gramaticais e elaboram frases bem estruturadas, mas que ocupam uma posição inferior na escala social. Por outro lado, conhecemos histórias de cidadãos que ascenderam na sociedade sem necessariamente aprender as normas culta do português.

Em suma, recomendo a leitura da obra de Marcos Bagno (1999) justamente por ser um material rico que propõe uma reflexão profunda sobre a nossa realidade linguística e que contribui de modo significativo na luta contra o preconceito e discriminação social.






### CÓD. A8R1

Marcos Bagno (Cataguases, 21 de Agosto de 1961) é um professor, doutor em filologia, linguista e escritor brasileiro. Importante intelectual e professor da Universidade de Brasília (UnB) com inúmeras publicações sobre a língua falada no país. O professor é conhecido por defender a revisão da norma-padrão do português, pela inclusão de variações linguísticas e formas orais como expressão genuína e correta do português brasileiro. Ele escreveu as seguintes obras: A invenção das horas (contos) (1988); O papel roxo da maçã (infantil) (1989); Preconceito linguístico: o que é, como se faz (1999); Norma linguística (org.) (2001); Vaganau (poesia) (2010); Sete erros aos quatro ventos: a variação no ensino de português (2013); Festa no meu jardim (infantil) (2011); O tempo escapou do relógio (infantil) (2011); As memórias de Eugênia (romance) (2011); Gramática de bolso do português brasileiro (2013); Gramática pedagógica do português brasileiro (2012); Marcéu (infantil) (2013); Gramática brasileira para hablantes de español (com Orlene L. S. Carvalho) (2015); Dicionário crítico de sociolinguística Objeto língua (2019);

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcos\\_Bagno](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcos_Bagno)

### LEGENDA

#### Move 1

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



#### Move 2

Sub6	
Sub7	
Sub8	

#### Move 3

Sub9	
------	---

#### Move 4

Sub10 A	
Sub10 B	

A obra *Preconceito Linguístico* – o que é, como se faz; contem 176 páginas e IV capítulos, mas esta resenha baseou-se apenas no capítulo I. Esta obra, fala sobre a ignorância que alguns dos falantes da língua portuguesa têm quando o assunto é: Português falado em Brasil ou mesmo Brasileiro. Ao longo das suas abordagens neste obra, o autor cita 8(oito) mitos e fantasias que o autor classificou como: afirmações falaciosas que ele achou relevantes enquanto fazia as suas pesquisas e decidiu abordar sobre os mesmos detalhadamente para melhor entendermos os seus argumentos. Os mitos que podemos encontrar nesta obra são: “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”; “Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português”; “Português é muito difícil”; “As pessoas sem instrução falam tudo errado”; “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”; “O certo é falar assim porque se escreve assim”; “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”; “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”.

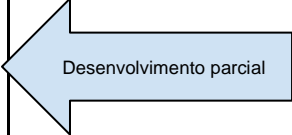
Os argumentos do autor foram de fato muito bons, mas seriam ainda melhores se o mesmo citasse a dicotomia língua/fala para defender as suas ideias, pois, é bem-sabido que, uma língua sem falantes nunca evoluirá, ou seja, a língua evolui em função da fala, então, pode-se dizer que: o português falado no Brasil é praticamente a versão evoluída do que é falado em Portugal, e o mesmo acontece com o Inglês Americano e o Britânico.

O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal (BAGNO, Marcos; pg. 23).

Segundo o autor, a língua portuguesa passou por diversos processos, mas se “manteve muito bem obrigada, falada, e escrita por cada vez mais gente, produziu uma literatura reconhecida mundialmente, é propagada também em nível internacional pelo grande prestígio de que goza a música popular brasileira — entre tantas outras provas de sua vitalidade.” (BAGNO, Marcos; pg. 23).

Pode se constatar através desta obra que, tanto em Brasil como em outros países que foram colonizados pelos portugueses, acabam por ser prejudicados na área da educação porque nas escolas destes países são impostas leis ou normas gramaticais portuguesas, desvalorizando assim as normas destes ou mesmo o português falado por estes países. É possível vermos na obra, que o autor coloca o primeiro mito como sendo “prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica” (BAGNO, Marcos; pg. 15).

O Brasil é um país com língua oficial portuguesa, mas o fato de, o português falado por este ser diferente em comparação ao


 Desenvolvimento parcial

falado em Portugal, não quer dizer que um é menos importante que o outro. Nós temos de ter em conta que o mundo é feito de diferenças e temos que saber respeitar isso, podemos até não aceitar, mas temos a obrigação de, pelo menos, respeitar as coisas como são.

Hoje em dia é mais fácil vermos “gringos” aprendendo falar português brasileiro em relação ao de Portugal. Nós vimos brasileiros, angolanos, etc. aprendendo o inglês americano em relação ao britânico pelo simples facto destes serem mais simples, práticos e comuns, e também é comum vermos filmes dublados por brasileiros em relação aos portugueses, mas isso não quer dizer que os tipos de línguas mais usados são os mais importantes e os outros.

O autor na verdade considera o segundo mito como sendo duas opiniões comuns e duas faces da mesma moeda enferrujada que refletem o complexo de inferioridade e “sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais civilizado” (BAGNO, Marcos; pg. 20).

É possível vermos também no texto que algumas pessoas acham que o melhor português falado no Brasil é o falado no Maranhão, mas o autor desta obra considera isso uma autentica bobagem, mas que continua sendo contada em vários pontos do país mesmo sem ser comprovado cientificamente.

O autor fala ainda sobre o preconceito de os professores obrigarem os alunos a pronunciarem ou falarem do jeito que escrevem como se essa fosse a única maneira de falar o português.

É possível vermos também na obra que não é necessariamente obrigatório que todos nós conheçamos a gramática para falarmos o português porque se assim fosse todos nós seríamos bons escritores, o que está longe de ser verdade.

“O que aconteceu, ao longo do tempo, foi uma inversão da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como “regras” e “padrões” as manifestações linguísticas usada espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. Ou seja, a gramática normativa é decorrência da língua, é subordinada a ela, dependente dela” (BAGNO, Marcos; pg. 59).

De facto, a linguagem da obra é acessível para todos os níveis. Nós precisamos de mais conteúdos como este porque há muita gente preconceituosa por aí, e este conteúdo veio para acabar com isso e com vários outros mitos sobre a língua portuguesa e não só.

**CÓD. A9R1**

O preconceito linguístico está enraizado na sociedade como uma erva daninha. Embora saibamos que a língua é viva e que há constantes mudanças na mesma, muitos ainda se prendem a norma culta esquecendo do meio em que o outro vive, sua cultura, seu sotaque e sua região.

Neste livro de Marcos Bagno, professor e doutor em filosofia, linguista e escritor, nos convida na uma densa reflexão sobre vários mitos que muitos de nós, em nossa ignorância, acreditamos se uma verdade absoluta. No entanto, será mesmo que a gramática é mais importante que o ato de se fazer entender? Ou seja, a língua?




Em seu livro, Bagno não impõe considerações necessárias sobre esse mau chamado preconceito. Mau esse tão permitido e propagado, por ser considerado “nada demais”, ou apenas “um toque inocente”. **Dividido em oito mitos**, o autor nos faz, refletir profundamente sobre o que é considerado certo ou errado na nossa língua.

No mito um, é pontuado que o preconceito está entranhado e que é considerado um dos mais graves. Se pararmos para pensar, todos veem com naturalidade o ato de corrigir o modo de falar um do outro. Contudo, a educação infelizmente não é para todos, ou melhor, não chega da mesma forma para todos, desta forma, não conseguem ter acesso a norma culta e por isso, são denominados os sem língua. O fato de não falarem o português considerado correto, os levam a serem ridicularizados, o que gera constrangimentos, e muitas vezes o isolamento.




O mito dois questiona o porquê somente o português de Portugal é correto sendo que, somos um país maior tanto em extensão, quanto em quantidade de habitantes. Ele nos faz refletir um pouco sobre essa síndrome de vira-lata, que nos faz enxergar a cultura e os costumes do outro país, serem mais bonita e interessante que a nossa. O que claramente não é verdade. Temos um poder aquisitivo baixo, pouco investimento em cultura e, conseqüentemente, não temos por exemplo, como optar entre, por comida na mesa e comprar um livro. Em nada somos inferiores. A língua é única. O português de Portugal é tão peculiar quanto o português do nosso país. Tem sua beleza e é tão correta quanto qualquer língua de qualquer lugar.

Analisando o mito três, a questão é: por que o português é difícil? Se usássemos a realidade da nossa língua, muito provavelmente aprenderíamos com mais facilidade. O autor faz críticas aos métodos de ensino tradicional, o que de fato é verdade se analisarmos que os métodos de ensino continuam os mesmos há anos e ainda assim, as pessoas tem enormes dificuldades com as normas. Dizer que o português do nosso país é difícil, acaba segregando e fazendo com que exista essa diferença entre as pessoas que falam a mesma língua, mas que se dividem entre pessoas que falam “certo” e pessoas que falam “errado”.


**LEGENDA****Move 1**

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



**Move 2**

Sub6	
Sub7	
Sub8	

**Move 3**

Sub9	
------	---

**Move 4**

Sub10 A	
Sub10 B	

O título da obra  
não é informado

No mito quatro, há uma triste comparação de que quando alguém fala trocando as sílabas, é por ter algum atraso mental. Como justificado anteriormente, falar de forma diferente, não significa que seja errado. A forma de falar, depende muito da vivência, do lugar que se vive e de sua cultura. O mais importante que a norma culta, é ser compreendido. O país é enorme! E a diferença na linguagem é o que torna mais belo.

O mito cinco é bastante interessante, o autor nos revela que no Maranhão se fala melhor o português que no restante do Brasil. Se moramos no mesmo país e temos o português como língua materna, essa divisão não faz sentido dizer que um estado fala melhor que o outro. O que acontece de fato, é que cada região tem sua linguagem característica e é totalmente compreensível que haja diferença no significado de algumas palavras.

A particularidade de cada lugar é o que torna nosso país rico em cultura e é importantíssimo acabar com esse mito do que é certo e errado na nossa língua. Ela é viva! Consequentemente mutável.

O mito seis é um pouco mais do mito anterior: a questão da variação da fala dependendo da região em que a pessoa se encontra. O autor defende que em nenhum lugar do mundo se fala da mesma forma que se escreve. De fato, isso é uma realidade. E é importante ter ciência da diferença social e econômica, e que isso influencia diretamente na forma de falar e se expressar.

Além disso, a língua escrita jamais vai conseguir expressar sentimentos e emoções como a língua falada. Isso é facilmente percebido. Ademais, o ensino tradicional precisa ser revisto, estudado e alterado pois, se olharmos para fala e escrita, perceberemos a gigantesca distância de ambos e o quanto isso afeta a todos. Principalmente aqueles que não tiveram oportunidade de se aprofundar na gramática.

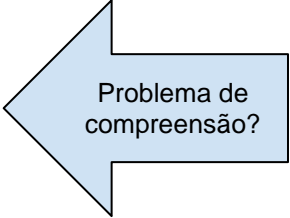
No mito sete o autor apresenta a ideia de que não é necessário saber a gramática para falar e escrever bem. Se assim fosse, não precisaríamos de revisores para corrigir erros nos livros antes de serem publicados, ou até mesmo para corrigir um trabalho de conclusão de curso.

Há cem por cento de chance de um leitor alguma vez na vida, dar de cara com um livro cheios de erros gramaticais bobos.


Concluo com isso, que se até quem "deveria" saber as vezes erra, então por qual motivo, uma pessoa comum não pode também escrever fora do padrão? A gramática nunca vai conseguir mostrar tão bem nossos sentimentos, quanto na fala. E até me atrevo a dizer, "correndo o risco de ser muito criticada", que a língua não necessita da gramática para ser compreendida.

O mito oito é um pouco mais do mito um. A forma de falar está muito ligada ao nível social em que o indivíduo se encontra. O domínio da norma, não se faz necessária para se compreender. Contudo, essa "diferença" acaba segregando as pessoas.

O ato de falar é político e, a bem verdade, uma pessoa pobre está preocupada com outras questões ao invés de entender a forma



Problema de compreensão?



Não representa nenhum movimento prototípico



correta de escrever e falar.

A língua é importante, falar é um ato político. Principalmente se você é periférico. A necessidade de ser ouvido, vai além da norma culta. Ela está acima de uma gramática perfeita. É importante para nós futuros professores, termos a noção de que lidamos com várias culturas e formas de se comunicar diferentes.

Nosso país é vasto e culturalmente rico. Expressamos nossas emoções através da fala e o som da nossa voz e mais importante que qualquer gramática aplicada.

Preconceito linguístico é uma leitura fácil de se compreender, no entanto, o autor poderia resumir todos os mitos em apenas uma página e ainda assim, ser totalmente compreendido.

O que vi nas páginas lidas, foi repetições de um mesmo ponto de vista, escrito de formas diferentes.

Contudo, não posso menosprezar o trabalho do autor. O livro deveria sim ser recomendado e por que não dizer, que deveria ser uma leitura obrigatória em todas as áreas.

É um tapa na cara das pessoas que se auto intitulam cultos por saberem diferenciar o, "mas" e o "mais", por exemplo.

A leitura é importante para quebrar preconceitos e nos fazer entender, que o mais importante que a gramática, é o poder de se fazer compreender.

Não representa nenhum movimento prototípico

## CÓD. A10R1

Marcos Araújo Bagno, nasceu em 21 de agosto de 1961 em Cataguases (MG), mas viveu em diversos Estados ao longo da vida. Depois de ter morado em Salvador, em Brasília, no Rio de Janeiro, e no Recife, transferiu-se para São Paulo em 1994, quando se tornou professor do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB), permaneceu na capital até o ano de 2002, ano em que voltou para Brasília, com o intuito de ser professor do Departamento Linguística da Universidade de Brasília. Atuou no Departamento Linguística, Português e Línguas Clássicas até 2009 e transferiu-se para O Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução.




Iniciou sua carreira de escritor ao receber o IV Prêmio Bial Nestlé de Literatura pelo livro de contos A Invenção das Horas, em 1988. A partir desse marco vieram outras trinta obras literárias até o momento e inúmeros prêmios, incluindo "João de Barro"(literatura infantil, 1988) e "Carlos Drummond de Andrade"(poesia, 1989).

No que concerne ao primeiro tópico que trata do mito número um da língua portuguesa falada no Brasil que apresenta uma unidade surpreendente, o autor aborda a questão da diversidade linguística que se encontra nas escolas como também na sociedade brasileira em si. Mostra como o país é extenso, a probabilidade de variedade linguística é muito grande. Por outro lado, ele faz uma crítica ao Darcy Ribeiro que fala sobre homogeneidade linguística e cultural de povos brasileiros.




O texto escrito pelo Marcos Bagno contém uma linguagem

## LEGENDA


### Move 1

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



### Move 2

Sub6	
Sub7	
Sub8	

### Move 3

Sub9	
------	---

### Move 4

Sub10 A	
Sub10 B	

simples e claro que permite a compreensão do texto, também a linguagem utilizada neste livro é clara, principalmente para iniciantes da academia, porque o autor aborda muito bem o assunto. Isso permite perceber de uma forma tão clara. Também é de salientar que o texto é de suma importância, porque ajuda-nos a entender o Brasil que vivemos com a sua grande diversidade.

O Bagno (2007, P. 15) começou o desenvolvimento da primeira parte intitulada o mito número um (1) e abordando sobre maior mito que compõe a metodologia do preconceito linguístico no Brasil. Porém ele afirma que o preconceito linguístico está enraizado na cultura até nos intelectuais brasileiros que deixam ser enganado de que a fusão de matriz tão diferenciada dos brasileiros são hoje um dos povos mais homogêneos linguísticos e culturais.

Do mesmo modo, Bagno na mesma página 15 afirma que uma longa tradição de estudos filosóficos e gramaticais baseou durante muito tempo nesse preconceito irreal da unidade da linguística do Brasil. Deste modo, mostra que este mito de uma língua única prejudica a educação, na medida que não reconheceram a real diversidade da língua portuguesa que se encontra no Brasil. Neste sentido, a escola impor sua norma linguística como se fosse a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros independentemente da sua idade região situação socioeconômica ou seu grau de escolaridade.

Todavia, segundo ele, mostra que apesar de língua que a maioria das brasileiras falam é a língua portuguesa, mas mesmo assim apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só pela grande dimensão territorial que o país tem, que gera essa diferença regional bastante conhecida e também vítimas alguns deles de muito preconceito. Mas o problema é de trágica injustiça social o que faz de Brasil a ser considerado o segundo país com maior distribuição de renda em todo o mundo. Portanto, mostra ainda que essas graves diferenças de status social que explicam a existência do Brasil em que os falantes das variedades não padrão do português brasileiro que são maioria da população.

Em seguida, Bagno (2007, P. 16) aborda a questão da educação que ainda é privilégio de muita pouca gente em Brasil, de modo que uma grande quantidade da população brasileira ainda fala a língua culta mas que é considerado não padrão. Trouxe a ideia que constroem o mito de língua única dizendo que como existe maioria dos brasileiros sem terra, sem escola, sem saúde e sem trabalho é do mesmo jeito que existe milhares de brasileiros sem língua. Portanto, “se fomos ver no mito da língua única, existe milhares de pessoas que não têm acesso a essa língua que é a norma literária empregada pelos escritores e jornalistas ou pelas instituições oficiais órgão do poder são os sem-língua.”

No entanto, na página 17 ele vai dizer que aqueles grupos de pessoas considerados de sem língua, eles falam português, mas uma variedade de português não-padrão com sua gramática particular que não é reconhecida como válida que é desprestigiado



Desenvolvimento parcial

ridicularizada. Também mostra que, as pessoas falantes de variedade linguística diferente têm seria dificuldade em compreender as mensagens expressos pelo poder público que representa só as pessoas falantes da língua padrão.

Por outro lado, segundo Bagno (2007, P. 18), “habitualmente chamado de português é uma grade balaio de gatos, onde tem diferentes tipos de gatos. Magros, gordos, grandes pequenos machos, fêmeas entre outros é assim a variedade do português brasileiro como sua gramática específica, coerente lógica e funcional”. Desse modo, o Bagno afirma que é preciso que a escola e outras instituições da cultura abandone esse mito da língua única do português no Brasil para passar a reconhecer a variedade e da diversidade linguística no país para planejar melhor suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão.

Na segunda parte Mito nº2 intitulado: “o brasileiro não sabe português só em Portugal se fala bem português” Bagno (2007, P. 20) começa com uma reflexão crítica sobre essa opinião tão habituais, mostrando que na realidade são duas faces de uma moeda que refletem a complexidade de inferioridade no sentido de sentimento, ser até hoje uma colônia que depende de um país mais antigo e mais “civilizado”. Também trouxe a concepção expressa nos livros de Sérgio Nogueira Duarte que fala sobre perguntas como: “Só pode ser em Portugal! Já viajei muito pelo Brasil e já estive em todas as regiões. Sinceramente, não sei onde se fala melhor.”

Portanto o análise dele sobre o livro principalmente sobre o título língua viva, ele afirma que seria mais acertado dizer que se trata de uma análise “preconceituosa e desinformado da língua falada no país. Por outro lado, mostra que Sérgio Nogueira Duarte simplesmente é um responsável por preconceito e que ele está apenas exprimindo uma ideologia impregnada em nossa cultura há muito tempo. Ainda afirma que é nesta concepção que o Brasil é chamado de país subdesenvolvido porque a sua população não é “pura”, mas uma mistura negativa de raça duas dela é negra e a indígena são os inferiores aos brancos “inferiores” à do branco europeu, por isso nosso “povinho” só pode ser o que.

No ponto de vista geral, no que concerne ao preconceito linguístico, segundo o Bagno (2007) é que se deve levar em consideração, é a diversidade linguística de cada pessoa pois é um ato que pode ocorrer nas pessoas dependendo de cada região, para evitar a exclusão de maior parte da população do país por não falarem a forma padronizado. Portanto no âmbito escola ou no mercado do trabalho é preciso levamos em consideração a subjetividade individual de cada pessoa, lembrando que cada aluno é um sujeito isolado com a sua diversidade tanto linguística como cultural. Sobre o chamado país subdesenvolvido, de acordo com Bagno, (2017) compreende-se que um país não deve ser considerado subdesenvolvido pelo fato da sua miscigenação, pois a miscigenação faz um país tornar rico em diversidade como em

outros aspecto como língua.

A recomendação: É que recomendo estes livros principalmente para os docentes que estão a atuar no âmbito escolar, como os discentes de curso de letras como de pedagogia e de outras pessoas que estão atuar em diferentes areas. Tanto nas instituições ou serviço público e privados, para levarem em consideração a questão da diversidade na variedade ou diversidade linguística que podem se deparar nestes espaços para evitar ou diminuir a preconceito linguístico na sociedade.

### CÓD. A11R1

Marcos Araújo Bagno, nasceu em 21 de agosto de 1961 em Cataguases (MG), mas viveu em diversos Estados ao longo da vida. Depois de ter morado em Salvador, em Brasília, no Rio de Janeiro, e no Recife, transferiu-se para São Paulo em 1994. É professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, doutor em filologia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo, tradutor, escritor com diversos prêmios e mais de 30 títulos publicados entre literatura e obras técnico-didáticas.

Neste capítulo, o autor relata de oito mitos de preconceito linguístico, no qual ele evidenciou que a língua não é uma coisa estático, hoje visto que ele muda de acordo com evolução da sociedade, ou seja, ele varia de acordo com região geográfica ou estadual. Ainda o autor traz o argumento que desconstrói que os brasileiros falam todos errados.

No primeiro mito intitulado língua portuguesa falado no Brasil apresenta uma unidade surpreendente. O autor resultou que, apesar do efeito pela fusão de matrizes são diferenciados, os brasileiros são, hoje um povo mais homogêneo linguística e culturalmente e também um dos mais integrantes socialmente da terra.






Perante este fato, o autor entende que esse mito é muito prejudicial a educação por que, ao não reconhecer o verdadeiro diversidade de português falado no Brasil, a escola tenta impor a sua norma linguístico como se ele fosse de fato a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros independentemente de sua idade e de sua origem geográfica. Ainda o mesmo resultou que embora a língua falada pelo grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variedade.

Nesse perspectiva muitas vezes os falantes das variedades desprotegidas deixam de usufruir diversos serviços a que em direito simplesmente não compreende a língua empregada pelo órgão público Bagno (p.15).




Já no segundo mito “ Brasileiro não sabe português, só em Portugal se fala bem português ” o autor resultou que a história de dizer que “ brasileiro não sabe português, só em Portugal se fala bem português ” é uma bobagem, infelizmente transmitida de geração a geração pelo ensino tradicional da gramática na escola, e os mesmo

### LEGENDA


#### Move 1

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



#### Move 2

Sub6	
Sub7	
Sub8	

#### Move 3

Sub9	
------	---

#### Move 4

Sub10 A	
Sub10 B	

O título da obra não é informado

Desenvolvimento parcial

tempo afirmou que o brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que, o português do Brasil é diferente do português falado em Portugal, de ponto de vista linguística a língua falada no já tem a sua gramática e tem regras de funcionamento que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal, e essa ótica os cientistas da linguagem preferem usar o termo Português brasileiro. Bagno (p.23)

No que diz respeito ao terceiro mito que é “ o português é difícil. ” O autor realçou que todo falante nativo de uma língua sabe essa língua, no sentido científico de verbo saber significante e empregar com naturalidade das regras básicas de funcionamento dela e também traz um exemplo de uma criança entre os 3 e 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de sua língua, o que ela não conhece são sutileza , sofisticação e irregularidade no uso de dessa regras coisas que só a leitura e estudo pode lhe dar.

No quarto mito “As pessoas sem instrução falam tudo errado ” se dizer caudia, praga, pranta é considerado “errado” essa pessoas pertencem a uma classe social desprestigiado, marginalizados que não tem educação formal e os bens culturais da elite, ao que, de outro lado ao dizer “ frouxo, escravo, branco e praga é considerado “ certo ” são da classe social cultas. De ponto de vista exclusivamente linguístico o fenômeno que existe no português padrão tem um nome técnico, rotacismo ele participou na formação da língua padrão, se o fenômeno é mesmo, por que na boca de um ele é “normal ” e na boca de outro é “ engraçado” (p.42-44) “feio ou errado” para o autor o que está em jogo não é a língua, mas sim as pessoas que falam essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive.

Segundo Bagno é uma bobagem de dizer que só no “Maranhão que se fala bem português” de modo que para ele é sabido que no Maranhão ainda se usa com grande regularidade o pronome tu, seguida das formas verbais clássicas. E reforçou o que acontece com o português do Maranhão em relação ao português do resto do país, é o mesmo que acontece com o português de Portugal em relação ao português do Brasil, de que, não existe nenhuma variedade nacional ou local mais intrinsecamente “ melhor “ “ mais pura” mais bonita e correto que outra e, ao mesmo tempo falou que toda variedade atende às necessidades de comunidade de seres humanos que a empregam.(p.47).

No outro lado, o autor mostra que Sérgio Nogueira Duarte é um responsável por preconceito que ele está apenas exprimindo uma ideologia impregnada em nossa cultura a muito tempo, também nessa ótica que o Brasil é chamado de país subdesenvolvido de modo que a população não é “ pura”, mas uma mistura negativa de raça negra e a indígena são inferiores aos brancos europeu.

Na leitura feita, vale constatar que o autor abordou conteúdo muito relevante, haja que esse assunto ajuda-nos desconstruir preconceito linguístico que, as vezes julgamos que os outros falam

errados como nós, principalmente os brasileiros sem levar em consideração a variedade e diversidade linguística presente no país. Por outro lado, vale salientar que ele traz a escrita bem clara que permite a compreensão do texto.

Portanto, recomendo que todos leiam esse livro, seja estudantes de unilab sobretudo internacionais ou não, porque ao lê-los ajudará a desconstruir o preconceito linguístico imposta pela visão eurocêntrica ao classe menos desfavorecidos, que muitas vezes pensamos que os brasileiros falam português mal.

Emprego equivocado de conectivo

### CÓD. A12R1

Marcos Bagno é tradutor, escritor, poeta e linguística, e doutor em filosofia e língua portuguesa pela a universidade de São Paulo (U S P). Professor do departamento de linguística da universidade de Brasília.

Considerando a leitura do texto, podemos compreender que a ideia apresentada pelo autor Marcos Bagno, trata-se de uma compreensão dos estudos da língua portuguesa no seu uso, forma de falar e características variados dos falantes com uma imensa variedade linguísticos, que pode ser vista no Brasil por diferentes regiões e lugares com forma de falar diferente, mas falando a mesma língua.

Com isto, M. Bagno rejeita a ideia simples que separa o uso da língua portuguesa em “certo” e “errado”, mergulha-se numa pesquisa mais profunda e refinada dos fenômenos linguísticos do português falado e escrito no Brasil. Simultaneamente, convida os leitores a refletir através das mitologias descritas como preconceito linguístico, para que seja combatido esse preconceito no uso da língua portuguesa nosso dia a dia, tanto nas Escolas, assim como nas atividades pedagógica de professores etc. Para isso, o autor analisa (8) oito mitos descrito no primeiro capítulo do livro – A mitologia do preconceito linguístico.

**No Mito nº 1 “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”** – Os falantes da língua portuguesa no Brasil apresenta uma identidade surpreendente, em que M. Bagno fala da diversidade do português falado no Brasil é variado conforme as regiões e destaca a importância de as escolas e as instituições ensino voltadas para a educação e a cultura largarem esse mito da unidade do português no Brasil e passarem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística existente país.




Entretanto, o Mito nº1 “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, exprime o maior e o mais propagado mito que compõe a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Ele está tão enraizado na cultura brasileira que até mesmos denota-se os intelectuais de renome, pessoas com visão crítica, e até os observadores dos fenômenos sociais brasileiros, se deixam confundir por ele. De fato, compreende-se que qualquer manifestação linguística que escape do triângulo Escola-Gramática-

### LEGENDA

#### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



#### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

#### Move 3

- Sub9 

#### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

Dicionário é considerado sob a ótica do preconceito linguístico, no ponto de vista do autor “errada”.

**No Mito nº 2 “Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português”** – O “Brasileiro não sabe português, só em Portugal se fala bem português”, o Marcos Bagno faz uma extensa pesquisa levando em conta a história sociocultural dos dois países para esclarecer ainda mais esse preconceito. Apresentando a “uma concepção do ralé segundo a qual o Brasil é um país subdesenvolvido porque sua população não é uma raça pura”, mas sim o resultado de uma “mistura-negativa-de raças”, das quais as duas delas, a negra e a indígena, são “inferiores” ao branco Europeu, por isso o “povo brasileiro” só pode ser o que é. No entanto, essa questão faz ecoar a ideia do colonialismo em que o colonizado tem que se falar da mesma forma que o colonizador, abdicando seus costumes e hábitos.

**Mito nº 3 “Português é muito difícil”** - ora bem, toda língua tem seus ditames, mas isso não o torna difícil ao ponto de excluir as outras variações da mesma língua, isto é, por conta das diferenças socioculturais e regional. Portanto, a frase de “Português é muito difícil”, deve ser compreendido além da realidade de estudos gramaticais e forma de ensinar português. Como se pode ver, conforme a compreensão do texto, vista-se que o embaraço está nas regras gramaticais consideradas “certas” que são aquelas usadas em Portugal, e como método do ensino não é igual e a regra não é obrigatório para todos os falantes da língua portuguesa, então, não se aplica para todos, e o ensino de língua sempre se baseou na norma gramatical portuguesa, logo, as regras que são aprendidos na escola, em boa parte não correspondem à língua que realmente falado e escrito no Brasil. Por isso, entende-se que português é uma língua difícil.

Assim em outras palavras, conforme foi tratado no texto por M. Bagno, podemos argumentar de acordo com texto que “Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua na concepção científica da linguística moderna significa conhecer intuitivamente e empregar com facilidade e naturalidade as regras básicas de funcionamento dela”.

**O mito nº 4 – “As pessoas sem instrução falam tudo errado”.** Essa visão é muito preconceituosa e não corresponde na verdade, porque nem tanto a instrução faz as pessoas falar bem uma língua. Sendo que, a língua não é estática, ela se varia de lugar para lugar e região para região e ainda pode até sofrer influências culturais, podemos destacar que as convivências culturais também ajudam na facilidade de falar uma língua, uma vez que a cultura influencia muito na forma de falar de um povo. Assim no Brasil não foi diferente como explica o autor Marcos Bagno, “na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, transformação de L e R nos encontros consonantais, como em Cráudia, chicrete, praca, broco, pranta, é tremendamente estigmatizada e às vezes é considerado até como sinal de atraso mental”. Mas é compreendido

que, essa questão pode ser resolvida e entendido por fonologia.

**Mito nº 5 – “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”** – este mito constitui uma das utopias mais irônico do Brasil, mas isso não tira a verdade que no Brasil cada região ou Estado tem sua forma de falar português diferente, isto, porque, a realidade cultural do país varia de região para região e Estado para Estado e deixar-se levar por um mito desses sem nenhuma fundamentação científica, uma vez que nenhuma variedade, nacional, regional ou local seja intrinsecamente melhor, ou mais pura, e mais bonita, ou seja, mais correta do que outra, esse mito não pode ter aceitação. Talvez podemos dizer, que esse mito nasceu uma vez, da velha posição de submissão em relação ao português de Portugal.

**Mito nº 6 – “O certo é falar assim porque se escreve assim”** - Esse mito podemos dizer que, se formos analisar ao fundo, talvez estaríamos a cometer erro sem perceber e criar uma estratificação social. Porque, nem sempre se fala conforme a norma da escrita. Entretanto, as pessoas que dominam normas cultas tendem a dominar precipícios de falar correto porque isto faz parte dos seus hábitos, mas não se aplica de forma geral aos falantes de uma língua. Sendo, observando esse preconceito perceberemos que é uma tendência muito forte, no ensino da língua portuguesa, de obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se fosse a única maneira de falar português, assimilando a forma de falar de acordo com norma gramatical. O que aconteceu é que em toda comunidade linguística do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico o tempo todo.

**Mito nº 7 – É preciso saber gramática para falar e escrever bem** – como já foi mencionado anteriormente em outros mitos acima, essa questão não tem cabimento, porque variação da língua não é estático, sendo assim, não é necessariamente dominar normas gramaticais para saber falar uma língua. No entanto, esse mito, para o M. Bagno, é difícil encontrar alguém que não concorde com esse mito. Essa afirmação pode ser vista, na grande maioria parte dos professores de português, e está formulada em muitos resumos gramaticais. Tais afirmações se invalidam, entre outras razões, pelo simples fato de que se fosse verdade, todos os gramáticos seriam grandes escritores, e os bons escritores seriam especialistas em gramática. A gramática, na visão do M. Bagno, passou a ser um instrumento de poder e de controle.

**Mito nº 8 – O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social** – diante de poder elitista podemos dizer que a ascensão social constitui de uma forma a outra interesse dos grupos sociais, que pode ser vista por outros fatores, mas não da norma culta. Isto é, sociologicamente falando denota-se que o conhecimento constitui um poder e dominar norma culta não lhe distingue de certa forma num espaço social das outras pessoas.



Portanto, dentro desse imbróglio da sociedade moderna, podemos dizer que a ascensão social se dá mais por outros meios. Embora, marca posição social, por exemplo (Juizes, Professores, Médicos etc.) têm suas formas de falar de acordo com suas classes sociais. Para tanto, para finalizar essa análise mitológico, observa-se que esse último tem muito a ver com o primeiro mito, pois ambos tocam em sérias questões sociais. Portanto, como frisa o M. Bagno, se o domínio da norma-padrão fosse realmente instrumento da ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país porque, as realidades sócias são diferentes e dominar normas não lhe garante ascensão social.

E para finalizar vale ressaltar que, em qualquer lugar do país, as pessoas pronunciam as mesmas palavras de diferentes formas, o português brasileiro tem sua diversidade, não só pela grande extensão do país, mas principalmente pela grande diferença de status social que existe.

### CÓD. A13R1

Preconceito linguístico, é um dos livros mais conhecido do tradutor, escritor e linguista Marcos Bagno. O autor vem se dedicando à investigação das implicações socioculturais do conceito de norma, sobretudo no que diz respeito ao ensino de português nas escolas brasileiras.

Nesta presente obra, o escritor relata assuntos extremamente relevantes à sociedade linguística, a relação da língua com a sociedade em todas as esferas, e especificamente como a língua reflete questões sociais em algumas regiões, comunidades, países e outros elementos que formam um núcleo social.

O livro encontra-se dividido por 4 capítulos, o capítulo 1 deste livro engloba 8 títulos que abordam detalhadamente os mitos da língua portuguesa no Brasil, que se reflete também em outros países.






Marcos Bagno começa falando sobre o mito de que a língua falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente, o autor diz que esse mito é muito prejudicial à educação porque não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.

O autor prossegue dizendo que é preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade lingüística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão.

O mito de que “brasileiro não sabe português” também afeta

#### LEGENDA

##### Move 1

- Sub1 
- Sub2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



##### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

##### Move 3

- Sub9 

##### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

Desenvolvimento parcial

o ensino de línguas estrangeiras. Se algum de nós disser a um norte-americano que ele “não sabe inglês” ou que o inglês falado nos Estados Unidos é “errado” ou “feio”, ele decerto vai ficar chocado com nossa ignorância. Afinal, existe um argumento mais do que convincente para rebater essa acusação: o tamanho do país e a quantidade de falantes de inglês que ali vivem, além da importância dos Estados Unidos no panorama mundial.

O mesmo argumento vale para o português do Brasil. Nosso país é 92 vezes e meia maior que Portugal, e nossa população é quase 15 vezes superior! Quando se trata de língua, temos de levar em conta a quantidade: só na cidade de São Paulo vivem mais falantes de português do que em toda a Europa! Além disso, o papel do Brasil no cenário político-econômico mundial é, de longe, muito mais importante que o de Portugal. Não tem sentido nenhum, portanto, continuar alimentando essa fantasia de que os portugueses são os verdadeiros “donos” da língua, enquanto nós a utilizamos (e mal!) apenas por “empréstimo”. Existe, embutida nesse mito, a ilusão de que os portugueses falam e escrevem “tudo certo” e que seguem rigorosamente as regras da gramática ensinada na escola.

O autor sustenta sua ideia dizendo que todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela. Está provado e comprovado que uma criança entre os 3 e 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de sua língua! O que ela não conhece são sutilezas, sofisticções e irregularidades no uso dessas regras, coisas que só a leitura e o estudo podem lhe dar.

No fundo, a ideia de que “português é muito difícil” serve como mais um dos instrumentos de manutenção do status quo das classes sociais privilegiadas.

Sobre a norma culta o autor diz que, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles domina a norma culta.

Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de “caipira”, com todas as formas sintáticas consideradas “erradas” pela gramática tradicional, porque ninguém vai se atrever a corrigir seu modo de falar. O que estou tentando dizer é que o domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha todos os dentes, que não tenha casa decente para morar, água encanada, luz elétrica e rede de esgoto.

O domínio da norma culta de nada vai servir a uma pessoa que não tenha acesso às tecnologias modernas, aos avanços da medicina, aos empregos bem remunerados, à participação ativa e consciente nas decisões políticas que afetam sua vida e a de seus

concidadãos. O domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente, a uma pessoa que viva numa zona rural onde um punhado de senhores feudais controlam extensões gigantescas de terra fértil, enquanto milhões de famílias de lavradores sem-terra não têm o que comer.

Esta presente obra apresenta uma narrativa muito actual, o autor trata de assuntos do passado mas que ainda se refletem no presente de maneira muito explícita e impactante, o autor nos dá exemplos brasileiro de mitos linguísticos, e relata os fatos com embasamentos muito sólidos. É uma obra que espelha claramente uma necessidade de independência linguística na sua plenitude. Mas por um momento ficou claro que o autor em algumas vezes faz abordagens negativas baseando-se no fator colonização para mostrar seu descontentamento.

### CÓD. A14R1

Marcos Bagno é tradutor, escritor e linguista, é Doutor em Filologia e língua Portuguesa pela universidade de São Paulo (USP). Ele é professor de Linguística do instituto de letras da Universidade de Brasília, publicou A língua Eulália: novela sociolinguística (Ed. Loyola, 2ª ed. 2000); Língua materna: letramento, variação e ensino (Parábola, ed. 2002). Além desses títulos, é autor de duas dezenas de obras literárias.

Estudante do curso de letras língua inglesa, na **Universidade Da Integração Internacional Afro – Brasileira (Unilab)**.

O livro apresenta uma crítica ao preconceito linguístico, representada pela mitologia do português. A organização geral do livro é feita em unidades, sendo um total de 4. Cada capítulo apresenta um tópico geral, que se relaciona com o desenvolvimento do preconceito linguístico.

O livro possui cerca de 185 páginas, sendo considerada uma obra longa.


O capítulo número 1, em destaque, apresenta títulos que indicam o conteúdo da mitologia do preconceito linguístico como:

“A língua Portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente; Brasileiro não sabe português, só em Portugal se fala bem o português; Português é muito difícil; As pessoas sem instrução falam tudo errado; O lugar onde melhor se o português é no Maranhão; O certo é falar assim porque se escreve assim; É preciso saber gramática para falar e escrever bem; O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.” (Bagno Marcos, pg.07)




A narrativa da mitologia do preconceito linguístico, é estruturada de forma inteligível, e facilita a compreensão do

### LEGENDA


#### Move 1

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



#### Move 2

Sub6	
Sub7	
Sub8	

#### Move 3

Sub9	
------	---

#### Move 4

Sub10 A	
Sub10 B	

O resenhista se apresenta no corpo do texto

O título da obra não é informado

preconceito linguístico pelos leitores.

A mitologia do preconceito linguístico, é uma obra de leitura fácil, que apresenta uma narrativa envolvente e uma crítica muito abrangente aos falantes da Língua Portuguesa. Sua estrutura organizacional ocorreu para a compreensão do preconceito linguístico e a reflexão sobre os temas discutidos pelo autor.

O autor apresenta vários pontos importantes, no que concerne a mitologia do preconceito linguístico:

“ A língua Portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente.” (pg.15)

“ Esse mito é muito prejudicial à educação porque, [...], independentemente de sua idade, origem geográfica, de sua situação socioeconômica, o grau de escolarização, etc.” [Bagnó Marcos, pg.15]

De fato, a situação socioeconômica, o grau de escolarização e a origem geográfica, impossibilitam ter uma unidade surpreendente na Língua Portuguesa existente no Brasil. A variação Linguística que existe no Brasil, assim como em outros países da CPLP, é muito ampla. No entanto, “ o brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que o nosso português é diferente do Português falado em Portugal.” [Bagnó Marcos, pg. 23]

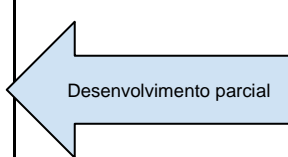
É importante também dizer, que a língua humana apresenta manifestações concretas dos sistemas de comunicação humano, desenvolvidos socialmente por comunidades linguísticas. Portanto, “ A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “ Língua Portuguesa ” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades.” [Bagnó Marcos, pg.19]

Atualmente, já existe no Brasil uma gramática que contém as suas regras, como foi enfatizado pelo autor do livro:

“ Do ponto de vista linguístico, porém a língua falada no Brasil já tem uma gramática, isto é, tem regras de funcionamento \_ que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas ( os Cientistas da linguagem ) preferem usar o termo português brasileiro, por ser mais claro e marcar bem essa diferença.” [Bagnó Marcos]

Na linguística vamos encontrar alguns movimentos, tais como > o historicismo, o funcionalismo, o estruturalismo, e o gerativismo. Cada um deles com um papel muito importante para o entendimento da língua e a desconstrução da “ Mitologia do preconceito linguístico.”

É necessário que os falantes da língua portuguesa percebam que, independentemente do nível acadêmico, ou instrução que cada um recebe no seu meio social, deve respeitar o nível de língua que cada um carrega. Entretanto, concordando com as palavras do autor “todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, no sentido do verbo saber, significa conhecer intuitivamente empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento



Desenvolvimento parcial

dela.” [Bagnó Marcos ,pg.33]

“Está provado e comprovado que uma criança entre os 3 e 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de uma língua ! O que ela não conhece são sutilezas , sofisticacões e irregularidades no uso dessas regras , coisas que só a leitura e o estudo podem lhe dar.” [Bagnó Marcos,pg.34]

“o preconceito linguístico se baséa na crença de que só existe, como vimos no Mito n\_1. Uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola – gramática – dicionário é considerada, sobe a ótica do preconceito linguístico , “errada, feia , estropiada, rudimentar , deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português .” [Bagnó Marcos, pg.38]

O autor trás um exemplo na visão preconceituosa dos fenômenos da língua , a transformação de L e R nos encontros consonantais como em: Cráudia , chicrete, praca, broco e pranta. E , segundo ele,“ é tremendamente estigmatizada e ás vezes é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim. Ora , estudando cientificamente a questão , é fácil descobrir que não estamos diante de um traço de “atraso mental” mas simplesmente, de um fenômeno fonética que contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão;

Basta olharmos para o seguinte quadro :

<b>Português Padrão</b>	<b>Etimologia</b>	<b>Origem</b>
Branco	Blank	Germanico
Escravo	Sclavu	Latim
Fraco	Flaccu	Latim
Obrigar	Obrigare	Latim

Como é fácil notar , todas as palavras do português padrão listadas acima tinham , na sua origem um L bem nítido que se transformou em R.” [ Bagnó Marcos, pg,38,39]

O livro tem uma qualidade de informação objetiva e apresenta aspectos da linguagem muito sutil. Convido , professores , estudantes , comunidade brasileira e países da CPLP, nomeadamente: Angola ,Timor Leste , São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Moçambique, a comprarem este material didático. Contudo, será benéfico para esses Países.

Emprego equivocado de conectivo

**CÓD. A15R1**

O livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, de Marcos Bagno, publicado pela Edições Loyola, tem como objetivo apresentar falas do cotidiano que são na verdade base de preconceito linguístico. O autor, ao chamar essas frases de mitologia, automaticamente as denomina, como significado da palavra mito, fatos falados oralmente que não apresentam base científica e por isso não devem ser vistas como verdade.

O primeiro capítulo, que termina na página 72, é dividido em 8 mitos, mostrando como essa rejeição as diversas formas de falar o português está mais enraizada do que se pode perceber. O primeiro mito apresenta a afirmativa que o português é uma língua homogeneia, o autor então desmente essa frase falando sobre a variedade linguística do país, seja por idade, regional ou educacional, e como não se deve impor que a forma normativa seja vista como a única forma correta. Marcos Bagno também diz que se a língua fosse única, então aqueles que não tem acesso a essa língua seriam sem-língua, o que não é verdade.

No segundo mito é bem melhor apresentado onde esse preconceito começa, com o falar “O português correto é o falado em Portugal”, o autor começa dizendo que essa frase mostra como o Brasil, infelizmente, ainda vê os Portugueses como superiores e que no nosso país o português falado seria “errado”. Bagno apresenta que apenas se diz que o país fala “português”, por origem histórica, já que o português brasileiro é quase independente do português de Portugal do ponto de vista linguístico, e que cada vez mais se distancia, principalmente na compreensão. Com vários exemplos, o autor continua a condenar esse mito, como seu descontentamento de que não se deve escrever certas frases, mesmo que ditas diariamente por grande parte da população, por não serem a forma “cultura” que somos ensinados e foram baseadas nas de Portugal.

Essa comparação do português brasileiro com o português de Portugal continua no mito três, nomeado “Português é muito difícil”, que mesmo sendo muito menor que o anterior, traz um interessante ponto. Nesse mito, o autor fala que essa dificuldade que muitos dizem ser verdade, vem da cobrança da norma gramatical ensinada nas escolas, pois esta obriga ao aluno decorar regras que no cotidiano brasileiro não são utilizadas.

Outras formas de preconceito linguístico são apresentadas, estes mais aparentes, como no mito quatro, em que a mudança do L para o R na fala é vista como um atrasado, o autor então explica historicamente como essa mudança aconteceu mesmo na linguagem padrão e questiona o porquê essa alteração seria vista como errada por apenas ser diferente da ensinada nas escolas. A discriminação a falas regionais também é discutida pelo autor nesse mito, esse repúdio sendo não apenas no modo de falar, por exemplo, dos nordestinos, mas também na representação dessas pessoas nos meios televisivos.

O preconceito linguístico está muito ligado ao preconceito

**LEGENDA****Move 1**

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



**Move 2**

Sub6	
Sub7	
Sub8	

**Move 3**

Sub9	
------	---

**Move 4**

Sub10 A	
Sub10 B	

regional, como visto no mito quatro e continua no mito cinco, onde o modo de falar de algumas regiões são vistas como mais “corretas” do que outras. O autor usa o ponto que pessoas de classes sociais mais cultas, saberão utilizar melhor a norma padrão, em qualquer região.

O Brasil é um país enorme, com muitas variações na fala, por mais que em todo o país se ensine o mesmo português, diferentes regiões dirão a mesma palavra de modos diferentes. No mito seis, o autor usa uma bela analogia que a ortografia seria uma partitura e cada instrumento a interpretará de um modo próprio, por isso, não se deve querer que todos falem da mesma maneira. A fala seria um instrumento principal, mais importante que a ortografia, pois esta seria apenas uma tentativa de a representar, principalmente pelo fato que muitos vivem sem terem contato com a leitura e escrita, mas ainda assim fluentes na língua.

O sétimo mito fala sobre a necessidade de saber gramática para falar e ler bem, de acordo com o autor, isso seria um mito pois nem todos aqueles que sabem gramática são bons escritores. Bagno usa exemplos de escritores famosos para reforçar seu ponto, onde eles falam sobre irrelevância da gramática na criação de suas obras, como Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Machado de Assis.

O mito oito vem por fim dizendo que a norma culta seria necessária para a ascensão social, o autor ironiza questionando o porquê professores não estariam no topo da pirâmide social, econômica e política se isso fosse verdade, esses que são mal pagos comparados, por exemplo, a fazendeiros que utilizam as formas consideradas “erradas”, mas ainda possuem grande influência política em suas regiões. Então, a norma culta não seria um fator decisivo para uma mudança de vida em um país como o Brasil, com uma das piores distribuições de renda no mundo, como dito por Bagno. É preciso sim garantir a todos acesso à educação, porém está sozinha não fará que uma pessoa ascenda socialmente, quando esta questão está principalmente ligada a política.

Marcos Bagno, durante todo o capítulo utiliza de uma linguagem fácil de ser entendida, usando clássicos como Sítio do Pica-pau Amarelo de Monteiro Lobato, não apenas para exemplificar suas falas, mas também mostrar como o autor décadas atrás trazia questões que até os dias atuais ainda são um problema. De modo muito compreensível e reflexiva, cada mito é debatido e provado como falso, muitos com argumentos científicos. É uma ótima leitura para aqueles que querem se aprofundar mais nessa questão, principalmente para estudantes de letras, que se beneficiarão das reflexões do autor.

**CÓD. A16R1**

A presente resenha pretende analisar, criticamente, o livro de Marcos Bagno, tradutor escritor, linguista, Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, publicou *A língua DC Eulália: novela sociolinguística* (Ed. Contexto, 1997; em 13 ed.); *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (Ed. LOYALA, em 15 ed.) ...






Marcos Bagno é um renomado linguístico brasileiro e autor de diversos livros sobre linguística e educação. O livro "Conceito Linguístico" aborda diferentes conceitos linguísticos, como fonética, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, entre outros. Além disso, o autor pode explorar a importância desses conceitos para a compreensão da língua e sua aplicação em diferentes áreas, como a educação e a comunicação. Em suma, o livro pode ser uma leitura valiosa para estudantes e profissionais da área de linguística e interessados no estudo da língua. A linguística é o estudo científico da linguagem humana. Ela investiga como as línguas são estruturadas, como elas são adquiridas e usadas, e como elas mudam ao longo do tempo. A linguística também explora como a linguagem é processada pelo cérebro e como ela é usada na comunicação entre as pessoas. Existem várias subáreas dentro da linguística, incluindo fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Cada uma dessas áreas aborda diferentes aspectos da linguagem e contribui para nosso entendimento sobre como a linguagem funciona.

O autor debruçou acerca da discriminação, exclusão e preconceitos linguísticos que está mais percentuado aos nordestinos, pobres, analfabetos por causa do fator histórico colonialismo onde os colonizados eram obrigados a comunicar-se simplesmente com a língua do colonizador. Por meio disso, vai surgindo vários mitos, por exemplo: O mito número 2 " Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português", essa afirmação não condiz com a verdade porque a fonética linguística vai variando de país para país falante da mesma língua, mas não significa que os outros falantes que vivem fora do território português não sabem falar. Os brasileiros falam português brasileiros [BAGNO 1999. p20-23.]




A partir da leitura do capítulo I, foi possível compreender que os mitos foram criados a fim de superiorizar os portugueses e inferiorizar os brasileiros deixando claro, que português é de Portugal e não Brasil. Todos temos que pensar que somos iguais independentemente da pronuncia do português em cada território falantes da mesma língua.

"O português não é difícil", mas o grande problema é o que aprendemos na escola, as regras gramaticais, não é o que usamos no nosso dia a dia. Para evitar os preconceitos linguísticos, cada país deveria ter a sua própria gramática, desse modo cada nativo estaria convencido que o português falado é certo e evitaríamos depender apenas dos materiais europeus [BAGNO.p34].


**LEGENDA****Move 1**

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



**Move 2**

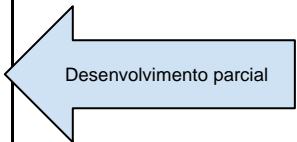
Sub6	
Sub7	
Sub8	

**Move 3**

Sub9	
------	---

**Move 4**

Sub10 A	
Sub10 B	


 Desenvolvimento parcial



Essa obra é indicada para todos que desejam aperfeiçoar acerca do preconceito linguístico o que é e como se faz. Lendo conseguirão compreender sobre os mitos lá citados.

### **CÓD. A17R1**

Autoria do escritor, tradutor e linguista brasileiro, Marcos Bagno, Doutor de Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), vencedor de diversos prêmios, entre eles a premiação “IV Bienal Nestlé de Literatura Brasileira” no ano de 1988 com o conto “A invenção das horas”, com dezenas de livros publicados na área de sociolinguística, “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz” com a sua primeira publicação pela Editora Loyola em 1999, responsável por todas as edições da obra desde então, tem como objetivo questionar e expor as implicações com a variação linguística da língua portuguesa brasileira, sendo fruto da normatização da gramática normativa implantada nas instituições de ensino em território brasileiro, que acaba por criar uma confusão entre língua e gramática.






No livro composto por 185 páginas, o autor traz em seu primeiro capítulo uma série de argumentações sobre as mistificações relacionadas a linguagem brasileira, empregadas até os dias de hoje, algumas delas sendo imagens distorcidas que os brasileiros tem de si mesmos, outras sendo julgamentos que carregam “boas intenções” que acabam fugindo da realidade na qual vivemos, mas Bagno mostra que com uma investigação sócio-histórica e análise crítica de tal condição é possível derrubar esses mitos com argumentos fundamentados com maior embasamento em políticas sociais.

O primeiro mito: “A língua Portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, Bagno ressalta o quanto esse mito se torna prejudicial a educação que ainda é um privilégio a população brasileira, quando não é reconhecido a variedade do português, é imposto uma norma “padrão” como se fosse única para uma variedade de povos e culturas, como base o autor utiliza o exemplo de que a linguagem padrão ensinada nas escolas, é a mesma utilizada em documentos de órgãos públicos, onde a população de áreas afetadas, que se torna maior que as áreas privilegiadas, não conseguem compreender os seus direitos uma vez que não tem acesso a essa norma “padrão”.




O segundo mito nomeado “Brasileiros não sabe português / Só em Portugal se fala bem português” reflete o complexo de inferioridade que os brasileiros tem perante o país colonizador, o sentimento de não ter a capacidade de falar a língua “pura” por não ser uma raça “pura”, uma vez que no passado histórico, vindos de negros e indígenas, etnias totalmente marginalizadas, não seria capaz de falar o português reconhecido como “único”, o português europeu, o que torna um gatilho enorme para o preconceito com a língua.

### **LEGENDA**


#### **Move 1**

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



#### **Move 2**

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

#### **Move 3**

- Sub9 

#### **Move 4**

- Sub10 A 
- Sub10 B 

Tendo como base o mito anterior, o autor traz a tona o terceiro mito “Português é muito difícil”, é estruturado com base na gramática normativa ensinada nas instituições de ensino, mas que fogem da nossa realidade, regras que não são utilizadas em nosso cotidiano, baseada na gramática de português de Portugal. Quando for analisada a realidade da população e a gramática brasileira for de fato ensinada nas escolas, o português será considerado fácil, pois “Todo falante nativo de uma língua, sabe essa língua. Saber a língua no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas do funcionamento dela.”(BAGNO, 2007, p.33).

Bagno deixa transparecer no quarto mito “As pessoas sem instrução falam tudo errado” as evidências de como as pessoas sem contato com a língua “cultura” são marginalizadas, colocando como digna de exaltação a única língua ensinada em escolas, quando foge disso é totalmente banal, esse mito é alimentado até por mídias, o nordestino quando usa o vocabulário da sua região acaba tornando-se motivo de zombaria e chacota, o que não só se limita ao preconceito linguístico, acarretando preconceito regional.

O quinto mito “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão” o autor ressalta novamente o quanto o português de Portugal se sobressai ao português brasileiro, o estado citado tem similaridades com a gramática normativa portuguesa, portanto é considerado “correto” e “bonito” ignorando o fato da necessidade da transformação da língua para facilitar a comunicação em uma determinada região, tal qual “Todas elas têm seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam.” (BAGNO, 2007, p.47).

O sexto mito “O certo é falar assim porque se escreve assim” para o autor do texto é sustentado quando as instituições nos delimita a falar da maneira que escrevemos, desconsiderando que todas as regiões tem suas particularidades de variações na fala, o que não impede a comunicação de falantes da mesma língua, ainda nessa linha de raciocínio, é incluído o sétimo mito “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” quando Marcos Bagno esclarece que a gramática normativa é utilizada para impor regras e conceitos, mas não teria a capacidade de fazer com quem uma pessoa de determinada região com a sua própria variação falasse bem, ou até mesmo escrever bem, pelo contrário, iria reprimir o mesmo, causando insegurança e o privando de se expressar com autenticidade.

Para encerrar a série de mitos, o último e não menos importante, “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social” esse mito tem uma linha tênue com o mito “meritocracia”, nutrir falsas esperanças a uma determinada região a ideia de que aprender a norma culta será o bastante para superar influentes fatores como a desigualdade social, logo “O domínio da norma culta de nada vai servir a uma pessoa que não tenha acesso às tecnologias modernas, aos empregos bem remunerados, a

participação ativa e consciente nas decisões políticas que afetam suas vidas e de seus concidadãos.” (BAGNO, 2007, p.65).

Em síntese, “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz” é um livro importante, rico em informações, tornando-se exemplar para todos o campo da sociolinguística, apesar da sua leitura fácil e descomplicada onde leigos em linguística tem acesso e a possibilidade de compreender o objetivo da obra, o autor trata o assunto com objetividade e traz fortes reflexões, criticando explicitamente o sistema no qual é desvalorizado as inúmeras variações da linguagem brasileira, utilizando dados para induzir aos leitores a refletir sobre a situação discriminatória diante a exclusão social na qual vivemos e atribuindo a noção de que a variação não torna nenhuma região ou indivíduo inferior ou superior a outros, o livro é um excelente produto de conhecimento em tempos modernos onde por desinformação e ignorância o preconceito linguístico passa despercebido ou é ignorado, alcançando o objetivo de estimular a luta por uma educação linguística voltada a inclusão social e a valorização da cultura linguística brasileira.

A obra é destinada a um público amplo, recomendada para professores e alunos dos cursos de Letras e pesquisadores da linguística e sociolinguística, mas não se limita apenas a esses públicos, sua leitura fluída possibilita que qualquer área tenha acesso a esse conhecimento de extrema importância, uma causa social na qual todas as pessoas com interesse em direitos humanos deveriam abraçar e prestigiar essa maravilhosa leitura não menos que uma vez na vida.

### CÓD. A18R1






Preconceito Linguístico é um livro interessante, de grande proveito. O autor trata sobre a língua falada no Brasil e ressalta alguns mitos que geram um certo preconceito presente na cultura brasileira, que é o linguístico. A população brasileira e não só usa o livro para desfazer esses mitos presentes na sociedade. Marcos Bagno, tradutor, escritor, é Doutor em filosofia e língua portuguesa pela USP (Universidade de São Paulo), vem se dedicando à investigação das implicações socioculturais do conceito de norma, sobretudo no que diz respeito ao ensino de português nas escolas brasileiras.

Mitologia do preconceito linguístico, neste primeiro capítulo o autor descreve oito mitos muito recorrentes na sociedade, mas antes começa por dizer que só existe língua se houver seres humanos que a falem, que este preconceito está ligado, de certo modo, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. A sua tarefa mais urgente é desfazer essa confusão.

Parece haver nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da

### LEGENDA

#### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



#### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

#### Move 3

- Sub9 

#### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

manipulação ideológica.

A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente, o autor considera este, o maior e o mais sério dos mitos que compõem a Mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Declara que pensar dessa forma é muito prejudicial a educação porque ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. Pelo fato de pouca gente ter o privilégio à educação no país, a maioria fala um português não-padrão, com sua gramática particular, que não é reconhecida como válida.

Diversos estudos empreendidos pelos pesquisadores têm mostrado que os falantes das variedades linguísticas desprestigiadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que se serve exclusivamente da língua-padrão e conseqüentemente deixam de usufruir diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos.

Brasileiro não sabe português / só em Portugal se fala português, segundo mito, essas duas opiniões, refletem o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais civilizado.

O Brasileiro sabe o português, sim. O que acontece é que é um português diferente do português falado em Portugal. Quando dizemos que o Brasil fala português, é por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal, por isso os cientistas da linguagem preferem usar o termo português brasileiro, por ser mais claro e marcar bem essa (Bagnó, Marcos, 1998. pag. 23) diferença. Portanto, nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas diferentes um do outro e atendem as necessidades linguísticas das comunidades que os usam, necessidades que também são diferentes.

Terceiro mito, Português é muito difícil, aqui o autor defende que toda língua é fácil para quem cresceu rodeado por ela. Que se existissem línguas difíceis, ninguém no mundo falaria húngaro, chinês, ou guarani, e no entanto essas línguas são faladas por milhões de pessoas, inclusive crianças analfabetas.

Ora, não é a língua que é difícil, mas sim a gramática normativa tradicional, que as inventa precisamente para justificar sua existência e para nos convencer de que ela é indispensável.

No quarto mito, as pessoas sem instrução falam tudo errado, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social. Nesse caso, a grande questão não é a língua em si, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica à que pessoa se encontra ou está inserida.

Quinto mito, O lugar onde melhor se fala o português no Brasil

é o Maranhão, este mito nasceu mais uma vez da velha posição de subserviência em relação ao português de português. Pelo fato de que no Maranhão ainda se usa com grande regularidade o pronome tu, seguido das formas verbais clássicas, com a terminação em S característica da segunda pessoa: tu vais, tu queres, etc. , ao passo que, na maior parte do Brasil, devido a reorganização do sistema pronominal, o pronome tu foi substituído por você. O autor defende que é preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o melhor ou pior português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam.

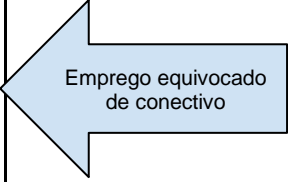
Sexto mito, O certo é falar assim porque se escreve assim, neste caso o autor declara que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. Essa supervalorização da língua falada é um preconceito que data de antes de cristo.

É preciso saber gramática para falar e escrever bem, aqui o autor diz que se tal afirmação fosse verdade, todos os gramáticos seriam grandes escritores, e os bons escritores seriam especialistas em gramática.

O domínio da norma culta, é um instrumento de ascensão social, oitavo mito, que vem fechar o nosso circuito mitológico, tem muito que ver com o primeiro mito, o mito da unidade linguística do Brasil. Defende o autor que a verdade está muito longe disso.

Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar a vontade sua língua de caipira, com todas as formas sintáticas consideradas erradas pela gramática tradicional, porque ninguém vai se atrever a corrigir o seu modo de falar ( Bagno, Marcos, 1998. pg. 63 ).

No entanto, as declarações apresentadas neste capítulo do livro podem ser um estímulo, uma razão de nos levar a reflexão acerca da importância do respeito as variedades linguísticas dentro de uma determinada sociedade ou até mesmo entre as sociedades.



Emprego equivocado de conectivo

**CÓD. A19R1**

Marcos Bagno é professor na USP (Universidade de São Paulo), doutor em filologia, linguista e escritor brasileiro, que atua na área da sociolinguística e literatura infanto-juvenil, voltando-se para o ensino do português. Além disso, ele é autor de obras como “As memórias de Eugênia”, “Marcéu” e do livro em questão “Preconceito linguístico”.

O autor, neste primeiro capítulo, introduz seu tema sintetizando mitos sobre a língua portuguesa, que por sua vez dão voz ao preconceito linguístico. Além disso, afirma que o Brasil passa por um momento de forte combate aos preconceitos, porém, em relação à língua, ainda existem graves formas de preconceitos que são veiculados pela mídia (televisão, rádio, jornais e livros didáticos, por exemplo).

O primeiro mito abordado pelo autor é “A língua portuguesa falada no Brasil” apresenta uma unidade surpreendente”. Nessa seção ele desmistifica essa ideia totalmente desconjuntada em relação à nossa língua. Afirma a não existência de uma unidade linguística no país, o que existe é uma nação que fala o mesmo idioma, mas nunca da mesma maneira. Cada lugar do país têm um jeito característico de falar o português, constatando que não devemos confundir o monolinguismo – falar apenas uma língua – com homogeneidade linguística – que seria toda a nação falar da mesma forma, com os mesmas repetições, entonações, léxicos e etc...

“Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português” é o segundo mito tratado por Bagno. O autor aborda uma questão muito compartilhada no Brasil que apenas lá em Portugal o português é bem falado/bonito; afirma que isso tem muita relação com o complexo de inferioridade dos brasileiros, essa noção de que o exemplo a ser seguido é o do continente europeu, em geral. Ademais, fala também que não existe quem fale de maneira mais bonita ou mais feia, mas que existem diferenças e diferente não é sinônimo de deficiente ou inferior.

“Português é muito difícil” é mais um mito trazido na obra que explica a inexistência de um idioma difícil, afirmando que, se isso existisse, ninguém falaria húngaro ou chinês, por exemplo. A língua materna nunca será difícil para um nativo dela, aponta o autor. A adversidade atual existente na língua é a quantidade de regras impostas pela gramática tradicional que desconsidera o uso real e vívido da língua.

O quarto mito abordado é nomeado “As pessoas sem instrução falam tudo errado”. O autor deixa bem claro que esse mito muito tem a ver com o primeiro que fala da “unidade linguística brasileira”. Ao acreditar que existe uma só maneira de falar o português, obviamente, tudo que desviar dessa norma é tido como incerto. Combinando isso com o preconceito social, resulta um grande preconceito em relação ao modo como classes sociais mais baixas ou de determinadas regiões falam, como sofre a região Nordeste, por exemplo.

“O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”

**LEGENDA****Move 1**

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



**Move 2**

Sub6	
Sub7	
Sub8	

**Move 3**

Sub9	
------	---

**Move 4**

Sub10 A	
Sub10 B	

é o quinto mito desse capítulo. Nessa parte é abordada a relação desse mito com a subordinação dos brasileiros diante de Portugal. Esse mito só existe porque, no Maranhão, o pronome tu e a sua conjugação são usados corretamente: tu vais, tu queres, tu dizes, tu comias e etc. Além disso, afirma que esse mito só é difundido porque se aproxima da conjugação do português de Portugal. Entretanto, acabam por se esquecer que os maranhenses também falam frases como: esse é um livro bom para ti ler, no lugar de para tu leres, por exemplo. Comenta também sobre a insuficiência da fala de Pasquale quando aborda o português paulistano como “esquisito”.

O sexto mito da obra intitulado “O certo é falar assim porque se escreve assim” traz ideias sobre a notória diferença existente entre língua falada e língua escrita. O autor constata que a escrita é uma tentativa de representar a fala, no entanto essa representação deixa de lado toda e qualquer variação linguística presente na fala, ou seja, a língua escrita não compõe com fidelidade a fala de todos os brasileiros. Propõe que o mais adequado no ensino da língua é ensinar aos alunos que não existe apenas uma maneira de dizer alguma palavra, exemplificando isso usa a palavra bonito, que pode ser dita como se escreve – bonito – ou “bunito”. Entretanto, na língua escrita, é necessário ter uma uniformidade e por isso se deve escrever “bonito”.

Depois, temos o mito “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” sendo sétimo desse livro. Nessa parte é abordada a subordinação da língua à gramática, o autor afirma que a realidade histórica se opôs completamente: a língua deu origem à gramática, contudo, atualmente há uma florescente tentativa de fazer com que a língua siga a gramática. Bagno também traz exemplos comprovando que a ideia que nomeia essa seção não é verdadeira explicando que escritores renomados, como Drummond, admitiram não terem boas relações com a gramática.

O oitavo e último mito desse capítulo é “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”. O autor afirma com certeza que isso é um tremendo disparate. A ascensão é uma questão que envolve diversos problemas sociais, não abrange apenas a questão da língua. Até porque de nada adianta uma pessoa dominar a norma culta e viver na extrema pobreza; aprender essa modalidade da língua não a fará “subir na vida” magicamente. E finaliza o capítulo dizendo que falar de língua é falar de política.

Uma das contribuições do livro está em quando Bagno alerta, mediante uma riqueza de explicações, para este tipo de preconceito. Em geral, o preconceito linguístico é um fenômeno que não é visto, em virtude do não reconhecimento de diversas características da língua, as quais não podem ser classificadas como melhor ou pior, existentes dentro de um mesmo idioma. Um segundo ponto positivo está no fato do livro abranger uma linguagem acessível aos leitores, tornando possível a popularização do estudo aos mais diversos nativos da língua. A importância do livro se sustenta, ainda, na lacuna que havia na literatura a respeito desse tema e pela inexistência, até então, de uma abordagem acadêmica do preconceito linguístico. Uma terceira

contribuição está na evidência da divisão que há entre os estudiosos de português, isto é, a existência de conflitos entre os que prestigiam o normativismo e aqueles que, afirmam que a língua é algo mais amplo do que apenas a norma culta.

Bagno defende as vítimas do preconceito linguístico, através de argumentos contra toda forma de isolamento social através da linguagem, evidenciando a necessidade da valorização de todos os diversos modos de falar. Dada a contemporaneidade e a pressa da discussão a respeito desse tema, compreendendo as discussões e as propostas da linguística e da educação, *Preconceito Linguístico é recomendado* especialmente aos pesquisadores na área de Linguagens e para professores e estudantes do curso de Letras e de Pedagogia. Considerando sua linguagem simples, fluida e a sua abordagem didática, a recomendação se expande, a todos os donos da língua que desejam uma educação linguística que se contraponha às visões tradicionalistas e preconceituosas suportadas por alguns gramáticos e por uma parte da sociedade.






### CÓD. A20R1

A presente resenha pretende analisar primeiro descritivamente e depois criticamente, o artigo científico escrito por Marcos Bongo que possui doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, publicou *A língua de Eulalia: novela sociolinguística* (Ed. Contexto, 1997; em 13ª ed.); *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (Ed. Loyola, 1999; em 15ª ed.); *dramática da língua portuguesa* (Ed. Loyola, 2000; em 2ª ed.); *português ou brasileiro? Um convite a pesquisa* (Parábola Ed., 2001; em 2ª ed.); *Língua materna: letramento, variação e ensino* (Parábola Ed., 2002). Além desses títulos, é autor de duas dezenas de obras literárias. Recebeu em 1988 o Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira e, em 1989, o Prêmio Carlos Drummond de Andrade de Poesia, entre outros. Selecionou e traduziu os artigos reunidos em *Norma linguística* (Ed. Loyola, 2001). Traduziu *História concisa da linguística*, de Barbara Weedwood (Parábola Ed., 2002), além de dezenas de obras científicas, filosóficas e literárias de autores como Balzac, Voltaire, H. G. Wells, Sartre, Oscar Wilde, etc. Vem se dedicando à investigação das implicações socioculturais do conceito de norma, sobretudo no que diz respeito ao ensino de português nas escolas brasileiras.




O artigo em análise está dividido em oito seções. A primeira seção é destinada a introdução sobre o conceito da língua portuguesa falada no Brasil. A segunda seção apresenta o conceito de que "Brasileiro não sabe português" / "Só em Portugal se fala bem Português. A terceira traz a seguinte ideia de que "Português é muito difícil". A quarta seção aborda o conceito de que as pessoas sem instrução falam tudo errado. A quinta refere-se ao conceito de o lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão. A sexta seção

### LEGENDA


#### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



#### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

#### Move 3

- Sub9 

#### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

Equívoco no reconhecimento de gênero do texto fonte



a apresenta a ideia de o certo é falar assim porque se escreve assim. A sétima seção traz a ideia de que É preciso saber gramática para falar e escrever bem. E por último autor traz a conclusão sobre o conceito de preconceito linguístico abordando ideia de que o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social. O objetivo da pesquisa é de compartilhar e discutir os conceitos da Linguística para torná-los acessíveis a um público mais amplo.

Problema de compreensão?

Para justificar a pesquisa o autor destaca a carência de estudo sobre a discriminação e exclusão, o autor decidiu homenagear os seus sogros que são, como costume dizer, um “prato cheio” para alguns dos preconceitos mais vigorosos da nossa sociedade negra, nordestinos, pobres, analfabetos. lutar contra as mais variadas formas de preconceito, mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica.

Desenvolvimento parcial

No conceito teórico sobre A mitologia do preconceito linguístico o autor traz a seguinte definição de que O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem negativa que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afasta da realidade.

No primeiro subtítulo sobre o preconceito da língua portuguesa falada no Brasil livro destaca como sendo um dos principais dos mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Ele está tão arraigado em nossa cultura que até mesmo intelectuais de renome, pessoas de visão crítica e geralmente boas observadoras dos fenômenos sociais brasileiros, se deixam enganar por ele. Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização.

Continua ainda dizendo no seu segundo capítulo sobre mito Brasileiro não sabe português só em Portugal se fala bem português dizendo que essas duas opiniões tão habituais, corriqueiras, comuns e que na realidade são duas faces de uma mesma moeda enferrujada, refletem o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais civilizado.

E essa história de dizer que “brasileiro não sabe português” e que “só em Portugal se fala bem português”? Trata-se de uma grande bobagem, infelizmente transmitida de geração a geração pelo ensino tradicional da gramática na escola.

No último parágrafo da mitologia no subtítulo dois o autor faz menção sobre língua falada, as diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil são tão grandes que muitas vezes surgem dificuldades de compreensão: no vocabulário, nas construções sintáticas, no uso de certas expressões, sem mencionar, é claro, as

tremendas diferenças de pronúncia no português de Portugal existem vogais e consoantes que nossos ouvidos brasileiros costumam a reconhecer, porque não fazem parte de nosso sistema fonético. E muitos estudos têm mostrado que os sistemas pronominais do português europeu e do português brasileiro são totalmente diferentes.

**APÊNDICE C**  
**SEGUNDAS VERSÕES DAS RESENHAS SEGMENTADAS COM ESCALA DE**  
**CORES PARA IDENTIFICAÇÃO DE MOVES E SUBFUNÇÕES**

**CÓD. A1R2**

A obra denominada " Preconceito Linguístico: o que é, como se faz" escrita pelo autor MARCOS BAGNO, detentor de títulos de professor de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, doutor em língua portuguesa pela Universidade de São Paulo, mestre em Lingüística, poeta, tradutor e contista premiado, contém 186 páginas resultantes de pesquisas intensas, com inúmeros exemplos e comparações a respeito dos diversos preconceitos, regional e social, existentes na língua, reforçados por pessoas com acesso e conhecimento da norma culta. Nele, o autor, por meio de reflexões, aborda e procura a seu jeito enfatizar os meios que precisam ser seguidos para o ensino da Língua sem preconceitos.

Na presente obra, o autor traz uma visão daquilo que são os preconceitos existentes na forma como se fala o português. Das várias questões abordadas nesta obra, que pode sem sombra de dúvida ser considerada indispensável para o estudo do tema em questão, destacar-se-á o primeiro capítulo que é referente a mitologia do preconceito linguístico que segundo o autor, precisa ser desconstruído para assim termos uma sociedade linguisticamente justa e menos preconceituosa. Para Marcos Bagno, é um erro estudar a gramática como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que a falam (BAGNO, 2007). O autor acrescenta que, o que fez e faz prevalecer o preconceito linguístico até os dias de hoje é a confusão que há entre a língua e a gramática normativa. Com isso, a grande preocupação desta obra é desfazer essa confusão.





Segundo o autor, os oito mitos apresentados, não condizem com a realidade e ameaçam a estabilidade social e por isso, surge a necessidade de se abordar a respeito para assim se evitar a exclusão e o conflito perante aqueles que não falam o português gramaticalmente correto.

Para o autor, o primeiro mito, a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente, é o mais sério dos mitos, por ser um mito capaz de driblar personalidades intelectuais que analisam e estudam questões sociais brasileiras. O autor considera este mito prejudicial para a educação, porque deixa de fora aspectos que influenciam diretamente a língua como a idade, origem geográfica, situação socioeconômica e grau de escolarização. Desta forma, a que se levar em consideração o alto nível de diversidade e variabilidade na sociedade brasileira como afirmou o autor:




"Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da

**LEGENDA**


**Move 1**

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



**Move 2**

Sub6	
Sub7	
Sub8	

**Move 3**

Sub9	
------	---

**Move 4**

Sub10 A	
Sub10 B	

trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo lingüístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro — que são a maioria de nossa população— e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola”(BAGNO, 2007 , np)

No segundo mito, brasileiro não sabe português/só em Portugal se fala bem português, a grande preocupação do autor foca-se no fato de que este mito alimenta o complexo de inferioridade e coloca o Brasil numa posição de dependência lingüística. A língua falada em Portugal e no Brasil apresenta grandes diferenças quer seja no vocabulário, nas construções sintáticas no uso de certas expressões sem mencionar nas tremendas diferenças nas pronúncias (BAGNO, 2007). Então, não condiz com a realidade avaliar ambas as línguas como se fossem a mesma, há que levar em consideração muitos outros fatores.

No terceiro mito, português é muito difícil, a preocupação do autor é de tentar desconstruir esse pensamento que há no meio da sociedade quanto à forma que se fala o português. Pois a sociedade tem em mente que os manuais didáticos entre outros que servem de meio de ensino da língua portuguesa, são pouco eficientes para processo de comunicação, assim, defendendo que é mais fácil a utilização de uma linguagem não normativa. Este mito, é resultado do choque existente entre o português que se aprende na escola e o português que se aprende desde a infância.

O quinto mito, o lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão, é resultado da ideia que foi construída na sociedade brasileira pelo facto de ainda existir com grande frequência a utilização de alguns elementos da norma padrão da língua portuguesa de Portugal.

O mito número seis, certo é falar assim porque se escreve assim, realça a supervalorização da língua escrita colocando de parte a importância da língua falada. Para Marcos Bagno, se a questão for supervalorizar uma das línguas (A língua falada e a escrita), leva vantagem a língua falada pois a língua escrita não é natural. A mera forma escrita não é capaz de traduzir as inflexões e intenções pretendidas pelo falante (BAGNO, 2007), reforçando assim a ideia de que a afirmação referente ao mito seis não condiz com a verdade.

Já no sétimo mito, é preciso saber gramática para falar e escrever bem, Marcos Bagno traz à tona o título de obras que foram lançadas antes mesmo da gramática começar a ser ensinada como uma área de conhecimento independente. Obras como os fascinantes diálogos de Platão (séc. V e IV a.C) são exemplos que o autor apresenta para refutar este mito. No oitavo e último dos mitos, O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social, é possível perceber pelas palavras do autor que não se deve associar a forma de falar à evolução ou ascensão social, porque se assim o

fizemos, a língua seria o elemento determinante para a posição dos melhores cargos e posições sociais.

Dotada de uma linguagem simples, clara e objetiva, esta obra traz-nos assuntos de extrema importância, assuntos pelos quais todo mundo devia refletir. A língua também pode ser um propulsor para uma separação social e Marcos Bagno fez transparecer esta situação de modo a desmistificar os mitos supracitados, pois estes podem corriqueiramente afetar a forma com que avaliamos os fenômenos linguísticos. Para quem quer contribuir para a erradicação dos preconceitos existentes no mundo, é recomendável fazer uma leitura desta obra, pois fazendo isso, estaria dando um avanço considerável na luta contra um dos preconceitos existentes na nossa sociedade, que é o preconceito linguístico.

## CÓD. A2R2

O preconceito linguístico é um livro escrito por Marcos Bagno. Este livro é da editora Loyola, 49ª edição, publicada em Junho de 2007. O preconceito linguístico, segundo o Bagno, é a rejeição às variedades linguísticas de menor prestígio. Esse Livro insere-se na área da sociolinguística.

O Bagno é graduado em letras pela universidade federal de Pernambuco ( UFPE). Mestre em Linguística pela mesma instituição e Doutor em Língua Portuguesa pela USP. Ele é escritor de vários, destaco um que foi intitulado "Não é errado falar assim! Em defesa do português "brasileiro". Marcos é contra o preconceito linguístico, mas a favor de respeito e da diferença, foi nessa linha que escreveu o livro "Preconceito Linguístico o que é, como se faz".



O primeiro capítulo denominado "Mitologia do preconceito linguístico", fala sobre preconceitos que pessoas usam para com a língua portuguesa, entre o seu ensino e sua prática no cotidiano, que são duas coisas diferentes, pode ver muitos exemplos sobre essa diferença nesse capítulo. O capítulo apresenta críticas aos autores da gramática e não só, ao estado, no que tem haver a ensino da língua, que é uma injustiça, pois, isso não vai mudar a desigualdade social no Brasil. Esse capítulo, divide-se em oito pontos, ou seja, em oito (8) mitos.

O primeiro ponto "A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente" debate, a forma como esse mito fixou na cultura brasileira e que até os intelectuais se enganam. E o nível da escolaridade de muitos, que é baixo, dificulta na compreensão dos anúncios, e nem todos têm o privilégio de ter acesso a Gramática. Mostra que esse mito deve ser tratado nos diferentes campos, para que as pessoas possam compreender que há diversidade linguística no Brasil.




Depois dessa discussão, nesse ponto "Brazileiro não sabe português/ só o em Portugal se fala bem português" é mostrada que a língua e a gramática não é a mesma coisa. É tão relevante como o autor explica a diferença entre o português de Portugal e o português do Brasil, mas principalmente por dar muitos exemplos práticos e ele ainda cita outros escritores para melhor explicar.

## LEGENDA


### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

### Move 3

- Sub9 

### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

Subs 4 e 5 acrescentadas

O terceiro ponto “O Portugues é muito difícil” espelha a diferença de teoria e prática, sendo que o que se aprende nas escolas e o que é ensinado na escola, não são o que as pessoas falam na prática, esse ponto não é tão longe o primeiro ponto. Gostei e concordo com o autor quando fala que qualquer língua é fácil, por uma pessoa que nasceu e creceu onde se fala essa língua.

No ponto que fala sobre mito “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, pode-se ver que o preconceito linguístico é consequência de um preconceito social, quando fala da questão da fonética:

Se dizer Cráudia, praca, pranta é considerado “errado”, e, por outro lado, dizer frouxo, escravo, branco, praga é considerado “certo”, isso se deve simplesmente a uma questão que não é lingüística, mas social e política — as' pessoas que dizem Cráudia, praca, pranta pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola. (Bagno, 2007. p.42).

Quinto mito “O lugar onde se fala melhor o portugues no Brasil é o Maranhão” esse é ponto mais discutido, aqui é explicado porque se fala nesse mito e é apontado os erros da fala do mesmo lugar, apresenta como em outros pontos que não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor” “mais pura” “mais bonita” “mais cirreta” que outra. Tudo isso mostra que tudo não passa de um mito.

No mito “O certo é falar assim porque se esvreve assim”, discute que em todas as línguas existe o que se chama variação, quer dizer a mesma língua pode ser falada de maneira diferente em lugares diferentes. É inteligente o jeito que o autor aborda esse assunto mostrando como devia ser ensinada a língua nas escolas e para ele seria o justo a fazer. Gosto mais como ele trás analogias para dizer que esse pensamento é na verdade um mito.

O mito número sete “É preciso saber a gramática para falar e escrever bem” nesse ponto verifica-se como nos outros que a língua e a gramática são duas coisas diferentes o Bagno escreve: “não é gramática normativa que vai garantir a existencia de um padrão linguístico uniforme”.

No Último ponto desse capítulo “O domínio da norma culta é um instrumento da ascensão social” debate a questão das pessoas que têm domínio da norma, mas que não ascendem na sociedade, também repisa na questão da desigualdade social, porque saber bem a norma, não resolve questões sociais, como violência que aumenta no país, e questões como essa que deve ser prioridade.

É notável que o autor pensa na língua como uma coisa que facilita a compreensão das pessoas num certo meio, i isso não tem nada a ver com vida que as pessoas levam por conta da injustiça social, ou seja, em vez de preocupar como as pessoas falam a língua o melhor é preocupar como eles vivem. Este capítulo é muito bom para os estudantes, para os políticos, professores, particularmente os da linguística, enfim para toda sociedade, porque além de nos ensinar sobre a variedade linguística, nos ensina aquilo que é mais importante, de não sermos preconceituosos e injustos para com os outros só porque fala diferente. Daí que recomendo a leitura deste capítulo.

### CÓD. A3R2

Marcos Bagno, é professor na universidade de São Paulo (USP), Doutor em filologia e Linguística do instituto de Letras da universidade de Brasília, tradutor, escritor brasileiro, que atua na área da sociolinguística e Literatura, voltando-se para o ensino do Português. Além disso ele é autor de obras como “As memórias de Eugênia” e “Preconceito Linguístico”, publicou a língua de Eulália em 1997.

A temática abordada no livro faz parte do campo da sociolinguística que é o preconceito voltado aos usuários de variedades linguísticas não padrão.

Nesta obra Preconceito Linguístico, o autor defende com vigor a língua verdadeiramente falada no Brasil, o autor analisa criticamente algumas afirmações falaciosas acerca do ensinar o “certo” e do “errado”, tentando combater o que ele define como a mitologia do preconceito Linguístico.

Bagno, diz que, na Linguística existe regra, “só existe língua se houver seres humanos que a falem” Aristóteles nos ensina que o ser humano “é um animal político” usando essas duas afirmações, são como o termos de um silogismo. Tratar da língua, é tratar de um tema político, e também de seres humanos.




Para Bagno (2007), a nação tradicionalista e erro, a nível a ignorância, intolerância, manipulação ideológica, São aceitáveis para taxa-las como algo errado por não se enquadrarem na gramática normativa.

O preconceito Linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada. “Outras afirmações são até bem intencionadas mas mesmo assim compõe uma espécie de preconceito positivo que também se afasta da realidade” (BAGNO,2007, p.13).




O livro preconceito linguístico: o que é, como se faz, de Marcos Bagno, publicado pela edição Loyola, tem como objetivo apresentar falas do cotidiano que são na verdade base de preconceito linguístico. O autor, ao chamar essas frases de mitologia automaticamente as denomina como significado da palavra mito, fatos falados oralmente que não apresentam bases científicas e por isso não de devem ser vista como verdade.

### LEGENDA


#### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



#### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

#### Move 3

- Sub9 

#### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

O primeiro capítulo que termina na página 72, é dividido em 8 mitos. Na primeira parte do livro a mitologia do preconceito Linguístico, o autor o apresenta a primeira parte do subtítulo: o que é, para isso, decorrem as causas e os argumentos da existência do preconceito, centrado em oito mitos, que são, muitas vezes fundamentados em senso comum.

No 1º mito aborda sobre A língua Portuguesa falada no Brasil e apresenta uma unidade surpreendente, questão que os brasileiros falam a mesma língua, sem dialetos, o autor vai contornar essa afirmação, dizendo que embora a língua da população brasileira seja o Português, essa Língua apresenta uma variedade Linguística muito extensa.

Bagno, reforça que isso não é uma questão Linguística, mas sim social, e política. Neste caso, o preconceito Linguístico é decorrência de um preconceito social.

Já no 2º mito aborda sobre Brasileiro não sabe Português só em Portugal se fala bem Português, isto consiste na ideia de que só se fala bem o Português em Portugal que segundo o Autor, é reflexo do sentimento de inferioridade dos Brasileiros fruto do período colonial. Bagno acrescenta que, a “língua Portuguesa se mantém viva e só mudanças, sendo uma língua diferente da língua de Portugal que é gramática própria” (BAGNO, 2007, p.23).

No 3º mito o Autor aborda sobre Português é muito difícil, Como se ensino nas escolas acontece em acordo com a norma de Portugal existe uma grande diferença entre o que é realmente falado e o que é aprendido as instituições de ensino. Por isso há dificuldade.

No 4º mito aborda sobre As pessoas sem instrução falam tudo errado. As pessoas sem instruções não sabem falar Português, o Autor mostra as razões que levam às variações na Língua exaltando a Lógica, e que o Preconceito Social se torna Linguístico.

O lugar onde melhor se fala Português no Brasil é Maranhão, este é o 5º mito onde o autor diz que esta afirmação não é verdadeira, é mito. Explica que as mudanças na língua aconteceram por necessidades dos falantes e não torna o Português falado no Estado melhor ou pior, pois como qualquer outra variedade tem o seu valor. “Acontece, porém, que os defensores desse mito não se dão conta de que, ao utilizarem o critério prespetiva de correção para sustentá-lo, se esquecem de que os mesmos maranhenses que dizem tu és, tu vais, tu foste, tu quiseste, também dizem: Esse é um bom livro para ti ler, em vez da forma “correta”, Esse é um bom livro para tu leres” (BAGNO, 2007, p. 47)

O 6º mito aborda sobre, O certo é falar assim porque se escreve Assim. Bagno diz que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. Portanto a escrita é uma tentativa de representar a fala em sua Evolução. “É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando

Sub 6  
acrescentada



como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma” (BAGNO, 2007, p. 52)

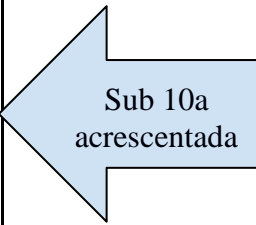
O 7º mito aborda de que é preciso saber gramática para falar e escrever bem. A gramática é um instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua. “É preciso saber gramática para falar e escrever bem. Bagno diz, se isso fosse verdade todos os gramáticos seriam grandes escritores, e os bons escritores seriam especialistas em gramática (BAGNO, 2007), o autor cita, comparar a inconsistência da declaração de plantão, que escreveu obras importantes sem consultar uma gramática.

O último mito abordado explica o domínio da norma culta, que é um instrumento de ascensão social que é possível pelo domínio da norma culta. O autor diz que se ele fosse verdade, os professores estariam no topo da pirâmide social. Bagno, mostra que não existe homogeneidade na língua e todas as variações dela devem ser respeitadas. Diz o autor:

“Achar que basta ensinar a norma culta a uma criança pobre para que ela “suba na vida” é o mesmo que achar que é preciso aumentar o número de policiais na rua e de vagas nas penitenciárias para resolver o problema da violência urbana” (BAGNO, 2007, p.70).

Preconceito Linguístico: o que é, como se faz, é um livro muito interessante, pois ela traz uma Análise voltada às relações da língua com a sociedade, e as implicações que ambas possuem uma da outra, e como a língua se reflete dentro de uma sociedade.

Em geral, o livro de Marcos Bagno Preconceito Linguístico, é uma leitura essencial para quem busca entender preconceito linguístico e as suas implicações na sociedade Brasileira, pois ela traz uma mensagem importante sobre a necessidade de respeitar e valorizar todas as formas de expressão linguística. Um ponto positivo está no fato de o livro apresentar uma linguagem acessível a qualquer leitor, tornando possível a popularização do estudo aos mais diversos falantes da língua. Portanto, Preconceito Linguístico é uma obra recomendável para pesquisadores da área de letras, literatura e para professores bem como estudantes desta área do conhecimento e da pedagogia.



Sub 10a  
acrescentada

**CÓD. A4R2**

Marcos Araújo Bagno nasceu em 21 de agosto de 1961 em Cataguases (MC), mas viveu em diversos estados ao longo da vida. Depois de ter morado em Salvador, em Brasília, no Rio de Janeiro e no Recife mudou para SÃO PAULO em 1994, quando se tornou professor no Instituto de Letras na Universidade de Brasília (UNB) permaneceu na capital até no ano 2002, ano em que voltou para Brasília, ser professor do departamento de Linguística da Universidade de Brasília. Atuou no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas até 2009 e transferiu-se para o Departamento de Línguas estrangeiras e tradução.

Iniciou sua carreira de escritor ao receber o prêmio Bienal Nestlé de literatura pelo livro de contos *A invenção das Horas*, em 1988. A partir desse marco vieram outras trinta obras literárias até o momento e inúmeros prêmios, incluindo "João de Barro" (literatura infantil 1988) e "Carlo Drummond de Andrade" (poesia 1989).

No que concerne ao primeiro tópico que trata do mito número um da língua portuguesa falada no Brasil que apresenta uma unidade surpreendente, o autor aborda a questão da diversidade linguística que se encontra nas escolas como também na sociedade brasileira em si. Mostra como o país é extenso e a probabilidade da variedade linguística é muito grande. Por outro lado, ele faz uma crítica ao Darcy Ribeiro que fala sobre homogeneidade linguística do povo brasileiro.






O texto escrito por Marcos Bagno contém uma linguagem simples e clara que permite a compreensão do texto, também a linguagem utilizada nesse texto é clara, principalmente para iniciantes da academia, porque o autor aborda muito bem o assunto isso permite a percepção de uma forma clara. Também é de salientar é de suma importância porque nos ajuda a entender o Brasil que vivemos com sua grande diversidade.

O Bagno (2007, P. 15) começou o desenvolvimento da primeira parte intitulada mito número (1) e abordou sobre a maior mito que compõe a metodologia do preconceito linguístico no Brasil. Porém que o preconceito linguístico está enraizado na cultura até intelectuais brasileiros deixam ser enganados de que a fusão das matrizes tão diferenciadas os brasileiros são hoje os povos mais homogêneos linguisticamente.




De mesmo modo, Bagno na mesma página afirma que uma longa tradição de estudos filosóficos e gramaticais baseou muito tempo nesse preconceito irreal da unidade da linguística do Brasil. Deste modo, mostra que este mito de uma única língua prejudica a educação na medida em que na medida em que não conhecem a real diversidade da língua portuguesa que se encontra no Brasil. Neste sentido a escola impõe sua norma linguística como se fosse a língua comum a todos os 166 milhões de brasileiros da sua posição social.

Todavia, segundo ele mostra que apesar da língua que maioria dos brasileiros falam é a língua portuguesa, mas mesmo assim apresenta um alto grau de diversidade e variabilidade, não pela grande dimensão territorial que o país tem gera essa diferença regional bastante conhecida e também vítimas de alguns de alguns seus muito


**LEGENDA****Move 1**

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



**Move 2**

Sub6	
Sub7	
Sub8	

**Move 3**

Sub9	
------	---

**Move 4**

Sub10 A	
Sub10 B	

A obra não é apresentada

Sub 9 acrescentada

Continua com desenvolvimento parcial

preconceito. Mas o problema é de trágica e injustiça social o que faz de Brasil a ser considerado o segundo país com mais distribuição de renda em todo mundo. Portanto, mostra ainda que essas grandes diferenças de status social que implicam a existência do Brasil em que falantes das variedades não padrão do português que são maioria da população.

Em seguida, (2007, P 16) aborda a questão da educação que ainda é privilégio de muita gente no Brasil, de modo que as grandes quantidades de pessoas ainda falam a língua culta que é conhecido como não padrão. Trouxe o mito da língua única dizendo que como existe maioria de brasileiros ainda sem terra, sem escola, sem saúde e do mesmo modo que existe milhares de brasileiros sem língua.

Portanto “se fomos ver o mito da língua única, existem milhares de pessoas que não tem acesso a língua que é uma literária empregada pelos escritores, jornalistas ou pelas instituições oficiais órgão do poder são os sem língua”

No entanto, na (p.17) ele disse que, aqueles grupos de pessoas consideradas sem língua eles falam português, mais uma variedade de português não - padrão com sua gramática particular que é reconhecida como válida que é desprestigiado e ridicularizada. Também mostra que as pessoas falantes de variedades linguísticas tem séries de dificuldades em compreender as mensagens expresso pelo poder público que representa só os falantes da língua padrão.

[...] “a constituição afirma que todos os indivíduos são iguais perante a lei essa mesma constituição e redigida em uma língua em que uma parcela de brasileiros conseguem entender. A discriminação social começa, portanto, no texto constituição.” [...] ele mostra que este parágrafo não está dizendo que a constituição deveria ser escrita não - padrão mais para que todos os brasileiros tem acesso a essa língua oficial que é limitado seu caráter veicular a uma parte da população exclusivamente uma outra talvez maior .

Por outro lado, Bagno (2007, P 18) “habitualmente chamado de português é uma balaio de gatos onde tem diferentes tipos de gatos , magros, gordos, grandes, pequenos machos , fêmeas entre outros é assim que a variedade do português brasileiro como sua gramática específica, coerente, lógica e funcional” Desse modo o Bagno afirma que é preciso que a escola e outras instituições da cultura abndem esse mito da língua única do português para passar reconhecer a variedade linguística no país para planejar melhor sua políticas de ação junto a população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não - padrão.

Na segunda parte intitulada “o brasileiro não sabe falar português só em Portugal se fala bem o português” Bagno ( 2007, P 20) começa uma crítica sobre uma opinião tão habitual , mostrando que a realidade são duas faces de uma moeda que refletem a complexidade de inferioridade no sentido de sentimento ser hoje uma colônia que depende de um país mais antigo e mais “civilizado” também trouxe a concepção expressa no livro de Sérgio Nogueira Duarte que fala sobre perguntas que só pode em Portugal! Já viajei muito pelo Brasil já estive em todas as regiões.

Sinceramente não sei onde se fala melhor. Portanto o analise sobre o livro principalmente sobre o título língua viva ele afirma que seria mais acertado que se trata da análise preconceituosa desinformado da língua falada no país. Por outro lado, mostra que Duarte simplesmente é um responsável por preconceito e que ele esta apenas exprimindo uma ideologia empregada m nossa cultura a muito tempo ainda afirma que esta concepção que o brasil é chamado de país subdesenvolvido porque sua população não é “pura”, mas uma mistura negativa de raça duas dela é negra e indígena são inferiores aos brancos a do banco europeu por isso povinho “só pode ser o que”.

**A recomendação:** recomendo esse livro principalmente para os docentes que estão a atuar no âmbito escolar, como discentes de cursos de letras como pedagogia e outras pessoas que estão a atuar em diferentes áreas. Tanto nas instituições ou serviços públicos e privados para levarem em consideração a questão da diversidade e variedade linguística com que podem se deparar nesses espaços para evitar e acabar com o preconceito linguístico na sociedade brasileira porque seu modo de falar não pode anunciar seu destino.

Subs 2 e 10a  
acrescentadas

### CÓD. A5R2

Enquanto humanos, vivemos centrando as nossas ações em dois juízos, o de fazer o *bem* e o *mal* que por sua vez são traduzidos no “certo e errado”[p.13], em *saber* e *não saber*, essas análises tem produzido resultados influenciadores que dão vantagens e desvantagens a certas classes sociais, trazendo afirmações como: *brasileiro não sabe Português* e que *Português é muito difícil, só o letrado é que fala bem o português*, essas e outras abordagens fazem o conteúdo desta obra **Preconceito Linguístico, o quê é e como se faz.**





O seu primeiro capítulo “*mitologia linguística*”[p.13], que será o foco do nosso trabalho, traz esclarecimentos que dão resposta à perguntas como: será falta de saber que faz o homem falar mal? será que é o saber que leva homem falar bem? O quê é saber falar bem uma língua?

A obra é composta por 189 páginas, organizadas em cinco capítulos e subtemas. Como frisei acima, o nosso foco nesta obra concentra-se apenas no primeiro capítulo, “*a mitologia do preconceito* [p. 13]”. Este capítulo nos apresenta oito mitos que vem tirar a máscara posta pelos peritos da gramática tradicional, e professores de língua portuguesa com pensamentos que só fala bem a língua português o alfabetizado, o urbanizado que usa a norma culta e não o camponês iletrado. Esta obra é transversal, mas é bastante ilustrativa no campo linguístico e acadêmico, tem como finalidade de refletir, desmistificar os mitos linguísticos e combate-los, para evitar a progressão do preconceito linguístico.

BAGNO Marcos, é tradutor, escritor e linguista, é Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

### LEGENDA

#### Move 1

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



#### Move 2

Sub6	
Sub7	
Sub8	

#### Move 3

Sub9	
------	---

#### Move 4

Sub10 A	
Sub10 B	

Professor de Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, é um Autor com tantas obras publicadas onde destaco as mais recentes: *Português ou brasileiro?* Um convite à pesquisa, Parábola Editorial, 2001

*Norma linguística*, Ed. Loyola, 2001

*Língua materna: letramento, variação e ensino*, Parábola Editorial, 2002

*O espelho dos nomes* (juvenil) Ática, 2002

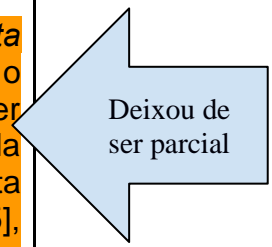
Recebeu prêmios com seguintes obras:

*A invenção das horas* (contos), Ed. Scipione, 1988 (IV Prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira)

*O papel roxo da maçã* (infantil), Ed. Lê, 1989 (Prêmio “João de Barro” de Literatura Infantil), Para além desta, Magno escreveu outras obras brilhantes no campo linguístico com mesmo objetivo que ele trás nesta, não deixaria de mencionar a bela frase que está na contra capa deste livro onde diz: “Tenho-me esforçado por não rir das ações humanas, por não deplorá-las nem odiá-las, mas por entendê-las”

**Mito nº 1. “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”.** Assim como a natureza influencia o homem, nenhuma língua emigra de um território para outro sem sofrer transformações, é que acontece com o português falada no Brasil, ela não é *invariável mas sim variável*, varia de região para região, apresenta “alto grau de diversidade e de variabilidade” como afirma o Magno [p.15], isto significa que não firma na gramática tradicional, já que ela é estática, essa *desobediência* da norma se me permitir chamar assim, leva muitos acadêmicos considerar os que trilham nesta via como pessoas “Sem língua” [MAGNO, P.16], esta é uma demonstração de desconhecimento da linguística como ciência em muitos acadêmicos, por que não se veja justificção a essas pessoas que são letradas e vivem com este mito.

**Mito nº 2 “Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português”.** Aqui estamos na presença de uma anulação total da cultura e códigos de comunicação de um país, isto é muito grave, um país que tem uma identidade linguística e cultural ter a classificação do mito em referência é um desrespeito, o brasileiro sabe sim falar o português o que acontece é que o português falado no Brasil é “diferente do português falado em Portugal” [MAGNO, p.23], possui uma “gramática” diferente e apresenta aspetos diferentes que devem ser respeitados, por isto é certo denominar a língua falada aqui de “português brasileiro” para marcar duma vez por todas a diferença como diz o Magno, [p.24]. Não tem como ser igual, a língua portuguesa falada no Brasil, a cultura é diferente, os povos são diferentes, o meu ambiente também é diferente, Brasil tem um território “92 vezes maior que Portugal”, portanto todos esses fatores explicam a diferenciação linguística, [MARGO, p.30], a variação linguística não é erro, e a língua não é estática, é dinâmica, nenhuma língua é imutável, aqui é necessário lembrar que, quando uma língua conhece novo território, nova cultura, novas tradições e novas pessoas, um novo meu ambiente ela muda totalmente, é um erro dizer que só em Portugal falam o bom português,



Deixou de ser parcial

o Brasil sabe o seu português, o português do Brasil, que é a língua materna de todos os que nascem e vivem aqui, enquanto os portugueses sabem o português deles. Nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas diferentes um do outro [...]”[MAGNO, p.31].

**Mito n° 3 “Português é muito difícil**, aqui digamos que toda língua torna difícil quando quebra a transmissão das mensagens, ou seja quando o receptor não consegue descodificar as mensagens do emissor, não é isto que vimos no português falado no Brasil, as comunidades comunicam-se sem problemas, o problema começa na língua exigida para ser falada e ensinada na escola, é a partir daqui onde começa a complexidade de português por não existir uma conexão do português falado em casa e a ensinada na escola, a baixo está o recadinho do professor Magno, “no dia em que nosso ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil é bem provável que ninguém mais continuará a repetir essa bobagem”[p.34].”Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua”, assim como temos direito a nacionalidade depois do nosso nascimento, também temos direito a língua, toda pessoa nasce numa determinada língua que é a sua língua materna, onde desenvolverá a sua primeira fala sem nenhuma dificuldade porque o seu psique e todas capacidades cognitivas estarão mergulhadas neste esquema, aqui encontramos a sociedade jogando o papel de filantropia na transmissão dos valores ao novo membro na medida que vai crescendo. Nota se que precisamos atualizar o *software*(gramática tradicional) para evitar ensinamento de arcaísmo nas escolas com ideias “dos instrumentos de manutenção do status quo das classes sociais privilegiadas[...]”,[p.36], desta forma, baniremos duma vez por todas essa ideia de línguas difíceis.

**Mito n° 4 “As pessoas sem instrução falam tudo errado”**. Os conhecimentos linguísticos existem desde primórdios sem intervenção das escolas, o que a *escola* faz é conceitua- los na medida que são estudados e redescobertos, na linguística a *gramática* deve ser vista como arbitro que vai ajuizar o jogo(a língua) no campo e numa época(tempo e no espaço), não pode ficar no tempo, mas sim deve estar disposto em adaptar-se na evolução linguística que ocorre no tempo e num determinado espaço, essa ideia de que as pessoas sem instrução falam tudo errado é mesmo *um mito*, o sotaque e surgimento de novos termos em determinadas regiões não devem ser vistos como erros mas sim “um fenômeno fonético que contribui para a formação da própria língua portuguesa” [MAGNO, p.38], porque a língua portuguesa é como qualquer outra língua da humanidade que é falada por todas classes sociais, se assim fosse agente em África não teríamos línguas bem faladas porque a maioria delas não são ensinadas nas escolas e nem possuem gramáticas ou *dicionários*, já que não têm dicionários que deviam agrupar e desmistificar as palavras, aqui vimos que o conhecimento vem existir primeiro que a ciência, o que o homem faz é estudar o que existe, baseando-se na prática natural que lhe é proporcionado, portanto é errado admitir que só fala bem o português

aquele que foi instruído, porque vimos no terceiro capítulo que a pessoa pode sim falar bem o português sem instrução, como o caso das crianças. Essas mudanças não são de hoje, o português não-padrão que existe hoje é que formará o português padrão de amanhã, essa mudança é conhecida de “rotacismo”[p.40], em muitas vezes o problema não é o *que se fala* mas *quem fala* e de *onde ele/a fala*.

**Mito n°5 “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”**, essa afirmação demonstra a desvalorização da variação linguística, e perpétua a ideia da gramática tradicional, de que a *língua é estática*, invés de fazerem afirmações sem nexos linguísticos, os usuários da norma culta estariam mais preocupados em ensinar a *coerência e coesão* nos casos seguintes: “os menino tudo” ou “houveram fatos” [MAGNO,p.50], do que perder tempo nas classificações das comunidades ,porque

toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Não existe falantes melhores ou piores de português, devemos respeitar todas as variedades da língua porque constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam[...], [MAGNO,p.47]

**Mito n° 6 “O certo é falar assim porque se escreve assim”** esse mito leva-me pensar que existe uma luta entre a língua falada e a escrita, a escrita vem com intenção de superar a fala, mas a fala diz: hei calma aí moleque esperto, antiguidade é um posto, o professor Magno diz que não se legitima uma língua “obrigando as pessoas falarem do mesmo modo” [p.52], a fala está bem presente para trazer as mudanças e liberdade na língua. Por outro, há tantas pessoas que falam a língua sem ter nenhum contato com a escrita e falam tão bem, aliás a “escrita é uma tentativa de representação de uma língua [...]”[p.50].

**Mito n°7 “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”**; Essa Leva-me pensar na discussão mitológico de galinha e o ovo de quem veio existir primeiro, na verdade esse mito foi desvendado na base bíblica que mostram que Deus criou o mundo e suas espécies, criou-os *macho e fêmea* (Gn.1:27), Deus não criou ovos, portanto, trazendo esse argumento nesta abordagem digo que Deus deu primeiro a fala que é a língua ao homem e depois, deu o conhecimento de escrever e de formar regras(gramática) de usar a sua fala, já falamos que a língua não precisa da gramática para ser bem falada, igualmente a escrita, portanto é mesmo mito porque a *gramática* já mais seguirá a evolução linguística com a mesma velocidade que a língua usa, ela está “condenada ao fracasso”[MAGNO, p.62], por ser estática enquanto a língua vai mudando no tempo e no espaço.

**Mito n°8 “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”**, Saber falar é importante, mas não é meio suficiente para atingir aos cargos sonantes, ou seja, não é bem falar que faz alguém ser de classe social nobre, ou pobre, mas sim o *conhecimento e a visão* falar bem é um suplemento interessante perante a sociedade mas não

leva alguém a presidência, o uso de norma não culta deve ser bem respeitado porque nenhuma língua nasce com a norma culta, a língua não serve somente para comunicação mais sim também como conservadora de identidade cultural de uma nação. Não vejo fronteiras neste livro, as suas abordagens abrangem o círculo social e acadêmico em geral, pois traz contributos significativos para um novo olhar linguístico social, digamos que o **Preconceito Linguístico** é um tema bastante transversal, principalmente nos países colonizados, pois todos eles vivem com os mesmos preconceitos mencionados neste capítulo, e isto destroem as sociedades ao invés de construir trago aqui episódios que acontecem em Angola como exemplo, uma boa parte da sociedade angolana no norte é de etnia Bakongo, e tem como língua materna Kikongo, ao falar o português são muito fáceis de ser identificados como Bakongos através da força do sotaque da língua materna, e são discriminados nos centros das cidades, atribuindo-lhes nomes como *Langa* só para zombar a sua forma de expressar o português, e esse ato traz danos inimagináveis para os discriminados muitos deles deixaram de se identificarem com a etnia Bakongo, e por causa disso está desaparecer a identidade das línguas matrizes no sul de Angola, falaremos disso noutros fóruns.

Trecho não prototípico permaneceu

## CÓD. A6R2

O livro do Marcos Bagno intitulado preconceito linguístico foi publicado em 1999, e esta constituído por oito mitos, na qual o autor vai discutir diferentes assuntos relacionado a língua portuguesa, variação línguas e preconceito linguístico.




Marcos Bagno, nasceu nun Estado de minas gerais chamado Cataguases, no 21 de agosto de 1961 é um professor, doutor em filologia, linguista e escritor brasileiro. Importante intelectual e professor da Universidade de Brasília (UnB) com inúmeras publicações sobre a língua falada no país. O professor é conhecido por defender a revisão da norma-padrão do português, pela inclusão de variações linguísticas e formas orais como expressão genuína e correta do português brasileiro.

Ele também é professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e tradução da Universidade de Brasília, doutor em filologia e língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, tradutor, escritor com diversos prêmios e mais de 30 títulos publicados entre literatura e obras técnico-didáticas. Atua mais especificamente na área de sociolinguística e literatura infanto-juvenil, bem como questões pedagógicas sobre o ensino de português no Brasil. Em 2012 sua obra: *As memórias de Eugênia* recebeu o terceiro lugar do Prêmio Jabuti na categoria juvenil, e no ano seguinte, o livro infantil *Marcéu* e recebeu o Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional Glória Pondé na categoria juvenil. Escreveu uma coluna sobre questões de linguagem na revista *Caros Amigos*.




No capítulo 1 do livro "Preconceito Linguístico: o que é, como se faz" o linguista e escritor brasileiro, Marcos Bagno discute o surgimento da metodologia na base da norma culta. O autor nos convida

## LEGENDA


### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

### Move 3

- Sub9 

### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 



para um pensamento com ele a cerca da mitologia do preconceito linguístico dentro da lingua portuguesa o primeiro capitulo está dividida diferentes tipos de mitos que são usados na sociedade.

No mito nº1, intitulado "A lingua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente" ele traz-nos uma visão sobre a comparação do portugues falada no Brasil assim como a falada em Portugal. Esse tipo de comparação prejudica a educação dos alunos tendo em conta a diversidade existente no Brasil, além disso, o pais conta com um grande número da população que não tem acesso a educação e domínio de uma norma oculta.

Essa discriminação já vem desde a constituição da república. De acordo com essas variedades de línguas é necessário deixar dessas criticas de que o portugues falado nos diferentes paises um é melhor que o outro e que fique só claro que os portugueses falam diferentes é preciso que a ministério de educação elabore políticas que levará em conta diversidade e variações linguística dentro de um país.

No mito 2 "Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português" ele discute a ideia de que o bom português é só falado em Portugal, elevado o português do Portugal como superior de todos. Esse mito foi transmitido de geração em geração e ensinado erradamente na escola, ele acrescenta que a lingua portuguesa se mantém viva e em constante mudança do que aquele falado em Portugal.

Essa diferença entre os dois paises é muito grande tanto no vocabulário, nas construções sintáticas, no uso de certas expressões, que muitas vezes causa dificuldade na compreensão.

No mito nº3 "Português é muito difícil" o Bagno aborda a ideia de dificuldade de aprender a lingua portuguesa conforme a norma culta de Portugal. Ele salienta que todo nativo de uma língua sabe essa lingua incluindo o brasileiro sabe falar o portugues, sim. E a questão está na variedade do que ensino é falado em instituições de dois paises. A continuidade de cobrança de seguir ensino tradicional, leva muitos estudantes a concluir o ensino médio com competência em exprimir-se na escrita e na fala em qualquer que seja lugar. É sempre uma grande dificuldade para um estrangeiro no aprendizado de qualquer que seja lingua.

No mito nº4 o autor traz a ideia de que "As pessoas sem instrução falam tudo errado", ele aborda a razão por trás da variação linguística, e salienta também que o preconceito linguístico existe tanto na classe sociais e assim também na fala de certas regiões.

Essa diferença entre os dois paises é muito grande tanto no vocabulário, nas construções sintáticas, no uso de certas expressões, que muitas vezes causa dificuldade na compreensão.

No mito nº5 "O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão" pois, o português colonial é preservado, o autor alerta de que esse é um muito sem fundamento, porque "[...] nenhuma variedade seja nacional e regional não é intrinsecamente "melhor", "mais pura", "mais bonita", "mais correta" que outra (BAGNO, 2007, p.44).

No mito nº6 "O certo é falar assim porque se escreve assim", o Bagno argumenta que em todos os linguas que compõem o mundo existe

uma coisa chamada variedade linguística, com isso não existe a forma certa ou errada de falar ou de escrever desde que os que estão falando se compreendem é porque estão certo. Então, não existe nenhuma língua falada do mesmo jeito em todos os lugares.

Mito nº7 "É preciso saber gramática para falar e escrever bem" o autor discute que não existe o português bem ou mal falado, o Bagno diz que mesmo não conhecendo bem a gramática pode sim falar bem o português e assim acontece com as crianças elas falam bem o português por que nasceram ao crescer aprenderam bem o português sem mesmo ir a escola. Porém se fosse para levar o conhecimento da gramática em conta, "[...] todos os gramáticos seriam grandes escritores (o que está longe de ser verdade), e os bons escritores seriam especialistas em gramática" (BAGNO, 2007, p.57).

No ponto de vista do autor, essa ideia de que é preciso conhecer a gramática para expressar e escrever bem, foi inversão da realidade, onde as gramáticas foram escritas como um instrumento de controle e poder dentro da sociedade.

No mito nº 8 "O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social" que fechou circuito mitológico, tem muito a ver com o primeiro, uma vez que os dois mitos tocam as questões que acontecem na sociedade. Nesse último mito o autor diz que não se deve só em preocupar apenas em ensinar as pessoas sobre a norma culta, mas também em preços levar em conta a variação linguística existente num determinado país. Essa diferença entre os dois países é muito grande tanto no vocabulário, nas construções eles.

Recomendaria esse texto sim, pois é um texto muito importante para os acadêmicos, enfim pra qualquer um que quiser aprofundar seu conhecimento a respeito da língua portuguesa, variação e o preconceito linguístico. O texto nos esclareceu muito bem essa diversidade linguística, para os que tinham uma linguística diferente como agora entendemos que não existe uma língua melhor, mas existe uma diferença uma da outra na escrita e na fala. Além do mais, entre essas diversidades linguísticas devemos respeitar a forma de cada povo, desde já que se entendam uns aos outros, por outro lado é recomendado também para o pessoal que estuda língua portuguesa e nunca chegaram a ter contacto com esse tipo de material e assunto.

**CÓD. A7R2**

Marcos Bagno é um intelectual brasileiro que nasceu em 21 de Agosto de 1961, no Estado de Minas Gerais. Ele é formado em Filologia e Língua Portuguesa por uma das universidades mais reconhecidas no Brasil, a Universidade de São Paulo (USP). O professor acumula obras importantes na área de Linguística, entre as quais o livro que problematiza a questão da norma-padrão do português, a saber: *“Preconceito linguístico: o que é, como se faz”*.

Sabendo que a língua portuguesa é tradicionalmente orientada por um conjunto de normas que determinam a forma “correta” de expressar os pensamentos por meio de palavras e escrita, sem levar em consideração outros aspectos externos, Marcos Bagno (1999), através da sua obra acima mencionada, propõe a inclusão das variações linguísticas que se observam no território brasileiro com a finalidade de comprovar a inexistência de uma língua relativamente superior em relação à outra. Acreditamos que a ideia principal do autor não seja menosprezar a norma-padrão da língua portuguesa, mas sim, apontar o reconhecimento pela multiplicidade que caracteriza o povo brasileiro.

Segundo o autor, o preconceito linguístico é uma forma de exercer juízo de valor negativo sobre a expressão oral dos indivíduos sem ter uma noção mínima dos fatores que justificam a maneira como se expressam e se dá por conta da confusão – se assim podemos dizer, ocasionada entre a língua e a própria Gramática. Ora, tal como uma receita de bolo não é um bolo, a gramática não é uma língua, por isso a sociedade deveria se desfazer dessa confusão.






Com respeito à mitologia do preconceito linguístico, temos que concordar com autor ao afirmar que essa prática tem sido alimentada em programas de televisão, rádios, colunas de jornal, revistas e em manuais que pretendem ensinar o que é certo e o que é errado, pois em função da ideia de superioridade da língua portuguesa sobre outras línguas no Brasil e nos países africanos de expressão portuguesa, pregada há anos, vemos atualmente algumas pessoas a apropriarem-se dos aspectos gramaticais ao ponto de menosprezar as línguas de características culturais, que influenciam no modo como seus usuários empregam o português.

O texto mostra que a mitologia do preconceito está composta por oito (8) mitos. O primeiro aponta que “a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”. De acordo com Marcos Bagno (1999):




Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação econômica, de seu grau de escolarização etc (Bagno, 1999, p. 15).

Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que a diversidade de línguas é um conceito que contraria completamente a visão de que existe uma homogeneidade em relação ao português falado no território brasileiro, porque além da extensão territorial, a nação apresenta


**LEGENDA****Move 1**

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



**Move 2**

Sub6	
Sub7	
Sub8	

**Move 3**

Sub9	
------	---

**Move 4**

Sub10 A	
Sub10 B	

inúmeras assimetrias que espelham o ambiente ao qual pertencem os indivíduos. Em outras palavras, as particularidades que os cidadãos brasileiros apresentam se dão por conta dos aspectos destacados na citação, sem falar das circunstâncias sociais, culturais e históricas.

No segundo mito, “Brasileiro não sabe português / “Só em Portugal se fala bem português”, o professor tece duras críticas aos brasileiros que alimentam o complexo de inferioridade em relação ao português falado no Brasil. Ele afirma que:

O brasileiro sabe o seu português, o português do Brasil, que é a língua materna de todos os que nascem e vivem aqui, enquanto os portugueses sabem o português deles. Nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas diferentes um do outro e atendem às necessidades lingüísticas das comunidades que os usam, necessidades que também são... diferentes! (Bagno, 1999, p. 31)

A declaração do autor confirma o que dissemos anteriormente: não há uma língua superior às outras. O que acontece é que o português de Portugal apresenta nuances totalmente diferentes do que se verifica no contexto brasileiro. Nesse sentido, há que desenvolver a consciência de que a beleza do português brasileiro reside justamente nessa diferença entre as duas variedades.

O terceiro mito assinala que “Português é muito difícil”. Quanto a isso, Bagno (1999) diz o seguinte:

Como o ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso, achamos que ‘português é uma língua difícil’: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós (BAGNO, 1999, p. 34)

Diante do que está exposto, admitimos que as escolas têm sido um aparelho importante na consolidação das regras estabelecidas pela gramática de Portugal, que se mostra inflexível com as variedades que fogem à sua consideração, ditando expressões que acabam por dificultar grande parte dos brasileiros. Nesse contexto, os professores devem analisar em que medida os alunos estão realmente compreendendo os conteúdos, tornar o processo mais fácil e prazeroso e desconstruir a ideia de que “o português é muito difícil”.

No quarto mito, “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, o professor declara que os que dominam a norma padrão demonstram sentimentos de repulsa à forma como certos indivíduos utilizam a língua por conta dessa crença que impulsiona a única língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Bagno (1999, p. 39) relata que “qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”. Não há dúvidas de que o aspecto político teve um papel importante na disseminação desse mito revelado pelo autor, pois os estudos mostram as iniciativas que foram tomadas ao longo da história para a afirmação da variedade culta do português no Brasil, assim como nos países africanos de língua portuguesa.

O quinto mito, “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”, suscita uma reflexão crítica do autor. Bagno (1999, p. 51) apela que “é preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o ‘melhor’ ou o ‘pior’ e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura.”. Ora, sabendo que a comunicação é uma das funções da linguagem, senão a principal, os indivíduos deveriam compreender que a língua se adapta às necessidades de cada um e que a comparação que se observa no território brasileiro resulta em uma grande separação/divisão.

No sexto mito, “O certo é falar assim porque se escreve assim”, Marcos Bagno (1999, p. 52) alega que “em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”. Realmente, as línguas apresentam diferenças mesmo quando são pronunciadas por seus usuários; isso ocorre em função das situações linguísticas e sociais em que as línguas são empregadas. Como exemplo, temos o caso dos países de língua oficial portuguesa; todos falam a mesma língua, mas de uma forma completamente diferentes.

Ao tratar do sétimo mito, “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”, o professor Marcos Bagno (1999) traz um contexto histórico para compreendermos o status da gramática. Segundo o autor:

As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como regras e padrões as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. [...] Como a gramática, porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua ‘bonita’, ‘correta’ e ‘pura’ (BAGNO, 1999, p. 64).

Ora, a posição do autor em relação ao assunto é altamente positiva, porque as pessoas jamais dependeram da gramática para falar e escrever bem. Antes da gramática, a língua já estava sendo empregada pelos indivíduos, independente do estatuto social, pavimentando o caminho para o surgimento dela.

No oitavo mito, “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”, o autor mostra exemplos de pessoas que conhecem as regras gramaticais, elaboram frases bem estruturadas, mas que ocupam uma posição inferior na escala social. Por outro lado, apresenta casos de cidadãos que ascenderam na sociedade sem necessariamente aprender as normas culta do português. Conforme Bagno (1999):

É preciso garantir, sim, a todos os brasileiros o reconhecimento (sem o tradicional julgamento de valor) da variação linguística, porque o mero domínio da norma culta não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. É preciso favorecer esse reconhecimento, mas também garantir o acesso à educação em seu sentido mais amplo, aos bens culturais, à saúde e à habitação, ao transporte de boa

qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito (BAGNO, 1999, p. 70-71).

A leitura desta obra proporciona uma abertura de horizontes quando se trata de aspectos linguísticos. Compreendemos a necessidade de pensarmos no ensino de português de uma forma diferente daquela considerada pela tradição para que o preconceito em torno dos indivíduos seja suprimido. Portanto, recomendamos a leitura desse grande material.

**CÓD. A8R2**

A obra *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*; contém 176 páginas e 4 capítulos, porém, esta resenha baseou-se apenas no capítulo 1. Esta obra retrata um pouco sobre as inverdades ou fantasias que o autor chamou de mitos. Ao decorrer das suas abordagens, o autor trouxe no total 8 mitos que são: A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente; Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português; Português é muito difícil; As pessoas sem instrução falam tudo errado; O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão; O certo é falar assim porque se escreve assim; É preciso saber gramática para falar e escrever bem e O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.

O autor desta obra, ou seja, Marcos Bagno é um professor, doutor em filosofia, linguista e escritor brasileiro. Ele é conhecido por defender a revisão da norma-padrão do português. O mesmo escreveu várias obras, entre elas: *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (1999); *Norma linguística (org.)* (2001); *Vaganau (poesia)* (2010); *Sete erros aos quatro ventos: a variação no ensino de português* (2013); *Gramática de bolso do português brasileiro* (2013); *Gramática pedagógica do português brasileiro* (2012); *Dicionário crítico de sociolinguística* (2017); *Objeto língua* (2019).

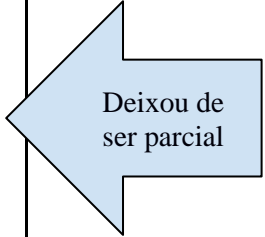
De fato a obra tem argumentos aceitáveis, porém, seriam ainda melhores se ele citasse **A dicotomia língua/fala** para defender as suas ideias, pois, é bem sabido que, uma língua sem falantes nunca irá evoluir, ou seja, a língua evolui em função da fala, então, pode-se dizer que: o português falado no Brasil é praticamente a versão evoluída do que é falado em Portugal, e o mesmo acontece com o Inglês Americano e o Britânico.

O primeiro mito, “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, é o mais sério de todos, pois faz o povo acreditar que existe unidade linguística. Embora a língua falada e adotada como idioma oficial pela nação brasileira seja a Língua Portuguesa, ela apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade devido à grande dimensão territorial e à grande injustiça social. A língua é viva e o seu povo é que a faz e a transforma. Uma homogeneidade, diante dessas circunstâncias, não pode ser garantida.

O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo

**LEGENDA**

- Move 1**
- Sub1 
  - Subf2 
  - Sub3 
  - Sub4 
  - Sub5 
- Move 2**
- Sub6 
  - Sub7 
  - Sub8 
- Move 3**
- Sub9 
- Move 4**
- Sub10 A 
  - Sub10 B 



e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mesmo assim compõem uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afasta da realidade. Vamos examinar algumas dessas afirmações falaciosas e ver em que medida elas são, na verdade, mitos e fantasias que qualquer análise mais rigorosa não demora a derrubar. (BAGNO, Marcos; pg. 13)

Se analisarmos bem esta afirmação, de fato, é verdadeiro o que o autor diz porque na verdade o preconceito linguístico em alguns casos não é praticado pelos donos da língua, ou seja, pelos portugueses, mas sim pelos próprios brasileiros.

O segundo mito, “Brasileiro não sabe português” / “Só em Portugal se fala bem português”, o autor considera essas duas opiniões como sendo duas faces da mesma moeda praticamente já sem proveito algum, visto que, isso na verdade reflete um complexo de inferioridade. (BAGNO, Marcos; pg. 20).

Pode-se dizer que este preconceito exista devido a origem do povo brasileiro que segundo a história não é uma raça pura, mas sim uma mistura não positiva das raças. Contudo, isso resume-se apenas na ignorância dos indivíduos.

O terceiro mito, “Português é muito difícil”, o autor diz que esta afirmação existe porque o sistema de ensino brasileiro baseava-se na norma gramatical de Portugal e que o português que os brasileiros falam e escrevem é completamente diferente daquele que aprendem nas escolas e que se se concentrassem no uso real da língua portuguesa brasileira, já não existiria tal bobagem ou mito (BAGNO, Marcos; pg. 33).

O quarto mito, “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, grande parte das pessoas que possuem uma fala um tanto “fora” desse padrão são de grupos de menor prestígio social, o que justifica o menor acesso à educação e, naturalmente, impede que esse grupo domine a norma culta. Um exemplo bastante comum que exemplifica isso e é citado por Marcos Bagno, é a transformação de L em R, como em “Claudia, chicrete, praca, broco, pranta...” por algumas pessoas. Porém uma análise mais detalhada desse processo mostra que essa “troca” não passa de um fenômeno fonético que aconteceu, e que inclusive contribuiu para formação do português de hoje, segundo Marcos.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito nº 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Na verdade, pode-se dizer que a maior parte das pessoas que dizem isso são aqueles que até um certo ponto já atingiram o grau mais elevado do acúmulo.

No quinto mito, “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”, o autor apresenta a abordagem de que as pessoas no Maranhão usam ainda as formas verbais, enquanto que a maior parte do Brasil usa ou fala um português que já não se baseia nessas formas, por exemplo, é normal ouvir o pessoal do Maranhão dizer: tu vais, tu queres, enquanto que o resto do Brasil diz: você vai, você quer, contudo, isso não quer dizer que um fala melhor que o outro, até porque no final das contas o que realmente importa é a comunicação. “Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam” (BAGNO, Marcos; pg. 44), ou seja, a língua varia em função do local.

No sexto mito, “O certo é falar assim porque se escreve assim”, o autor traz a seguinte abordagem: falar ou pronunciar uma palavra de jeitos diferentes não tem mal algum, desde que, a pronúncia não altera de modo algum o significado da palavra, por exemplo: se o professor escrever no quadro a palavra “Portugal” e pedir que dois alunos, um brasileiro e um angolano pronunciem ela, certamente veremos que o brasileiro irá pronunciar esta palavra como se tivesse a letra “u” no final ao invés de “l”, enquanto que o angolano pronunciará a palavra do jeito que ela está escrita, contudo, as duas formas de pronúncias não irão mudar de jeito algum o significado da palavra, ou seja, estamos simplesmente presenciando as variações linguísticas.

No sétimo mito, “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”, o autor diz que:

É difícil encontrar alguém que não concorde com a declaração acima. Ela vive na ponta da língua da grande maioria dos professores de português e está formulada em muitos compêndios gramaticais, como a já citada Gramática de Cipro e Infante, cujas primeiríssimas palavras são: “A Gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua”. (BAGNO, Marcos; pg. 57).

Na verdade, é um pouco difícil não concordar com esta afirmação porque até mesmo os nossos professores e pais acreditam nisso, mas na verdade todos dizem isso baseiam-se nas regras ensinadas nas escolas, ou seja, nas gramáticas, então, para o autor a gramática normativa serve apenas como um produto de controle ou um instrumento de poder da língua.

No oitavo mito, “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”, o autor diz que:

Ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles dominam a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em



sua região vai poder falar à vontade sua língua de “caipira”, com todas as formas sintáticas consideradas “erradas” pela gramática. (BAGNO, Marcos; pg. 64)

Segundo o autor, não existe uma forma “certa” ou “errada” dos usos da língua e que o preconceito linguístico, gerado pela ideia de que existe uma única língua correta baseada na gramática normativa.

No entanto, devemos lembrar que a língua é mutável e vai se adaptando ao longo do tempo de acordo com ações dos falantes. Além disso, as regras da língua, determinada pela gramática normativa, não inclui expressões populares e variações linguísticas, por exemplo as gírias, regionalismos, dialetos, dentre outros. Assim, as variedades linguísticas que não são padrão da língua são consideradas inferiores.

Recomenda-se esta obra para os estudantes de base e não só, já que esta obra traz uma visão completamente diferente daquela que os estudantes estão acostumados a ouvir nas escolas e em outros meios. Um estudante que tem acesso direto à esta obra terá uma visão diferente em torno do assunto que se retrata na obra, ou seja, o preconceito linguístico!

Subs 2 e 10a  
acrescentadas

## CÓD. A9R2

O preconceito linguístico está enraizado na sociedade como uma erva daninha. Embora saibamos que a língua é viva e que há constantes mudanças na mesma, muitos ainda se prendem a norma culta esquecendo do meio em que o outro vive, sua cultura, seu sotaque e sua região.






Neste livro “*Preconceito Linguístico: o que é como se faz*”, de Marcos Bagno, professor e doutor em filosofia, linguista e escritor, nos convida na uma densa reflexão sobre vários mitos que muitos de nós, em nossa ignorância, acreditamos se uma verdade absoluta. No entanto, será mesmo que a gramática é mais importante que o ato de se fazer entender? Ou seja, a língua?

Em seu livro, Bagno nos impõe considerações necessárias sobre esse mau chamado preconceito. Mau esse tão permitido e propagado, por ser considerado “nada demais”, ou apenas “um toque inocente”. **Dividido em oito mitos**, o autor nos faz, refletir profundamente sobre o que é considerado certo ou errado na nossa língua.




No mito nº 01: “*O Português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente*”, é pontuado que o preconceito está entranhado e que é considerado um dos mais graves. Se pararmos para pensar, todos veem com naturalidade o ato de corrigir o modo de falar um do outro. Contudo, a educação infelizmente não é para todos, ou melhor, não chega da mesma forma para todos, desta forma, não conseguem ter acesso a norma culta e por isso, são denominados os sem língua. O fato de não falarem o português considerado correto, os levam a serem ridicularizados, o que gera constrangimentos, e muitas vezes o isolamento.

## LEGENDA


### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

### Move 3

- Sub9 

### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

O mito N°02: *“Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português”* questiona o porquê somente o português de Portugal é correto sendo que, somos um país maior tanto em extensão, quanto em quantidade de habitantes. Ele nos faz refletir um pouco sobre essa síndrome de vira-lata, que nos faz enxergar a cultura e os costumes do outro país, serem mais bonita e interessante que a nossa. O que claramente não é verdade. Temos um poder aquisitivo baixo, pouco investimento em cultura e, conseqüentemente, não temos por exemplo, como optar entre, por comida na mesa e comprar um livro. Em nada somos inferiores. A língua é única. O português de Portugal é tão peculiar quanto o português do nosso país. Tem sua beleza e é tão correta quanto qualquer língua de qualquer lugar.

Analisando o mito N°03: *“Português é muito difícil”* a questão é: por que o português é difícil? Se usássemos a realidade da nossa língua, muito provavelmente aprenderíamos com mais facilidade. O autor faz críticas aos métodos de ensino tradicional, o que de fato é verdade se analisarmos que os métodos de ensino continuam os mesmos há anos e ainda assim, as pessoas tem enormes dificuldades com as normas. Dizer que o português do nosso país é difícil, acaba segregando e fazendo com que exista essa diferença entre as pessoas que falam a mesma língua, mas que se dividem entre pessoas que falam “certo” e pessoas que falam “errado”.

No mito N°04: *“As pessoas sem instrução falam tudo errado”* há uma triste comparação de que quando alguém fala trocando as sílabas, é por ter algum atraso mental. Como justificado anteriormente, falar de forma diferente, não significa que seja errado. A forma de falar, depende muito da vivência, do lugar que se vive e de sua cultura. O mais importante que a norma culta, é ser compreendido. O país é enorme! E a diferença na linguagem é o que torna mais belo.

O mito N° 05: *“O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”* é bastante interessante, o autor refuta que no Maranhão se fala melhor o português que no restante do Brasil. Se moramos no mesmo país e temos o português como língua materna, essa divisão não faz sentido dizer que um estado fala melhor que o outro. O que acontece de fato, é que cada região tem sua linguagem característica e é totalmente compreensível que haja diferença no significado de algumas palavras.

A particularidade de cada lugar é o que torna nosso país rico em cultura e é importantíssimo acabar com esse mito do que é certo e errado na nossa língua. Ela é viva! Conseqüentemente mutável.

O mito N°06: *“O certo é falar assim porque se escreve assim”* é um pouco mais do mito anterior: a questão da variação da fala dependendo da região em que a pessoa se encontra. O autor defende que em nenhum lugar do mundo se fala da mesma forma que se escreve. De fato, isso é uma realidade. E é importante ter ciência da diferença social e econômica, e que isso influencia diretamente na forma de falar e se expressar.

Além disso, a língua escrita jamais vai conseguir expressar sentimentos e emoções como a língua falada. Isso é facilmente percebido. Ademais, o ensino tradicional precisa ser revisto, estudado e

alterado pois, se olharmos para fala e escrita, perceberemos a gigantesca distância de ambos e o quanto isso afeta a todos. Principalmente aqueles que não tiveram oportunidade de se aprofundar na gramática.

No mito nº07: “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” o autor questiona a ideia de que é necessário saber a gramática para falar e escrever bem. Se assim fosse, não precisaríamos de revisores para corrigir erros nos livros antes de serem publicados, ou até mesmo para corrigir um trabalho de conclusão de curso.

Há cem por cento de chance de um leitor alguma vez na vida, dar de cara com um livro cheios de erros gramaticais bobos.

Concluo com isso, que se até quem “deveria” saber as vezes erra, então por qual motivo, uma pessoa comum não pode também escrever fora do padrão? A gramática nunca vai conseguir mostrar tão bem nossos sentimentos, quanto na fala. E até me atrevo a dizer, “correndo o risco de ser muito criticada”, que a língua não necessita da gramática para ser compreendida.

O mito nº08: “O domínio da norma-padrão é um instrumento de ascensão social” é um pouco mais do mito um. A forma de falar está muito ligada ao nível social em que o indivíduo se encontra. O domínio da norma, não se faz necessária para se compreender. Contudo, essa “diferença” acaba segregando as pessoas.

O ato de falar é político e, a bem verdade, uma pessoa pobre está preocupada com outras questões ao invés de entender a forma correta de escrever e falar.

A língua é importante, falar é um ato político. Principalmente se você é periférico. A necessidade de ser ouvido, vai além da norma culta. Ela está acima de uma gramática perfeita. É importante para nós, futuros professores, termos a noção de que lidamos com várias culturas e formas de se comunicar diferentes.

Nosso país é vasto e culturalmente rico. Expressamos nossas emoções através da fala e o som da nossa voz é mais importante que qualquer gramática aplicada.

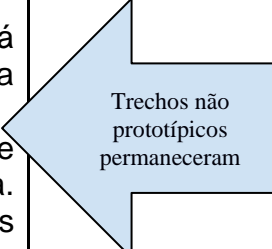
Preconceito linguístico é uma leitura fácil de se compreender, no entanto, o autor poderia resumir todos os mitos em apenas uma página e ainda assim, ser totalmente compreendido.

O que vi nas páginas lidas, foram repetições de um mesmo ponto de vista, escrito de formas diferentes.

Contudo, não posso menosprezar o trabalho do autor. O livro deveria sim ser recomendado e por que não dizer, que deveria ser uma leitura obrigatória em todas as áreas.

É um tapa na cara das pessoas que se auto intitulam cultos por saberem diferenciar o, “mas” e o “mais”, por exemplo.

A leitura é importante para quebrar preconceitos e nos fazer entender, que o mais importante que a gramática, é o poder de se fazer compreender.



Trechos não prototípicos permaneceram

**CÓD. A10R2**

Marcos Araújo Bagno, nasceu em 21 de agosto de 1961 em Cataguases (MG), mas viveu em diversos Estados ao longo da vida. Depois de ter morado em Salvador, em Brasília, no Rio de Janeiro, e no Recife, transferiu-se para São Paulo em 1994, quando se tornou professor do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB), permaneceu na capital até o ano de 2002, ano em que voltou para Brasília, com o intuito de ser professor do Departamento Linguística da Universidade de Brasília. Atuou no Departamento Linguística, Português e Línguas Clássicas até 2009 e transferiu-se para o Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução.

Iniciou sua carreira de escritor ao receber o IV Prêmio Bial Nestlé de Literatura pelo livro de contos A Invenção das Horas, em 1988. A partir desse marco vieram outras trinta obras literárias até o momento e inúmeros prêmios, incluindo "João de Barro"(literatura infantil, 1988) e "Carlos Drummond de Andrade"(poesia, 1989).




No primeiro capítulo de de Marcos Bagno introduz oito mitos envolvendo língua que fortalece o preconceito linguísticos, falado no brasil que apresenta uma unidade surpreendente, autor aborda a questão da diversidade linguística que se encontra nas escolas como também na sociedade brasileira em si. Mostra como o país é extenso a probabilidade de variedade linguística é muito grande. Por outro lado, ele faz uma critica ao Darcy Ribeiro que fala sobre homogeneidade linguística e cultural de povos brasileiro.

O texto escrito pelo Marcos Bagno contém uma linguagem simples e claro que permite a compreensão do texto, também a linguagem utilizada neste livro é clara, principalmente para iniciantes da academia, porque o autor aborda muito bem o assunto. Isso permite a perceber de uma forma tão claro. Também é de salientar que o texto é de suma importância, porque ajuda-nos a entender o brasil que vivemos com a sua grade diversidade.




O Bagno (2007, P. 15) começou o desenvolvimento da primeira parte intitulada o mito número um (1) e abordando sobre maior mito que compõe a metodologia do preconceito linguístico no brasil. Porém ele afirma que o preconceito linguístico está enraizado na cultura até nos intelectuais brasileira que deixam ser enganado de que a fusão de matriz tão diferenciada os brasileiros são hoje um dos povos mais homogêneos linguísticos e culturais.

Do mesmo modo, Bagno na mesma página 15 afirma que uma longa tradição de estudos filosóficos e gramaticas baseou durante muito tempo nesse preconceito irreal da unidade da linguística do brasil. Deste modo, mostra que este mito de uma língua única prejudica a educação, na medida que não reconheceram a real diversidade da língua português que se encontra no brasil. Neste sentido, a escola impor sua norma linguística como se fosse a língua comum a todos os 160 milhões de brasileira independentemente da sua idade região situação socioeconômico ou seu grau de escolaridade.


**LEGENDA****Move 1**

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



**Move 2**

Sub6	
Sub7	
Sub8	

**Move 3**

Sub9	
------	---

**Move 4**

Sub10 A	
Sub10 B	

A obra é apresentada, mas o título não

Continua com desenvolvimento parcial

Todavia, segundo ele, mostra que apesar de língua que a maioria das brasileiras falam é a língua português, mas mesmo assim apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só pela grande dimensão territorial que o país tem, que gera essa diferencia regional bastante conhecidas e também vítimas alguns deles de muito preconceito. Mas o problema é de trágica injustiça social o que faz de Brasil a ser considerado o segundo país com maior distribuição de renda em todo o mundo. Portanto, mostra ainda que essas graves diferenças de status social que explicam a existência do Brasil em que os falantes das variedades não padrão do português brasileiro que são maioria da população.

Em seguida, Bagno (2007, P. 16) aborda a questão da educação que ainda é privilégio de muita pouca gente em Brasil, de modo que uma grande quantidade da população brasileira ainda fala a língua culta que é considerado não padrão. Trouxe a ideia que constroem o mito de língua única dizendo que como existe maioria dos brasileiros sem terras, sem escola, sem saúde e sem trabalho é do mesmo jeito que existe milhares de brasileiro sem língua. portanto, “se fomos ver no mito da língua única, existe milhares de pessoas que não tem acesso a essa língua que é a norma literária empregada pelos escritores e jornalistas ou pelas instituições oficiais órgão do poder são os sem-língua.”

No entanto, na página 17 ele vai dizer que aqueles grupos de pessoas considerado de sem língua, eles falam português, mas uma variedade de português não-padrão com sua gramática particular que não é reconhecida como válida que é desprestigiado ridicularizada. Também mostra que, as pessoas falantes de variedade linguística diferente têm seria dificuldade em compreender as mensagens expressos pelo poder público que representa só as pessoas falantes da língua padrão.

[...] “a constituição afirma que todos os indivíduos são iguais perante a lei, mas essa mesma lei é redigida numa língua que só uma parcela pequena de brasileiros consegue entender. A discriminação social começa, portanto já no texto da constituição” [...]. ele mostra que este parágrafo não está dizendo que a constituição deveria escrever a língua não-padrão, mas para que todos os brasileiros têm acesso a essa língua oficial que é limitado seu caráter veicular a uma parte da população e exclui necessariamente uma outra, talvez maior.

Por outro lado, segundo Bagno (2007, P. 18), “habitualmente chamado de português é uma grade balaio de gatos, onde tem diferentes tipos de gatos. Magros, gordos, grandes pequenos machos, fêmeas entre outros é assim a variedade do português brasileiro como sua gramática específica, coerente lógica e funcional”. Desse modo, o Bagno afirma que é preciso que a escola e outras instituições da cultura abandona esse mito da língua única do português no Brasil para passar a reconhecer a variedade diversidade linguística no país para planejar melhor suas políticas de ação o junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão.

Na segunda parte Mito nº2 intitulado: “o brasileiro não sabe português só em Portugal se fala bem português” Bagno (2007, P.

20) começa com uma reflexão crítica sobre essa opinião tão habituais, mostrando que na realidade são duas faces de uma moeda que refletem a complexidade de inferioridade no sentido de sentimento ser até hoje uma colônia que depende de um país mais antigo e mais “civilizado”. também trouxe a concepção expressa nos livros de Sérgio Nogueira Duarte que fala sobre perguntas como: “Só pode ser em Portugal! Já viajei muito pelo Brasil e já estive em todas as regiões. Sinceramente, não sei onde se fala melhor.”

Portanto o análise dele sobre o livre principalmente sobre o título língua viva ele afirma que seria mais acertado dizer que se trata de uma análise “preconceituosa e desinformado da língua falada no país. Por outro lado, mostra que Sérgio Nogueira Duarte simplesmente é um responsável por preconceito e que ele está apenas exprimindo uma ideologia impregnada em nossa cultura há muito tempo. Ainda afirma que é nesta concepção que o brasil é chamado de país subdesenvolvido porque a sua população não é “pura”, mas uma mistura negativa de raça duas dela é negra e a indígena são os inferiores aos brancos “inferiores” à do branco europeu, por isso nosso “povinho” só pode ser o que.

No quinto mito o autor afirma que no Maranhão se fala melhor português que restante de Brasil, a ainda se usa com grande regularidade o pronome tu, seguido das formas verbais clássicas, com a terminação em -s característica da segunda pessoa: tu vais, tu queres, tu dizes, tu comias, tu cantavas etc. Na maior partedo Brasil, como sabemos, devido à reorganização do sistema pronominal de que já falei, o pronome tu foi substituído por você.

No ponto de vista geral, no que concerne ao preconceito linguístico, segundo o Bagno (2007) é que se deve levar em consideração a diversidade linguístico de cada pessoa pois é um ato que pode ocorrer nas pessoas dependendo de cada região, para evitar a exclusão de maior parte da população do país por não falarem a forma padronizado. Portanto no âmbito escola ou no mercado do trabalho é preciso levamos em consideração a subjetividade individual de cada pessoa, lembrando que cada aluno é um sujeito isolado com a sua diversidade tanto linguístico como cultural. Sobre o chamado país subdesenvolvido, de acordo com Bagno, (2017) compreende-se que um país não deve ser considerado subdesenvolvido pelo fato da sua miscigenação, pois a miscigenação faz um país torna rico em diversidade como em outros aspecto como língua.

**A recomendação: É que recomendo estes livros** principalmente para os docentes que estão a atuar no âmbito escolar, como os discentes de curso de letras como de pedagogia e de outras pessoas que estão atuar em diferentes areas. Tanto nas instituições ou serviço público e privados, para levarem em consideração a questão da diversidade na variedade ou diversidade linguística que podem se deparar nestes espaços para evitar ou diminuir a preconceito linguístico na sociedade.

**CÓD. A11R2**

Marcos Araújo Bagno nasceu em 21 de agosto de 1961 em Cataguases, é professor do departamento de línguas estrangeiras e tradução da Universidade de Brasília, doutor em filosofia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo, tradutor, escritor com diversos prêmios e vários títulos publicados entre literatura e obras técnico-didáticos. Deu grandes contribuições no ensino brasileiro.

Neste capítulo, "**mitologia do preconceito linguístico**" o autor relata sobre oito mitos, no qual falou que a língua não é uma coisa estático, ela muda de acordo com a evolução da sociedade, ou seja, ele varia de acordo com região geográfica ou estadual. Ainda o autor traz os argumentos que mostra que os brasileiros não falam todos errados.





No primeiro mito "**língua portuguesa falada no brasil apresenta uma unidade surpreendente**" o autor relatou que, apesar do efeito pela fusão de matrizes são diferenciados, os brasileiros são, hoje um povo mais homogêneo linguística e culturalmente um dos mais integrantes socialmente da terra. Perante este fato, o autor entende que esse mito é prejudicial a educação por que, ao não reconhecer norma linguística como se fosse de fato a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros independentemente de sua idade e de sua origem geográfica. Ainda ele resultou que, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta muita diversidade e variedade. " Nessa perspectiva muitas vezes os falantes das variedades desprotegidas deixam de usufruir diversos serviços a que em direito simplesmente não compreende a língua empregada pelo órgão público" (BAGNO, 1999, p.15).

Já no segundo mito "**Brasileiro não sabe português só em Portugal se bem português**" o autor ressaltou que a história de dizer que "brasileiro não sabe português, só em Portugal se fala bem português" é uma bobagem, infelizmente transmitida de geração a geração pelo ensino tradicional da gramática na escola, e ao mesmo tempo, afirmou que o brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que, o português do Brasil é diferente do português falado em Portugal, de ponto de vista linguística a língua falada no Brasil já tem sua gramática e tem regras de funcionamento que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal, e nessa ótica, os cientistas da linguagem preferem usar o termo português brasileiro.




No que diz respeito ao terceiro mito que é "**o português é difícil**" o autor realçou que todo falante nativo de língua sabe essa língua, no sentido científico de verbo saber significante e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela e traz um exemplo de uma criança entre 3 e 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de sua língua, o que ela não conhece são sutileza, sofisticação e irregularidade no uso dessas regras que só a leitura pode lhe dar.

No quarto mito "**as pessoas sem instrução falam tudo errado**" as pessoas precisam ser instruídas para fazer coisas corretas,


**LEGENDA****Move 1**

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



**Move 2**

Sub6	
Sub7	
Sub8	

**Move 3**

Sub9	
------	---

**Move 4**

Sub10 A	
Sub10 B	

Deixou de ser parcial

mas não significa que sem essas instruções não podemos falar correto, as instruções é para complementar. Mas também o autor mostrou que as classes baixas não têm acesso a escola e bens culturais de elite, eles são desprezados na sociedade.

De acordo com o quinto mito "**Maranhão que se fala bem português**" segundo Bagno (1999, p.47) "é uma bobagem de dizer só no Maranhão que se fala bem português" para ele, é sabido que no Maranhão ainda se usa com grande regularidade o pronome *tu*, seguidas das formas verbais clássicas. E reforçou o que acontece com o português do Maranhão em relação ao português do resto do país, é o mesmo que acontece com o português de Portugal em relação ao português do Brasil, de que, não existe nenhuma variedade nacional ou local mais intrinsecamente "melhor mais pura" mais bonita e correto que outra e, ao mesmo tempo falou que toda variedade atende às necessidades de comunidade de seres humanos que a empregam.

No sexto mito "**o certo é falar assim porque se escreve assim**" o autor traz a diferença na pronúncia entre os falantes de diferentes regiões que pronunciam a mesma palavra de forma diferente, para o autor todos eles estão certos. O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, de modo que nenhuma língua é falada da mesma forma em todos os lugares e nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. Mas existe uma tendência muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno pronunciar "do jeito que se escreve" como se fosse a única maneira certa de falar português o que ele considera de um preconceito.

Segundo Bagno (1999, p.52) era muito bom que os alunos pronunciarem de uma forma e escrever de outra forma, para que a língua passa ser escrita e compreendida para todos os envolvidos.

Já no sétimo mito "**é preciso saber a gramática para falar e escrever bem**" para escrever bem como deve ser é necessário conhecer a gramática porque ela orienta as regras da língua portuguesa.

muito antes já existira na Grécia uma literatura ampla e diversificada, que exerce influência até hoje em toda a cultura ocidental [...], mas ao longo do tempo, foi uma inversão da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como "regras" e "padrões" (POSSENTI, *apud* BAGNO, 1999, p.64)

A gramática tem mais relevância na escrita porque alguém pode falar sem estudar, mas no caso da formalidade ou no campo acadêmico.

Falando de oitavo mito "**o domínio da norma culta é instrumento de ascensão social**" se formos para ver bem é que o domínio da norma culta não é instrumento de ascensão social, só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos que os professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que já milhares



de cabeças de gado "mas também de "indústria agrícolas e detentor grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de "caipira", com todas as formas sintáticas consideradas erradas pela gramática " (BAGNO 1999, p.69).

Nota-se que na leitura feita, vale constatar que o autor abordou conteúdo muito relevante, esse assunto ajuda na desconstrução de preconceito linguístico que, as vezes julgamos que outros falam errados, principalmente os brasileiros sem levar em consideração a diversidade e variedade linguísticas presente em diferentes regiões do Brasil. Ele traz a escrita bem clara que permite a compreensão de texto.

Portanto, é recomendável ler esse livro *preconceito linguístico: o que é, como se faz* no primeiro capítulo "a mitologia do preconceito linguístico", seja estudante de UNILAB ou não, porque ao lê-lo ajudará a desconstruir preconceito linguístico imposta pela visão eurocêntrica ou classes menos desfavorecidas, que muitas das vezes pensam que os brasileiros falam português mal. É muito bom para os acadêmicos sobretudo os alunos das letras e docentes.

### CÓD. A12R2

Marcos Bagno é tradutor, escritor, poeta e linguística, e doutor em filosofia e língua portuguesa pela a universidade de São Paulo (U S P). Professor do departamento de linguística da universidade de Brasília.




Analisando a leitura do texto, podemos entender que o plano apresentada pelo o autor Marcos Bagno, trata-se de uma compreensão dos estudos da língua portuguesa no seu uso, modo de falar e características variados dos falantes com uma imensa variedade linguísticos, que pode ser vista no Brasil por diferentes regiões e lugares com forma de falar diferente, mas falando a mesma língua.

Com isto, o autor Marcos Bagno desaprova a ideia simples que estabelece o uso da língua portuguesa em "certo" e "errado", aprofunda-se numa pesquisa mais profunda e refinada dos fenômenos linguísticos do português falado e escrito no Brasil. Simultaneamente, convida os leitores a refletir através das mitologias descritas como preconceito linguístico, para que seja combatido esse preconceito no uso da língua portuguesa nosso dia a dia, tanto nas Escolas, assim como nas atividades pedagógica de professores etc. Para isso, o autor analisa (8) oito mitos descrito no primeiro capítulo do livro – A mitologia do preconceito linguístico.




**No Mito nº 1 "A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente"** Marcos Bagno (p.15) – Os falantes da língua portuguesa no Brasil apresenta uma identidade surpreendente, em que o autor Marcos Bagno fala da diversidade do português falado no Brasil é variado conforme as regiões e destaca a importância de as escolas e as instituições ensino voltadas para a educação e a cultura largarem esse mito da unidade do português no Brasil e passarem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística existente país.

### LEGENDA


#### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



#### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

#### Move 3

- Sub9 

#### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

A obra não é apresentada

Todavia, Marcos Bagno (p.15): o Mito nº1 “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, manifesta o maior e o mais propagado mito que compõe a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Ele está tão arraigado na cultura brasileira que até mesmos denota-se os intelectuais de renome, pessoas com visão crítica, e até os observadores dos fenômenos sociais brasileiros, se deixam confundir por ele. De fato, compreende-se que qualquer manifestação linguística que escape do triângulo Escola-Gramática-Dicionário é considerado sob a ótica do preconceito linguístico, no ponto de vista do autor Marcos Bagno “errada”.

**No Mito nº 2 “Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português”** – Marcos Bagno (p.20): O “Brasileiro não sabe português, só em Portugal se fala bem português”, o autor Marcos Bagno faz uma longa pesquisa levando em conta a história sociocultural dos dois países para esclarecer ainda mais esse preconceito. Apresentando a “uma concepção do ralé segundo a qual o Brasil é um país subdesenvolvido porque sua população não é uma raça pura”, mas sim o resultado de uma “mistura-negativa-de raças”, das quais as duas delas, a negra e a indígena, são “inferiores” ao branco Europeu, por isso o “povo brasileiro” só pode ser o que é. No porém, essa questão faz repetir a ideia do colonialismo em que o colonizado tem que se falar da mesma forma que o colonizador, abdicando seus costumes e hábitos.

**Mito nº 3 “Português é muito difícil”** Marcos Bagno (p.35) - ora bem, toda língua tem seus regras, mas isso não o torna difícil ao ponto de excluir as outras variações da mesma língua, isto é, por conta das diferenças socioculturais e regional. Portanto, a frase de Marcos Bagno (p.35): “Português é difícil”, deve ser entendido além da realidade de estudos gramaticais e forma de ensinar português. Como se pode ver, conforme a compreensão do texto, vista-se que a dificuldade está nas regras gramaticais consideradas “certas” que são aquelas usadas em Portugal, e como método do ensino não é igual e a regra não é obrigatório para todos os falantes da língua portuguesa, nesse caso, não se aplica para todos, e o ensino de língua sempre se baseou na norma gramatical portuguesa, logo, as normas que são ensinadas na escola, em boa parte não correspondem à língua que realmente falada e escrito no Brasil. Por isso, entende-se que português é uma língua difícil.

Assim em outras palavras, conforme foi tratado no texto por Marcos Bagno, (p.123), podemos argumentar de acordo com texto que “Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua na concepção científica da linguística moderna significa conhecer intuitivamente e empregar com facilidade e naturalidade as regras básicas de funcionamento dela”.

**O mito nº 4 – “As pessoas sem instrução falam tudo errado”** Marcos Bagno (p.40). Essa visão é muito preconceituosa e não corresponde na verdade, porque nem tanto a instrução faz as pessoas falar bem uma língua. Sendo que, a língua não é estática, ela se varia de lugar para lugar e região para região e ainda pode até sofrer influências culturais, podemos destacar que as convivências culturais também

ajudam na facilidade de falar uma língua, uma vez que a cultura influencia muito na forma de falar de um povo. Assim no Brasil não foi diferente como explica o autor Marcos Bagno, (p.40), “na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, transformação de L e R nos encontros consonantais, como em Cráudia, chicrete, praca, broco, pranta, é extraordinariamente estigmatizada e às vezes é examinado até como sinal de atraso mental”. Mas é percebido que, essa assunto pode ser resolvida e compreendido por fonologia.

**Mito nº 5 – “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”** Marcos Bagno (p.46) - este mito constitui uma das utopias mais irônico do Brasil, mas isso não tira a verdade que no Brasil cada região ou Estado tem seu hábito de falar português variado, isto, porque, a realidade cultural do país varia de região para região e Estado para Estado e deixar-se levar por um mito desses sem nenhuma fundamentação científica, uma vez que nenhuma variedade, nacional, regional ou local seja interiormente melhor, ou mais pura, e mais bonita, ou seja, mais correta do que outra, esse mito não pode ter aceitação. Talvez podemos dizer, que esse mito nasceu uma vez, da velha posição de submissão em relação ao português de Portugal.

**Mito nº 6 – “O certo é falar assim porque se escreve assim”** Marcos Bagno (p.52) - Esse mito podemos dizer que, se formos analisar ao fundo, talvez estaríamos a cometer erro sem perceber e criar uma hierarquização social. Porque, nem sempre se fala conforme a regra da escrita. Contudo, as pessoas que dominam normas cultas tendem a dominar precipícios de falar correto porque isto faz parte dos seus hábitos, mas não se aplica de forma geral aos falantes de uma língua. Sendo, observando esse preconceito entenderemos que é uma tendência muito forte, no ensino da língua portuguesa, de obrigar o aluno a pronunciar “da forma que se escreve”, como se fosse a única maneira de falar português, assimilando a forma de falar de acordo com norma gramatical. O que aconteceu é que em toda sociedade linguística do mundo existe um fenômeno chamado inconstância, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico sempre.

**Mito nº 7 – É preciso saber gramática para falar e escrever bem** Marcos Bagno (p.62) – como já foi referido anteriormente em outros mitos acima, essa questão não tem decadência, porque variação da língua não é firme, sendo assim, não é inevitavelmente dominar normas gramaticais para saber falar uma língua. No entanto, esse mito, para o Marcos Bagno (p.62) “é difícil encontrar alguém que não concorde com esse mito”. Essa declaração pode ser vista, na grande maioria parte dos professores de português, e está formulada em muitos resumos gramaticais. Tais afirmações se invalidam, entre outras razões, pelo simples fato de que se fosse verdade, todos os gramáticos seriam grandes escritores, e os bons escritores seriam especialistas em gramática. A gramática, na visão do Marcos Bagno (p.64), “passou a ser um instrumento de poder e de controle”.

**Mito nº 8 – O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social** (p.69) – diante de poder elitista podemos dizer que a

ascensão social constitui de uma forma a outra interesse dos grupos sociais, que pode ser vista por outros fatores, mas não da norma culta. Isto é, sociologicamente falando denota-se que o conhecimento constitui um poder e dominar norma culta não lhe distingue de certa forma num espaço social das outras pessoas. Por isso, dentro dessa trapalhada da sociedade moderna, podemos dizer que a elevação social se dá mais por outros meios. Apesar de, marca função social, por exemplo (Juizes, Professores, Médicos etc.) têm suas formas de falar de acordo com suas classes sociais. Para tanto, para finalizar esse estudo mitológico, espereita-se que esse último tem muito a ver com o primeiro mito, pois ambos tocam em sérias questões sociais. Em vista disso, como frisa o autor Marcos Bagno, (p.69) “se o domínio da norma-padrão fosse realmente instrumento da ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país porque”, as realidades sócias são diferentes e dominar normas não lhe garante promoção social.

E para finalizar vale tornar saliente que, em qualquer lugar do país, as pessoas pronunciam as mesmas palavras de diferentes formas, o português brasileiro tem sua diversidade, não só pela grande extensão do país, mas principalmente pela grande diferença de posição social que existe.

Não apresentou nenhum *move* avaliativo

### CÓD. A13R2

Preconceito linguístico, é um dos livros mais conhecido de Marcos Bagno, doutor em filosofia, linguista e escritor brasileiro. É professor na universidade de Brasília (UNB), tem inúmeras publicações sobre a língua falada no país, e é muito conhecido por defender a revisão da norma padrão do português. O autor vem se dedicando à investigação das implicações socioculturais do conceito de norma, sobretudo no que diz respeito ao ensino de português nas escolas brasileiras.

Nesta presente obra, o escritor relata assuntos extremamente relevantes à sociedade linguística, a relação da língua com a sociedade em todas as esferas, e especificamente como a língua reflete questões sociais.

O livro encontra-se dividido em 4 capítulos. O capítulo 1 deste livro engloba 8 títulos que abordam detalhadamente os mitos da língua portuguesa no Brasil.






Marcos Bagno começa falando sobre o mito nº 1 “ **A língua falada no Brazil apresenta uma unidade surpreendente**”.

Segundo o autor, esse mito é muito prejudicial à educação por não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, e que muitas vezes, os falantes das variedades desprestigiadas deixam de usufruir diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos.




É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade”

### LEGENDA


#### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



#### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

#### Move 3

- Sub9 

#### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

Deixou de ser parcial

do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade lingüística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão.

Mito nº 2 **“Brasileiro não sabe português/ só em Portugal se fala bem português”**.

O autor diz que essas duas opiniões tão habituais, corriqueiras, comuns, e que na realidade são duas faces de uma mesma moeda enferrujada, refletem o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais “civilizado”. É a mesma concepção torpe segundo a qual o Brasil é um país subdesenvolvido porque sua população não é uma raça “pura”, mas sim o resultado de uma mistura — negativa — de raças, sendo que duas delas, a negra e a indígena, são “inferiores” à do branco europeu, por isso nosso “povinho” só pode ser o que é.

O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal. Quando dizemos que no Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista lingüístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática — isto é, tem regras de funcionamento — que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por exemplo, os pronomes o/a, de construções como “eu o vi” e “eu a conheço”, estão praticamente extintos no português falado no Brasil, ao passo que, no de Portugal, continuam firmes e fortes.

Mito nº 3 **“ português é muito difícil ”**.

Neste mito o autor começa dizendo que essa afirmação que português é muito difícil é parecida com a que diz “brasileiro não sabe português”.

Que o ensino da língua no Brasil sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente se fala e se rescreve no Brasil. Por isso achamos que “português é uma língua difícil”: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós.

O autor prossegue dizendo que todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. E saber uma língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela. Está provado e comprovado que uma criança entre os 3 e 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de sua língua! O que ela não conhece são sutilezas, sofisticções e irregularidades no uso dessas regras, coisas que só a leitura e o estudo podem lhe dar.

Mito nº 4 **“ As pessoas sem instrução falam tudo errado ”**.

Aqui no quarto mito vimos que o fenômeno que existe no português não-padrão é o mesmo que aconteceu na história do português-padrão, tem até um nome técnico: rotacismo. O rotacismo participou da formação da língua portuguesa padrão, como já vimos em branco, escravo, praga, fraco etc., mas ele continua vivo e atuante no

português não-padrão, como em broco, chicrete, pranta, Cráudia, porque essa variedade não-padrão deixa que as tendências normais e inerentes à língua se manifestem livremente. Assim, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito lingüístico é decorrência de um preconceito social.

Mito nº 5 “**O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão**”.

Dando sequência, o autor faz uma boa comparação neste mito dizendo que o que acontece com o português do Maranhão em relação ao português do resto do país é o mesmo que acontece com o português de Portugal em relação ao português do Brasil: não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades.

Mito nº 6 “**O certo é falar assim porque se escreve assim**”.

Neste mito o autor coloca uma grande hipótese, dizendo que diante de uma tabuleta escrita “colégio” é provável que um pernambucano, lendo-a em voz alta, diga cólegio, que um carioca diga culégio, que um paulistano diga côlegio. E agora? Quem está certo? Ora, todos estão igualmente certos. O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico.

Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português. (Imagine se alguém fosse falar inglês ou francês do jeito que se escreve!) Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a “corrigir” quem fala muleque, bêjo, minino, bisôro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas.

Mito nº 7 “**É preciso saber gramática para falar e escrever bem**”

Aqui o autor diz que é difícil encontrar alguém que não concorde com o tema desse mito. vive na ponta da língua da grande maioria dos professores de português e é como: “A Gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua”. Como a gramática, porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua “bonita”, “correta” e “pura”. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa “não é português”. E os compêndios gramaticais se transformaram em livros sagrados, cujos dogmas e cânones têm de ser obedecidos à risca para não se cometer nenhuma “heresia”.

### Mito nº 8 “ O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social ”

Este mito, que vem fechar nosso circuito mitológico, tem muito haver com o primeiro, o mito da unidade lingüística do Brasil. Esses dois mitos são aparentados porque ambos tocam em sérias questões sociais. É muito comum encontrar pessoas muito bem intencionadas que dizem que a norma padrão conservadora, tradicional, literária, clássica é que tem de ser mesmo ensinada nas escolas porque ela é um “instrumento de ascensão social”. Seria então o caso de “dar uma língua” àqueles que eu chamei de “sem língua”? Ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles domina a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade.

Em linhas gerais, a presente obra é muito interessante, porque aborda assuntos muito atuais, que devem ser motivo de debates e estudo no Brasil e nos demais países de língua oficial portuguesa, mas em determinados momentos o autor se deixou influenciar pelo fator colonização, fazendo abordagens anti-coloniais e distorcendo um pouco o tema do segundo mito. Fora isso, vimos uma obra cheia de argumentos com comparações dentro do contexto, e muita coerência na sua exposição. É recomendável esta obra à comunidade em geral, principalmente ao núcleo acadêmico.

Subs 2 e 10b  
acrescentadas

### CÓD. A14R2

Marcos Bagno é tradutor , escritor e linguista , é Doutor em Filologia e língua Portuguesa pela universidade de São Paulo (USP). Ele é professor de Linguística do instituto de letras da Universidade de Brasília, publicou A língua Eulália: novela sociolinguística ( Ed. Loyola ,2ª ed. 2000); Língua materna : letramento, variação e ensino ( Parábola ,ed. 2002). Além desses títulos , é autor de duas dezenas de obras literárias.

O livro apresenta uma crítica ao preconceito linguístico , representada pela mitologia do português. A organização geral do livro é feita em unidades , sendo um total de 4. Cada capítulo apresenta um tópico geral, que se relaciona com o desenvolvimento do preconceito linguístico.

O capítulo numero 1 em destaque nesta apresentação contem 8 seções da mitologia do preconceito linguístico tais como:

“A língua Portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente; Brasileiro não sabe português , só em Portugal se fala bem o português ; Português é muito difícil; As pessoas sem instrução falam tudo errado ; O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão; O certo é falar assim porque se escreve assim; É preciso saber gramática para falar e escrever bem ; O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.” Bagno(1999,p.07)

### LEGENDA

#### Move 1

- Sub1
- Subf2
- Sub3
- Sub4
- Sub5

#### Move 2

- Sub6
- Sub7
- Sub8

#### Move 3

- Sub9

#### Move 4

- Sub10 A
- Sub10 B

A obra é  
apresentada, mas  
o título não

A mitologia do preconceito linguístico, é uma obra de leitura fácil, que apresenta uma narrativa envolvente e uma crítica muito abrangente aos falantes da Língua Portuguesa. Sua estrutura organizacional ocorreu para a compreensão do preconceito linguístico e a reflexão sobre os temas supra citados.

A língua Portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente.

Segundo o autor, esse mito é muito prejudicial a educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, o grau de escolarização, etc. (1999,p.15)

De fato, a situação socioeconômica, o grau de escolarização e a origem geográfica, impossibilitam ter uma unidade surpreendente na Língua Portuguesa existente no Brasil, devido a variação Linguística.

O brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português.

É importante dizer que o brasileiro sabe falar português, "O que acontece é que o nosso português é diferente do Português falado em Portugal." Bagno (1999,p. 23)

A língua humana apresenta manifestações concretas dos sistemas de comunicação humano, desenvolvidos socialmente por comunidades linguísticas. E de acordo com o autor "A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em "Língua Portuguesa" está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades." (1999,p.19)

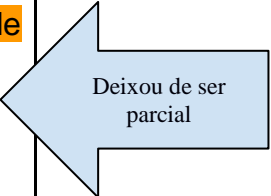
Português é muito difícil.

Essa mitologia é muito notável no nosso dia a dia e atualmente muita gente ainda pensa assim. "Ora, não é a "língua" que tem armadilhas, mas sim a gramática normativa tradicional, que as inventa precisamente para justificar sua existência, e para nos convencer de que ela é indispensável." Bagno (1999,p.37)

E por outra, "Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de um funcionamento dela." Bagno (1999,p.33)

É necessário que os falantes da língua portuguesa percebam que, independentemente do nível acadêmico, ou instrução que cada um recebe no seu meio social, devem respeitar o nível de língua de cada um.

"Está provado e comprovado que uma criança entre os 3 e 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de uma língua! O que ela não conhece são sutilezas, sofisticações e irregularidades no uso dessas regras, coisas que só a leitura e o estudo podem lhe dar." Bagno (1999,p.33)



Deixou de ser parcial



As pessoas sem instrução falam tudo errado.

Este preconceito linguístico “[...] se baseia na crença de que só existe, [...], Uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola – gramática – dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (Bagnó (1999, p.38))

O autor trás um exemplo na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L e R nos encontros consonantais como em: Cráudia, chicrete, praca, broco e pranta. “Ora, estudando cientificamente a questão, é fácil descobrir que não estamos diante de um traço de “atraso mental” mas simplesmente, de um fenômeno fonético que contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão:

#### **Português Padrão Etimologia Origem**

Branco	Blank	Germanico
--------	-------	-----------

Escravo	Sclavu	Latim
---------	--------	-------

Como é fácil notar, todas as palavras do português padrão listadas acima tinham, na sua origem um L bem nítido que se transformou em R. (Bagnó (1999, p.38,39))

O lugar onde melhor se fala o português no Brasil é o Maranhão.

Neste mito “Acontece, porém, que os defensores desse mito não se dão conta de que, ao utilizarem o critério prescritivista de correção para sustenta-lo, se esquecem de que os mesmos maranhenses que dizem tu és, tu vais, tu foste, tu quiseste, também dizem: Esse é um bom livro para ti ler, em vez da forma “correta”, Esse é um bom livro para tu leres.” (Bagnó (1999, p.44))

O certo é falar assim porque se escreve assim.

Estando “Diante de uma tabuleta escrita COLÉGIO é provável que um pernambucano, lendo-a em voz alta, diga Colégio, que um carioca diga Culégio, que um paulistano diga CôleGIO. E agora? Quem está certo? Ora, todos estão igualmente certos. O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico.” (Bagnó (1999, p.48))

Então, “Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que pode dizer Bunito ou Bonito, mais que só pode escrever Bonito, porque é necessário uma ortografia única para toda língua.” (Bagnó (1999, p.49))

É preciso saber gramática para falar e escrever bem.

De acordo com o autor “Esse mito está ligado à milenar confusão que se faz entre língua e gramática normativa.” (1999, p.61)

“Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande força de água parada, [...]. E enquanto a água do rio / língua, por

estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia.´´Bagnó (1999,p.61)

O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social. Este mito vem fechar o circuito mitológico e ´´ É muito comum encontrar pessoas muito bem intencionadas que dizem que a norma padrão conservadora, tradicional, literária, clássica é que tem de ser mesmo ensinada nas escolas porque ela é um ´´instrumento de ascensão social.´´Bagnó(1999,p.64)

De acordo com o autor o domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha todos os dentes , que não tenha casa decente para morar,água encanada, luz elétrica e rede de esgoto.

Portanto,´´O domínio da norma culta de nada vai servir a uma pessoa que não tenha acesso às tecnologias modernas, aos avanços da medicina, aos empregos bem remunerados , à participação ativa e consciente nas decisões políticas que afetam sua vida e de seus conterrâneos.´´Bagnó( 1999,p.65)

O livro tem uma qualidade de informação objetiva e apresenta aspectos da linguagem muito sutil. Convido professores , estudantes , comunidade brasileira e países da CPLP, nomeadamente: Angola,Timor Leste , São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Moçambique, a lerem este material didático.

## CÓD. A15R2





O livro *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*, publicado pela Edições Loyola, tem como objetivo apresentar falas do cotidiano que são na verdade base de preconceito lingüístico. Marcos Bagnó, professor, escritor, linguista e doutor em filosofia formado pela Universidade de São Paulo (USP), tem como tema recorrente o ensino de português no Brasil, como em seu livro *Gramática de bolso do português brasileiro de 2013* e *Gramática pedagógica do português brasileiro de 2012*.

O primeiro capítulo, que termina na página 72, é dividido em 8 mitos, mostrando como essa rejeição as diversas formas de falar o português está mais enraizada do que se pode perceber. O autor, ao chamar essas frases de mitologia, automaticamente as denomina, como significado da palavra mito, fatos falados oralmente que não apresentam base científica e por isso não devem ser vistas como verdade. O primeiro mito apresenta a afirmativa que o português é uma língua homogênea, o autor então desmente essa frase falando sobre a variedade lingüística do país, seja por idade, regional ou educacional, e como não se deve impor que a forma normativa seja vista como a única forma correta. Marcos Bagnó também diz que se a língua fosse única, então aqueles que não têm acesso a essa língua seriam sem-língua, o que não é verdade.




No segundo mito é bem melhor apresentado onde esse preconceito começa, com o falar "O português correto é o falado em Portugal", o autor começa dizendo que essa frase mostra como o Brasil, infelizmente, ainda vê os portugueses como superiores e que no nosso

## LEGENDA

### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

### Move 3

- Sub9 

### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

Sub 3 acrescentada

país o português falado seria “errado”. Bagno apresenta que apenas se diz que o país fala “português”, por origem histórica, já que o português brasileiro é quase independente do português de Portugal do ponto de vista linguístico, e que cada vez mais se distancia, principalmente na compreensão. Com vários exemplos, o autor continua a condenar esse mito, como seu descontentamento de que não se deve escrever certas frases, mesmo que ditas diariamente por grande parte da população, por não serem a forma “culto” que somos ensinados e foram baseadas nas de Portugal.

Essa comparação do português brasileiro com o português de Portugal continua no mito três, nomeado “Português é muito difícil”, que mesmo sendo muito menor que o anterior, traz um interessante ponto. Nesse mito, o autor fala que essa dificuldade que muitos dizem ser verdade, vem da cobrança da norma gramatical ensinada nas escolas, pois esta obriga ao aluno decorar regras que no cotidiano brasileiro não são utilizadas.

Outras formas de preconceito linguístico são apresentadas, estes mais aparentes, como no mito quatro, em que a mudança do L para o R na fala é vista como um atrasado, o autor então explica historicamente como essa mudança aconteceu mesmo na linguagem padrão e questiona o porquê essa alteração seria vista como errada por apenas ser diferente da ensinada nas escolas. A discriminação a falas regionais também é discutida pelo autor nesse mito, esse repúdio sendo não apenas no modo de falar, por exemplo, dos nordestinos, mas também na representação dessas pessoas nos meios televisivos.

O preconceito linguístico está muito ligado ao preconceito regional, como visto no mito quatro e continua no mito cinco, onde o modo de falar de algumas regiões são vistas como mais “corretas” do que outras, o mito denominado “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”. O autor aponta que toda variedade linguística acontece da necessidade de uso de sua população e por isso, certas regiões ainda usam palavras que outras em outras regiões já não são usadas.

Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares. Se o português de São Luís do Maranhão e de Belém do Pará, assim como o de Florianópolis, conservou o pronome tu com as conjugações verbais lusitanas, é porque nessas regiões aconteceu, no período colonial, uma forte imigração de açorianos, cujo dialeto específico influenciou a variedade de português brasileiro falado naqueles locais. (BAGNO, 2007, 47-48).

O Brasil é um país enorme, com muitas variações na fala, por mais que em todo o país se ensine o mesmo português, diferentes regiões dirão a mesma palavra de modos diferentes. No mito seis, o autor usa uma bela analogia que a ortografia seria uma partitura e cada instrumento a interpretará de um modo próprio, por isso, não se deve querer que todos falem da mesma maneira. A fala seria um instrumento principal, mais importante que a ortografia, pois esta seria apenas uma tentativa de a representar, principalmente pelo fato que muitos vivem

sem terem contato com a leitura e escrita, mas ainda assim fluentes na língua.

O sétimo mito fala sobre a necessidade de saber gramática para falar e ler bem, de acordo com o autor, isso seria um mito pois nem todos aqueles que sabem gramática são bons escritores. Bagno usa exemplos de escritores famosos para reforçar seu ponto, onde eles falam sobre irrelevância da gramática na criação de suas obras, como Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Machado de Assis.

O mito oito vem por fim dizendo que a norma culta seria necessária para a ascensão social, o autor ironiza questionando o porquê professores não estariam no topo da pirâmide social, econômica e política se isso fosse verdade, esses que são mal pagos comparados, por exemplo, a fazendeiros que utilizam as formas consideradas "erradas", mas ainda possuem grande influência política em suas regiões. Então, a norma culta não seria um fator decisivo para uma mudança de vida em um país como o Brasil, com uma das piores distribuições de renda no mundo, como dito por Bagno. É preciso sim garantir a todos acesso à educação, porém está sozinha não fará que uma pessoa ascenda socialmente, quando esta questão está principalmente ligada a política.

Marcos Bagno, durante todo o capítulo utiliza de uma linguagem fácil de ser entendida, usando clássicos como Sítio do Pica-pau Amarelo de Monteiro Lobato, não apenas para exemplificar suas falas, mas também mostrar como o autor décadas atrás trazia questões que até os dias atuais ainda são um problema. De modo muito compreensível e reflexiva, cada mito é debatido e provado como falso, muitos com argumentos científicos. É uma ótima leitura para aqueles que querem se aprofundar mais nessa questão, principalmente para estudantes de letras, que se beneficiarão das reflexões do autor.




## CÓD. A16R2

A presente resenha pretende analisar, criticamente, o capítulo I A mitologia do preconceito linguístico do livro *preconceito linguístico o que é, e como se faz* de Marcos Bagno, tradutor escritor, linguista, Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, publicou *A língua DC Eulália: novela sociolinguística* (Ed. Contexto, 1997; em 13 ed.); *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (Ed. LOYALA, em 15 ed.) e outros.




Marcos Bagno é um renomado linguístico brasileiro e autor de diversos livros sobre linguística e educação. O livro "*preconceito linguístico o que é, e como se faz*" aborda sobre quatro capítulos. Mas nesta resenha, vamos falar do primeiro capítulo que esta dividida em oito sessões que correspondem os oitos mitos que são: : " n°1 A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente, n°2 Brasileiro não sabe português/ só em Portugal se fala bem português, n°3 portugueses é difícil, n°4 as pessoas sem instruções falam errado, n°5 o lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão, n°6 o

## LEGENDA

### Move 1

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



### Move 2

Sub6	
Sub7	
Sub8	

### Move 3

Sub9	
------	---

### Move 4

Sub10 A	
Sub10 B	

certo é falar assim porque se escreve assim, nº7 é preciso saber gramática para falar e escrever bem, nº8 o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”.

Sub 6 acrescentada

Além disso, o autor pode explicar a importância desses conceitos para a compreensão da língua e sua aplicação em diferentes áreas, como a educação e a comunicação. A linguística é o estudo científico da linguagem humana. Ela investiga como as línguas são estruturadas, como elas são adquiridas e usadas, e como elas mudam ao longo do tempo. A linguística também explica como a linguagem é processada pelo cérebro e como ela é usada na comunicação entre as pessoas. Existem várias subáreas dentro da linguística, incluindo fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Cada uma dessas áreas aborda diferentes aspectos da linguagem e contribui para nosso entendimento sobre como a linguagem funciona.

O autor debruçou acerca da discriminação, exclusão e preconceitos linguísticos que está mais preceituado aos nordestinos, pobres, analfabetos por causa do fator histórico colonialismo onde os colonizados eram obrigados a comunicar-se simplesmente com a língua do colonizador. Por meio disso, vai surgindo vários mitos, por exemplo: O mito número 2 “ Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português ”, essa afirmação não condiz com a verdade porque a fonética linguística vai variando de país para país falante da mesma língua, mas não significa que os outros falantes que vivem fora do território português não sabem falar. Os brasileiros falam português brasileiros [BAGNO 1999. p20-23.]

Continua com desenvolvimento parcial

A partir da leitura do capítulo I, foi possível compreender que os mitos foram criados a fim de superiorizar os portugueses e inferiorizar os brasileiros deixando claro, que português é de Portugal e não Brasil. Todos temos que pensar que somos iguais independentemente da pronúncia do português em cada território falantes da mesma língua.

“O português não é difícil”, mas o grande problema é o que aprendemos na escola, as regras gramaticais, não é o que usamos no nosso dia a dia. Para evitar os preconceitos linguísticos, cada país deveria ter a sua própria gramática, desse modo cada nativo estaria convencido que o português falado é certo e evitaríamos depender apenas dos materiais europeus [BAGNO.p34].

“As pessoas sem instrução falam tudo errado”, este mito não condiz com a verdade, precisamos entender que a língua portuguesa não é estática, ou seja, nenhuma língua é estática porque é dinâmica e algumas palavras entram e desuso [BAGNO.p41].

Portanto, o capítulo I pode ser indicado e servirá como uma leitura valiosa para estudantes e profissionais da área de linguística e interessados no estudo da língua, para todos que desejam refletir acerca do *preconceito linguístico o que é e como se faz*, também para área sociolinguística e pode servir de apoio para os materiais de língua portuguesa.

Sub 10a acrescentadas

**CÓD. A17R2**

Marcos Bagno é escritor, tradutor e linguista brasileiro, Doutor de Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), vencedor de diversos prêmios, entre eles a premiação “IV Bienal Nestlé de Literatura Brasileira” no ano de 1988 com o conto “A invenção das horas”, com dezenas de livros publicados na área de sociolinguística. Bagno traz em sua obra: “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz”, o objetivo de questionar e expor as implicações com as variações linguísticas da língua portuguesa brasileira, sendo fruto da normatização da gramática normativa implantada nas instituições de ensino em território brasileiro, que acaba por criar uma confusão entre língua e gramática. A obra teve sua primeira publicação pela Editora Loyola em 1999, editora responsável por todas as edições desde então.

O autor traz em seu primeiro capítulo uma série de argumentações sobre as mistificações relacionadas a linguagem brasileira, empregadas até os dias de hoje, algumas delas sendo imagens distorcidas que os brasileiros tem de si mesmos e outras sendo julgamentos que carregam “boas intenções” que acabam fugindo da realidade na qual vivemos. Bagno mostra que com uma investigação sócio-histórica e análise crítica de tal condição é possível derrubar esses mitos com argumentos fundamentados com maior embasamento em políticas sociais.

O primeiro mito: “A língua Portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, Bagno ressalta o quanto esse mito se torna prejudicial a educação que ainda é um privilégio a população brasileira, quando não é reconhecido a variedade do português, é imposto uma norma “padrão” como se fosse única para uma variedade de povos e culturas, como base, o autor utiliza o exemplo de que a linguagem padrão ensinada nas escolas, é a mesma utilizada em documentos de órgãos públicos, onde a população de áreas afetadas, que se torna maior que as áreas privilegiadas, não conseguem compreender os seus direitos uma vez que não tem acesso a essa norma “padrão”.

O segundo mito nomeado “Brasileiros não sabe português / Só em Portugal se fala bem português”, reflete o complexo de inferioridade que os brasileiros sentem perante o país colonizador, o sentimento de não possuir a capacidade de falar a língua “pura” por não ser uma raça “pura”, uma vez que no passado histórico vindos de negros e indígenas, etnias totalmente marginalizadas, não seria capaz de falar o português reconhecido como “único”, o português europeu, o que torna um gatilho enorme para o preconceito com a língua.

Tendo como base o mito anterior, o autor traz a tona o terceiro mito: “Português é muito difícil”, é estruturado com base na gramática normativa ensinada nas instituições de ensino, mas que fogem da nossa realidade, regras que não são utilizadas em nosso cotidiano, baseada na gramática do português de Portugal. Quando for analisada a realidade da população e a gramática brasileira for de fato ensinada nas escolas, o português será considerado fácil, pois “Todo falante nativo de

**LEGENDA****Move 1**

Sub1	
Subf2	
Sub3	
Sub4	
Sub5	



**Move 2**

Sub6	
Sub7	
Sub8	

**Move 3**

Sub9	
------	---

**Move 4**

Sub10 A	
Sub10 B	

uma língua, sabe essa língua. Saber a língua no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas do funcionamento dela.”(BAGNO, 2007, p.33).

No quarto mito: “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, Bagno deixa transparecer as evidências de como as pessoas sem contato com a língua “cultura” são marginalizadas, colocando como digna de exaltação a única língua ensinada em instituições de ensino, quando foge disso é totalmente banal, esse mito é alimentado até por mídias, o nordestino quando usa o vocabulário da sua região acaba tornando-se motivo de zombaria e chacota, o que não só se limita ao preconceito linguístico, acarretando ao preconceito regional.

O quinto mito: “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”, o autor evidencia novamente a falha da afirmação que o português de Portugal se sobressai ao português brasileiro, o estado citado tem similaridades com a gramática normativa portuguesa, então é considerado “correto” e “bonito”, ignorando por completo o fato da necessidade da transformação da língua para facilitar a comunicação entre a população em uma determinada região, tal qual “Todas elas têm seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam.” (BAGNO, 2007, p.47).

O sexto mito: “O certo é falar assim porque se escreve assim”, para o autor do texto o mito é sustentado quando as instituições nos delimitam a falar da maneira na qual escrevemos, desconsiderando que todas as regiões tem suas particularidades de variações na fala, o motivo que facilita a comunicação nessas mesmas regiões e não impede a comunicação de falantes da mesma língua, pois como dito pelo autor da obra, todo falante nativo de uma língua sabe a língua.

O sétimo mito: “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”, Marcos Bagno argumenta que a gramática normativa é utilizada para impor regras e conceitos, mas não teria a capacidade de fazer com que um indivíduo de uma determinada região com a sua própria variação linguística “falasse bem” ou até mesmo “escrevesse bem”, pelo contrário, iria reprimi-lo causando insegurança e o privando de se expressar com autenticidade.

Para encerrar a série de mitos, o último e não menos importante: “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”, esse mito tem uma linha tênue com o mito “meritocracia”, nutrir falsas esperanças a uma determinada região a ideia de que aprender a norma culta será o bastante para superar influentes fatores, tal como a desigualdade social, como aponta Bagno (2007), dominar a norma culta de nada irá servir a uma pessoa que não tenha acesso às tecnologias modernas, não tenha a possibilidade de possuir empregos remunerados e não nutra a participação e consciência nas decisões que afetam a sua vida”.

Em síntese, “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz” traz um capítulo importante, rico em informações, tornando-se exemplar para todos o campo da sociolinguística, apesar da sua leitura fácil e descomplicada, onde leigos em linguística tem acesso e a possibilidade

de compreender o objetivo da obra. O autor trata o assunto com objetividade e traz fortes reflexões, criticando explicitamente o sistema no qual é desvalorizado as inúmeras variações da linguagem brasileira, utilizando dados para induzir aos leitores a refletir sobre a situação discriminatória diante a exclusão social na qual vivemos e atribuindo a noção de que a variação não torna nenhuma região ou indivíduo inferior ou superior a outros. A obra é um excelente produto de conhecimento em tempos modernos, onde por desinformação e ignorância o preconceito linguístico passa despercebido ou é ignorado, alcançando o objetivo de estimular a luta por uma educação linguística voltada a inclusão social e a valorização da cultura linguística brasileira.

A obra é destinada a um público amplo, recomendada para professores e alunos dos cursos de Letras e pesquisadores da linguística e sociolinguística, mas não se limita apenas a esses, sua leitura fluída possibilita que qualquer área tenha acesso a esse conhecimento de extrema importância. É uma causa social na qual todas as pessoas com interesse em direitos humanos deveriam abraçar e prestigiar essa maravilhosa leitura não menos que uma vez na vida.

### CÓD. A18R2

Preconceito Linguístico é um livro interessante, de grande proveito. O autor trata sobre a língua falada no Brasil e ressalta alguns mitos que geram um certo preconceito presente na cultura brasileira, que é o linguístico. A população brasileira e não só usa o livro para desfazer esses mitos presentes na sociedade. Marcos Bagno, tradutor, escritor, é Doutor em filosofia e língua portuguesa pela USP (Universidade de São Paulo), vem se dedicando à investigação das implicações socioculturais do conceito de norma, sobretudo no que diz respeito ao ensino de português nas escolas brasileiras.






Mitologia do preconceito linguístico, neste primeiro capítulo o autor descreve oito mitos muito recorrentes na sociedade, mas antes começa por dizer que só existe língua se houver seres humanos que a falem, que este preconceito está ligado, de certo modo, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. A sua tarefa mais urgente é desfazer essa confusão.

Parece haver nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica.




A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente, o autor considera este, o maior e o mais sério dos mitos que compõem a Mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Declara que pensar dessa forma é muito prejudicial a educação porque ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua

### LEGENDA


#### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



#### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

#### Move 3

- Sub9 

#### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 



situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. Pelo fato de pouca gente ter o privilégio à educação no país, a maioria fala um português não-padrão, com sua gramática particular, que não é reconhecida como válida.

Diversos estudos empreendidos pelos pesquisadores têm mostrado que os falantes das variedades linguísticas desprestigiadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que se serve exclusivamente da língua-padrão e conseqüentemente deixam de usufruir diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos.

Brasileiro não sabe português / só em Portugal se fala português, segundo mito, essas duas opções, refletem o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais civilizado. Segundo Bagno (1998, p.23)[meu grifo]:

O Brasileiro sabe o português, sim. O que acontece é que é um português diferente do português falado em Portugal. Quando dizemos que o Brasil fala português, é por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal, por isso os cientistas da linguagem preferem usar o termo português brasileiro, por ser mais claro e marcar bem essa diferença.

Portanto, nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas diferentes um do outro e atendem as necessidades linguísticas das comunidades que os usam, necessidades que também são diferentes.

Terceiro mito, Português é muito difícil, aqui o autor defende que toda língua é fácil para quem cresceu rodeado por ela. Que se existissem línguas difíceis, ninguém no mundo falaria húngaro, chinês, ou guarani, e no entanto essas línguas são faladas por milhões de pessoas, inclusive crianças analfabetas.[meu grifo]

Ora, não é a língua que é difícil, mas sim a gramática normativa tradicional, que se inventa precisamente para justificar sua existência e para nos convencer de que ela é indispensável.

No quarto mito, as pessoas sem instrução falam tudo errado, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social. Nesse caso, a grande questão não é a língua em si, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica à que pessoa se encontra ou está inserida. [meu grifo]

Quinto mito, O lugar onde melhor se fala o português no Brasil é o Maranhão, este mito nasceu mais uma vez da velha posição de subserviência em relação ao português de Portugal. Pelo fato de que no Maranhão ainda se usa com grande regularidade o pronome tu, seguido das formas verbais clássicas, com a terminação em S característica da segunda pessoa: tu vais, tu queres, etc. , ao passo que, na maior parte do Brasil, devido a reorganização do sistema pronominal, o pronome tu foi substituído por você. O autor defende que é preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a

uma única comunidade de falantes o melhor ou pior português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. [meu grifo]

Sexto mito, O certo é falar assim porque se escreve assim, neste caso o autor declara que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. Essa supervalorização da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo. [meu grifo]

É preciso saber gramática para falar e escrever bem, sétimo mito aqui o autor diz que se tal afirmação fosse verdade, todos os gramáticos seriam grandes escritores, e os bons escritores seriam especialistas em gramática. [meu grifo]

O domínio da norma culta, é um instrumento de ascensão social, oitavo mito, que vem fechar o nosso circuito mitológico, tem muito que ver com o primeiro mito, o mito da unidade linguística do Brasil. Defende o autor que a verdade está muito longe disso [meu grifo]. Segundo Bagno (1998, p.63):

Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar a vontade sua língua de caipira, com todas as formas sintáticas consideradas erradas pela gramática tradicional, porque ninguém vai se atrever a corrigir o seu modo de falar.

Concluindo, as declarações apresentadas neste capítulo do livro podem ser um estímulo, uma razão de nos levar a reflexão acerca da importância do respeito as variedades linguísticas dentro de uma determinada sociedade ou até mesmo entre as sociedades.

## CÓD. A19R2






Marcos Bagno é professor na USP (Universidade de São Paulo), doutor em filologia, linguista e escritor brasileiro, que atua na área da sociolinguística e literatura infanto-juvenil, voltando-se para o ensino do português. Além disso, ele é autor de obras como “As memórias de Eugênia”, “Marcéu” e do livro em questão “*Preconceito linguístico: o que é, como se faz.*”

O autor, neste primeiro capítulo, introduz seu tema sintetizando mitos sobre a língua portuguesa, que por sua vez dão voz ao preconceito linguístico. Além disso, afirma que o Brasil passa por um momento de forte combate aos preconceitos, porém, em relação à língua, ainda existem graves formas de preconceitos que são veiculados pela mídia (televisão, rádio, jornais e livros didáticos, por exemplo).




O primeiro mito abordado pelo autor é “A língua portuguesa falada no Brasil” apresenta uma unidade surpreendente”. Nessa seção

## LEGENDA


### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

### Move 3

- Sub9 

### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

ele desmistifica essa ideia totalmente desconjuntada em relação à nossa língua. Afirma a não existência de uma unidade linguística no país, o que existe é uma nação que fala o mesmo idioma, mas nunca da mesma maneira. Cada lugar do país têm um jeito característico de falar o português, constatando que não devemos confundir o monolinguismo – falar apenas uma língua – com homogeneidade linguística – que seria toda a nação falar da mesma forma, com os mesmas repetições, entonações, léxicos e etc...

“Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português” é o segundo mito tratado por Bagno. O autor aborda uma questão muito difundida no Brasil que apenas lá em Portugal o português é bem falado/bonito; afirma que isso tem muita relação com o complexo de inferioridade dos brasileiros, essa noção de que o exemplo a ser seguido é o do continente europeu, em geral. Ademais, fala também que não existe quem fale de maneira mais bonita ou mais feia, mas que existem diferenças e diferente não é sinônimo de deficiente ou inferior.

“Português é muito difícil” é o terceiro mito trazido na obra que explica a inexistência de um idioma difícil, afirmando que, se isso existisse, ninguém falaria húngaro ou chinês, por exemplo. A língua materna nunca será difícil para um nativo dela, aponta o autor. A adversidade atual existente na língua é a quantidade de regras impostas pela gramática tradicional que desconsidera o uso real e vivo da língua. BAGNO (2007, p.33) “Por isso achamos que ‘português é uma língua difícil’: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós.”

O quarto mito abordado é nomeado “As pessoas sem instrução falam tudo errado”. O autor deixa bem claro que esse mito muito tem a ver com o primeiro que fala da “unidade linguística brasileira”. Ao acreditar que existe uma só maneira de falar o português, obviamente, tudo que desviar dessa norma é tido como incerto. Combinando isso com o preconceito social, resulta um grande preconceito em relação ao modo como classes sociais mais baixas ou de determinadas regiões falam, como sofre a região Nordeste, por exemplo.

“O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão” é o quinto mito desse capítulo. Nessa parte é abordada a relação desse mito com a subordinação dos brasileiros diante de Portugal. Esse mito só existe porque, no Maranhão, o pronome tu e a sua conjugação são usados corretamente: tu vais, tu queres, tu dizes, tu comias e etc. Além disso, afirma que esse mito só é difundido porque se aproxima da conjugação do português de Portugal. Entretanto, acabam por se esquecer que os maranhenses também falam frases como: esse é um livro bom para ti ler, no lugar de para tu leres, por exemplo. Comenta também sobre a insuficiência da fala de Pasquale quando aborda o português paulistano como “esquisito”.

O sexto mito da obra intitulado “O certo é falar assim porque se escreve assim” traz ideias sobre a notória diferença existente entre língua falada e língua escrita. O autor constata que a escrita é uma tentativa de representar a fala, no entanto essa representação deixa de lado toda e qualquer variação linguística presente na fala, ou seja, a língua

escrita não compõe com fidelidade a fala de todos os brasileiros. Propõe que o mais adequado no ensino da língua é ensinar aos alunos que não existe apenas uma maneira de dizer alguma palavra, exemplificando isso usa a palavra bonito, que pode ser dita como se escreve – bonito – ou “bunito”. Entretanto, na língua escrita, é necessário ter uma uniformidade e por isso se deve escrever “bonito”.

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das [pg. 52] forças internas que governam o idioma. (BAGNO, 2007, p.48)

Depois, temos o mito “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” sendo sétimo desse livro. Nessa parte é abordada a subordinação da língua à gramática, o autor afirma que a realidade histórica se opôs completamente: a língua deu origem à gramática, contudo, atualmente há uma florescente tentativa de fazer com que a língua siga a gramática. Bagno também traz exemplos comprovando que a ideia que nomeia essa seção não é verdadeira explicando que escritores renomados, como Drummond, admitiram não terem boas relações com a gramática.

O oitavo e último mito desse capítulo é “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”. O autor afirma com certeza que isso é um tremendo disparate. A ascensão é uma questão que envolve diversos problemas sociais, não abrange apenas a questão da língua. Até porque de nada adianta uma pessoa dominar a norma culta e viver na extrema pobreza; aprender essa modalidade da língua não a fará “subir na vida” magicamente. E finaliza o capítulo dizendo que falar de língua é falar de política.

[...] em nenhum momento esta reflexão política pode estar ausente de nossas posturas teóricas e de nossas atitudes práticas de cidadão, de professor e de cientista. Do contrário, estaremos apenas contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito linguístico e do irmão gêmeo dele, o círculo vicioso da injustiça social (BAGNO, 2007, p.66-67)

Uma das contribuições do livro está em quando Bagno alerta, mediante uma riqueza de explicações, para este tipo de preconceito. Em geral, o preconceito linguístico é um fenômeno que não é visto, em virtude do não reconhecimento de diversas características da língua, as quais não podem ser classificadas como melhor ou pior, existentes dentro de um mesmo idioma.

Um segundo ponto positivo está no fato do livro abranger uma linguagem acessível aos leitores, tornando possível a popularização do estudo aos mais diversos nativos da língua. A importância do livro se sustenta, ainda, na lacuna que havia na literatura a respeito desse tema e pela inexistência, até então, de uma abordagem acadêmica do preconceito linguístico.

Uma terceira contribuição está na evidência da divisão que há entre os estudiosos de português, isto é, a existência de conflitos entre os

que prestigiam o normativismo e aqueles que, afirmam que a língua é algo mais amplo do que apenas a norma culta.

Bagno defende as vítimas do preconceito linguístico, através de argumentos contra toda forma de isolamento social através da linguagem, evidenciando a necessidade da valorização de todos os diversos modos de falar. Dada a contemporaneidade e a pressa da discussão a respeito desse tema, compreendendo as discussões e as propostas da linguística e da educação, *Preconceito Linguístico* é recomendado especialmente aos pesquisadores na área de Linguagens e para professores e estudantes do curso de Letras e de Pedagogia. Considerando sua linguagem simples, fluida e a sua abordagem didática, a recomendação se expande, a todos os donos da língua que desejam uma educação linguística que se contraponha às visões tradicionalistas e preconceituosas suportadas por alguns gramáticos e por uma parte da sociedade.





### CÓD. A20R2

A presente resenha pretende analisar primeiro descritivamente e depois criticamente, o capítulo literário escrito por Marcos Bongo que possui doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, publicou *A língua de Eulalia: novela sociolinguística* (Ed. Contexto, 1997; em 13ª ed.); *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (Ed. Loyola, 1999; em 15ª ed.); *dramática da língua portuguesa* (Ed. Loyola, 2000; em 2ª ed.); *português ou brasileiro? Um convite a pesquisa* (Parábola Ed., 2001; em 2ª ed.); *Língua materna: letramento, variação e ensino* (Parábola Ed., 2002). Além desses títulos, é autor de duas dezenas de obras literárias. Recebeu em 1988 o Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira e, em 1989, o Prêmio Carlos Drummond de Andrade de Poesia, entre outros. Selecionou e traduziu os artigos reunidos em *Norma linguística* (Ed. Loyola, 2001). Traduziu *História concisa da linguística*, de Barbara Weedwood (Parábola Ed., 2002), além de dezenas de obras científicas, filosóficas e literárias de autores como Balzac, Voltaire, H. G. Wells, Sartre, Oscar Wilde, etc. Vem se dedicando à investigação das implicações socioculturais do conceito de norma, sobretudo no que diz respeito ao ensino de português nas escolas brasileiras.




O capítulo em análise está dividido em oito seções. A primeira seção é destinada a introdução sobre o conceito da língua portuguesa falada no Brasil, onde o autor destaca conceitos relacionados com o Parecer haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, amostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Dando continuidade na sua abordagem no mito um onde o autor apresenta a introdução sobre o conceito da língua portuguesa falada no Brasil, como sendo o maior e o mais sério dos mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Ele está tão

### LEGENDA


#### Move 1

- Sub1 
- Subf2 
- Sub3 
- Sub4 
- Sub5 



#### Move 2

- Sub6 
- Sub7 
- Sub8 

#### Move 3

- Sub9 

#### Move 4

- Sub10 A 
- Sub10 B 

A obra não é apresentada

Deixou de ser parcial

arraigado em nossa cultura que até mesmo intelectuais de renome, pessoas de visão crítica e geralmente boas observadoras dos fenômenos sociais brasileiros, se deixam enganar por ele.

A segunda seção apresenta o conceito de que Brasileiro não sabe português. Só em Portugal se fala bem Português, onde começa destacando essa concepção expressa no livro *Língua viva*, de Sérgio Nogueira Duarte, que é uma coletânea de suas colunas sobre língua portuguesa publicadas no *Jornal do Brasil*. Ali a gente lê, na página 65, onde o autor mostra também que essa mesma concepção torpe segundo a qual o Brasil é um país subdesenvolvido porque sua população não é uma raça “pura”, mas sim o resultado de uma mistura — negativa — de raças, sendo que duas delas, a negra e a indígena, são “inferiores” à do branco europeu, por isso nosso “povinho” só pode ser o que é. Ora, há muito tempo a ciência destruiu o mito da raça pura, que é um conceito absurdo, sem nenhuma possibilidade de verificação na realidade de nenhum povo, por mais isolado que seja. Assim, uma raça que não é “pura” não poderia falar uma língua “pura”.

O terceiro mito traz a seguinte ideia de que “Português é muito difícil” partindo de pressuposto de que Essa afirmação preconceituosa é prima-irmã da ideia que acabamos de derrubar, a de que “brasileiro não sabe português”. Como o nosso ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que “português é uma língua difícil”, porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós.

A quarta seção aborda o conceito de que as pessoas sem instrução falam tudo errado, por causa desse preconceito é que somos obrigados a ensinar e aprender que o “certo” é dizer e escrever *Dê-me um beijo* e não *Me dá um beijo*, e que é “errado” dizer e escrever *Assistir filme* e *Aluga-se casas*, porque lá em Portugal não é assim que se faz. O mito de que “brasileiro não sabe português” também afeta o ensino de línguas estrangeiras, o autor destaca que Como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões.

O quinto mito refere-se ao preconceito de o lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão onde o autor mostra-se indignando com a ideia de que quem foi a primeira pessoa que proferiu essa grande bobagem, mas a realidade é que até hoje ela continua sendo repetida por muita gente por aí, inclusive gente culta, que não sabe que isso é apenas um mito sem nenhuma fundamentação científica.

De onde será que veio essa ideia? Esse mito nasceu, mais uma vez, da velha posição de subserviência em relação ao português de Portugal. É sabido que no Maranhão ainda se usa com grande regularidade o pronome tu, seguido das formas verbais clássicas, com a terminação em -s característica da segunda pessoa.

A sexta seção apresenta a ideia de que o certo é falar assim porque se escreve assim, onde o autor rebate as seguintes questões diante de uma tabuleta escrita colégio é provável que um pernambucano, lendo-a em voz alta, diga CÒlegio, que um carioca diga CUlegio, que um paulistano diga CÔlegio. E agora? Quem está certo? Ora, todos estão igualmente certos. O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português.

A sétima seção traz a ideia de que é preciso saber gramática para falar e escrever bem, concordando com a ideia de que é difícil encontrar alguém que não concorde com a declaração acima. Ela vive na ponta da língua da grande maioria dos professores de português e está formulada em muitos compêndios gramaticais, como a já citada Gramática de Cipro e Infante, cujas primeiríssimas palavras são: “A Gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua.

E por último na seção oito autor traz a conclusão sobre o conceito de preconceito linguístico abordando ideia de que o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social. O objetivo da pesquisa é de compartilhar e discutir os preconceitos da Linguística para torná-los acessíveis a um público mais amplo.

Para justificar a pesquisa o autor destaca a carência de estudo sobre a discriminação e exclusão, o autor decidiu homenagear os seus sogros que são, como costume dizer, um “prato cheio” para alguns dos preconceitos mais vigorosos da nossa sociedade negra, nordestinos, pobres, analfabetos. lutar contra as mais variadas formas de preconceito, amostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica.


No conceito teórico sobre A mitologia do preconceito linguístico o autor traz a seguinte definição de que O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem negativa que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afasta da realidade.

No primeiro subtítulo sobre o preconceito da língua portuguesa falada no Brasil destaca como sendo um dos principais dos mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os

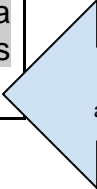
160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização.

Assim sendo; os conceitos discutidos pelo Bongo nos mitos um até o seu mito oito é de grande importância na sociedade falantes da língua portuguesa, tendo como um dos principais objetivos a descolonização de preconceito linguístico da língua portuguesa.

Recomenda-se a todos os falantes da língua portuguesa interessados na diversificação de conhecimento linguístico, a fazerem um bom uso dos mitos discutidos pelo Bongo.



Sub 9 acrescentada



Subs 2 e 10a acrescentadas